REALIDADE

MARÇO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL NCr$ 1,00/Cr$ 1.000

RÚSSIA: ASSIM OS COMUNISTAS TOMARAM O PODER

JÔGO VIOLENTO CURA CRIANÇA

VINTE E DOIS GOVERNADORES NA INTIMIDADE

MAGAREFES: ÊLES VIVEM DE MATAR

BRASILEIROS DOMINAM O ÁTOMO

QUEM ERA O HOMEM JESUS

Homens que vencem em tôda a linha usam

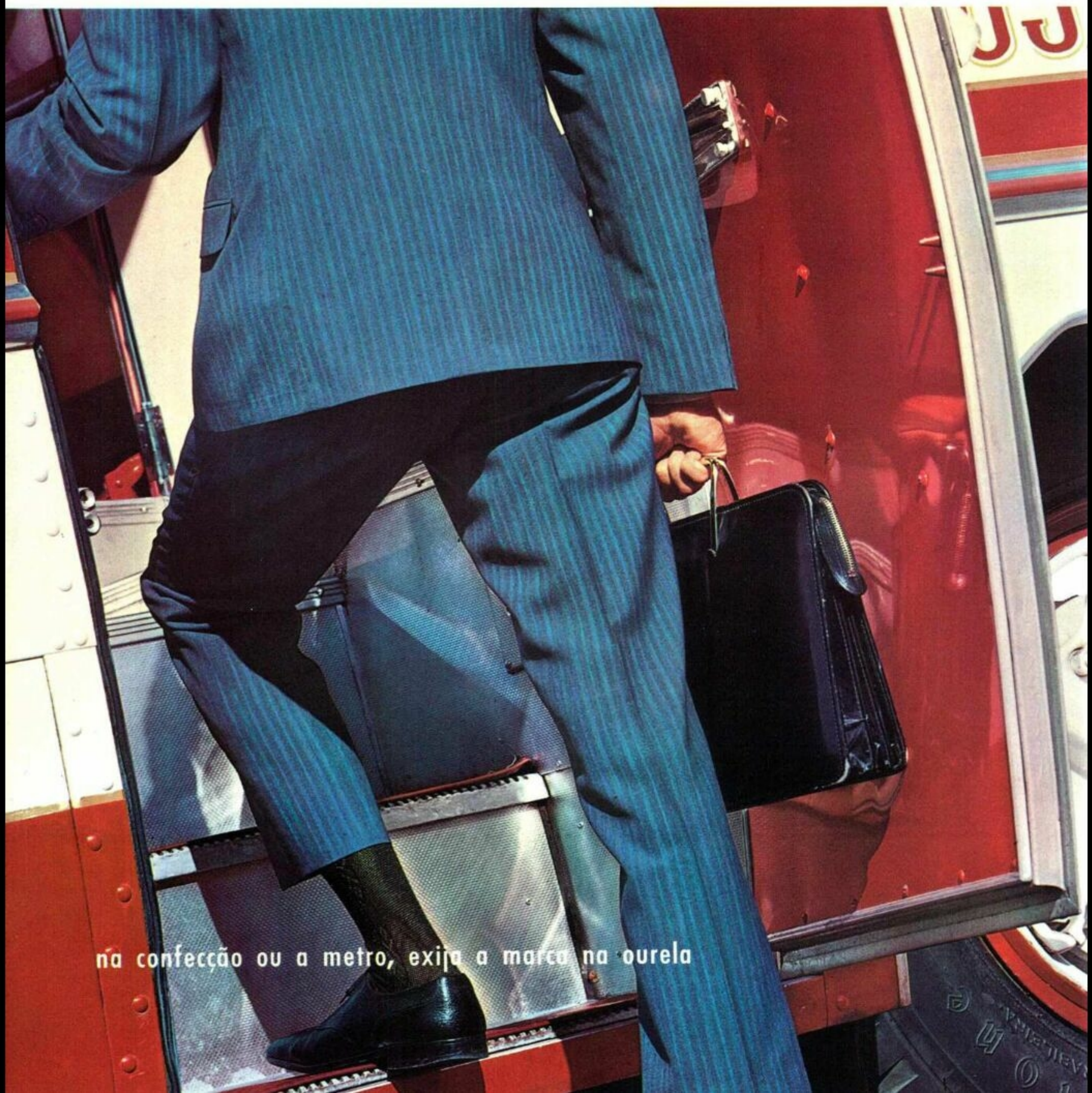
perfinc-70

VINCO PERMANENTE — LEVE — AGRADÁVEL DE VESTIR — AREJADO

Não é coincidência: o homem dinâmico exige um tecido superior. De padrões e côres personalíssimos. Atualizado.

TERGAL® LA

SANTISTA



na confecção ou a metro, exija a marca na ourela

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 12 — MARÇO 1967

Capa		O tema é Jesus, filho de Deus feito homem, rumo ao Calvário. O artista autor do quadro é El Greco, pintor espanhol que viveu há quinhentos anos.
Política	18	**Quem são êsses senhores?** — Um repórter viajou pelo Brasil inteiro, durante dois meses, a fim de contar tudo sôbre todos os nossos 22 governadores.
Jornalismo	30	**A história das doze capas** — Atrás de cada capa de revista, há uma história fascinante, onde entram viagens, espionagens, alegrias e decepções também.
Ciência	38	**Estamos na era do átomo** — Cientistas brasileiros, em São Paulo, Rio e Minas Gerais, estão trabalhando sem descanso: êles querem o domínio do átomo.
Aventura	50	**Êste boi é meu** — A vida de um magarefe, em Feira de Santana, Bahia. Os sonhos e as angústias dêsses homens que vivem do sofrimento e da morte.
Religião	60	**Quem era o homem Jesus** — Neste mês de Páscoa, REALIDADE apresenta um resumo de tudo que se descobriu até hoje para responder à grande pergunta.
Problema	76	**O triste fim de João da Silva (que perdeu seus documentos)** — O sofrimento de um cidadão brasileiro que se atreve a reaver, sòzinho, tôda a papelada.
Polícia	86	**Contrabando** — Embora a Polícia se esforce para acabar com êle, muitos contrabandistas continuam "trabalhando" incansàvelmente por terra, mar e ar.
Economia	96	**Como pagar menos impôsto de renda** — Existem várias maneiras, tôdas elas perfeitamente legais, de contribuir o menos possível para o impôsto de renda.
Medicina	108	**Brincadeira cura criança** — Enquanto a criança brinca, os psicólogos a observam. A ludoterapia ajuda a resolver muitos problemas emocionais infantis.
Esporte	122	**Aqui se aprende a bater** — Um dia na academia de Kid Jofre, um argentino-brasileiro que dá a vida pelo boxe e ainda promete formar muitos campeões.
Documento	134	**A revolução russa** — A história da Rússia, de seus tzares e da conspiração que culminou com a revolução de 1917, quando os comunistas tomaram o poder.
Gente	146	**Êle aposta no show** — Marcos Lázaro, empresário: um homem frio e calculista, dificilmente erra em matéria de dinheiro e de êxito com artistas.

Tiragem desta edição: 455.000 exemplares

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Secretário: Woile Guimarães
Redatores: Carlos Azevedo, Hamílton Ribeiro, José Carlos Marão, Lúcio Nunes, Luiz F. Mercadante, Micheline Gaggio Frank, Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili, Roberto Freire
Pesquisa: Norma Freire
Produção: Luiz Laerte Fontes
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Geraldo Mori
Lew Parrela (chefe)
Sucursal, Rio: Paulo Henrique Amorim, Nélson Di Rago, Mílton Coelho, Alessandro Porro (diretor)
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci
Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

*

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Amazonas, 718, sala 503, fone: 2-3326 / Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes. 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso NCr$ 1,00/Cr$ 1.000. Assinatura semestral NCr$ 6,00/Cr$ 6.000. Assinatura anual NCr$ 12,00/Cr$ 12.000. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

cartas

A apreensão do n.º 10

Sr. Diretor: É verdade que estamos numa época de plena evolução material e moral, mas por que pregar o materialismo desta maneira? A ingenuidade é uma das mais belas virtudes e o sr. juiz de Menores fêz muito bem em apreender a edição dedicada à mulher brasileira.

JEFERSON MATEUS OLLERO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: É de se estranhar que REALIDADE só tenha recebido duas cartinhas protestando contra a sua **maneira sueca** de levar a todos os lares e aos brasileiros de tôdas as idades o depoimento libertino de uma mulher livre e o depoimento de uma universitária que é mãe solteira e se orgulha disso.

EVERTON P. VIEIRA
Rio de Janeiro — GB

As cartas publicadas nesta seção são proporcionais à quantidade recebida sôbre cada assunto. E tôda nossa correspondência está à disposição dos interessados.

Sr. Diretor: Lamento profundamente ter sido apreendida a REALIDADE n.º 10, pois foi muito bem preparada, com conteúdo sadio e assunto deveras interessante. **Tabu?** Por que, sr. Diretor? Tudo o que REALIDADE mostrou existe! Não podemos ignorar!

ANA SANTOS
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Acompanhando meu protesto, achei por bem enviar-lhe o recorte do jornal **Tribuna do Norte,** de Natal, edição de 15 de janeiro de 1967, onde saiu um artigo do Padre José Luís, residente em Natal, que também protesta contra a apreensão da revista. O fato é digno de registro, por tratar-se de um sacerdote.

IVAN MELO
Natal — RN

Sr. Diretor: Notei, após ter lido a reportagem feita nas primeiras páginas da edição de fevereiro, cujo título se lê "A Edição Proibida: Acusação e Defesa", que a defesa suplantou a acusação com méritos indiscutíveis. Após estas explicações necessárias, REALIDADE provou mais uma vez, que continua no caminho do bem e da verdade.

WANDERLEI LARA LÉO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Uns concordam e outros discordam quanto à apreensão do n.º 10. Também há os que são pró e os que são contra a ousadia de REALIDADE em publicar assuntos de importância com a simplicidade e a seriedade com que o fêz até agora. Mas não há dúvida de que todos concordam em **discutir** o problema. É a grande vitória de REALIDADE.

GENI JARDINEIRO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Protesto contra a atitude do Juizado de Menores. Uma revista que tão bem esclarece a opinião pública, sôbre fatos verdadeiramente reais, não merece esta injustiça.

SÍLVIO AUGUSTO NEVES
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Quanto à apreensão de sua revista efetuada pelo Juizado de Menores, acredito que o ponto de vista defendido por aquela autoridade reflete apenas a mentalidade de uma minoria da população urbana brasileira. Seria um desestímulo para a geração nova e progressista, de hoje, admitir que o futuro do Brasil está enfeixado na mão dêsses sinceros, mas desautorizados defensores da moral e dos costumes.

DOUGLAS CARRARA
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Adquiri o n.º 11 de REALIDADE. Nêle, pude constatar o porquê da apreensão do n.º 10, que não chegou até Anápolis, para desconsôlo de seus inúmeros leitores e admiradores. Pelo que pude observar, através do relato da acusação e da defesa, firmei ainda mais o meu ponto de vista sôbre essa revista: ela é, de fato, a fonte noticiosa e informativa mais credenciada do nosso país.

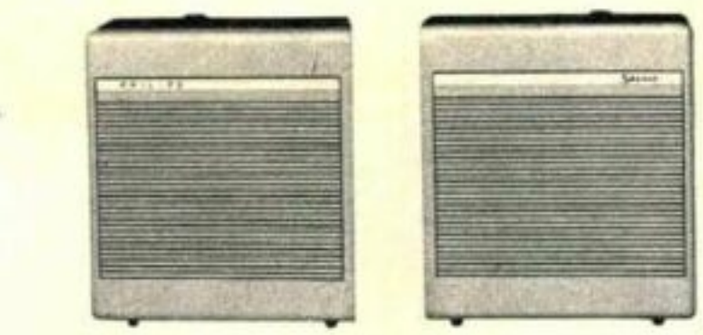
SÉRGIO GONZAGA JAIME
Anápolis — Goiás

Sr. Diretor: Sendo de grande interêsse, para uso científico, a aquisição de REALIDADE n.º 10, solicitamos-lhe enviar-nos um exemplar pelo Reembôlso Postal.

PADRE BERNARDO THUS SVD
Barra Mansa — RJ

Todos os exemplares de REALIDADE 10 postos à venda estão esgotados. Os que se encontram em depósito, apreendidos, sòmente poderão ser vendidos após decisão da Justiça, caso REALIDADE veja aceita a defesa apresentada por seus advogados.

Estereofônico.
Dois canais de som.
Dois alto-falantes de 17 cm, montados em tampas acústicas destacáveis. Toca-discos semi-automático com 4 velocidades para discos de todos os tamanhos. Agulhas de safira. Caixa revestida de plástico em moderna combinação de côres. Não falha: é PHILIPS.



Mod. NG - 1153

dois violões, um cavaquinho, uma flauta, uma voz. talvez as canções mais belas da música popular brasileira. é preciso ouvi-las, em sua plenitude, num eletrofone

PHILIPS

para sentir tôda a beleza poética contida em nosso cancioneiro.

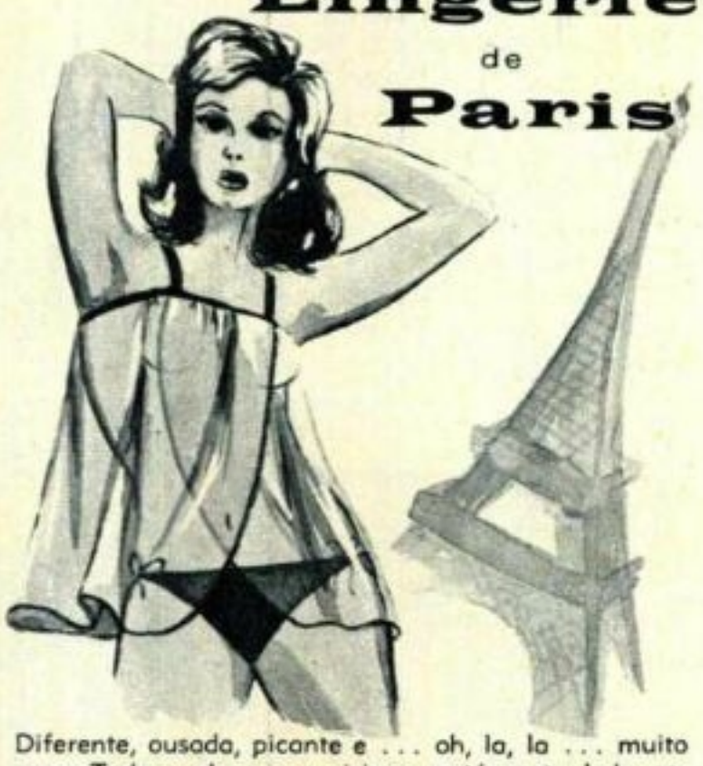
Promo

confie na Assistencia Técnica permanente do fabricante PHILIPS

Conte com **PHILIPS** *para viver melhor!*

Compre pelo Reembolso Postal

Lingerie de Paris



Diferente, ousada, picante e . . . oh, la, la . . . muito sexy. Todo o charme parisiense está nesta bela coleção de calças-biquini, miniquinis, biquinis com "ouvert", soutiens, baby-dolls, camisolas e trajes especiais. Sonhos que se tornam realidade! Sedução irresistível! — Ao seu alcance através do Reembolso Postal. Modelagem exclusiva.

Peça o nosso CATÁLOGO, mandando o seu endereço e Cr$500 NCr$0,50 em selos postais (taxa de proteção, será deduzida do primeiro pedido). N/CATÁLOGO inclue ofertas de livros de ORIENTAÇÃO CONJUGAL (só p/adultos).

Preencha o cupom abaixo e envie-o à:

ESPECIAL

Caixa Postal 1933 — CURITIBA — PR.

((ENVIEM URGENTE O SEU CATÁLOGO PARA:))

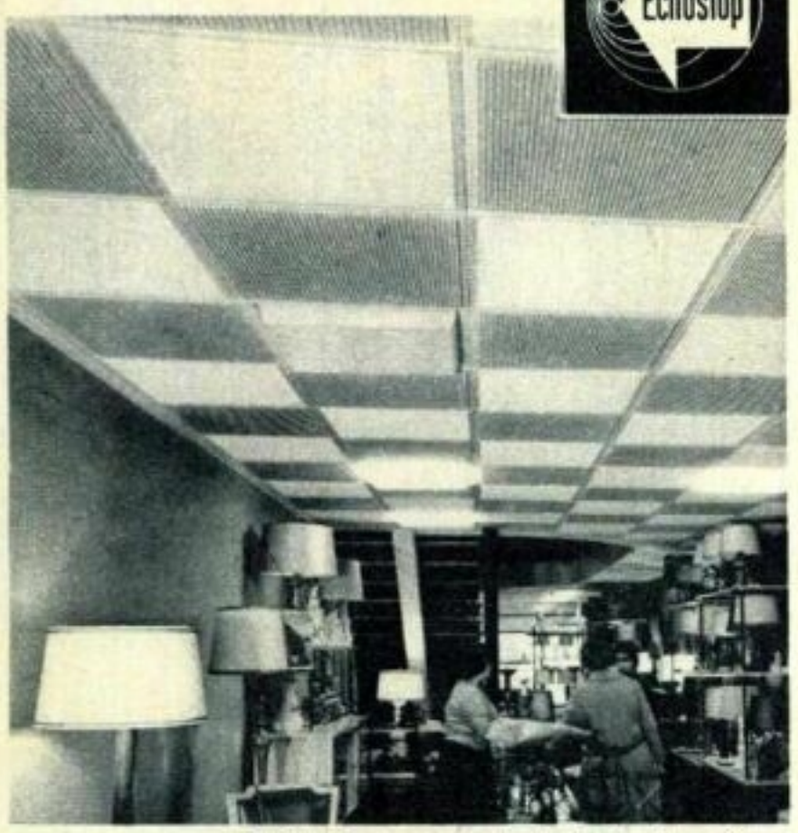
NOME: .....

ENDEREÇO: .....

CIDADE: ..... EST.: .....

Echostop* é o fôrro ideal

placas acústicas
e decorativas de gêsso



*A nobreza e eternidade do gêsso transformados em forros

- enriqueça sua construção
- fácil colocação
- econômico
- ininflamável

Sonogesso INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE GÊSSO LTDA.
AV. CELSO GARCIA, 812 - FONES: 93-2640, e 92-5218-S.P.
RIO DE JANEIRO: R. Leopoldo Bastos, 130-F (Bairro Engenho Novo) Tel. 58-4477
B. HORIZONTE: Rua Platina, 587 - Fone 2-5651
P. ALEGRE: Av. Ceará, 966 - Fone 9-1701 a 05 Ramal 110
END. TELEG: "ECHOSTOP"

cartas

Visita do governador do Paraná

Sr. Diretor: Não esquecerei minha recente visita feita à Editôra Abril e as atenções recebidas de parte de seus diretores, possibilitando-me uma visão de conjunto dos empreendimentos que estão sendo comandados por êsse admirável e dinâmico homem de emprêsa que é Victor Civita. Pude ver, funcionando em sua plenitude, um grande parque gráfico, responsável pelo lançamento de vitoriosas publicações que conquistaram o mercado editorial do país, graças à alta qualificação técnica e profissional de seu pessoal e ao elevado padrão jornalístico que mantêm, suscitando uma competição sadia e um surto de renovação na imprensa brasileira.

PAULO PIMENTEL
Governador do Paraná

Tenho câncer e não quero morrer

Sr. Diretor: Criatura admirável a môça que se deixou entrevistar para a reportagem "Tenho câncer e não quero morrer". Até faz a gente se sentir bem pequenina e mesquinha ao lado dela.

MERCEDES QUINTANA
João Pessoa — PB

Sr. Diretor: A protagonista da reportagem "Tenho câncer e não quero morrer" é digna de respeito e admiração e nunca de piedade. Chega-se até a ter inveja de um espírito tão superior.

MÁRIO FRANCO
São Paulo — SP

A escola do futuro já existe

Sr. Diretor: Achei magnífica a reportagem sôbre os ginásios vocacionais.

PROF. WALDIR DOS SANTOS
ORIENTADOR EDUCACIONAL DO G.V.
JOÃO XXIII
Americana — SP

Sr. Diretor: O futuro do nosso país estará salvo quando houver mais escolas vocacionais no Brasil.

OLGA ABREU LEME
Belo Horizonte — MG

As máquinas que quase falam

Sr. Diretor: Lamento que, na reportagem sôbre computadores, só tivessem sido feitas duas ligeiras menções à IBM, a maiòr firma do mundo, no gênero.

EBRÉIA DE CASTRO ALVES
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: A reportagem sôbre o computador mostrou-me ser êle uma máquina simples. A falta de divulgação sôbre o fato o havia transformado num mistério, numa coisa que só os deuses são capazes de produzir e manejar.

ANTÔNIO VIANNA XAVIER
Pôrto Alegre — RS

Preconceito: o bicho papão

Sr. Diretor: Permita-me fazer um trocadilho: Carmen da Silva é igual à Amélia, do Ataulfo Alves: é uma mulher de verdade. Seu artigo "Preconceito: o bicho papão" é uma verdadeira demonstração de cultura e de equilíbrio emocional: é assim que deverá ser a mulher brasileira de amanhã.

JUSTINA LOTUSO MAGELLI
Juiz de Fora — MG

Sr. Diretor: Parabéns a tôda a equipe e em particular a Carmen da Silva que escreveu o artigo "Preconceito: o bicho papão".

MANOEL NASCIMENTO DOS SANTOS
Rio de Janeiro — GB

Êles devem saber a verdade

Sr. Diretor: Informar a uma criança de três anos o segrêdo do nascimento é ignomínia. E sobretudo quando se fala que essa informação é para evitar **neurose ou complexo de inferioridade.** Eu e todos de minha geração vivemos, crescemos, casamo-nos e não ficamos nem somos neuróticos. E para isso não foi preciso que nossos pais nos falassem do modo como nos geraram. Êstes tais psicólogos parecem que não têm o que fazer na vida.

CREMILTON SILVA OLIVEIRA
Maceió — AL

Sr. Diretor: A reportagem "Êles devem saber a verdade" é uma verdadeira aula de psicologia. Não devemos ter vergonha de falar de coisas que Deus não teve vergonha de criar.

JOSÉ FUOVO
São Paulo — SP

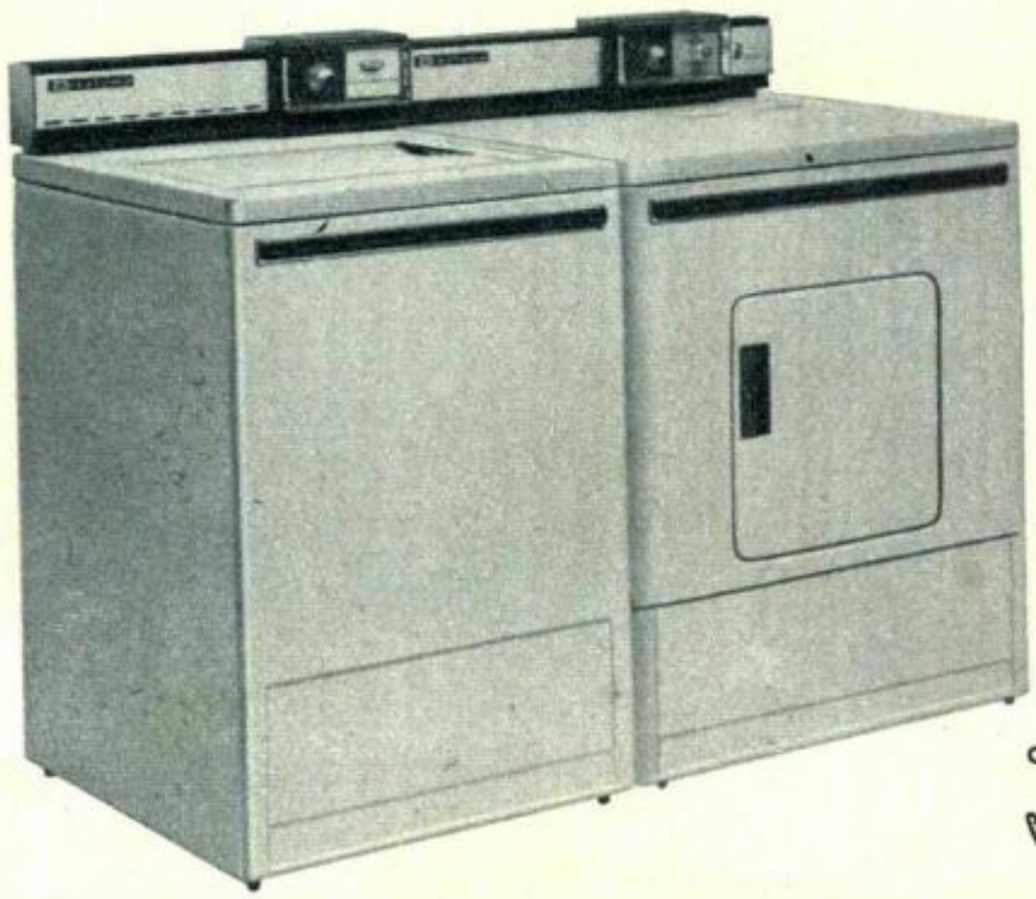
Sr. Diretor: Parabéns pela esplêndida reportagem sôbre a educação sexual da criança. Espero que continue nos brindando com assuntos tão importantes para o futuro dos nossos filhos.

TERESA SIQUEIRA
Salvador — BA

Um só uniforme bastará

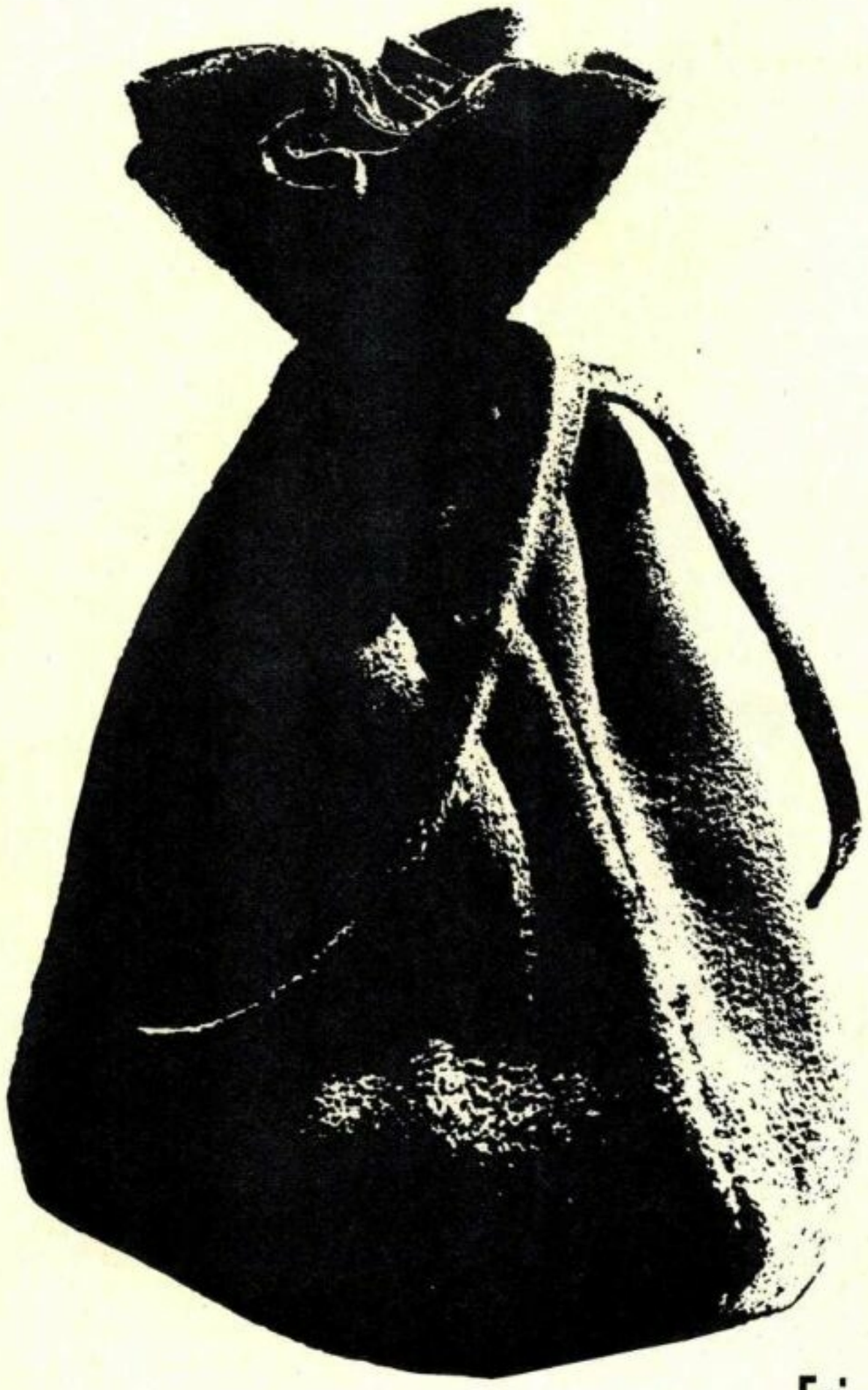
Se a sua lavanderia doméstica fôr equipada com a "dupla Brastemp".
A lavadora e a secadora Brastemp se completam no que há
de mais avançado em matéria de lavar e secar roupa.
Em menos de uma hora a roupa de seus filhos pode estar lavada e sêca,
pronta para usar novamente. A lavadora, amplamente conhecida
pelo seu aprimoramento técnico, conjuga a agitação e centrifugação
— o processo mais perfeito de lavar roupa.
Agora, a secadora, dentro do mesmo
padrão de qualidade, seca em poucos
minutos... e quando dizemos seca,
é porque seca mesmo. Além disso, areja,
afofa, desempoeira cortinas, colchas etc.

lavadora secadora Brastemp



- o presente no lar do futuro

B



à quem pagar direitos autorais?

Foi assim: percebemos que alguns clientes estavam nos designando como "nossobanco". Gostamos e adotamos como lema. Decidimos então creditar os direitos autorais à todos os clientes. E a forma que encontramos de retribuir-lhes, foi simples: continuuar prestando bons serviços para merecer ainda mais o tratamento carinhoso de "NOSSOBANCO".

52 agências em 4 estados.

BANCO NACIONAL DA LAVOURA E COMÉRCIO S.A.

"NOSSOBANCO"

são paulo - guanabara - paraná - santa catarina

WH - Publicidade

Se sua secretária tem a ousadia de chamar a Alitalia e marcar sua viagem sem consultá-lo...

Aumente-lhe o ordenado!

Ela merece este premio pelas múltiplas e agradáveis sensações que irá proporcionar-lhe: um confortável jato da Alitalia, comidas e bebidas deliciosas, admirável serviço de bordo e "aquela" atmosfera alegre e acolhedora, tìpicamente italiana. Algo realmente insuperável. E se suas ocupações o obrigam a trabalhar durante o vôo, não se preocupe. Nós lhe ofereceremos uma poltrona especial para isso. Conosco você pode fechar bons negócios em todos os cantos da terra, pois estamos presentes em 89 cidades, nos seis continentes. Como vê, haverá razões de sobra para aumentar o ordenado de sua secretária. E se, por acaso, ela não fizer questão de dinheiro, então... leve-a consigo na sua próxima viagem. Mas não se esqueça de levar também a sua espôsa. É claro!

ALITALIA

cartas

Sr. Diretor: Li com atenção o artigo "A educação sexual da criança". Apreciei demais as fotografias, os exemplos concretos e as deliciosas respostas que muitas crianças ouvirão — de hoje em diante. Mas o articulista ignorou totalmente dois terços da realidade — os pais e a sociedade. Como podemos nós, com a nenhuma ou com a péssima educação que tivemos e a má prática que conhecemos, ser "naturais, francos, diretos e simples com as crianças?" Só se elas — as crianças — no-lo ensinarem. Pode alguém dar o que não tem? Pode ter o que não recebeu? Que tal repartir com elas a tarefa? Diríamos: "Olhe, meu filho, eu sei como é, mas fico atrapalhado falando sôbre isso com você. Todos dizem que é natural e bonito, mas para mim nunca foi uma coisa nem outra. Vou lhe dizer o que eu sei, mas se eu ficar sem jeito, não estranhe; no meu tempo, quando as crianças faziam essas perguntas, todo mundo punha cara feia e ficava bravo. Eu tinha um mêdo! Hoje é igual". Dizendo assim, dizemos duas verdades e não uma só; dizemos a verdade do fato sexual e a verdade sôbre nosso embaraço — o qual, certamente, será percebido pela criança. Reconhecendo-o de saída, depois será mais fácil e a criança se afastará sem dúvidas; talvez se sinta importante com o "segrêdo que papai — ou mamãe — não sabia"; talvez se disponha a "nos compreender"; talvez ria de nós e dos costumes bobos de outros tempos — o que será ótimo!

DR. JOSÉ A. GAIARSA
São Paulo — SP

Deus está morrendo?

Sr. Diretor: Refiro-me ao **artigo** "Deus está morrendo?" — edição n.º 9 de dezembro de 1966. O **articulista** deve ser um dêsses **modernos engajados,** segundo suas próprias palavras, no **ateísmo militante.** O tema em si não é inabordável. Entretanto, não se pode admitir que uma revista de tal envergadura, venha tratar de um assunto, de tamanha complexidade, trazendo para os seus leitores, apenas a opinião de filósofos materialistas convencionais e de estudantes incipientes que nem sequer sabem o que significa Teologia. Uma pergunta: por que omitiram a opinião dos espíritas?

J. PEREIRA DE ARAÚJO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Comprei vários exemplares da edição de dezembro, para os rapazes de minha paróquia, a fim de que leiam e discutam o artigo "Deus está morrendo?", trabalho objetivo e realista.

MONSENHOR PAULO TEODOR SCHROEDER
Poté — MG

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Para transportar uma tonelada, compre o motor 1.500 naquela famosa embalagem de sempre.

Quando se fala em uma tonelada, muita gente logo pensa num pêso enorme.

E com razão.

Afinal de contas, uma tonelada é sempre uma tonelada.

Muita gente também pensa que para transportá-la é preciso um enorme veículo.

Com um enorme motor.

Puro engano!

Para fazer êsse serviço, basta um motor de 52 HP.

Êle fica lá atrás da Kombi Volkswagen, e responde imediatamente assim que v. encosta o pé no acelerador.

É graças a êle que v. sobe "aquelas" ladeiras em terceira.

E transporta uma tonelada, sem parecer que está levando tanto pêso assim...

Engraçado é que o motor empurra tôda aquela carga, mas quem leva a fama é a embalagem.

É verdade que essa embalagem tem os seus méritos.

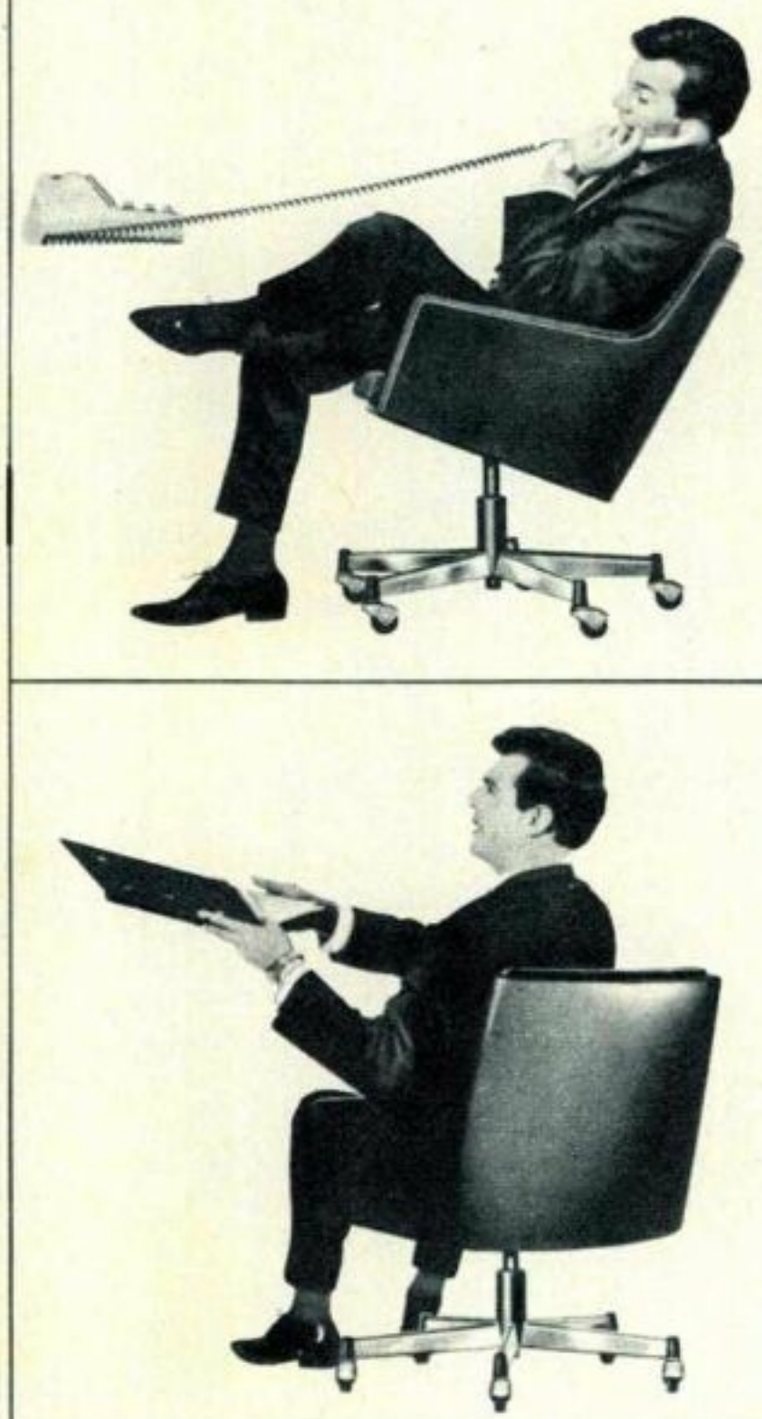
É bem espaçosa.

Tem portas espaçosas para a carga entrar e sair fàcilmente.

Ocupa um espaço apenas 21 cm maior que o Sedan VW.

Mas seria uma injustiça esquecer o motor.

Sem êle a embalagem jamais seria tão famosa.



Para homens de responsabilidade, criamos uma poltrona exclusiva...

...porque merecem o máximo confôrto e bem-estar ao sentar. O perfil do encôsto apresenta um apoio para os rins e fornece o suporte que o corpo necessita. A poltrona *Giroflex* é anatômicamente certa.

Sua mecânica "relax", através da deslocação do pêso, obtém qualquer inclinação confortável. Construída segundo diretrizes fisiológicas de trabalho, a poltrona *Giroflex* é a reunião das mais recentes afirmações científicas às mais novas criações formais.

Linha Metropol - poltronas em forma de concha, com almofadas substituíveis em espuma, revestidas de genuino Courvin ou tecido Indantren, com gomos. Pés de cinco pás. E o padrão é a qualidade *Giroflex*.

EM GENUÍNO Courvin

UM PRODUTO DE QUALIDADE Kelson's

O correto assento anatômico...

giroflex

Sòmente nas boas lojas de equipamentos de escritório

Giroflex s. a. - c. postal 449 - são paulo

AO CRIAR O NÔVO EQUIPO T&M * A DABI PENSOU EM VOCÊ. AFINAL, JÁ ERA TEMPO DO DENTISTA TER UM TRABALHO RACIONAL E SEM FADIGA.

– e além do mais, ser moderno nos próximos 20 anos, pelo menos!

Depois de muito pensar e pesquisar a DABI criou o nôvo equipo T & M, dando novas condições de trabalho para V. Suas características eliminam fatôres que geram tensões, evitando impactos emocionais sôbre os clientes, principalmente sôbre as crianças. Inovação mesmo. Móvel, o equipo DABI T & M acompanha o Dentista, qualquer que seja sua posição, possibilitando assim que V. apanhe seus instrumentos com movimentos curtos, sem submeter o corpo a flexões e torsões, podendo trabalhar permanentemente sentado, se o desejar, ao contrário dos equipos convencionais, onde V. trabalha com excesso de fadiga. No T & M seu trabalho rende três vêzes mais do que com os equipos comuns, fato demonstrado por estudos de tempo e movimentos. São tantas as novidades, que sòmente vendo o equipo T & M em seu revendedor, é que V. poderá verificar todos os detalhes do equipo que a DABI construiu para os dentistas que querem ser modernos e atualizados — nos próximos 20 anos, pelo menos!

DABI IND. BRASILEIRA DE APARELHOS DENTÁRIOS S.A.
Rua São Paulo, 1298 - Ribeirão Preto - SP

*patente requerida *T & M significa Tempo e Movimento.

propaga

J.P., paulista da Vila Mariana e gerente de uma frota de caminhões, acha que sim:

— Teria ganho tempo e dinheiro se conhecesse o **Guia,** quando, há um ano, fui buscar três **Mercedões** no Maranhão. As informações de beira de estrada eram precárias e aconteceu de parar a menos de 15 quilômetros de uma cidade com os recursos de que precisava, sem saber da sua existência. Os mapas do **Guia,** hoje, são ajuda extraordinária.

O **Guia,** porém, não serve apenas aos homens de negócio. No momento em que a equipe de planejamento prepara o roteiro da terceira edição, Roger Karmann, coordenador-geral, tem certeza de que o objetivo esá sendo atingido: servir ao turismo no Brasil:

— Os oito milhões de quilômetros quadrados do país são pràticamente desconhecidos dos brasileiros, apesar de já existir uma boa rêde de estradas e a indústria automobilística colocar milhares de veículos no mercado, todos os meses. A explicação está na falta de informações. Por isso, as viagens todos os anos se repetem às mesmas cidades históricas, às mesmas estâncias e às mesmas praias.

Suprir essa ausência de informações é o objetivo fundamental. No **Guia,** essas informações estão divididas em três grupos. Um traz os dados fundamentais sôbre o país e, especìficamente, sôbre cada Estado e território. Outro dedica-se particularmente ao turismo, agrupa mapas e roteiros, além de sugestões para passeios — desde os mais simples, como os das cidades históricas de Minas, aos mais ambiciosos, como a viagem Rio-Buenos Aires. Finalmente, há a relação das 961 cidades, com indicações sôbre hotéis, restaurantes, monumentos históricos, excursões, além dos dados sôbre meios de comunicação, assistência médica e mecânica aos veículos.

— Hoje, diz Karmann, já não há motivos para o paulistano pensar apenas em praia, no carnaval, ou o carioca tentar só Petrópolis e Cabo Frio. Há dezenas de alternativas oferecidas pelo **Guia.** Um calendário das festas típicas, em todo o país, permite, ainda, escolher a época melhor para as excursões.

Partindo do princípio de que turista também se pega pela bôca, o **Guia** relaciona pratos característicos de cada região. Informa, por exemplo, que em Maceió pode-se comer um **sururu de capote** (molusco cozido com a casca) ou um **sururu despinicado** (idem, sem a casca). E há ainda o **pega-pinto,** no Ceará, o **tacacá ao tucupi,** no Amazonas, o **feijão tropeiro,** em Minas, a **buchada** no Ceará, ou o **arroz de viúva,** no Nordeste.

O grande problema, nos primeiros levantamentos, foi obter informações sôbre os hotéis. Os pesquisadores do **Guia** eram quase sempre recebidos com desconfiança. Muitos pensavam que era o fisco e outros acreditavam que se tratava de publicidade a ser paga depois. Em Cachoeira do Macacu, no Estado do Rio, um pesquisador foi denunciado à Polícia e passou 10 horas detido até convencer o delegado de que o pára-brisa quebrado, em seu carro, fôra uma pedrada na estrada, e que êle nada tinha a ver com o assalto dos 500 milhões, ocorrido dias antes em São Paulo.

A experiência de dois anos, porém, já permite localizar indícios seguros sôbre o nível de serviço dos hotéis e restaurantes. Uma referência básica é o banheiro. Mais de três mil visitas em dois anos mostraram que, quando êle funciona bem, geralmente todo o resto também funciona.

O trabalho de classificação é orientado em duas direções, uma, a da categoria, que leva em consideração as instalações e a freqüência; outra, a da qualidade, que é o nível do atendimento e dos serviços em cada categoria. Quando a qualidade atinge níveis excepcionais, uma estrêla aponta a recomendação do **Guia.** Entre todos os hotéis pesquisados, só o Toriba, em Campos do Jordão, conseguiu uma estrêla. E os hotéis considerados de luxo também são muito poucos: no Rio, apenas o Copacabana e o Leme Palace; em São Paulo, o Othon Palace, o Cà d'Oro e o Jaraguá.

Na França, o Guia Michelin, com uma tradição de perto de 70 anos, faz lei, notadamente em culinária. Conta-se que o **maitre** de um restaurante se matou, quando viu sua cozinha perder, uma a uma, as três estrêlas — classificação máxima — em três edições sucessivas do Michelin.

Roger Karmann tem esperanças de que, sem os mesmos trágicos resultados, o **Guia Quatro Rodas do Brasil** também venha a fazer lei.

— Nosso trabalho é consciente e seguro. Os critérios de classificação são rigorosos e, às informações dos pesquisadores de campo, somamos os dados colhidos em nosso serviço de documentação, que é permanentemente atualizado. Mais ainda: um formulário, no final do volume, faz de cada leitor um fiscalizador. Já recebemos alguns dêles vindos do Japão, da Suécia, dos Estados Unidos e da Argentina, com sugestões de turistas que aqui estiveram.

Depois de duas edições do **Guia,** notícias animadoras chegam também do interior. Em muitas cidades nota-se a emulação entre os gerentes de hotéis. Em Bauru, por exemplo, o Alvorada Palace, que em 1966 fôra classificado como **simples,** em 1967 passou a **razoàvelmente confortável.** O Hotel Cidade de Bauru, porém, mesmo permanecendo entre os **razoàvelmente confortáveis,** perdeu o primeiro pôsto em qualidade, para o Alvorada Palace.

— Vocês têm razão, disse o gerente ao pesquisador que voltava à cidade para nôvo levantamento. Agora, o negócio é lutar para recuperar a posição perdida.

Fatos como êsse mostram até onde o **Guia** pode contribuir para o aperfeiçoamento do turismo no Brasil. E o próprio **Guia** procura aperfeiçoar-se: em 1968, as informações escritas até agora em português, espanhol e inglês, serão apresentadas também em francês.

— O importante, diz Roger Karmann, é servir os que procuram o Brasil para fazer turismo.

Para êle, a sua missão estará cumprida no dia em que o turismo no país fôr uma indústria como é, por exemplo, no México que, em 1964, ganhou mais dólares com os que chegaram de fora, do que o Brasil exportando café.

— Estarei pessoalmente realizado quando souber que um finlandês, de férias no Rio, passa por um Pôsto Shell, desembolsa Cr$ 3.500 pelo **Guia** e resolve trocar a comodidade do Copacabana Palace pelo prazer de uma viagem a Alcântara, no Maranhão, para ver as ruínas do Convento de N. S. do Carmo e a Igreja de N. S. do Rosário dos Prêtos. Ou que um cearense deixou as areias de Iracema para conhecer as praias do Arroio Teixeira, a 16 quilômetros do Capão da Canoa e a 182 de Pôrto Alegre.

televisão

TV dá aula onde não há escola

O Brasil tem condições de preparar sua máquina de ensino para absorver os 16 milhões de brasileiros que em 1970 estarão em idade escolar? Em 1964, o censo mostrou que cêrca de 64% das crianças entre 7 e 14 anos estavam matriculadas. Para 1970, mesmo as previsões mais otimistas mostram um quadro muito pior: se fôr atingida a ambiciosa meta de 100 mil salas de aula, apenas 37% das crianças conseguirão vagas. Serão 6 milhões com escola para 10 milhões sem.

Como vencer o desafio?

Os Estados Unidos, embora em outro nível, enfrentam problema semelhante. Cresce sem parar o número dos que procuram as escolas e universidades, sem que estas possam receber a todos. Aquêle país vive a mais crítica falta de professôres de tôda a sua história. E há carência ainda de salas de aula e livros didáticos. Para vencer a crise, a solução apontada por tôdas as autoridades é a **televisão educativa.**

"Ser contra a televisão educativa é qualquer coisa como ser contra a maternidade", escreveu uma revista americana especializada em TV, abrindo reportagem sôbre a questão.

SEGUE

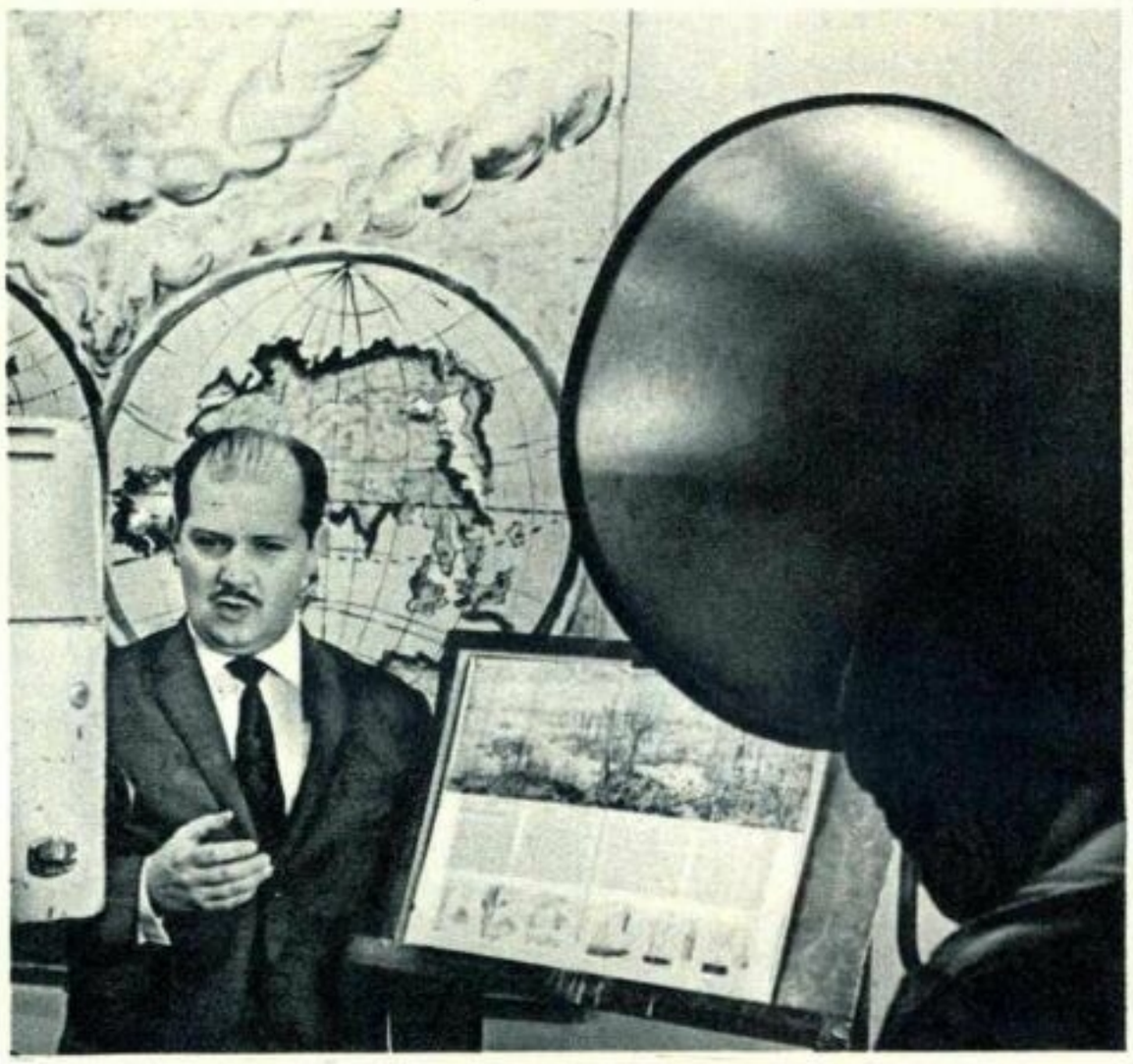


FOTO DE GERALDO MORI

Televisão tem enorme potencial educativo

cantadores

Satanás contra o ié-ié-ié

A literatura de cordel teve, em 1966, dois **best-sellers:** "O Homem que Deu à Luz uma Criança" e "A Carta de Satanás a Roberto Carlos". O primeiro, de autoria de Balbino do Espírito Santo, o outro de Enéias Tavares Santos, editado em Aracaju. Apesar de o Pequeno Dicionário Brasileiro definir a literatura de cordel como "a de pouco ou de nenhum valor, como a das brochuras penduradas em cordel, nas bancas dos jornaleiros", fala-se de cêrca de 100 mil exemplares vendidos em menos de seis meses, em todo o Norte e Nordeste. Os cantadores populares, isto é, os violeiros das feiras do interior, cantaram nestes últimos meses as estrofes dos dois livrinhos para mais de três milhões de ouvintes atentos e comovidos.

Luís da Câmara Cascudo explica quem são os cantadores populares: "São representantes legítimos de todos os bardos, **glee-men trouvères, minnesingers,** dizendo pelo canto, improvisado ou memorizado, a história dos homens famosos da região, os acontecimentos maiores, as aventuras de caçadas, e de derrubadas de touros, enfrentando os adversários nos desafios que duram horas ou noites inteiras, numa exibição assombrosa de imaginação, brilho e singularidade na cultura tradicional. Analfabetos ou semiletrados, têm o domínio do povo que os ama e compreende."

Até o ano passado, a **obra** mais freqüentemente pedida pelos ouvintes aos cantadores era a famosa "Chegada de Lampião ao Inferno", composta em 1940 por José Pacheco. Todo mundo gostava de ouvir a perplexidade de Satanás, sabendo da chegada de Lampião e de seus cangaceiros. O diabo não queria confusão em seu reino:

"Lampião é um bandido
ladrão da honestidade
só vem desmoralizar
a minha propriedade
sarna para me coçar
sem haver necessidade."

Mas Lampião entra no Inferno com seus homens, e, quando os diabinhos conseguem jogá-lo fora, eis o balanço da luta:

"Houve grande prejuízo
no inferno nesse dia.
Queimou-se todo dinheiro
que Satanás possuía.
Queimou-se o livro dos pontos,
perderam seiscentos contos
sòmente em mercadorias..."

Outra obra-prima da literatura de cordel de grande aceitação no Norte, e sempre pedida aos cantadores, é uma moralista composição de 1960, quando se começou a falar, também em Pernambuco, de "doce vida". O livrinho, de Manuel Apolinário, é intitulado: "As Maravilhas que Vê-se no Banho de Copacabana". É a carta de um pau-de-arara a seus amigos que ficaram na roça:

"Agora vou descrever
com poesia bacana
onde o povo brasileiro
faz farra o ano inteiro
lá no Rio de Janeiro
no banho de Copacabana...
Brinca solteira e casada
uma com outra agarrada
se chega um camarada
tudo junto toma cana
seja José ou Raimundo
leva para um canto fundo
esquecem o resto do mundo
no banho de Copacabana...
Vê-se môça dá no banho
pulo de todo tamanho
que eu mesmo me acanho
de ver tanta carne humana
menina, môça e senhora
chega joga a roupa fora
ali nada se ignora
no banho de Copacabana..."

A imagem felliniana continua durante oito páginas, e sempre o autor tem palavras ásperas contra os cariocas que o deixam "acanhado".

Mas, êste ano, o **boom** do ié-ié-ié atingiu até as feiras nordestinas e empolgou os cantadores; Roberto Carlos virou tão popular quanto Lampião. Sua canção mais famosa, de resto, chamava diretamente em causa Satanás. E eis a resposta do diabo ao cantor:

"Meu grande amigo Roberto.
Eu vi o seu nôvo disco.
É muito bonito, é certo,
mas cumprindo a sua ordem
o mundo fica deserto.
Porque você está mandando
todo mundo para aqui,
se êste povo vier todo,
o que é que fica aí?
Será o maior deserto
que eu fico vendo daqui."

Em outra obra (de Manuel Almeida Filho), Roberto Carlos responde:

"Meu amigo Satanás,
o que diz na sua carta
até que me satisfaz
porque o inferno estourando
no mundo existirá paz.
Você reclama que eu
mandei tudo para lá,
porém está enganado
porque aqui ainda há
muita coisa para ir,
estou preparando já..."

Por sua vez, Rodolfo Coelho Cavalcanti, outro famoso autor na área da literatura de cordel, escreve èpicamente a biografia de Roberto Carlos. E aqui o estudioso do gênero encontra com bastante facilidade os pontos de contato entre o cantor, Lampião e Padre Cícero, outro personagem de primeiro plano na vasta produção poético-popular.

"Roberto Carlos protege
centenas de sofredores
auxiliando os pobres
com bonitos cobertores
pra aquecerem no inverno
manda o resto pro inferno..."

E para acabar, em tom messiânico:

Cresça mais Roberto Carlos
o seu dom vem das alturas
e a mocidade lhe adora
lhe estimam as criaturas.
Hoje você afugenta
ódio e demais amarguras!"

publicações

Guia turístico deu até cadeia

Ao acordar, percebeu que havia um cadeado na porta da cela.

As chuvas do dia anterior tinham deixado a estrada intransitável e a solução fôra pousar naquela cidadezinha perdida nos confins do Nordeste. Chegara tarde da noite, como não encontrasse sequer uma pensão aberta, fôra procurar o delegado de Polícia, que lhe autorizou o pernoite na cadeia, onde não havia ninguém prêso. Agora, porém, o problema estava criado: o carcereiro, que chegara pela madrugada, não sabia de nada e não o deixava sair na ausência do delegado, que fôra a uma vila próxima.

— Só com ordem do dr. delegado, resmungava a cada apêlo do forasteiro, fumando seu cigarrinho de palha e olhando de lado, com desconfiança.

O delegado voltou por volta de uma da tarde e só então Roberto Soci, um dos 12 pesquisadores do **Guia Quatro Rodas do Brasil,** pôde continuar viagem.

Essa foi uma, apenas, das muitas experiências vividas pela equipe de pesquisas do **Guia** que, em dois anos, já cobriu cêrca de 300 mil quilômetros de estrada em todo o país e viajou de avião, automóvel, trem, canoa, ônibus, carro de boi, jangada, carroça e balsa. Só para a segunda edição, lançada agora, foram pesquisadas mais de mil cidades, quatro mil restaurantes e dois mil hotéis. Da triagem, sobraram 961 cidades, 1.475 restaurantes e 803 hotéis, que estão classificados no **Guia.** Por onde a equipe passou, não houve um motivo de atração turística, interêsse histórico ou simplesmente paisagístico que não fôsse anotado. Dezenas de mapas foram desenhados e milhares de informações recolhidas, para a reelaboração do primeiro grande trabalho do gênero, feito no Brasil.

Tudo isso, porém, será tão importante que justifique tamanhos sacrifícios?

SEGUE

Mais caminhos para o turismo

No Brasil, hoje, também já começa a formar-se consciência sôbre a importância da TV-educativa.

— É a solução que, com o mais baixo custo, oferece o melhor nível de ensino a um maior número de pessoas — sustenta o general Coelho dos Reis, assessor da Presidência do Contel (Conselho Nacional de Telecomunicações) e entusiasta do movimento pela TV-educativa no Brasil.

Na verdade, os resultados alcançados em outros países são expressivos. Na Itália, o índice de analfabetismo, que era um dos maiores da Europa Ocidental, foi bastante reduzido pelo programa intitulado "Nunca é Tarde Demais". Ainda na Itália, funciona desde 1958 a Telescuola, com cursos que dão diplomas oficialmente reconhecidos.

Na Inglaterra, 75% das escolas estão ligadas ao serviço de TV-educativa mantido pela BBC, que no ano passado inaugurou também a "Universidade do Ar", com enorme índice de audiência.

Em vastas áreas da zona rural da França, os vídeos, com simples monitores de ensino, substituem os professôres.

Uma rêde de 200 estações funciona no Japão. E as novas repúblicas da África preparam-se para resolver seus problemas de ensino com o único meio de atingir a curto prazo uma população espalhada em regiões de difícil acesso.

É nos Estados Unidos, porém, que a TV-educativa está mais desenvolvida. As próprias emissoras comerciais começam a preocupar-se com o crescente aumento dos índices de audiência das estações mantidas por universidades e outras organizações de ensino. Êsses resultados foram conseguidos depois de muita luta. Tanto quanto aconteceu há 30 anos, com o rádio, as estações comerciais de TV resistiram no princípio aos planos de concessão de canais para estações sem fins lucrativos. "Não são de interêsse público", garantiam. E muitos anos depois de a Comissão Federal de Comunicações (o Contel americano) ter reservado os canais, uma publicação ainda fazia campanha pela cassação das concessões. Hoje, entretanto, já existem cêrca de 160 estações funcionando e mais 267 canais reservados. A mais importante delas é a National Educational Television (NET), que, de certa forma, nasceu dos esforços pioneiros da Fundação Ford. A NET produz cêrca de 10 horas de programas semanais, que coloca à disposição das emissoras que lhe são filiadas.

Ainda assim, e apesar do custo da TV-educativa já ter alcançado mais de trinta milhões de dólares por ano, o govêrno americano estuda hoje as possibilidades de acelerar o processo. A necessidade de investimentos mais amplos levou a Fundação Ford a sugerir projeto audacioso: um sistema de satélites será pôsto no espaço, para uso das TVs comerciais, e os lucros irão para as emissoras educativas.

E o Brasil?

Seis anos depois de fazer-se pioneiro de televisão educacional na América do Sul, o país se prepara para recuperar o terreno que perdera nos últimos tempos. Três medidas governamentais de importância foram tomadas: 1 — criação do Fundo de Televisão Educativa (Funtevê), encarregado de obter recursos financeiros; 2 — criação do Centro Brasileiro de Televisão Educativa, com o objetivo de centralizar os esforços, produzir programas e dar assistência a tôdas as emissoras; 3 — reserva de 128 canais.

O Contel já recebeu pedido de concessões de 13 Estados: Amazonas, Maranhão, Ceará, Alagoas, Pernambuco, Bahia, Rio, Guanabara, Goiás, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Os pedidos foram feitos pelas Secretarias de Educação dêsses Estados e organizações de ensino.

Em São Paulo, pediram concessão, além da Secretaria de Educação, a Universidade Mackenzie, o Senac e a Prefeitura da capital. A Universidade de São Paulo, que já tem equipamento para transmissões em circuito fechado, prepara-se igualmente para transmitir em circuito aberto.

No passado, algumas tentativas de TV-educativa foram feitas, usando as emissoras comerciais. No Rio, houve os esforços da professôra Alfredina de Paiva, e da Fundação João Batista do Amaral, no Canal-13. No Canal-9, o professor Gílson Amado fêz o programa "Universidade sem Paredes". No Rio Grande do Sul e no Ceará, grupos de professôres também realizaram uma série de experiências importantes.

A iniciativa de maior alcance, entretanto, coube à Secretaria de Educação paulista, que desde 1961 apresenta o programa "TV-Escolar", sob direção da professôra Marília Antunes Alves e assistência direta da professôra Maria Aparecida Blandy Neves. Usando o Canal-5 e o Canal-2, o programa chegou a apresentar quatro horas e meia de aulas por dia.

Telepostos foram criados, para os alunos assistirem às aulas acompanhados por monitores, e cêrca de dois mil rapazes e môças foram beneficiados com cursos de admissão, madureza e educação popular.

A incompreensão de um secretário de Educação, entretanto, reduziu a iniciativa a pequenas proporções. Atualmente, o Serviço de Televisão Escolar funciona numa sala de 15 metros quadrados, onde se empilham cubos de isopor, três escrivaninhas, poltronas, um velho fichário e alguns outros móveis. Se os vinte funcionários do Serviço estiverem lá ao mesmo tempo, não terão sequer onde ficar. A "TV-Escolar" da Secretaria de Educação de São Paulo sobrevive pela teimosia da equipe, pois no ano passado, com uma verba de sòmente dez milhões de cruzeiros (velhos) para pagar o material e a cessão do horário pelas emissoras, as quatro horas e meia de programa passaram a 30 minutos.

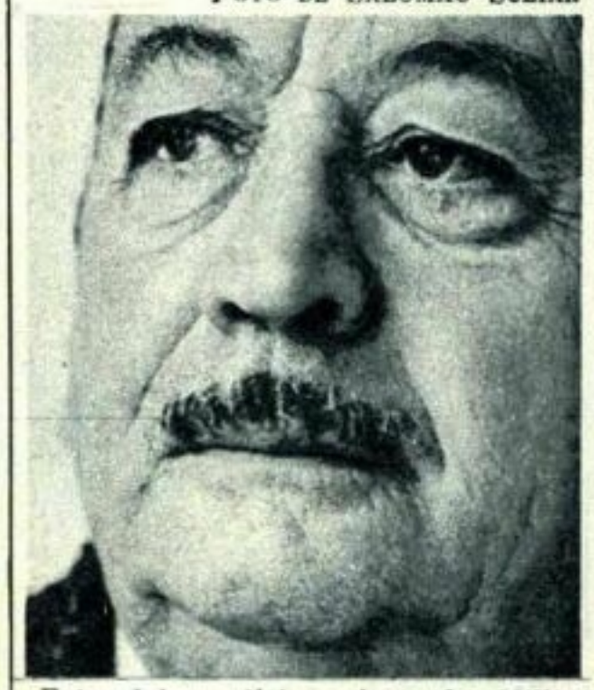
Agora a "TV-Escolar" prepara-se para integrar-se no movimento de TV-educativa, de alcance nacional, e elabora um programa de trabalho mais ambicioso. A TV-escolar, porém, é apenas um aspecto da TV-educativa. A grande meta dos que lutam por ela no Brasil é colocar, de verdade, todo o imenso potencial da televisão a serviço da cultura do homem de nosso tempo.

Afinal, os programas de ensino e formação de nenhum povo podem hoje ignorar um instrumento de difusão de conhecimentos que, em uma só noite, nos Estados Unidos, reuniu para o **Édipo Rei,** de Sófocles, uma audiência maior do que a soma de tôdas as platéias que já viram esta peça, desde que foi escrita, no século quinto antes de Cristo.

literatura

Os ensaios do homem civilizado

FOTO DE SALOMÃO SCLIAR



Esta foi a última foto de Milliet

Quando morreu, debruçado sôbre a mesa de café, naquela manhã de novembro passado, Sérgio Milliet tinha de seu duas calças e três paletós velhos no guarda-roupa, uma coleção de figas, alguns quadros e um livro em provas: "Quatro Ensaios", que será pôsto à venda nesta primeira quinzena de março, pela Livraria Martins Editôra.

De Sérgio, disse certa vez Samuel Putnam, crítico literário e professor de literatura hispano-americana na Universidade de Chicago: "É um homem civilizado, numa era de ascensão da barbárie." A frase está no comentário escrito por Putnam para a "Inter-American Quarterly Review", sôbre "O Sal da Heresia", um dos pontos altos da obra de Sérgio Milliet. É de 1941, mas continua valendo para "Quatro Ensaios".

Do livro pode-se dizer que é semipóstumo. Sérgio Milliet (cujo sobrenome paterno era Costa e Silva, mas sem qualquer parentesco com o presidente eleito) leu e comentou com amigos as provas dos originais, acrescentou-lhes alguns dados novos e morreu. Na véspera ainda tinha trabalhado no livro.

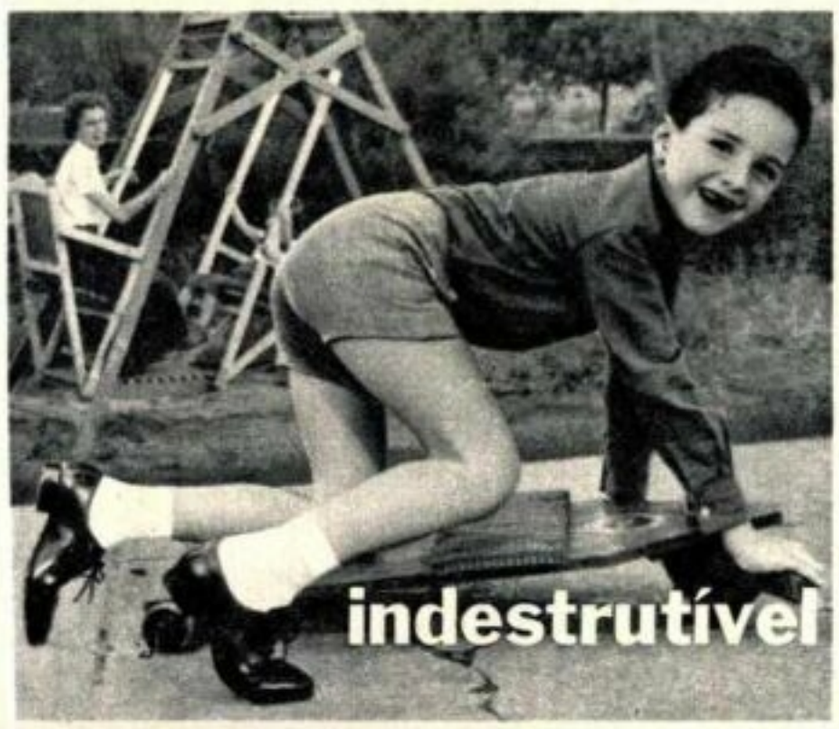
O primeiro ensaio chama-se "Contribuição para um Estudo da Expressão Gráfica dos Quadros Religiosos da Renascença". Sem se preocupar com a côr, Sérgio Milliet estudou as linhas básicas e os elementos de composição de algumas telas renascentistas, limitando-se à pintura religiosa. Elaborou gráficos com as retas e curvas predominantes em cada peça analisada. Um trecho do trabalho: "O interêsse não está em apontar, entre as milhares de obras da época, as mais características, porém em descobrir nas obras em geral o desenvolvimento sub-reptício do germe nôvo sob as formas exteriormente antigas. O que interessa é fazer a anatomia dessas obras e verificar a que ponto vão elas se modificando, na medida em que a conquista subterrânea das mentalidades se verifica."

O segundo ensaio é o mais curto do livro: "À Margem da Obra de Sérgio Buarque de Holanda", com apenas sete páginas. Quando o outro Sérgio tomou posse de sua cadeira na Academia de Letras, foi Milliet quem o saudou. A amizade entre os dois era antiga, como diz o início do trabalho. "Conheci Sérgio Buarque de Holanda nos anos remotos de 1920 a 1922. Formávamos um grupo endiabrado, constituído por uma espécie de **jeunesse dorée** dessa cidade provinciana que era São Paulo".

O terceiro ensaio fala de "Alguns Aspectos da Poesia Negra" e começa com uma indagação de Sartre: "Que esperavam vocês que acontecesse quando tirássemos a mordaça dessas bôcas negras? Que nos entoassem louvores?" SEGUE

Mamãe agora
está felicíssima!
Já não somos
os "incriveis gastadores"
de sapatos.
Sabem por que?
Só usamos...

Vicrom- com sola injetada - muito mais econômico !



É diferente mesmo. A sola injetada é à prova de descolagem e desgaste. Vicrom é bonito, moderno, elegante, resistente e econômico.

Vicrom

UM PRODUTO ANCORA IND. E COM. LTDA.
CAIXA POSTAL, 2592 - SÃO PAULO

SIMBOLO DO BOM CALÇADO

COM QUANTOS CIGARROS
SE FAZ UM MAÇO ?...
(COM 20)

...mas; um maço de cigarros
luxor — tem ainda a mais:
REQUINTE • CLASSE • LUXO
Porque... contentar-se com
menos ?

um produto CARUSO

"Evidentemente — escreve Sérgio — a abolição não podia trazer com ela o amor do escravo pelo senhor. Havia entre êles chicote, humilhações. A atmosfera tinha que ser de ressentimento, que em muitos casos se transformaria em ódio, tanto mais quanto, com a abolição legal, não se verificou, como não era possível que se verificasse, a abolição de discriminações raciais." Em seguida são apontados e analisados versos e poemas de negros do Haiti, Pôrto Rico, Martinica, Grécia, Estados Unidos, África, Brasil.

"Um Poeta da Vida Moderna" — último ensaio — é o francês Emile Verhaeren. Sérgio Milliet o conheceu de passagem por Genebra. "Eu era uma criança e mal começava a me entusiasmar pelos poetas. Vi-o de relance, a cabeça gaulesa sob um largo chapéu de feltro. Nunca lhe falei mas a seu respeito me entretive com Stefan Zweig, Charles Baudouin e Henri Mughier, seus amigos e discípulos refugiados na Suíça neutra, de 1915-16. Havíamos fundado a revista "Le Carmel", que seguia a orientação de Romain Rolland e procurava unir num programa de fraternidade os espíritos superiores da Europa."

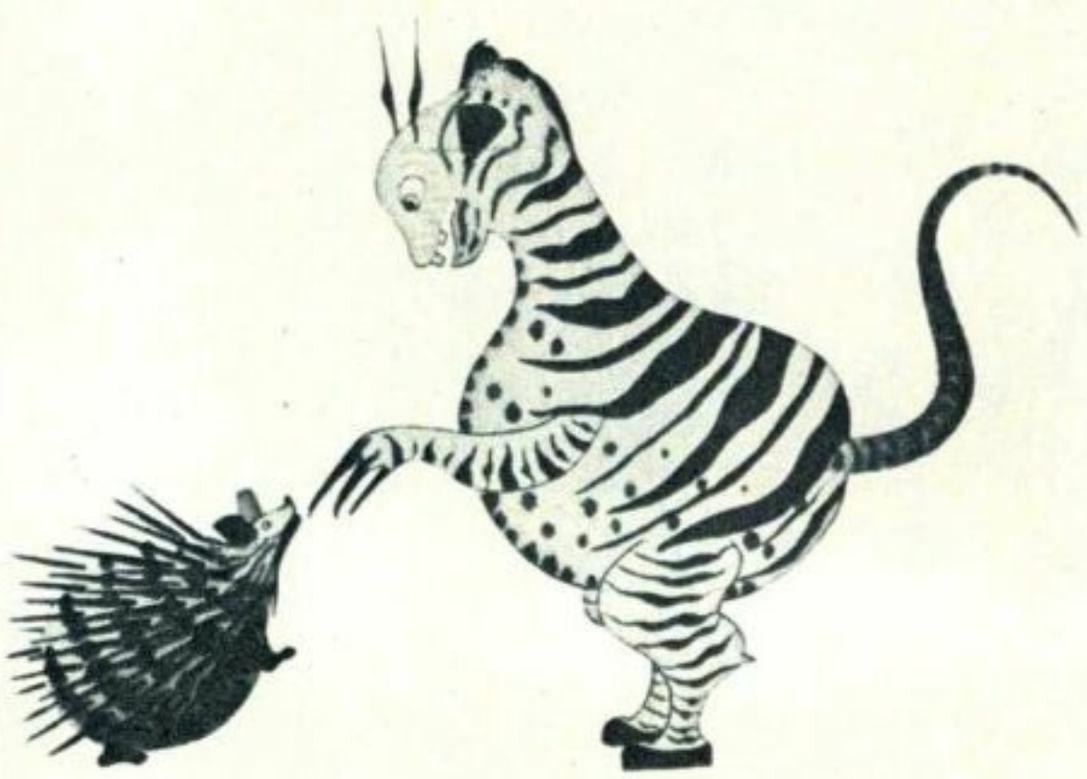
"Quatro Ensaios" tem 100 páginas. Entre livros de poesia, sociologia, crítica literária e de artes plásticas, romances e traduções, antologias, dicionários e enciclopédias que organizou, Sérgio Milliet tem mais de 500 obras com seu nome.

E quando morreu, êsse "homem civilizado numa era de ascensão da barbárie", não tinha de seu mais que duas calças e três paletós num velho guarda-roupa, uma coleção de figas, alguns quadros e um livro em provas.

fābula

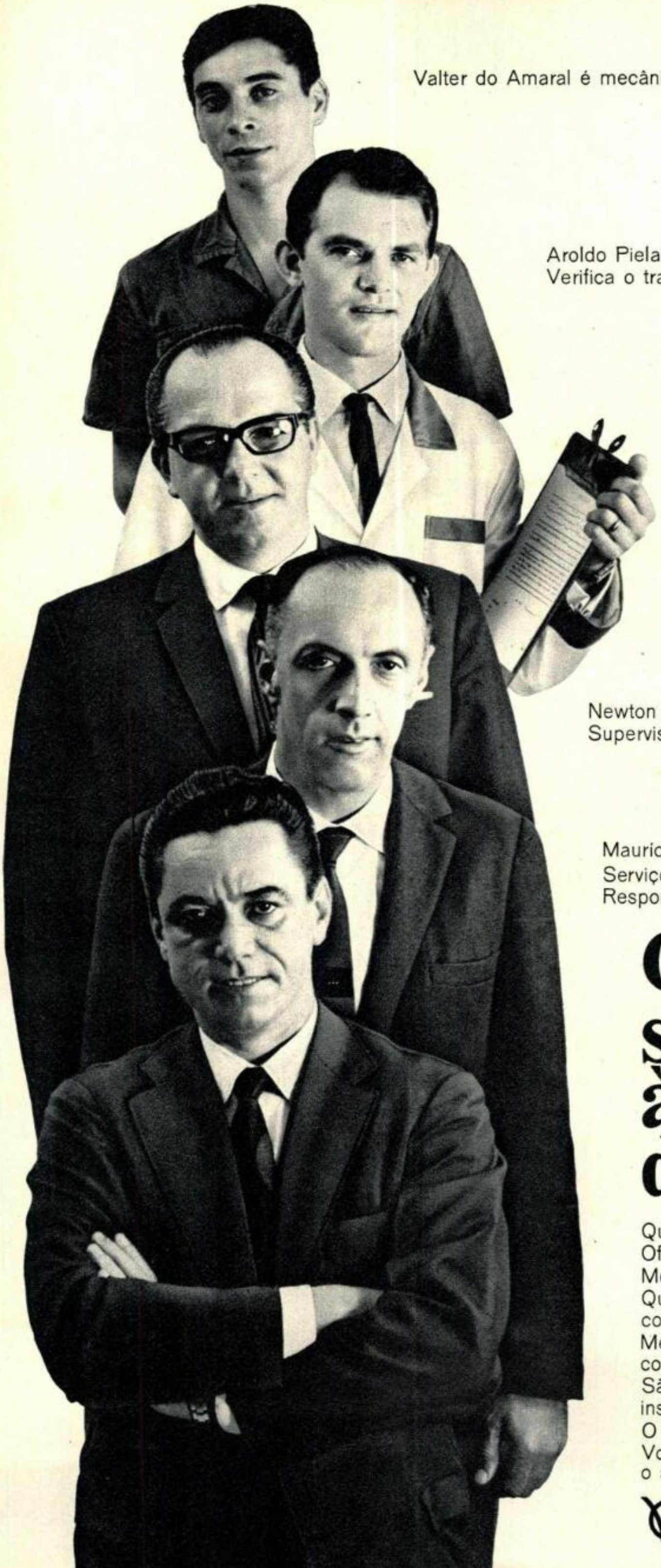
O barrigudo e dona ouriça

O bicho barrigudo era comilão e sem escrúpulos. Vivia se metendo com todo mundo. Um dia encontrou a mulher do ouriço, seu vizinho, e partiu para cima dela. Resultado: espetou-se todo, sofreu muito.



Moral: Cuidado com a mulher do próximo.

Gerda



Valter do Amaral é mecânico de uma Oficina Autorizada Willys.

Aroldo Pielak é chefe de mecânicos.
Verifica o trabalho de Valter do Amaral.

José Sanches Vicente é Representante de Serviços da Willys.
Orienta o trabalho de Aroldo Pielak.

Newton Carlos Serra é Gerente de Peças e Serviços da Região.
Supervisiona o trabalho de José Sanches Vicente.

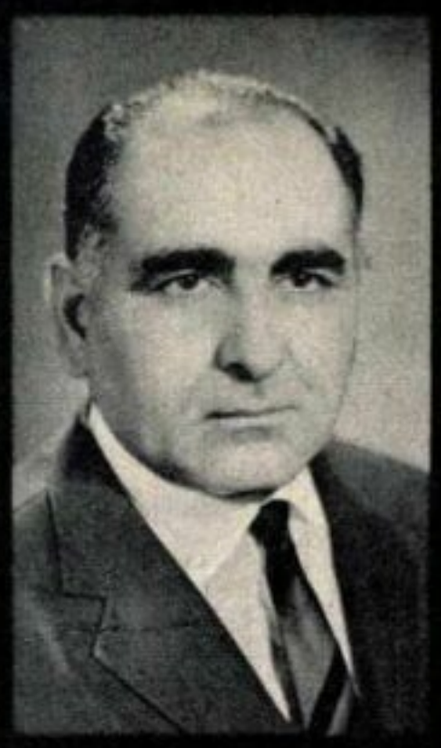
Maurício Borges da Fonseca é Gerente de Serviços Técnicos da Willys.
Responsável pelo trabalho de todos.

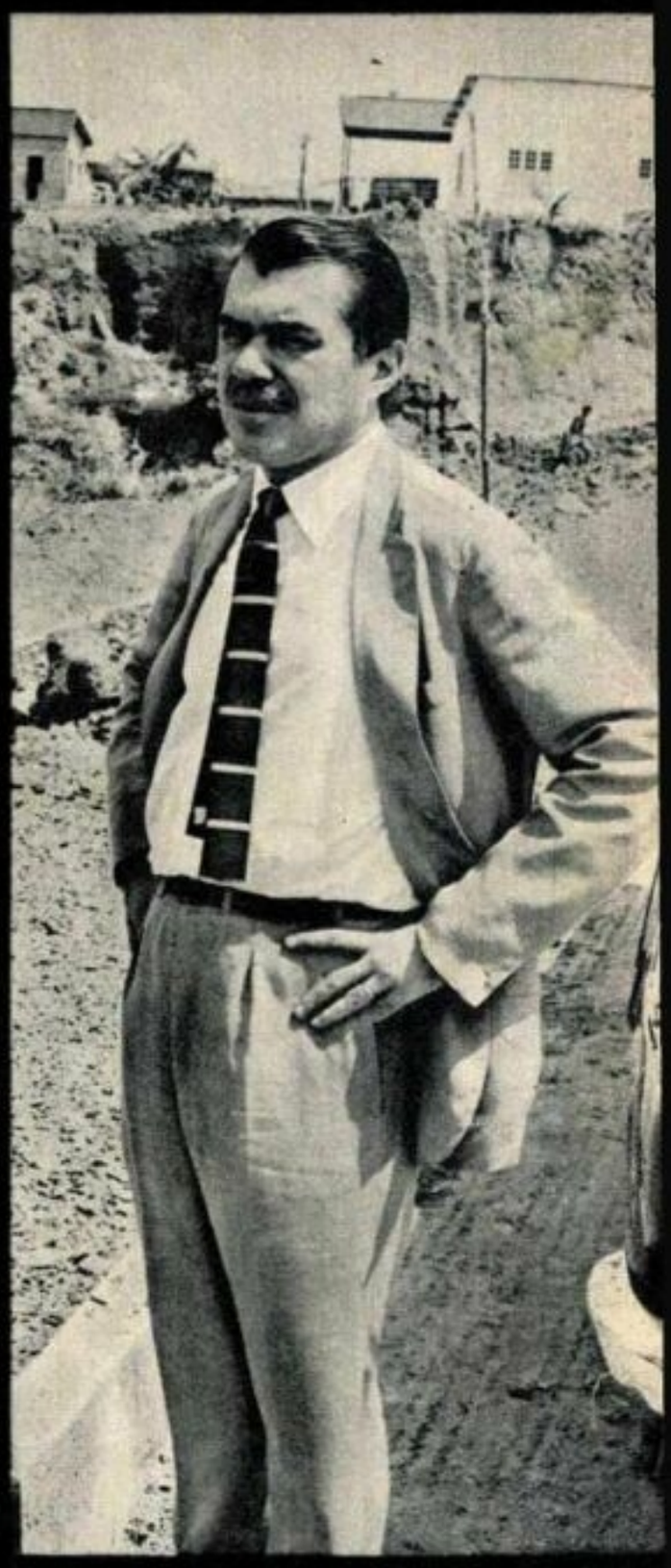
Quanta gente se dedica à manutenção do seu carro!

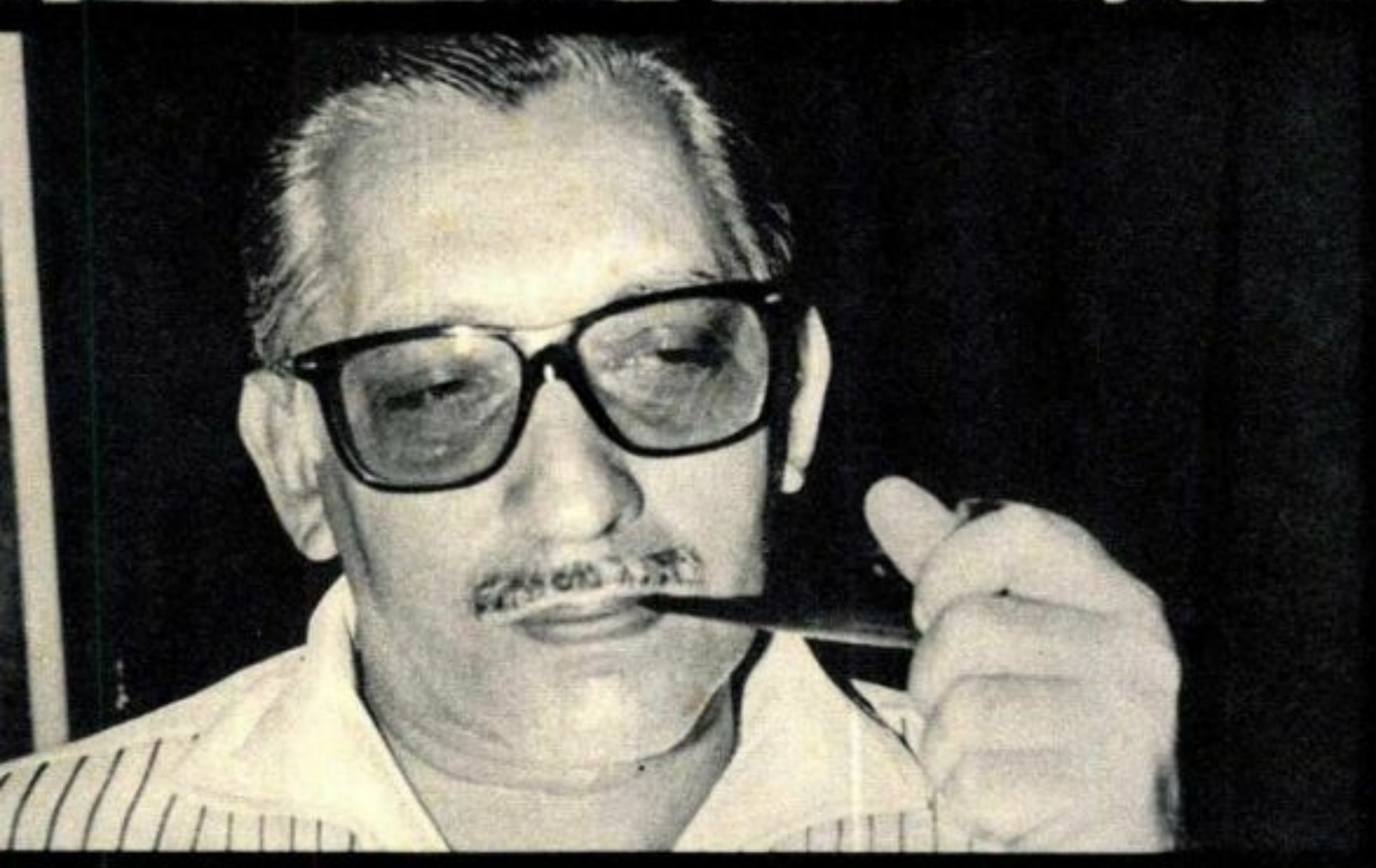
Quem cuida do seu carro nas
Oficinas e Revendedores Autorizados Willys?
Mecânicos competentes, treinados pela própria Willys.
Que só colocam peças genuinas,
com garantia de 12.000 km ou 6 meses.
Mesmo assim, há sempre mais alguém
controlando o que êles fazem.
São os chefes de oficina. E além dêles, os instrutores,
inspetores e gerentes técnicos da Willys.
O importante é que você receba o melhor serviço.
Você ainda acha melhor entregar
o seu carro a um curioso qualquer?

WILLYS-OVERLAND
Fabricante de veículos de alta qualidade

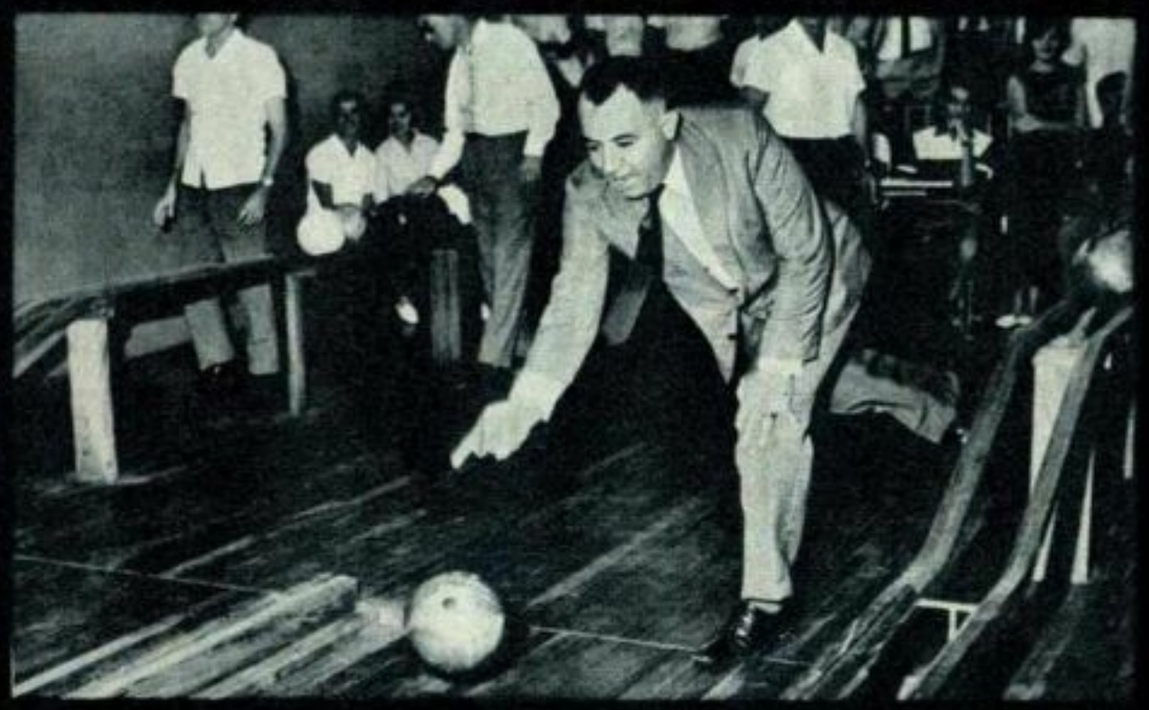
©Willys-Overland - 66.1164 - PS.

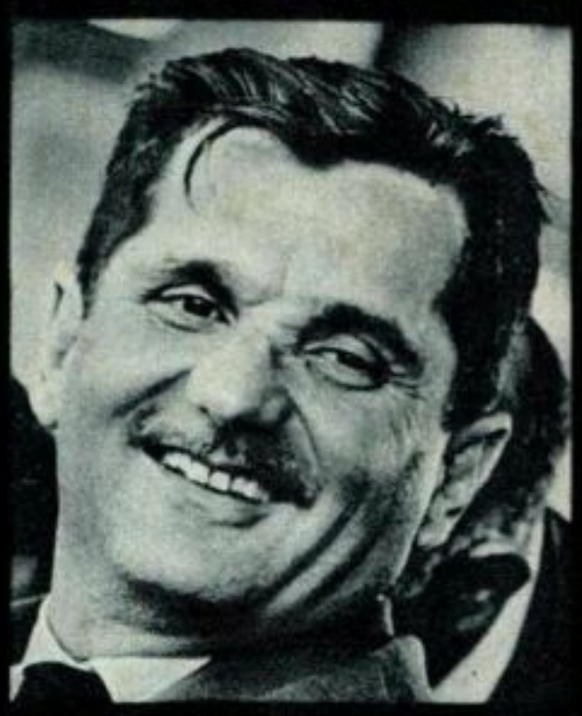


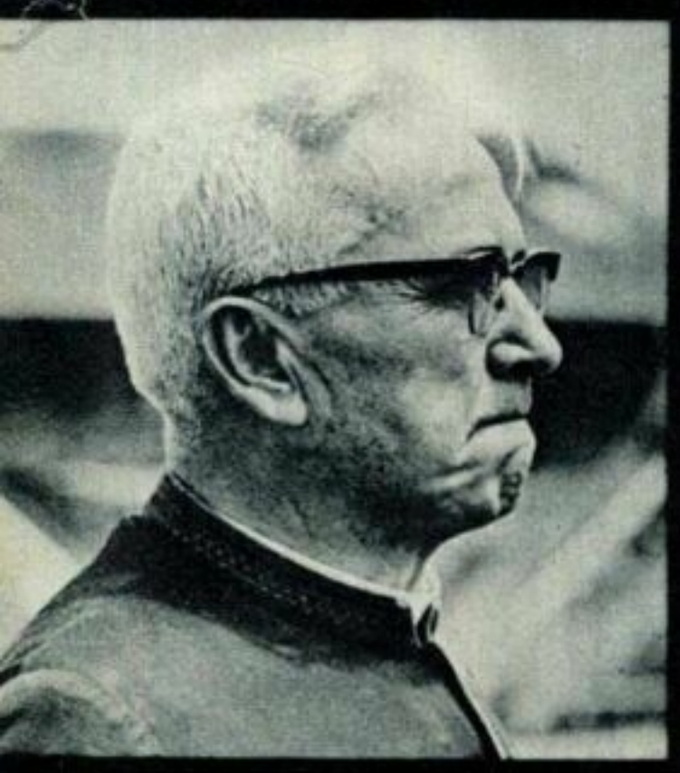




QUEM SÃO ÊSTES SENHORES?







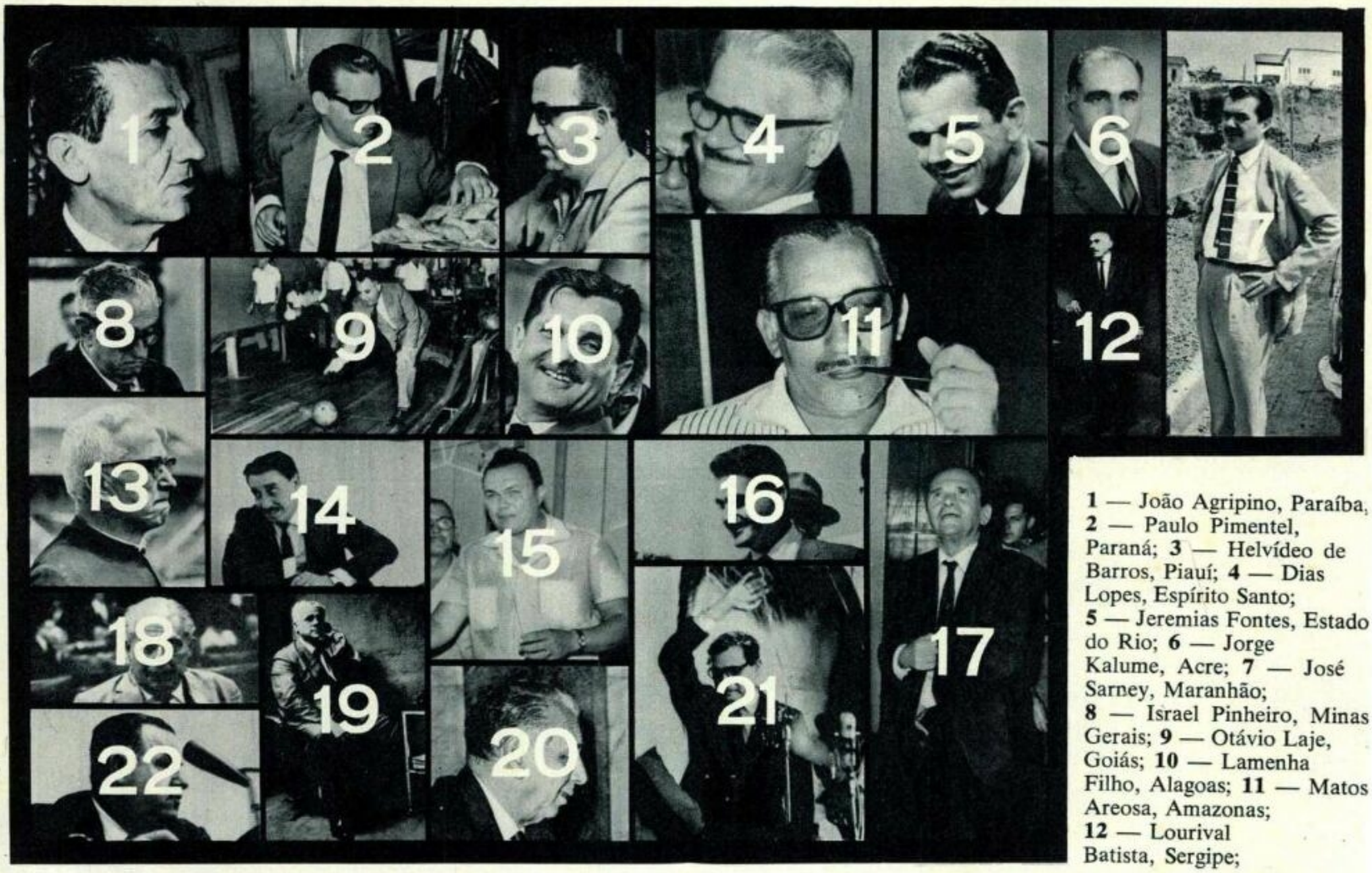
Tempo de sorrir...

... Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as emprêsas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum. É por isso que oferecemos aos artistas brasileiros o Salão Esso de Artistas Jovens, concorrendo para estimulá-los e torná-los mais conhecidos no mundo inteiro.

Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo. Mas vamos um pouco além.

Esso

Gente como você trabalhando para servi-lo



1 — João Agripino, Paraíba; **2** — Paulo Pimentel, Paraná; **3** — Helvídeo de Barros, Piauí; **4** — Dias Lopes, Espírito Santo; **5** — Jeremias Fontes, Estado do Rio; **6** — Jorge Kalume, Acre; **7** — José Sarney, Maranhão; **8** — Israel Pinheiro, Minas Gerais; **9** — Otávio Laje, Goiás; **10** — Lamenha Filho, Alagoas; **11** — Matos Areosa, Amazonas; **12** — Lourival Batista, Sergipe;

Êle tem 48 anos e seis meses de idade, 77 quilos e meio de pêso e um metro e 72 de altura; é advogado, sem ter sido aluno brilhante, e católico, ainda que não compareça rigorosamente à missa dominical; casado, tem quatro filhos, seu pai era comerciante e sua descendência remota vem de portuguêses; veste-se corretamente, mas não é pròpriamente elegante; não gosta de anéis e só usa aliança, assim mesmo para agradar a mulher; não é muito rico, nem muito pobre, ganha cêrca de dois milhões de cruzeiros velhos por mês, tem um Aero-Willys prêto à porta e mora num palácio; toma de 20 a 30 cafèzinhos e fuma de um maço e meio a dois maços de cigarros com filtro por dia; arranha no inglês, se ajeita com o francês, acabou de ler **Mil Dias,** um livro de Schlesinger Jr. sôbre a administração Kennedy; levanta cedinho e deita de madrugada; e, naturalmente, gosta de futebol.

Êste homem é o governador brasileiro. Êle foi construído com a média aritmética e as características pessoais mais acentuadas dos 22 homens que governam os Estados do Brasil: 11 escolhidos por eleição direta e empossados em 31 de janeiro do ano passado e 11 indicados pelas Assembléias Legislativas: quatro empossados em 1966, seis em 31 de janeiro dêste ano e o último toma posse em abril, na Bahia. Todos concluirão seus mandatos em 15 de março de 1971, quando deverão ser substituídos por novos governadores, escolhidos em eleições diretas.

Cinco governadores têm menos de 40 anos; três têm mais de 60; e os 14 restantes estão entre os 40 e os 60. O mais jovem de todos é do Estado do Rio, Jeremias de Matos Fontes: tem 36 anos. Quem também tem 36, é José Sarney Costa, do Maranhão. Dois estão com 38: Pedro Pedrossian, de Mato Grosso, e Paulo Cruz Pimentel, do Paraná. Na beira dos 40, mas ainda com o ano quase todo pela frente, está o governador do Espírito Santo, Cristiano Dias Lopes Filho, de 39 anos.

Com 71 anos de idade e o mesmo ar azêdo de sempre, Israel Pinheiro da Silva, governador de Minas Gerais, que fêz fama de executivo na Companhia Vale do Rio Doce, na Novacap e na Prefeitura de Brasília, é o mais velho de todos os governadores. Nem por isso é o mais acomodado: no ano passado, Israel voou 31 mil quilômetros dentro de Minas Gerais, o que corresponde a quase uma volta ao mundo.

Francisco Negrão de Lima, da Guanabara, com 65 anos, e Plácido Aderaldo Castelo, do Ceará, com 61, fecham o trio dos que já fizeram 60. Mas o trio vai virar quarteto em maio, com o aniversário do governador do Rio Grande do Sul, Walter Peracchi Barcelos.

Advogados formam um time de futebol

— O senhor é formado em quê?
— Sou advogado como todos nós.

A resposta é do governador Sarney, que seus conterrâneos chamam de **Zé Sarney.** Sarney só está exagerando um pouco, pois 11 dos 22 governadores têm diploma de advogado. Três dêles, além disso, foram professôres universitários: Plácido Castelo, do Ceará; Luiz Viana Filho, da Bahia; e Dias Lopes, do Espírito Santo. Negrão de Lima, da Guanabara, é procurador aposentado do Tribunal de Contas do Estado, e Ivo Silveira, de Santa Catarina, consultor jurídico do Estado.

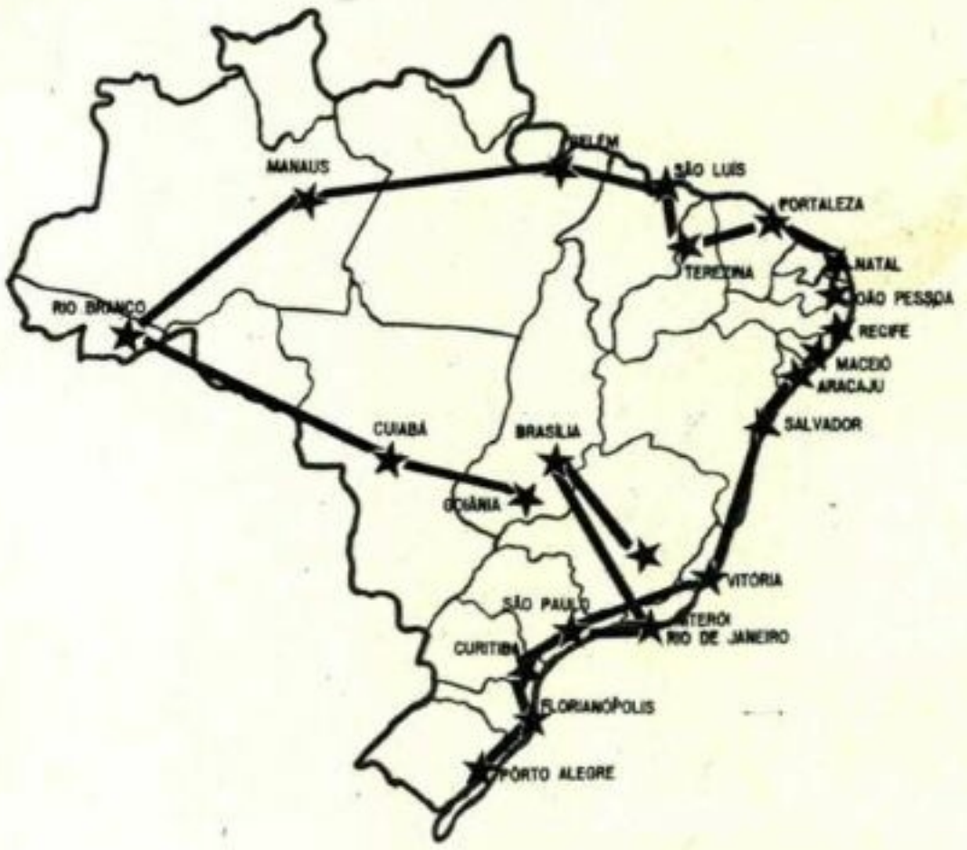
Há três engenheiros: Israel Pinheiro, até hoje orgulhoso de seu diploma da Escola de Ouro Prêto, Otávio Laje, de Goiás e Pedro Pedrossian, ferroviário, já foi diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Com a Revolução, êle voltou a ser engenheiro residente em Miranda, sua pequena cidade natal, de onde saiu candidato a governador. Enfrentou os Coelho, a gente mais rica de Mato Grosso, que, segundo se diz, gastaram coisa de dois bilhões de cruzeiros velhos e mesmo assim perdeu por 20 mil votos. Os votos que deram a vitória a Pedrossian vieram da região servida pela E. F. Noroeste.

Dois médicos: Nilo Coelho, de Pernambuco, e Lourival Batista, de Sergipe. Mas suas especialidades estão longe da Medicina. Nilo Coelho é conhecido como grande anfitrião, perfeito conhecedor de pratos finos e vinhos raros. Lourival Batista, por sua vez, é especialista em verbas. Membro da Comissão de Orçamento da Câmara, trabalhou sempre com tanto afinco, que se tornou possìvelmente o parlamentar mais bem informado sôbre o jôgo da receita e da despesa. Hoje conhece todos os labirintos do Orçamento Nacional, o que pode valer muito ao seu Estado: Sergipe não deixará de reclamar um centavo de tudo a quanto tiver direito.

Militares, dois: Alacid da Silva Nunes, do Pará, e Peracchi Barcelos, do Rio Grande do Sul. Ambos reformados. O primeiro, tenente-

OS SENHORES GOVERNADORES

Reportagem de
Luiz Fernando Mercadante



Luiz Fernando Mercadante voou cêrca de 40 horas de avião para entrevistar os 22 homens que governam os Estados do Brasil. Alternou o DC-3 com o Caravelle; tirou o governador Ivo Silveira da cama, pois o encontrou fortemente gripado; interrompeu uma entrevista do jogador Tostão com o governador Israel Pinheiro; passou uma manhã inteira sentado na porta da casa do governador João Agripino e ficou horas ouvindo as quatro siriemas do Palácio dos Leões berrarem, enquanto o governador José Sarney voava de volta a São Luís, depois de um encontro com o presidente Castelo Branco. E, quando as 22 entrevistas ficaram prontas, apareceram revelações curiosas e inéditas. Exemplo: todos êles, mas todos mesmo, queriam saber as respostas dos outros.

13 — Valfredo Gurgel, Rio Grande do Norte; **14** — Ivo Silveira, Santa Catarina; **15** — Alacid Nunes, Pará; **16** — Pedro Pedrossian, Mato Grosso; **17** — Plácido Castelo, Ceará; **18** — Luís Viana, Bahia; **19** — Peracchi Barcelos, Rio Grande do Sul; **20** — Negrão de Lima, Guanabara; **21** — Abreu Sodré, São Paulo; **22** — Nilo Coelho, Pernambuco.

coronel de artilharia do Exército. Peracchi, coronel da Brigada Militar do seu Estado.

O governador do Amazonas, Danilo Duarte de Matos Areosa, formou-se economista, em Lisboa, onde passou a infância e a juventude e de onde trouxe um leve sotaque que ainda o acompanha.

Antonio Simeão Lamenha Filho, de Alagoas, e Jorge Kalume, do Acre, são os dois únicos que não têm curso superior: Lamenha Filho cursou apenas o ginásio, pois cresceu apertado entre o trabalho e responsabilidade com a família. E Kalume é contador, homem dedicado ao comércio e às seringueiras. Lamenha Filho, por sua vez, diz-se plantador de cana. Na verdade, é um pequeno usineiro.

Finalmente, o homem que reza a missa de meio-dia na catedral de Natal também é governador: monsenhor Walfredo Gurgel, do Rio Grande do Norte, o primeiro padre em mais de cinqüenta anos a assumir a governança de um Estado. Durante sua campanha, muito eleitor se ajoelhou diante dêle. Monsenhor ficava zangado:

— Levanta daí, que eu não sou santo!

Um protestante ameaça quebrar recorde

Os 22 governadores são cristãos: 21 católicos e um protestante: Jeremias Fontes, do Estado do Rio, diácono da Igreja Presbiteriana de São Gonçalo, sua cidade natal. Jeremias deve sua eleição a duas coisas: o choque entre lideranças estaduais ligadas ao Govêrno Federal, que resultou no seu nome como **tertius,** e o espírito ecumênico que aproximou as religiões cristãs. Comentário de outro político protestante:

— Há dez anos não haveria nenhuma possibilidade para um protestante chegar ao govêrno.

Tirando o padre, todos os governadores já se casaram e têm filhos: de Plácido Castelo que possui 12, a Negrão de Lima, com uma só. Com seus nove filhos, Israel Pinheiro já chegou a 20 netos, setor em que é recordista absoluto. Mas quem promete bater os recordes é o jovem diácono Jeremias Fontes: com 36 anos já tem sete filhos. Luiz Viana e Lamenha, seis. Pedrossian, João Agripino Filho, da Paraíba, e Helvídeo Nunes de Barros, do Piauí, cinco. Os outros, de dois a quatro.

Pai de um tem lojinha

Roberto Costa de Abreu Sodré, de São Paulo, Israel Pinheiro e Luiz Viana são filhos de antigos governadores. João Agripino, Otávio Laje e Dias Lopes, também filhos de políticos. Negrão, Matos Areosa, Nilo Coelho, Jorge Kalume, Lourival Batista e Pedrossian, de comerciantes. Pedrossian faz questão de especificar:

— Meu pai, o que tem é uma lojinha de interior, dessas que vendem de tudo: de fumo de corda a tecido.

Dezesseis governadores descendem de portuguêses: 15 dos avós para cima, e o do Amazonas, Matos Areosa, é filho. Três outros têm algum sangue português misturado com italiano: Peracchi Barcelos, Otávio Laje e — coisa que nem todos sabem — Israel Pinheiro, que se chamaria Israel Pignataro não tivesse seu avô abrasileirado o sobrenome. Pedrossian descende de armênios e Kalume de sírio-libaneses.

O governador de Sergipe, Lourival Batista, nasceu no interior da Bahia; o da Bahia, Luiz Viana Filho, em Paris; o da Guanabara, Negrão de Lima, no interior de Minas; e o do Paraná, Paulo Pimentel, no interior de São Paulo. Dezessete dêles saíram de pequenas cidades do interior. E sòmente cinco — Peracchi, Luiz Viana, Abreu Sodré, Matos Areosa e Alacid Nunes — nasceram nas capitais dos seus Estados.

Bom anfitrião é o mais gordo: 96 quilos

Nilo Coelho, o bom anfitrião, aparece como o mais gordo de todos, com 96 quilos, seguido de perto pelo gaúcho Peracchi, com 93. João Agripino é indiscutìvelmente o mais magro: seu pêso oscila entre 56 e 60. Plácido Castelo, estabilizado nos 60, lhe faz companhia. Os mais altos: Israel Pinheiro e Paulo Pimentel, com 1,80 m. E os mais baixos: Helvídeo de Barros, com 1,58 m, e Plácido Castelo, com 1,65 m.

Muitos bigodes, nenhuma careca

Alacid Nunes, José Sarney e Jeremias Fontes escapam de usar óculos. Pedrossian usa escuros.

SEGUE

Há gente que custa a entender as coisas. Na estrada, conversa não resolve. O que resolve é fenemê. Para transportar, durar e dar lucro. Em qualquer terreno, levando qualquer carga. Chassi longo, médio ou curto, se o negócio é transportar, é pra caminhão fenemê.

ARQUIDES ARAUJO

FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES S.A.

25 ANOS TRANSPORTANDO O PROGRESSO

Monsenhor Walfredo Gurgel, Matos Areosa, Helvídeo de Barros, Dias Lopes e Paulo Pimentel usam óculos sempre. Os outros só para ler.

Dez governadores possuem bigodes mais ou menos bem cuidados. Doze, não. Apesar de algumas ameaças, não há nenhum calvo.

Peracchi usa uma aliança de bodas de prata na mão direita. Dias Lopes, Ivo Silveira, Otávio Laje e Plácido Castelo usam anel de grau. E Luiz Viana usa um anel de ouro com monograma.

A turma da roupa feita está aumentando

Ivo Silveira e Matos Areosa já aderiram à roupa feita. Ganharam agora um companheiro famoso pela sua elegância, antigo cliente do alfaiate De Cicco, o mais famoso do Rio: Negrão passou para a roupa feita, porque acha muito altos os preços de De Cicco. Enquanto isso, o governador Paulo Pimentel continua fazendo seus ternos nos alfaiates de Curitiba, apesar das críticas que o mesmo De Cicco andou fazendo aos seus colegas alfaiates paranaenses. Zé Sarney usa o mesmo alfaiate de sûa mocidade em São Luís, assim como os demais, que também prestigiam as tesouras das suas próprias capitais. Monsenhor Walfredo alterna a batina com ternos escuros e colarinhos eclesiásticos. Suas roupas sempre impecàvelmente passadas e o seu corpo muito ereto lhe dão um ar elegante. Mas, elegante mesmo é o governador Abreu Sodré, de São Paulo, que gosta de caprichar na escolha da camisa, gravata e paletó. E, geralmente, acerta.

Quatro dêles nunca tiraram os pés do Brasil

De todos, quem mais viajou pelo exterior foi o governador Abreu Sodré, que conhece todos os continentes. Segue-o Negrão de Lima, ex-embaixador, que também já virou o mundo. Mas Lourival Batista, de Sergipe, anda por perto, com 16 viagens à Europa e Estados Unidos. Dias Lopes, Jeremias Fontes, Jorge Kalume e Plácido Castelo não foram além da América Latina. E Helvídeo Nunes, Ivo Siqueira, Lamenha Filho e Pedro Pedrossian nunca saíram do Brasil.

Quem ganha menos, um milhão; quem ganha mais, três

Zé Sarney, Pedrossian e Paulo Pimentel são os que recebem menores vencimentos. Pela ordem, em cruzeiros velhos, com os descontos e incluindo representação: 1.032.000 cruzeiros, 1.053.000 cruzeiros e 1.030.000 cruzeiros mensais. Já os governadores do Ceará, Espírito Santo, Estado do Rio, Pernambuco e Rio Grande do Sul atingem os 3 milhões de cruzeiros por mês. Surpreendentemente, o governador de São Paulo ganha menos: 2.600.000 cruzeiros. E o da Guanabara, 2.100.000 cruzeiros.

Sòmente três têm casa própria

Todos moram em palácio ou residência governamental. Menos três: Negrão de Lima mora na mesma casa de sempre, perto da Lagoa Rodrigo de Freitas. Paulo Pimentel comprou casa em Curitiba, pois seu Estado não tem residência para o governador. E João Agripino alugou uma casa simples, mas ampla, na praia de Tambaú, recanto mais bonito de João Pessoa.

O mais rico ainda não é: está na expectativa

Nilo Coelho, Abreu Sodré e Paulo Pimentel serão possìvelmente os mais ricos. Sodré informa, entretanto, que é rico, apenas em expectativa, pois quem é rico mesmo é o seu sogro.

Israel Pinheiro, se perguntado, responde sem pestanejar que é pobre. Ninguém acredita. Negrão de Lima e a grande maioria se dizem médios. Mas alguns, como Pedrossian, insistem que são pobres. Uma historinha acontecida em sua campanha ficou famosa: um pequeno chefe político veio lhe oferecer cem votos, mas informou que ia precisar de 100 mil cruzeiros velhos para garantir a promessa. Pedrossian agradeceu os votos e chorou miséria: que era pobre, que não tinha dinheiro, que estava encalacrado com a campanha. O homem foi ouvindo, murchando, enfiou a mão no bôlso e deu 20 mil para ajudar a campanha.

Ademar de Barros sempre quis transferir o Executivo paulista dos Campos Elísios, hoje apenas residencial, para o Museu do Ipiranga. Nunca deixaram. Mas êle era teimoso e acabou transferindo a sede do govêrno para o Palácio Bandeirantes, prédio originalmente construído para receber uma universidade. O edifício não é bonito, mas é imponente, encarapitado numa colina dum bairro nôvo e luxuoso de São Paulo. O Bandeirantes é o mais nôvo dos palácios governamentais. Há cêrca de 10 anos, o ex-governador do Paraná, Munhoz da Rocha, entregou ao seu estado dois palácios modernos, um para residência do governador e o outro para despachos. Entretanto, o residencial teve que ser demolido porque começou a ceder. O de despachos, Palácio Iguaçu, está funcionando satisfatòriamente. Exceção feita a êsses dois, todos os demais palácios de govêrno são antigos.

O maior salário é 3 milhões

O Palácio Lauro Sodré, de despachos, em Belém do Pará, de onde se avista o Cais de Ver-o-Pêso, uma das atrações da cidade, é dos mais bonitos. Possui um salão chamado dos Presidentes, que reúne quadros de todos quantos governaram o Brasil depois da República. Na mesma parede, lado a lado, Dutra, Jânio, Jango e Juscelino, todos vivos e os três últimos cassados. Numa parede ao lado, Getúlio Vargas ombro a ombro com Washington Luiz, apesar do primeiro ter derrubado o segundo. Numa outra parede, cercado de presidentes por todos os lados, o quadro **Conquista da Amazônia** que se pode ver no verso das notas de cinco cruzeiros velhos. No antigo palácio, o governador Alacid Nunes fêz construir um gabinete moderno, com ar condicionado, de que se serve quando vai trabalhar informalmente. Mandou construir também um auditório, com poltronas estofadas e projetores de **slides,** para reuniões.

Em São Luís, o Palácio dos Leões, residencial e de despachos, tem jardins com vista para o mar e quatro siriemas barulhentas que acordam o governador Sarney todos os dias às seis da manhã. Ao bater dois concorrentes nas urnas, Sarney derrubou quase tudo quanto havia de tradicional em política no Maranhão: o senador Vitorino Freire, por exemplo, tinha quarto permanente no Palácio fazia 20 anos. Até carregava a chave no bôlso em sinal de prestígio. Pois Vitorino perdeu o quarto. E devolveu a chave.

Quando se entra no Palácio da Luz, de despachos, em Fortaleza, se dá de cara com um retrato do padre-senador José de Alencar, pai do romancista. Aliás, quem planeja escrever sôbre a vida dos dois Alencar é o acadêmico Luiz Viana, que já biografou Rui Barbosa, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, e Rio Branco. Mas Viana se queixa:

— Agora no govêrno da Bahia, não vai me sobrar tempo para escrever a biografia dos dois grandes personagens da política e do romance brasileiros.

Aluísio Alves e Dinarte Mariz — ex-governadores e famosos inimigos — convivem pacìficamente em duas fotos, lado a lado, num corredor do Palácio da Esperança, de despacho, em Natal, que Aluísio restaurou em seu govêrno. No mesmo Palácio uma grande ampliação fotográfica recorda o encontro Vargas-Roosevelt, que se deu naquela cidade e em que se selou a entrada do Brasil na última guerra.

No palácio Guanabara, de despachos, no Rio, há um parque infantil, aberto ao público, uma capela, construída pela mulher do presidente Dutra, e uma escola chamada Anne Frank, nome de uma menina judia assassinada pelos nazistas. Uma coincidência de mau gôsto colocou a escola em frente à embaixada da Alemanha. O Guanabara tem tradições guerreiras: foi invadido pelos integralistas em 1938 e sitiado em 1964.

Nos jardins do Palácio da Aclamação, residencial, em Salvador, é possível jogar até uma boa partida de futebol. São públicos. Bem atrás do Palácio estão um velho teatro e um restaurante famoso. O governador vai a pé a um e outro.

Dois dias de SP valem um ano para Acre ou Sergipe

Para o ano de 1967, as previsões de receita estadual estão ameaçadas pelo nôvo Impôsto de Circulação de Mercadorias. Os governadores não sabem se o ICM vai aumentar ou diminuir suas receitas. Pelas previsões de arrecadação, um Estado apenas ultrapassa a casa do trilhão de cruzeiros velhos: São Paulo, com uma previsão de receita de Cr$ 3 trilhões e 283 bilhões, o que é mais que a soma da previsão de receita dos quadro únicos outros Estados que ultrapassam a casa dos 500 bilhões: Guanabara, com 875 bilhões; Rio Grande do Sul, com 800 bilhões; Minas, com 682 bilhões; e Paraná, com 560 bilhões.

Entre Cr$ 300 bilhões e Cr$ 400 bilhões, sucedem-se Bahia e Estado do Rio. Com mais de Cr$ 100 bilhões e menos de Cr$ 200 bilhões: Pernambuco, Goiás, Santa Catarina e Ceará.

SEGUE

Mais de Cr$ 50 bilhões e menos de Cr$ 100 bilhões: Amazonas, Maranhão, Espírito Santo e Paraíba. Entre 30 e 50 bilhões Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Amazonas, Para e Piauí. Abaixo de 20 bilhões: Sergipe e Acre, primos pobres. E o Acre foi o último a adquirir categoria de Estado e ainda tem o seu funcionalismo pago pelo govêrno Federal. O funcionalismo que menos pesa no orçamento estadual é o do Maranhão, com 30 por cento. Nos outros Estados, em média, entra com pelo menos 50 por cento na despesa.

Uma vaca, Roxane, mora no palácio

Plácido Castelo, Monsenhor Walfredo, João Agripino e Nilo Coelho constituem a turma forte do cafèzinho: tomam mais de 30 xícaras por dia. E se a política está fervendo podem até dobrar a parada. Paulo Pimentel e Abreu Sodré, que governam os maiores produtores de café, são mais moderados. Pimentel toma no máximo 20; e Sodré apenas 10, sem açúcar. Três governadores, porém, não querem saber de café: Otávio Laje bebe leite; Alacid Nunes, água mineral; e Lamenha Filho, água de côco.

Quem toma muito café, mas também bebe muito leite é Israel Pinheiro. Para servi-lo e ao seu filho Israelzinho, deputado federal de 100 quilos, foi colocada no Palácio residencial das Mangabeiras uma vaca chamada Roxane.

Dez não fumam e um costuma filar

Presentemente, 10 governadores não fumam. Mas João Agripino fuma três maços nos dias em que está calmo; Helvídeo fica em dois maços de cigarros nacionais; Pedrossian em dois de cigarros americanos; Monsenhor Walfredo em maço e meio; Plácido em um maço, controlado pela filha que lhe serve de secretária particular; Ivo Silveira, também; Negrão diz que fuma um maço de Minister por dia, mas não é bem verdade: êle fuma dois de LM; Otávio Laje não compra, mas fila de quando em quando de um assistente; Alacid só fuma quando está contente; Sodré e Areosa optaram pelo cachimbo; e Nilo Coelho fica com os charutos. Peracchi fumava três maços e três charutos por dia. Diz que parou.

Um copo de uísque, cheio de cerveja

Se Nilo Coelho, **Zé Sarney,** Paulo Pimentel e Pedrossian se encontrassem, certamente comemorariam com um uìsquezinho. Ivo Silveira prefere cerveja: nas recepções que dá no Palácio Rosado, o garçom sempre dá um jeito de lhe fazer chegar um copo de uísque cheio de cerveja. Monsenhor Walfredo prefere tomar vinho, mas do que êle gosta mesmo é coalhada, antes ou depois de uma fatia de cuscuz. Negrão, de todos, é o mais versátil: gosta de tomar uísque escocês, cerveja geladinha e champanha francês. Vai, também, numa boa laranjada ou cajuada. Seu prato favorito é famoso: galinha ao môlho pardo com quiabo, feito por Terezinha, sua empregada há 20 anos. Sobremesas, também feitas por Terezinha: doce de leite e de batata.

Negrão, em ocasiões especiais, carrega um chapéu **gelot** prêto, muito alinhado. Ivo Silveira, por sua vez, usa sempre um chapéu comum, de preferência cinza. Os outros, incluindo padre, não querem saber de chapéu.

Dezesseis governadores lêem bastante.

Sodré, Peracchi, Nilo Coelho, Otávio Laje e Jeremias Fontes leram há pouco **Mil Dias.** Monsenhor Walfredo e Lamenha estão lendo as memórias de Café Filho, **Do Sindicato ao Catete.** Sarney anda com **Perspectivas do Homem,** de Roger Garaudy, debaixo do braço. E Luiz Viana acabou o **Diálogo sôbre o Comando,** de Maurois. Ivo Silveira, Israel e Agripino terminaram **O Embaixador,** de Morris West, há pouco. Dias Lopes está lendo **Caminhos do Desenvolvimento,** do economista Dias Leite, Paulo Pimentel enquanto relê, pela terceira vez, o **Como se Tomam as Decisões na Casa Branca,** de Ted Sorensen, vai lendo **Nações Ricas e a Libertação dos Subdesenvolvidos,** de Bárbara Ward. Negrão, enquanto isso, se distrai com **Paris Está em Chamas?,** e Plácido Castelo fica com um autor cearense. Os outros ou dizem que estão relendo os clássicos ou confessam não encontrar tempo para leituras.

Mas jornais, ninguém deixa de ver. Os da terra e os do Rio. Os de São Paulo só entram para valer nos Estados vizinhos.

Quinze governadores não vão ao cinema faz muito tempo. Peracchi e Nilo Coelho viram **Doutor Jivago** recentemente, com o marechal Castelo. Sodré, na última viagem ao exterior, viu em Paris o filme **Men and Women,** com

De todos só três não bebem café

música de Tom Jobim e Vinícius de Morais. Gostou muito. Sarney acaba de ver **A Hora e Vez de Augusto Matraga,** na casa do cientista e jornalista Luís Carlos Barreto. Também gostou. Uma vez por semana Paulo Pimentel passa filme em casa. Mais do que isso consegue Israel, que gosta muito de cinema, desde os seus tempos de prefeito de Brasília, quando ajudou a criar a cinemateca. Confessou cândidamente que o último filme que viu foi **Lili,** mas seu assessor de imprensa fêz questão de trocar para **O Silêncio.** Luiz Viana viu **Viva Maria,** também com o marechal Castelo.

— O presidente gostou muito das artes da Brigitte e da Moreau — disse.

— E o senhor?

— Eu também, meu filho.

Agripino foi centro-avante, dos bons

Negrão de Lima foi meia-esquerda do América Mineiro. Há muitos anos. No Rio, não revela preferência clubística. Mas gosta de futebol. Como João Agripino, que na mocidade foi um centro-avante perigoso, com chute forte e certeiro nos dois pés, bom na cabeçada, corrida excelente e total domínio da bola. Um craque.

Lourival Batista, Dias Lopes, Kalume, Laje e Lamenha não apreciam futebol. Nem um pouco. Israel, Pedrossian, Ivo Silveira, Areosa e Plácido Castelo não têm fortes preferências clubísticas. Mas gostam um pouquinho. Alacid, Helvídeo e Sarney formam na torcida do Flamengo. Sodré e Pimentel preferem o São Paulo, "em vão", como diz o governador paulista. Luís Viana e Peracchi são botafoguenses e, como tais, doentes. Monsenhor Walfredo é vascaíno e o protestante Jeremias torce pelo América. E Nilo Coelho, fica, mesmo, com o Náutico, de Recife.

Só um não tem carro nacional

Dezoito governadores têm à sua disposição carros **Aero-Willys,** todos prêtos, modelos variando entre o 63 até o mais moderno **Itamaraty.** Negrão tem dois **Impalas** a seu serviço; Helvídeo, uma perua **Chevrolet** nacional, Laje, um **JK 65**; e Lamenha, um **Simca Presidence,** 64. Os **Aero-Willys** do govêrno do Maranhão estão muito mal conservados, o que obriga, vez ou outra, o governador sair de **Volks.**

Todos estão na Arena, mas alguns gostariam de sair

Todos os governadores se levantam por volta das sete horas. E todos se deitam depois da meia-noite. Nove eram do antigo PSD, sete da antiga UDN, Jeremias, do PDC, e Plácido Castelo do PSP. Pimentel, Alacid, Pedrossian e Areosa não tinham vinculação partidária profunda com nenhum dos antigos partidos. Hoje, os 22 fazem parte da ARENA, mas há fortes indícios de que alguns gostariam de integrar novos partidos, quer na área Lacerda-Juscelino, quer na área Magalhães-Carvalho Pinto. Todos estão com maioria na Assembléia, na proporção média de três para um, mas alguns, de vez em quando, têm surprêsas, como em caso recente, no Paraná, em que o governador perdeu a eleição da mesa.

Alguns vieram de perto, outros de longe

Kalume, Peracchi, Nilo, Lourival, Sarney, Jeremias e Viana deixaram a Câmara Federal pelo govêrno dos seus Estados. Monsenhor Walfredo e João Agripino saíram do Senado. Ivo Silveira, Lamenha, Helvídeo, Dias Lopes e Plácido Castelo vieram das Assembléias Legislativas. Dias Lopes, Ivo Silveira e Lamenha foram presidentes de Assembléia. Lamenha ocupou o cargo sete anos seguidos, o que lhe vale a fama de melhor conversador entre os 35 parlamentares alagoanos. Pimentel saiu da secretaria da Agricultura, Areosa da secretaria da Fazenda, e Laje da secretaria de Viação. Sodré, Negrão e Israel estavam sem função pública, Alacid veio da prefeitura de Belém e Pedrossian nunca tinha feito política. Sodré foi deputado estadual três vêzes e perdeu uma eleição de senador. Israel e Negrão também foram deputados federais. O melhor de todos, num palanque, deve ser o Agripino, um homem aparentemente frio, mas excelente orador.

Dois dêles querem saber voar

Agripino e Laje estão tirando brevê: 16 Estados têm avião. Só São Paulo tem 14 e um helicóptero. Mas cinco Estados não têm avião nenhum. No Amazonas e no Pará, a falta de estradas e a presença dos maiores rios do mundo sugerem boas lanchas para os governadores.

SEGUE

Responda: os sabonetes que prometem mais beleza para Você têm creme de limpeza e creme umectante?

O todo nôvo Palmolive Rosa tem.

Sòmente o todo nôvo Palmolive Rosa pode lhe prometer mais beleza. Porque Palmolive Rosa é o único sabonete que contém a combinação perfeita de dois cremes cosméticos - creme de limpeza e creme umectante.

O creme de limpeza do todo nôvo Palmolive Rosa limpa profundamente, retirando tôda a oleosidade e poeira que se entranham na pele. E o creme umectante do todo nôvo Palmolive Rosa mantém sua pele convenientemente umedecida.

Comece um nôvo tratamento de beleza.

Use, diàriamente, o todo nôvo Palmolive Rosa. Para limpar a pele. Para retirar a maquilagem. Para ter uma cútis sedosa, macia e sempre jovem.

Responda outra vez: qual é o sabonete que pode prometer mais beleza para Você?

PALMOLIVE ROSA É TODO NÔVO.

Novos ingredientes de beleza!
Nôvo e delicado perfume!
Nova e atraente côr rosa suave!
Nôvo formato!
Nova e sugestiva embalagem!

As que êles têm são velhas, mas vão se reequipar. A vida lá no Norte tem um ritmo muito diferente do dia a dia sulino. Um governador, por lá, é um homem muito acessível: é possível encontrá-lo tomando cafèzinho ou refresco em bar de esquina. Uma historinha mostra bem essas diferenças.

Às vêzes até governador pede carona

Alacid Nunes, governador do Pará, um homem grande de olhos muito verdes, que a oposição chama de o **homem dos olhos cruéis,** tendo que viajar para um município paraense não teve meios de comunicação para mandar um aviso. Chegou cedinho e só, de avião. Dispensou logo o aparelho e atravessou o campo vazio na direção da estrada, carregando, êle mesmo, sua malinha de papéis de Estado e objetos de uso pessoal. De repente, na estrada, um caminhão: o governador faz sinal. O caminhão não pára. O governador continua, quando outro caminhão atende o seu apêlo e freia, mas uns 30 metros à frente. O governador sai correndo, sobe na cabina e agradece. O motorista vai tocando, mas começa a reparar na fisionomia de Alacid. Súbito, não resiste e diz:

— Puxa! O senhor é a cara do tal de Alacid Nunes.

— Tá falando com êle — explicou o governador.

O motorista deu uma estremecida, ficou corado e tocou estrada a fora, a caminho da cidade e apertando a buzina.

— Puxa vida! Essa não!

Alacid é o mesmo governador que de vez em quando dá **incertas** nas coletorias e conta todo o dinheiro do cofre, nota por nota. Se estiver faltando um tostão demite o coletor.

Muitos sonhos que todos querem concretizar

Estrada, escola, eletricidade, hospital, diversificação agrícola, reforma administrativa, auxílio à pecuária, serviço de água, esgotos etc. — êstes são os planos de todos. Mas um ou outro tem projeto mais grandioso neste ou naquele setor. Pela ordem:

Acre — o governador Kalume quer ver a Brasília-Acre em pleno funcionamento.

Alagoas — Lamenha está construindo a maior adutora da América Latina.

Amazonas — Areosa pretende tirar o melhor partido da SUDAM, Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, criada depois da Revolução e responsável pela chamada Operação Amazônia.

Bahia — Luiz Viana pretende construir a estrada litorânea de Salvador ao Espírito Santo.

Ceará — Plácido Castelo quer asfaltar 500 quilômetros de estradas. E seu Estado só tem 100 quilômetros pavimentados.

Espírito Santo — Dias Lopes sonha com a industrialização do seu Estado. Para isso, criou uma companhia de desenvolvimento. Outro projeto: descentralizar a economia agrícola, livrando-a da monocultura do café.

Goiás — Laje projeta pavimentar mil quilômetros de estradas e concluir a hidrelétrica de Cachoeira Dourada: 212 mil kwa.

Guanabara — Negrão pretende concluir o que encontrou começado e iniciar paralelamente obras vitais. Hoje, êle está preocupado com um plano que defenda o Rio das chuvas.

Maranhão — Sarney está construindo um pôrto e um distrito industrial em São Luís. Também cuida da pesca e já fêz rodovias. Mas o que êle quer mesmo, acima de tudo, é, como diz, "uma obra sem placa": a mudança da mentalidade política e administrativa do seu Estado.

Mato Grosso — Pedrossian anda preocupado com telecomunicação. Sente seu Estado muito isolado e pretende resolver o problema de uma vez por tôdas.

Minas Gerais — O que hoje faz vibrar o governador Israel Pinheiro é o seu plano Integrado de Colonização e Transporte do Nordeste de Minas, região mais pobre e abandonada do Estado.

Pará — Alacid está empenhado na construção de uma hidrelétrica de 40 mil kwa. Quer, também, levar água potável para os 60 dos seus 83 municípios, que até hoje não têm. Projeta ainda asfaltar e abrir estradas e construir uma grande estação rodoviária para Belém.

Paraíba — Agripino espera poder asfaltar tôda a estrada Campina Grande-Cajazeiras, que corta o seu Estado, numa distância de 400 quilômetros. Êle tem conseguido muita coisa com a SUDENE e quer levar eletricidade e água a todos os municípios.

Paraná — Pimentel vai levar o asfalto até Barracão, na fronteira da Argentina; até Foz do Iguaçu, na fronteira do Paraguai; e até São José e Guaíra, na fronteira Mato Grosso-Bolívia, junto às barrancas do Paranapanema. A essa operação êle dedica muito entusiasmo:

— São caminhos de integração com o resto da América Latina — afirma.

Pernambuco — Nilo Coelho vai trabalhar pela eletrificação rural do Vale do São Francisco.

Piauí — Com o govêrno federal e com o Maranhão, Helvídeo prossegue as obras da hidrelétrica de Boa Esperança, com 250 mil kwa iniciais, quatro vêzes mais que o total usado pelos dois Estados juntos. Com a Fomento Industrial do Piauí, companhia mista, pretende mudar a face do Estado.

Rio de Janeiro — Jeremias contratou um grupo de planejamento de São Paulo a fim de preparar um plano integrado e racional de desenvolvimento. E só pretende mexer com a ponte Rio-Niterói se achar o projeto realizável.

Rio Grande do Norte — Monsenhor Walfredo deseja eletrificar todos os municípios do Estado e cortá-lo com o asfaltamento de três estradas vitais.

Rio Grande do Sul — Peracchi levou a Pôrto Alegre, antes de assumir, o planejador Hélio Beltrão que estudou a situação do Estado e deixou, gravadas em três horas de fita, sugestões visando a reforma de uma das máquinas administrativas até hoje mais caras e menos eficientes. Paralelamente, Peracchi quer triplicar a energia elétrica e duplicar as estradas asfaltadas.

Santa Catarina — Ivo Silveira está tocando com grande entusiasmo o último trecho da estrada que liga o litoral catarinense ao oeste.

São Paulo — Sodré vai partir para a descentralização administrativa. Promete atacar de rijo a educação e a saúde.

Sergipe — Lourival Batista tem planos na área do sal-gema e do potássio. Pensa, também, em energia e estradas.

14 querem eleição direta

Vão ser notícia até março de 1971

Todos êsses 22 homens, do Norte e do Sul, com seus projetos, suas ambições, suas vaidades e suas simpatias serão notícia até 15 de março de 1971, quando se dará, pela primeira vez, a coincidência dos mandatos. Além dessa coincidência, há outras que os ligam: todos fizeram sonoras declarações de confiança e esperança no govêrno do marechal Costa e Silva. Nenhum se pronuncia radicalmente contra o govêrno do marechal Castelo Branco, ainda que alguns façam críticas à política econômica e financeira. Entretanto, há discordâncias em certas áreas: 14 são por eleição direta para presidente, sete são por eleição indireta e Alacid Nunes se diz pessoalmente a favor de diretas, mas compreende que elas sejam indiretas numa situação revolucionária. Os sete que apóiam as indiretas são Israel, Luís Viana, Otávio Laje, Nilo Coelho, Monsenhor Walfredo, Lourival Batista e Peracchi. Todos os outros preferem as eleições diretas, com urna, povo votando e tudo.

Há também praia, esqui e muito tiro

Mas os governadores não se preocupam só com política e administração: Negrão, sempre que pode, pega uma praia no Leblon e adora jogar volibol de areia. Paulo Pimentel prefere esqui aquático, seu esporte de fim de semana no Paranapanema. Jeremias gosta de atirar com espingarda. E parece que não erra um. Ivo Silveira passeia de lancha em tôrno da ilha de Florianópolis. Pedrossian pesca com uma lancha de motor de pôpa. Peracchi gosta de hipismo. Alacid é bom no basquete. Luiz Viana e Monsenhor Walfredo são entusiastas de um bom banho de mar. Sarney, Lourival e Agripino colecionam antiguidades e objetos de arte popular. Helvídeo aprecia muito caçar. Sodré, por seu lado, gosta mesmo é de andar a pé, para desespêro dos assessôres que não agüentam seu ritmo. Os outros ruminam leituras. E Israel, muito impaciente, fica entre o cinema e um livro. Seus auxiliares temem seu jeitão de homem bravo, mas de vez em quando êle desarma todo mundo com seu sorriso de dentes compridos. Há meses, Israel mudou o seu gabinete para o andar térreo do Palácio Liberdade.

— Foi pra facilitar.

Mas quando há barulho na rua, êle, em pessoa, sai à janela e reclama:

— Olha essa barulhada, gente! Eu tenho que trabalhar! FIM

Ref. 71

Ref. 51

Ref. 35

Olha só o que acontece quando

Ref. 78

Ref. 51

Ref. 201

Scholars Propaganda

Quando o leitor compra seu exemplar de REALIDADE, movido muitas vêzes pelo impacto da capa, não pensa que ela custou dias e dias de trabalho, reuniões secretas, viagens a jato para países longínquos, centenas de fotos batidas e até espionagem. Êste mês, quando REALIDADE completa seu 1.º aniversário, a equipe da revista se reuniu e lembrou um pouco das lutas dêstes meses para contar

A HISTÓRIA DAS DOZE CAPAS

Por Paulo Patarra Redator-Chefe de REALIDADE

Princípios de março de 1966, num hotel de Buenos Aires. O fotógrafo argentino está nervoso diante da figura séria do homem negro, que tem na cabeça um estranho chapéu cheio de pêlos por todos os lados. O negro está sem camisa e a corrente dourada do chapéu se prende em seu queixo. Atrás dêle, na parede mais iluminada do quarto, fôra pregada uma fôlha de papel azulada. Quando o fotógrafo ajeita a máquina, Sérgio de Souza, repórter de REALIDADE, vira-se para o negro e diz:

— Vai começar, crioulo, abra o sorriso!

E Pelé, o mais conhecido e amado dos brasileiros, sorriu 92 vêzes para as que deveriam ser as 92 fotos a côres, do assustado fotógrafo profissional argentino. Só que as primeiras 36 batidas de nada adiantaram: o fotógrafo havia esquecido de pôr o filme na máquina. Três semanas depois, o melhor dos sorrisos de Pelé estava na capa dos 251.250 exemplares do número 1 de REALIDADE, em abril do ano passado. Êle trazia na cabeça o **busby** usado pelos guardas da rainha Elizabeth da Inglaterra e a imagem simbolizava a esperança da revista, e de todos os brasileiros, na conquista do campeonato mundial de futebol.

A idéia da capa nasceu numa reunião geral de redatores e repórteres. Queria-se uma capa diferente, otimista, alegre. A solução foi Pelé — o mais fotografado dos brasileiros — visto como nunca até então ninguém imaginara. Então, foi uma correria: primeiro para convencer Pelé a posar, depois para conseguir alguém que fabricasse o chapéu dos guardas da rainha. Nesse meio tempo, o Santos voou para a Argentina, para uma série de jogos. Com o Santos foi Pelé, atrás de Pelé o homem de REALIDADE. Lançada a revista, três dias bastaram para que ela se esgotasse no país inteiro. Mais algumas semanas, e o "Paris-Match", uma das maiores revistas do mundo, reproduzia, em página inteira, a capa do número 1.

A capa do número zero (edição-pilôto) é a única que apresenta mais de uma foto.

A capa número zero

Quatro meses antes, em novembro de 1965, uma REALIDADE experimental, de apenas cinco mil exemplares, já tinha saído das rotativas. Era o que os homens de imprensa chamam de "boneco", ou número zero: serve para testar a equipe e os leitores. E o número zero quase nascia sem capa, tal a indecisão dos homens que a fizeram: ninguém sabia o que destacar, na tentativa de dar uma imagem da revista. A solução foi dividir a capa entre três fotos, referentes a três matérias do número: um planador (a aventura de voar); um feto (a reportagem da vida antes do

SEGUE

Ref. 72

Ref. 56

Ref. 70

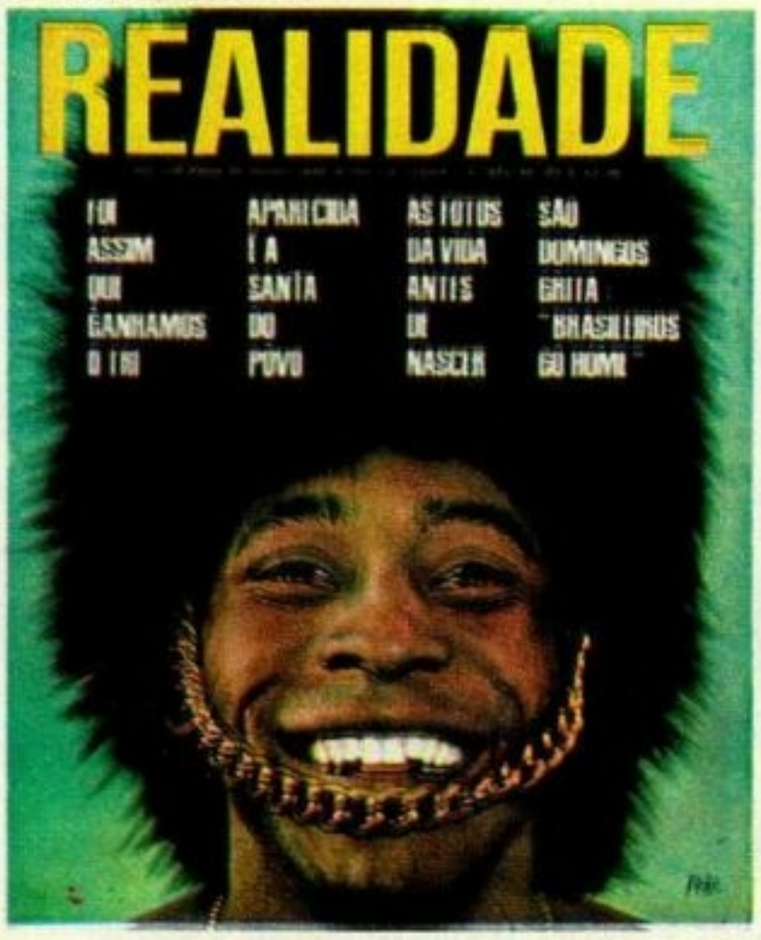
Samélio resolve fazer revolução:

Ref. 500

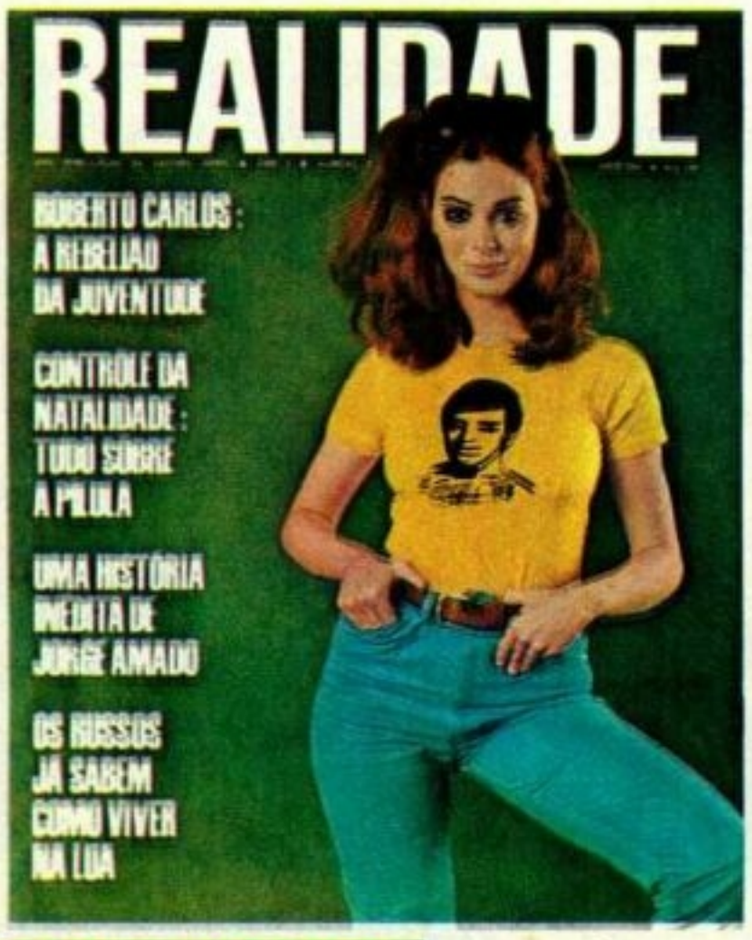
Ref. 26

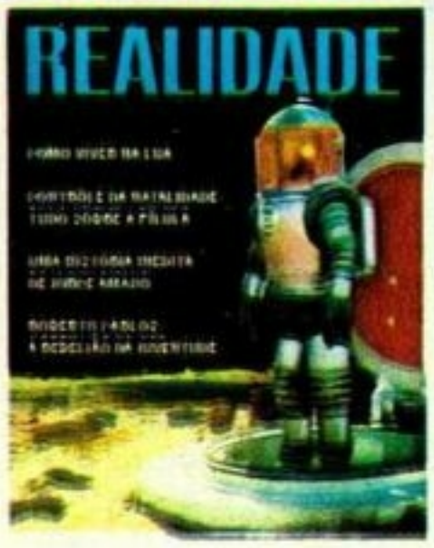
Ref. 52

Você começa a calçar hoje modelos de 1970. Linha Samélio 70. Samélio

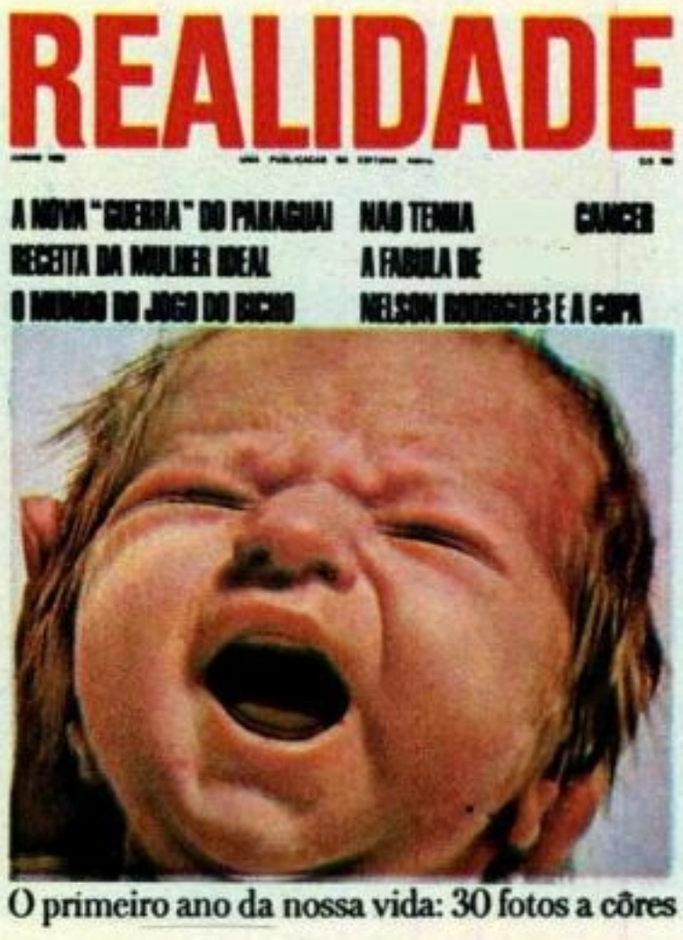


Abril de 66: um jornalista fotografa 92 sorrisos de Pelé para a capa do número 1.





A capa do astronauta estava pronta e quase foi para as bancas em maio. Mas a môça com a camisa de Roberto Carlos chegou e ganhou.



O primeiro ano da nossa vida: 30 fotos a côres

Um bebê com 30 segundos de vida foi a capa do 3. Uma revista carioca descobriu o assunto e dessa vez não deu mulher: deu bebê também.

Daqui à Europa para vestir uma camisa em Cláudia

nascimento); e uma mão de adulto, que ajuda uma criança a copiar um **a** no quadro negro (o trabalho sôbre os problemas da educação no Brasil). Detalhe que poucos dos que viram o número zero perceberam: a última foto — das duas mãos — está invertida. Era muito o nervosismo.

Caçando a Cardinale

Maio de 1966: a capa mostra uma môça, linda e desconhecida, que usa uma blusa amarela com o rosto de Roberto Carlos pintado em prêto. O número 2 de REALIDADE trazia um estudo sôbre a rebelião dos jovens vista através do ié-ié-ié que êles cantam. Ia trazer também um ensaio fotográfico a côres ilustrando a poesia "Receita de Mulher", de Vinícius de Morais. Dois bons motivos para uma capa. Qual dêles usar? A redação — depois de muito pensar — teve afinal um estalo: por que não juntar as duas idéias? Bastava vestir a camisa de Roberto Carlos numa mulher bonita. E quanto mais famosa melhor: Cláudia Cardinale, Sophia Loren, Monica Vitti, Elizabeth Taylor ou Elke Sommer.

Em 36 horas, Alessandro Porro, repórter de REALIDADE, estava na Europa. Na bagagem, blusas de diversas côres, tôdas com o rosto de Roberto Carlos. Imediatamente, o repórter começou a lutar para que alguma das nossas **escolhidas** posasse com a blusa no corpo. Doze dias depois, um telegrama: "Cláudia Cardinale concordou."

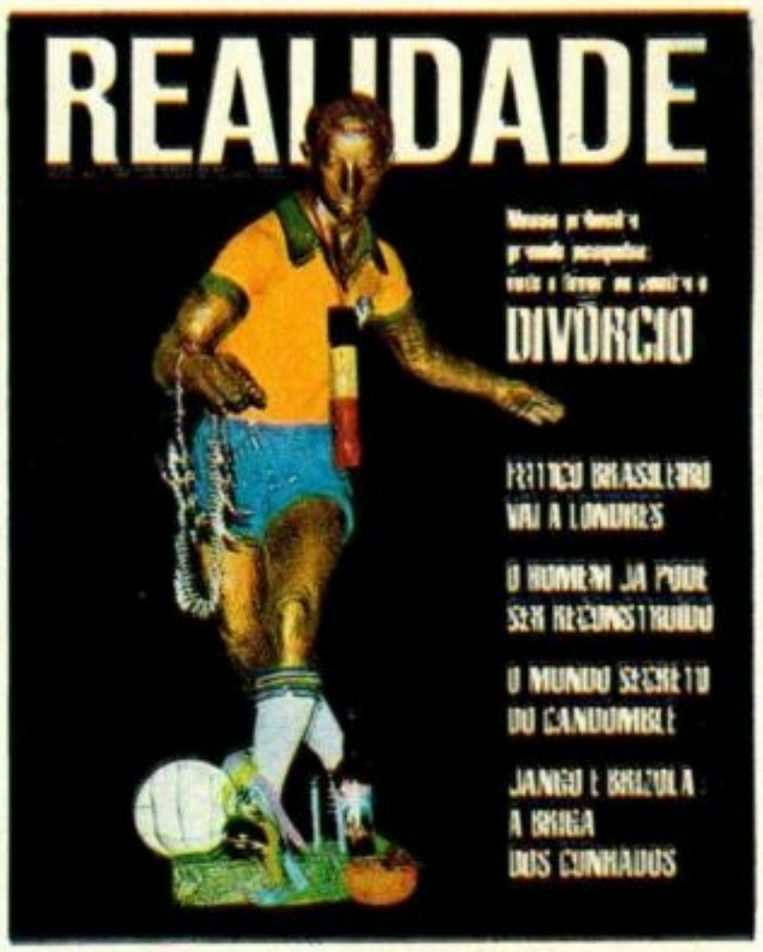
Mas enquanto isso, em Nova Iorque, outro homem de REALIDADE, Odillo Licetti, blusas debaixo do braço também, corria atrás de atrizes famosas do cinema americano; haviam entrado na lista Jane Mansfield, Claire Bloom, Jane Fonda, Geraldine Chaplin, Natalie Wood, Kim Novak. Odillo Licetti ficou 48 horas sem dormir, lutando com atrizes e empresários, sem êxito. Pois embora tôdas estivessem acostumadas a posar para inúmeras capas, nenhuma delas tinha jamais promovido **outro** astro... e muito menos vestindo uma blusa de malha pintada com a cara de um jovem cantor desconhecido. Sem ver outra saída, Odillo Licetti entrou em contato com Otto Stupakoff, fotógrafo brasileiro que tem estúdio em Nova Iorque. Em poucas horas, os dois conseguiram a foto desejada. Só que com uma atriz tão desconhecida aqui como Roberto Carlos lá.

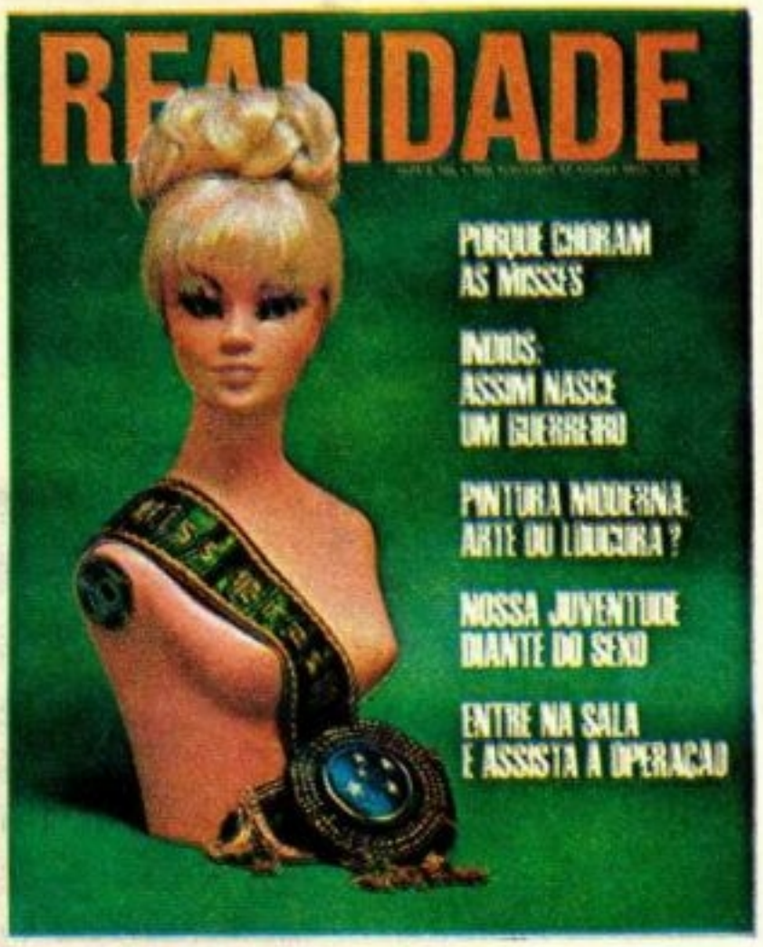
O telegrama de Nova Iorque, contando a única solução encontrada, chegou junto com outro — de Roma — dizendo que o empresário de Cláudia Cardinale proibira a foto já prometida. Pânico na redação e solução de emergência: foi para a gráfica a foto de um astronauta russo, tirada da reportagem sôbre um filme soviético que ensinava como viver na Lua, Pronta a capa com o russo, chega a foto de Nova Iorque. A môça era linda. E foi para as ruas na capa da edição de maio, esgotando a tiragem de 281.517 exemplares.

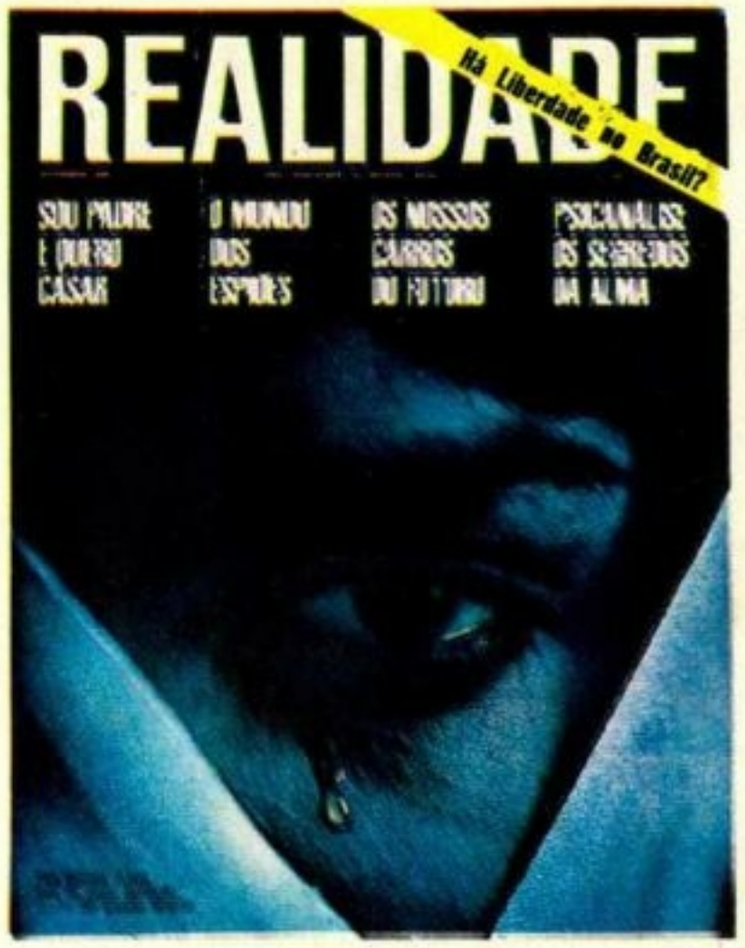
A guerra dos bebês

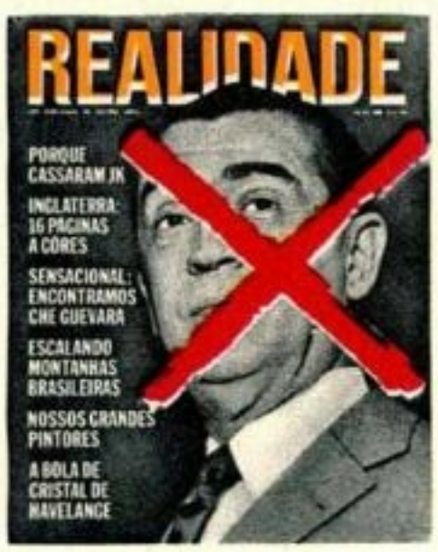
Um dos pratos fortes do terceiro número, julho, era a reportagem sôbre o primeiro ano de vida do bebê, do fotógrafo inglês Robert Freson, que estava sendo publicada pelas maiores revistas do mundo. Depois de considerar uma capa alternativa, focalizando o Papa João XXIII, optamos pelo rosto de um recém-nascido para a edição que iria para as bancas na última sexta-feira de maio. Dois dias antes, entretanto, uma revista semanal brasileira, copiando o trabalho de Robert Freson, também punha na capa — pela primeira vez em sua história — a fotografia de um garotinho nu. Em REALIDADE, durante 48 horas, viveu-se o mêdo do encalhe: a revista concorrente tinha dois dias de vantagem para atrapalhar a venda do número 3. Mas o nosso bebê, mesmo aparecendo um pouco mais tarde, venceu a corrida e vendeu a tiragem total, até então julgada impossível, de 354.030 exemplares.

REALIDADE
REALIDADE
REALIDADE

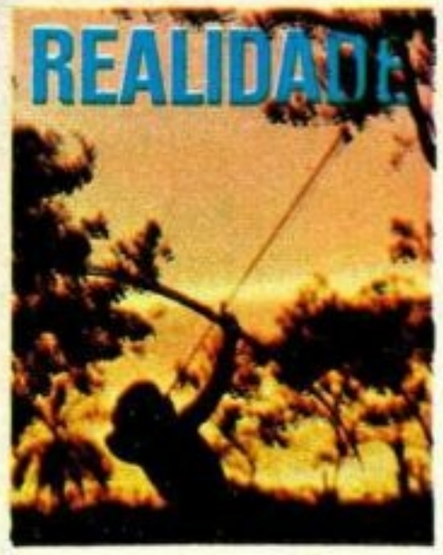








Tricampeonato, esperanças e superstições: capa escolhida para o 4. A capa falsa de JK foi preparada para evitar outras "coincidências".



A história dos concursos de beleza, numa foto de estúdio, ganhou do indinho do Xingu e foi para as bancas: vendeu 430 mil revistas.

A foto da lágrima, capa do 6, não teve concorrentes e foi outro sucesso de vendagem.

Bola, figa e mandinga

Vésperas da Copa do Mundo. O Brasil todo está voltado para os últimos treinos da seleção nacional que vai a Londres. O prazo para entregar a foto da capa de julho à gráfica está no fim e ninguém sabe o que fazer. São muitas as idéias, mas nenhuma satisfaz. Numa reunião geral, o repórter Mílton Coelho conta que há em Serra Negra, onde os brasileiros estão treinando, uma estátua dourada de um jogador, que veste o uniforme da seleção nacional. Mílton Coelho escrevia para aquêle número uma reportagem sôbre os feitiços, manias e mandigas que envolvem o futebol brasileiro.

Sete horas depois, já em Serra Negra, **armado** de figas, velas, garrafas de pinga, charutos, colares e o fotógrafo Nélson di Rago, Mílton Coelho traçava os planos: como entrar naquele estádio, cercado de dirigentes e jornalistas por todos os lados, e fazer uma foto sem que ninguém visse?

Às cinco da manhã, o Sol já ameaçando nascer, Nélson e Mílton enfeitam a estátua dourada com o que haviam levado de São Paulo. Só houve tempo para duas fotos, pois logo os faróis de um carro surgiram em direção ao estádio. E o jogador dourado, cercado de mandinga, foi para a capa do número 4, ajudando a vender 404.060 exemplares.

Uma capa armadilha

Já com quatro números lançados, a redação começou a desconfiar de uma estranha coincidência: todos os meses, uma revista semanal publicava reportagens parecidas com as de REALIDADE. Então, com bastante antecedência, preparamos uma **capa armadilha** com diversos títulos de matérias que não íamos publicar. A capa de mentira circulou pela gráfica, e uma prova ficou exposta na redação. Duas das reportagens **fantasmas** apareceram na revista concorrente.

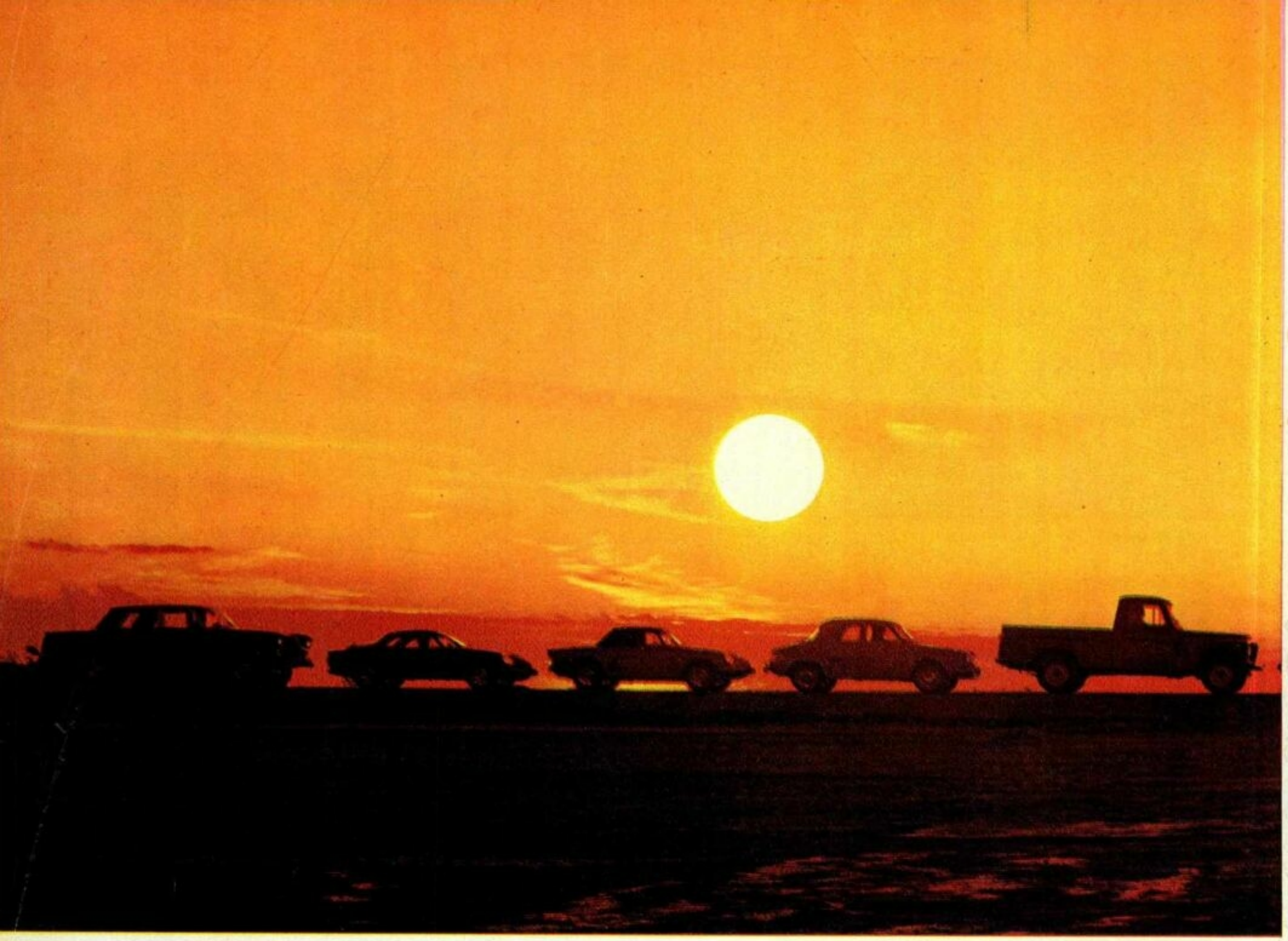
Mas como julho é, na verdade, mês em que no Brasil só se publica texto e foto de concurso de **miss,** REALIDADE resolveu, para agôsto, preparar uma história do que são, de fato, êsses certames ditos de beleza. E **miss** — tôdas as revistas semanais brasileiras estão aí para provar — dá capa. Só que a reportagem de REALIDADE pedia uma foto diferente, que mostrasse como íamos tratar o assunto. Enquanto isso, no Xingu, estava nascendo uma história sôbre a vida dos pequenos índios brasileiros, que se preparam para ser os guerreiros de suas tribos. Isso também podia dar capa. E dois grupos se formaram na redação: o do índio e o da **miss.** A turma da **miss,** certa manhã, apareceu no estúdio fotográfico da revista com um busto de manequim sem braços e o colocou escondido num canto. Depois, diversas mensagens foram trocadas pelo telex com a sucursal carioca. No dia seguinte, chegava a São Paulo a faixa de **Miss Brasil,** emprestada por ela mesma. Mais duas semanas e a "nossa" **miss** — o busto do manequim com a faixa — estava nas ruas, carregando 470 mil exemplares de tiragem. O indinho havia perdido a guerra da capa. Em compensação, a reportagem feita no Xingu seria vendida para diversas das maiores revistas da Europa.

A lágrima correu sòzinha

Chegava a vez do número 6, setembro de 1966. Na mesa do chefe de arte estava uma foto estranha; um rosto de mulher, escurecido, meio coberto por um véu, no qual se via apenas um ôlho e uma lágrima. O diretor da redação, Roberto Civita, disse logo:

— Isto é capa.

SEGUE



Por aqui você percebe como

Em 1954 havia muito trabalho e o Brasil precisava de um veiculo forte e valente. Surgiu, então, o primeiro "Jeep" brasileiro. Com tração nas quatro rodas, para dar o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de eficiência, o dôbro de confiança. Abriram-se caminhos onde não havia nada: o "Jeep" estava lá. E estradas onde só havia caminhos. O "Jeep" estava lá, como ainda está hoje onde quer que haja trabalho duro para um veículo resistente e versátil. O "Jeep" pioneiro testemunhou a realidade da jovem indústria automobilistica nacional.

Em 1959 veio outro veiculo forte, para o trabalho e para levar ao passeio quem com êle trabalhasse: a Rural. Com tração nas quatro rodas, para enfrentar qualquer terreno. Qualquer tempo.

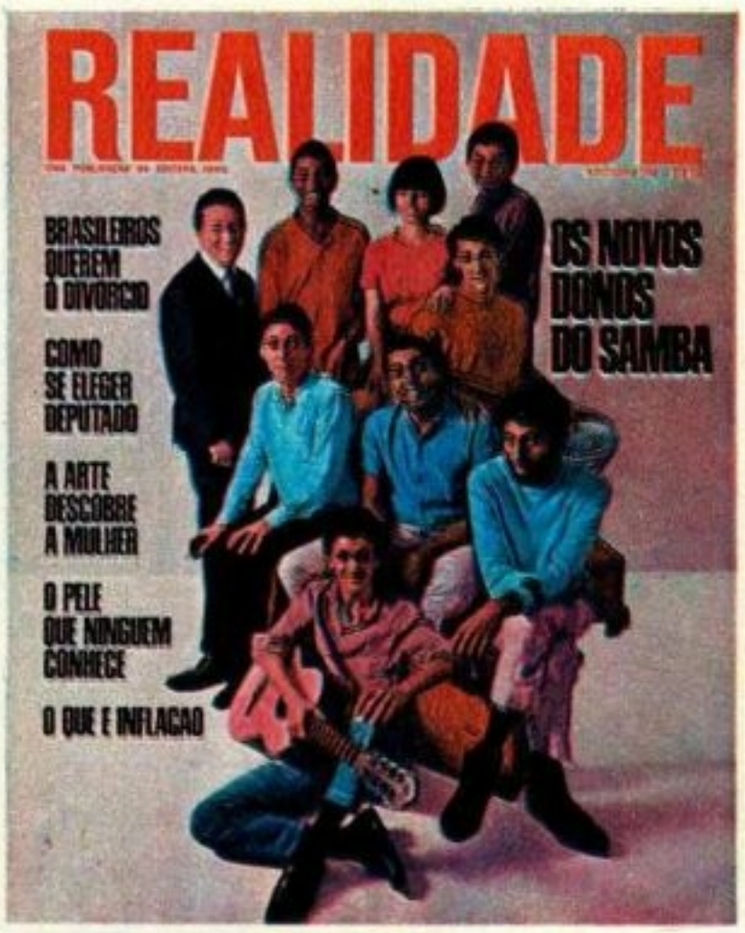
Enquanto isso, nas cidades muita gente queria um carro realmente econômico, prático, de pequeno custo, que muitos pudessem ter. A Willys lançou o Renault. Era 1959 também.

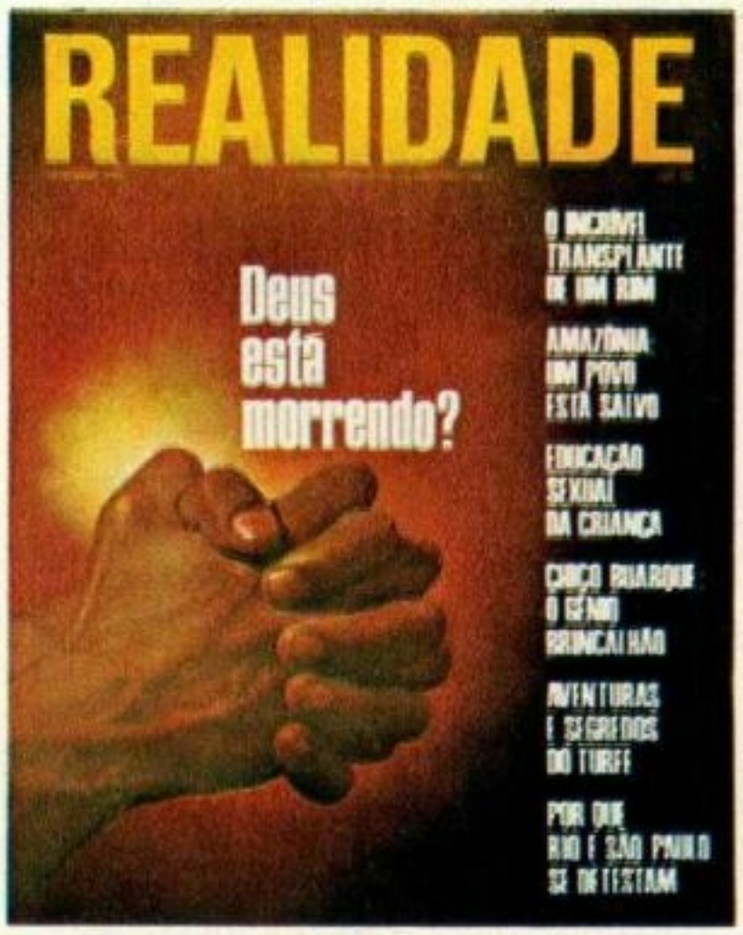
Em 1960 foi a vez do carro maior, com espaço e confôrto para seis pessoas, o Aero-Willys.

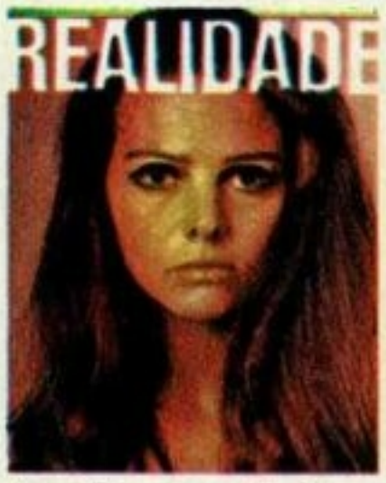
1960 ainda. No campo e na cidade o transporte rápido de cargas leves e médias requeria um veículo robusto, mas ágil e de baixo custo no preço e na manutenção. Veio o Pick-up "Jeep", com tração em duas rodas. Que foi seguido, em 1961, pelo Pick-up "Jeep" com tração nas quatro rodas.

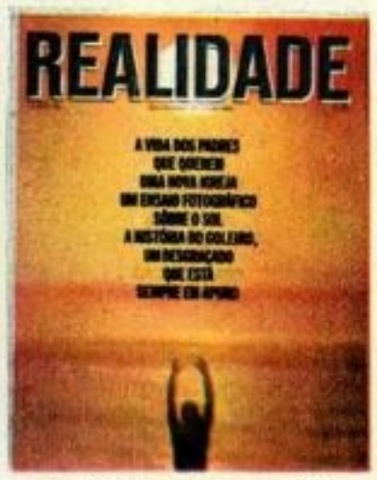
Em 1961, mais um carro, o Interlagos. Carro esporte autêntico que a Willys pioneira deu ao Brasil.

Em 1962, um nôvo carro. O mais econômico. Bonito. Aperfeiçoado. Resistente. Com motor Renault de 40 HP. O Gordini, hoje Gordini III, campeão mun-

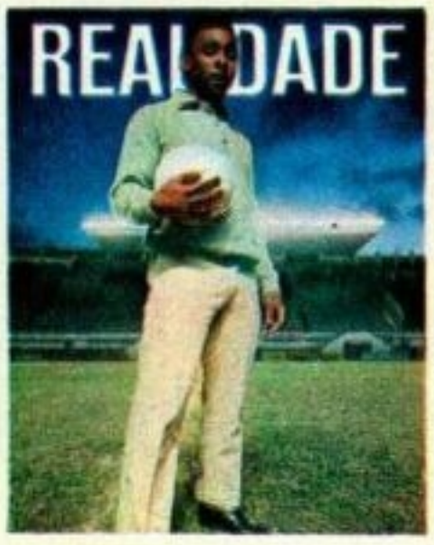








Arrelia, capa do 7, venceu Cláudia e o Sol.



Os gênios da moderna música brasileira concorreram com outro gênio, Pelé, que acabou lhes cedendo a capa de REALIDADE número 8.

Depois de várias idéias e muitos desenhos, uma capa para o n.º 9: mãos suplicando.

A revolução russa, boxe, a ludoterapia ou Jesus?

E ninguém concordou. Por isso, durante dias, meia dúzia de homens tentou encontrar uma foto que pudesse enfrentar a da lágrima. Foi em vão, a lágrima correu sòzinha e apareceu, no país inteiro, apresentando REALIDADE número 6. Tiragem dessa edição: 473.230 exemplares; vendas nas bancas: 440.103. Entre as cartas de leitores recebidas dias depois, havia uma que dizia: "A lágrima no rosto da capa de setembro é tão perfeita que vi uma garotinha tentando enxugá-la."

E Cardinale perde outra vez

Outubro, número 7. Por fim, a revista ia publicar grandes fotos de Cláudia Cardinale, reportagem pensada desde o número 2. Entre as fotos, havia uma, diferente, em que a atriz italiana aparecia de cabelos compridos, rosto côr de cobre, expressão de Jeanne Moreau. Parecia capa certa. Mas, a edição de outubro estava apenas começando a ser feita. Mais uns dias, e entra em paginação um ensaio a côres de David Drew Zingg, sôbre o Sol. Uma das fotos mostrava um homem de costas, braços levantados, como tentando apanhar um imenso Sol amarelo. Logo surgiu a idéia de usá-la na capa, ilustrando não só a reportagem de Zingg, como também outra, sôbre os goleiros (e aí o Sol funcionaria como bola); e ainda uma terceira sôbre os novos padres brasileiros (com o que o Sol simbolizaria uma hóstia, o céu e — até — o próprio Deus). Aprovada a idéia, lá foi o Sol para a gráfica, tomando o lugar de Cláudia Cardinale. Três dias antes do fechamento da revista, entretanto, aparece na redação uma foto do palhaço Arrelia, que também estava naquele número. E o palhaço ganhou do Sol e da Cardinale. Do primeiro, porque a idéia de um Sol simbolizando tanta coisa era de difícil compreensão imediata nas bancas; da segunda porque, talvez, Cláudia Cardinale já tivesse sido focalizada demais pela imprensa do mundo inteiro. E o palhaço foi impresso 485.700 vêzes, nas capas de REALIDADE de outubro.

Elis Regina dormiu demais

Marcar encontro com artista é mais ou menos assim:

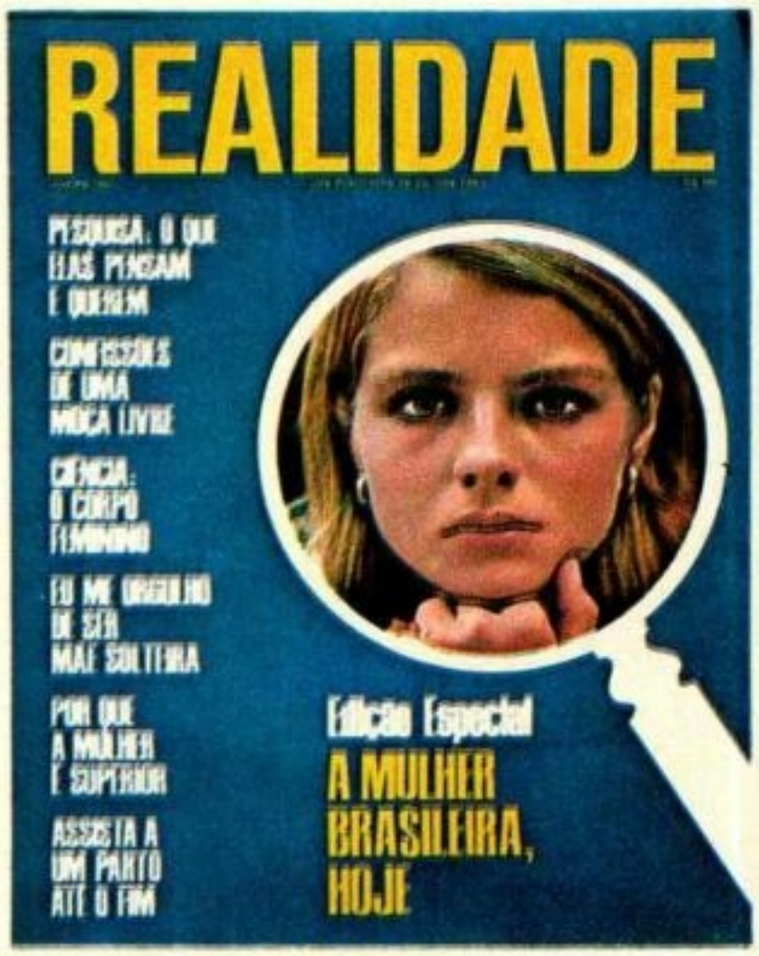
— Te espero amanhã entre 4 ou 5 horas, está bem? — diz o fotógrafo.

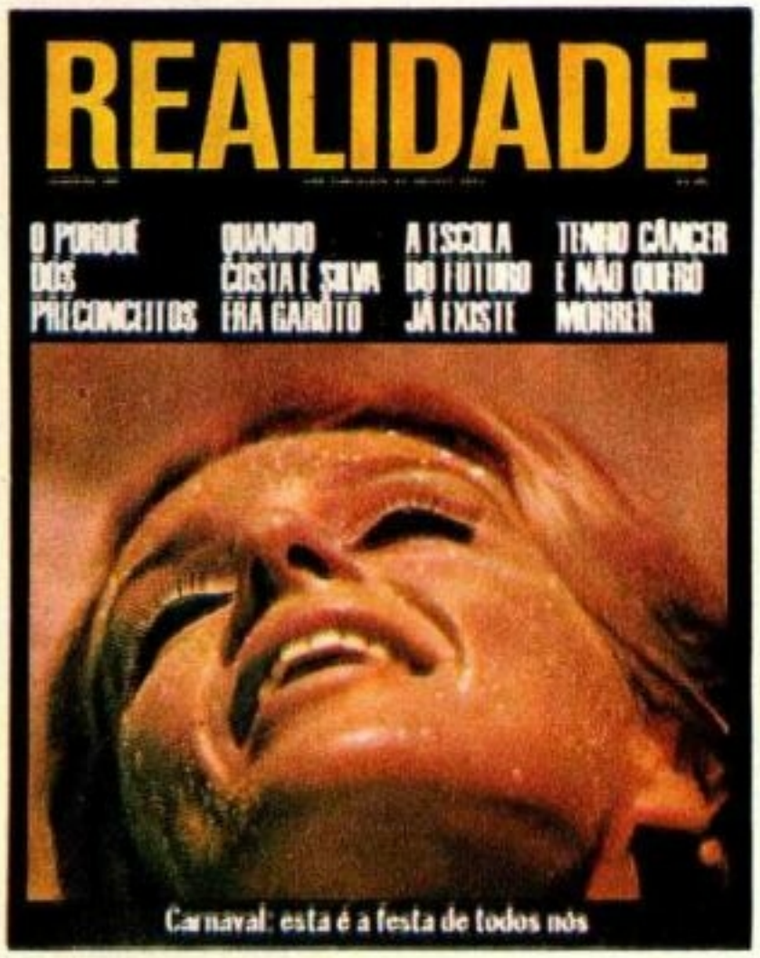
O artista concorda. E chega às 7.

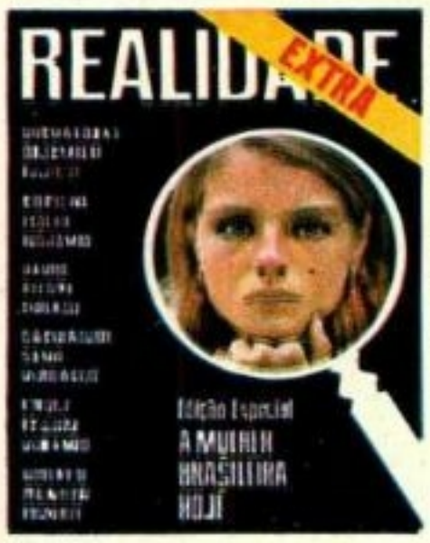
Para a capa de novembro, dois repórteres e o fotógrafo David Drew Zingg manobraram durante dois dias para convencer dez artistas da música popular brasileira a se encontrarem, na mesma hora, no estúdio fotográfico da revista. E a hora, para um dos artistas, principalmente, era das mais ingratas: 11 da manhã. Das 11 e 30 em diante êles começaram a chegar, um por um. Às duas da tarde a foto foi batida. Era o último dia para se mandar a capa para a gráfica e o filme foi imediatamente revelado. Minutos depois das 14 horas chegou Elis Regina: tinha perdido a hora e a desculpa era muito boa, pois na véspera tinha participado do Festival de Música Popular Brasileira da Televisão Record. Na foto da capa, que saiu em 485.700 exemplares de REALIDADE de novembro, pode-se ver, de cigarro na mão direita, ombros arqueados e olhos quase fechados, Chico Buarque de Holanda, com cara de quem não está gostando da brincadeira. Chico — um dos grandes vencedores do festival da véspera — ainda não havia dormido. Um detalhe: Pelé quase foi capa de nôvo em novembro.

E Deus, como fazer?

A grande matéria de REALIDADE de dezembro foi um estudo sôbre a nova visão de Deus levantada pelos principais teólogos desta segunda metade do século 20. A capa — a redação inteira concordava — tinha que **car-**

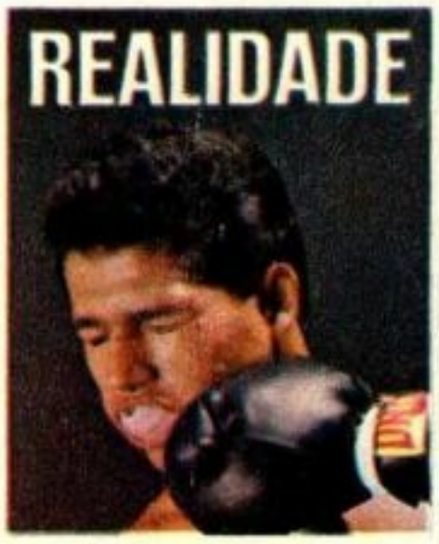






230.000 exemplares com esta capa foram retidos na gráfica. Uma edição extra, que ia contar a apreensão, chegou a ser planejada.

Na capa do n.º 11, muita alegria num rosto de mulher dá as boas-vindas ao carnaval.



Jesus, num quadro de El Greco, capa n.º 12. O boxe era outra alternativa. João Henrique, um campeão brasileiro, levou 73 murros para tirar esta foto.

regar a seguinte pergunta: Deus está morrendo?

Dezenas de desenhos foram feitos inicialmente por Eduardo Barreto, chefe de arte de REALIDADE. Em todos sempre apareciam mãos que simbolizavam uma atitude de oração. E em todos, menos um, as mãos apareciam estendidas, palmas e dedos colados, na posição de quem implora alguma coisa. Variavam as côres do fundo, a iluminação e o tom geral do esbôço de capa. Entretanto, havia o desenho que mostrava mãos entrelaçadas, se apertando, como alguém que implora mas também protesta. As dezenas de esboços viraram fotografias e saiu ganhando a das mãos fechadas. Detalhe: as mãos são de Eduardo Barreto, o chefe de arte da revista. Tiragem dessa edição, de nôvo, 485.700 exemplares.

A mulher que foi proibida

Janeiro. Fazia seis meses que tinha sido resolvido: REALIDADE ia publicar uma edição especial dedicada à mulher brasileira do nosso tempo. E a primeira coisa em que se começou a pensar foi a capa. Eram diversas as idéias: uns queriam dar uma porção de rostos de mulher; outros sugeriam fotografar uma loira, uma morena, uma preta e uma mulata, cortar as fotos e formar, com os pedaços de cada uma, um único rosto de mulher; havia também quem quisesse colocar uma mulher de costas, cercada por reporteres e fotógrafos de todos os lados, armados com suas máquinas de escrever, gravadores, máquinas fotográficas, lápis e blocos de escrever. Dessas idéias tôdas — difíceis de montar para dar impacto imediato — nasceu a sugestão de se fotografar, simplesmente, uma mulher desconhecida e, sôbre seu rosto, desenhar uma lente de aumento, simbolizando a intenção do número: um exame do que é, hoje, a mulher brasileira. A tiragem de janeiro foi a mesma do número anterior: 485.700. Só que 230 mil exemplares não saíram da gráfica, por ordem do Juizado de Menores de São Paulo, que — não compreendendo a intenção e os objetivos de REALIDADE — determinou a apreensão policial do número. Mas no Rio e em São Paulo, Capital e interior — únicos locais onde a revista já tinha sido distribuída — a mulher debaixo da lente vendeu com a maior velocidade jamais conseguida na curta história de REALIDADE. Pensou-se ainda numa edição extra, contando o que era a grande luta que a revista estava travando nos tribunais. Mas impossibilidades técnicas e de tempo não permitiram a impressão de uma nova REALIDADE 10.

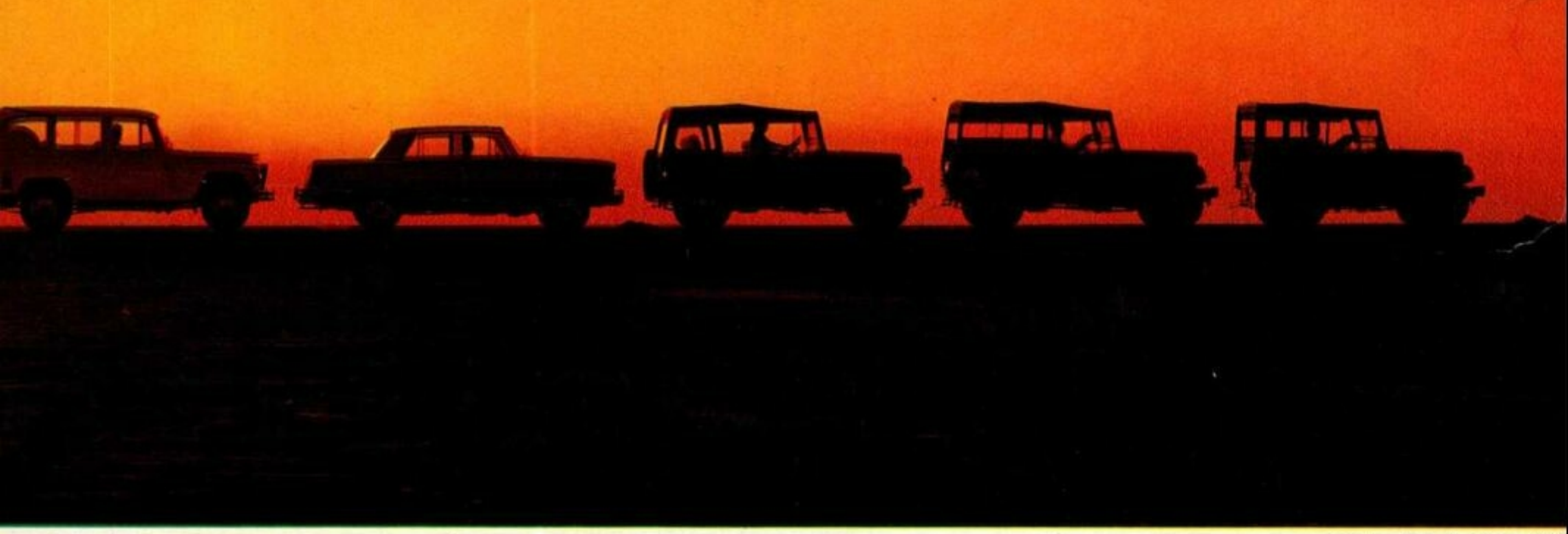
Carnaval é assim

Todos os anos, as revistas semanais — durante janeiro, fevereiro e março — publicam centenas e centenas de páginas sôbre carnaval. E as fotos se repetem ano após ano, sempre as mesmas. Mas não seria por isso que REALIDADE iria ficar fora do carnaval. E em fevereiro trouxe, na capa, o rosto bonito de uma mulher que canta. Simplesmente. Tiragem da edição de fevereiro, mais um recorde: 505.300 revistas postas nas bancas do país.

Uma escolha difícil

Nesta edição, a capa de REALIDADE número 12. A disputa foi dura e demorada. Cinco eram as alternativas: 1) a foto de um reator atômico brasileiro; 2) uma pintura de Cristo, para o artigo sôbre Jesus; 3) o rosto de um pugilista no instante preciso em que é deformado pelo murro do adversário; 4) um desenho da revolução russa; 5) uma foto da reportagem sôbre ludoterapia.

Agora o leitor já sabe quem venceu. E venceu por que, para nós, o importante é a coragem de dar capas fortes, diretas, reais. Como queremos que REALIDADE seja sempre. FIM



©Willys-Overland – 66.1166 - INST

o Brasil está crescendo.

dial de resistência, recordista internacional de tempo e distância.

E o carro de luxo? Em novembro de 1965, chegou o Itamaraty. Um ano depois, mais classe e mais luxo com a limousine Itamaraty Executivo.

Ano passado, a Willys produziu 63.942 veículos, superando seu próprio recorde de 1962. A Willys, com essa produção, crescera 18,8% sôbre 1965.

A Willys já lançou mais de 420.000 veiculos que estão rodando ai pelo Brasil inteiro. Tudo começou em 1954, quando nasceu o primeiro "Jeep" brasileiro, o mesmo "Jeep" que hoje também é fabricado em Jaboatão, Pernambuco, onde está a primeira fábrica de automóveis do Nordeste. A Willys-Nordeste começou em 1966 e já se prepara para ampliar sua linha com a produção do Pick-up "Jeep" e da Rural.

Com 7 carros de passeio e utilitários em 19 versões, a Willys tem a maior linha de produtos da indústria automobilistica brasileira. Um veículo para cada tarefa, para cada gôsto. Cada um retratando um aspecto do progresso nacional. Mostrando, nas ruas e estradas, nas fazendas e construções, e nas pistas dos autódromos, como o Brasil progrediu nos últimos 12 anos.

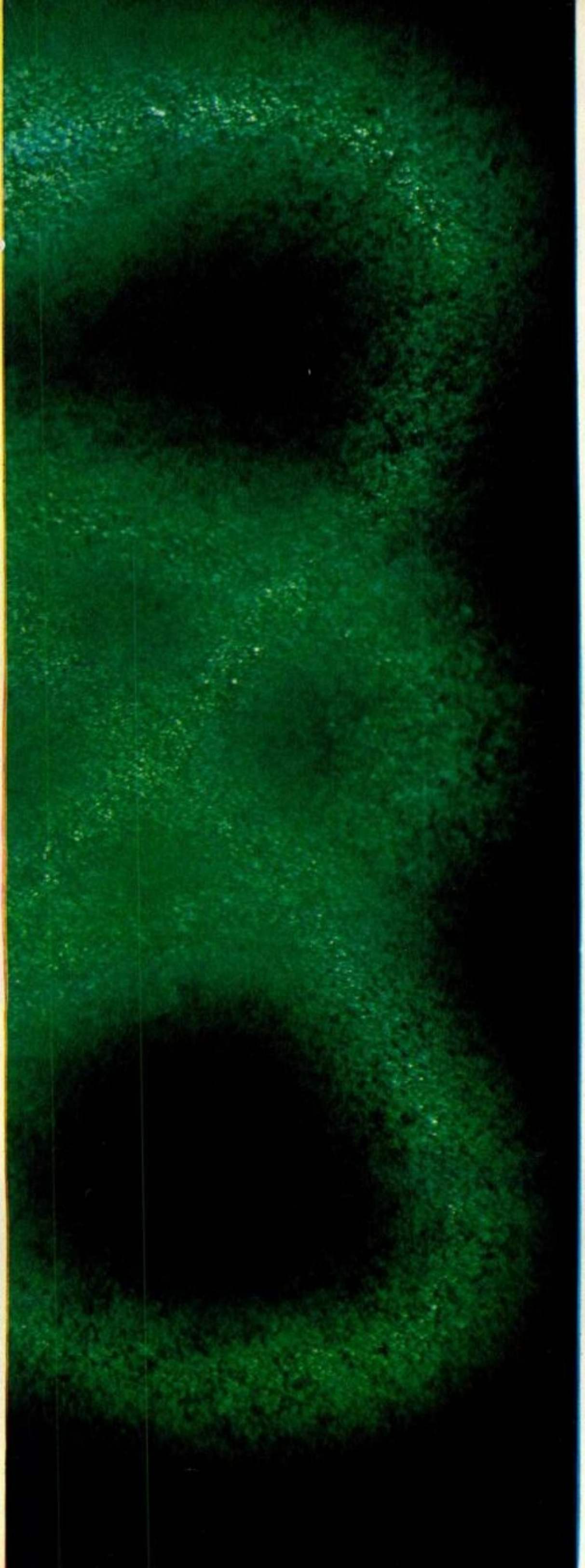
Mas o Brasil não vai parar.

Nem a Willys. Que continua crescendo no mesmo ritmo. Realizando novos investimentos.

Planejando novos veiculos. E aperfeiçoando ainda mais os já existentes.

WILLYS-OVERLAND

Fabricante de veiculos de alta qualidade.



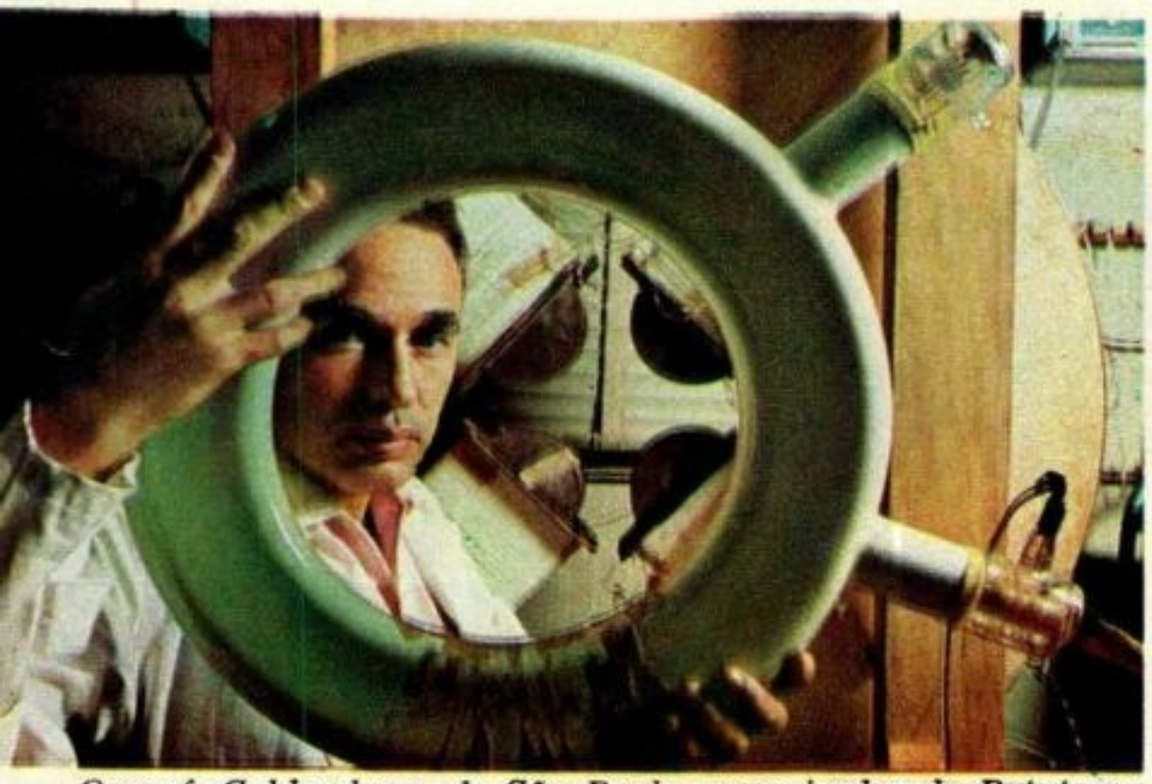
O desenvolvimento da humanidade tem sido acompanhado pelo contínuo e acelerado aumento de suas necessidades de utilizar energia. Desde o dia, há milhões de anos, em que o homem conseguiu fazer a primeira fogueira para se aquecer, até a metade do século passado, a humanidade gastou a energia contida em 38 bilhões de toneladas de carvão. E em apenas cem anos, isto é, de 1850 a 1950, consumiu quase metade daquela energia. Daqui para a frente, é possível imaginar quais serão as nossas necessidades. Nos próximos cem anos precisaremos de pelo menos dez vêzes mais energia do que a utilizada desde a primeira fogueira. E, no entanto, o total de nossas reservas de combustível natural - gás, petróleo, xisto, carvão, linhita - não chega a 30% dessas necessidades futuras e imediatas. Mas a humanidade não pára. Era preciso descobrir outras formas de obter energia. E descobriu:

ESTAMOS NA ERA DO ÁTOMO

Pesquisa e fotos de Roger Bester
Texto de Mylton Severiano da Silva

O homem ainda está apalpando o átomo

Aí, os prótons são separados e atirados contra o núcleo.



O prof. Goldemberg, de São Paulo, pesquisador do Betatron.

Antes é preciso falar do átomo. A moda é começar com Demócrito, um filósofo grego materialista que viveu por volta de 420 anos antes de Cristo. E na verdade foi êle o primeiro que pensou no assunto: supondo-se que alguém tome de uma faca ideal, capaz de ir cortando uma madeira ou qualquer outro material em pedaços cada vez menores, infinitamente menores — será que encontrará um limite? Demócrito achou que sim, e chamou de **atomos** esta partícula infinitamente pequena e indivisível, da qual seriam compostos todos os corpos do universo. E **atomos** significa precisamente **não-divisível.**

Mais de dois mil anos depois, a teoria de Demócrito começava a se definir: Dalton, cientista inglês, em 1892, voltou à história dos átomos. Todos conhecem o ácido clorídrico que é fortemente corrosivo. Êste ácido se decompõe em dois elementos: cloro e hidrogênio, dois gases. Dalton resolveu fazer a experiência inversa: juntar cloro e hidrogênio e formar o ácido. Misturou um litro de cada gás num balão — e os dois se combinaram, com estrondo, formando dois litros de ácido clorídrico. Mas ao misturar dois litros de hidrogênio com um só de cloro, percebeu que tinha obtido dois litros de ácido clorídrico, enquanto o litro restante de hidrogênio ficava volteando sem rumo pelas paredes do balão. Dalton lembrou-se de Demócrito:

— É claro. Hidrogênio e cloro se constituem realmente de átomos. Se eu os misturo, cada átomo de hidrogênio se junta a um átomo de cloro, formando o ácido. Os átomos de hidrogênio que sobram ficam de fora na reação.

O imenso mundo de matéria que nos cerca é construído de um punhado de elementos, muitos dêles nossos conhecidos — ouro, cobre, hidrogênio, carbono — outros raros e quase desconhecidos. Falemos do carbono. Êle entra em infinitas variedades de produtos indispensáveis na vida diária, como o náilon, a gasolina, o perfume, o plástico. O diamante é construído de carbono, mas o grafite do lápis também é uma forma de carbono. Então, o que é que torna o rico diamante tão diferente do grafite?

Simplesmente os átomos que compõem os dois elementos estão dispostos de forma diferente. Afinal, o que sabem hoje os cientistas a respeito do átomo? Como é êle? O que pode fazer de bom para o homem?

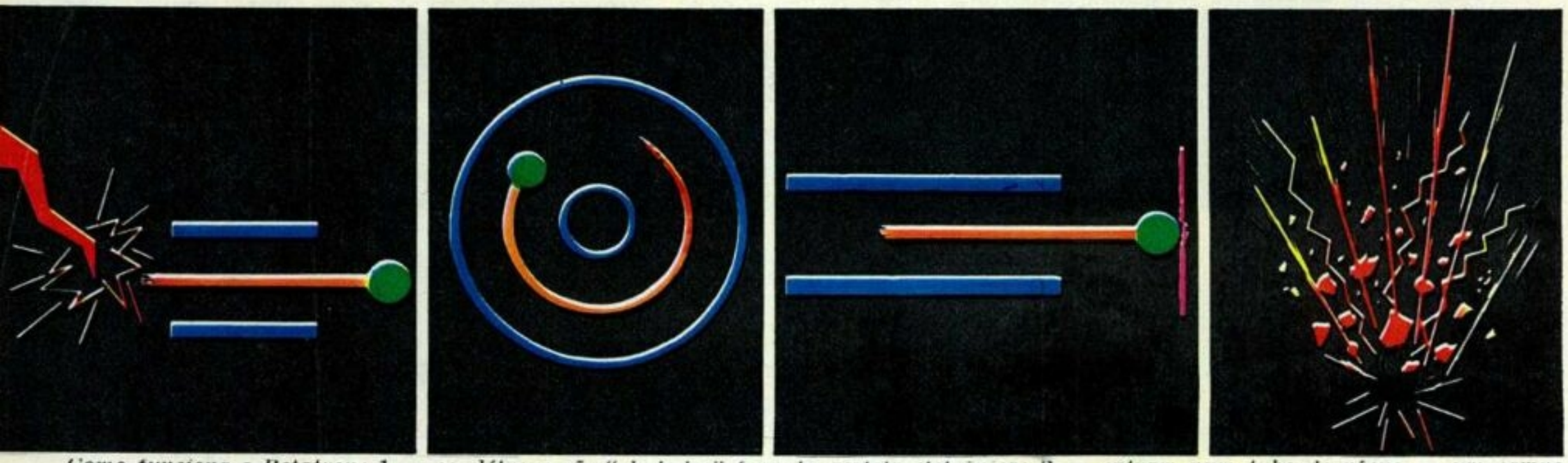
Dez milhões de átomos fazem um milímetro

Quando vemos nos livros de Física o **desenho** de um átomo qualquer, percebemos que há um núcleo em redor do qual giram partículas, traçando várias órbitas. Como em nosso sistema solar: uma estrêla e seus planêtas. Mas na verdade esta imagem é como que **adivinhada.** Imaginemos alguém num quarto escuro, tateando um objeto, tentando descobrir que forma tem, que propriedades, que consistência. Os mais poderosos instrumentos de que dispomos ainda não conseguem **ver** o átomo. Êle é pequeno mesmo: por volta de um centésimo milionésimo de centímetro. Quer dizer, dez milhões dêles colocados um ao lado do outro preencheriam o espaço de um milímetro.

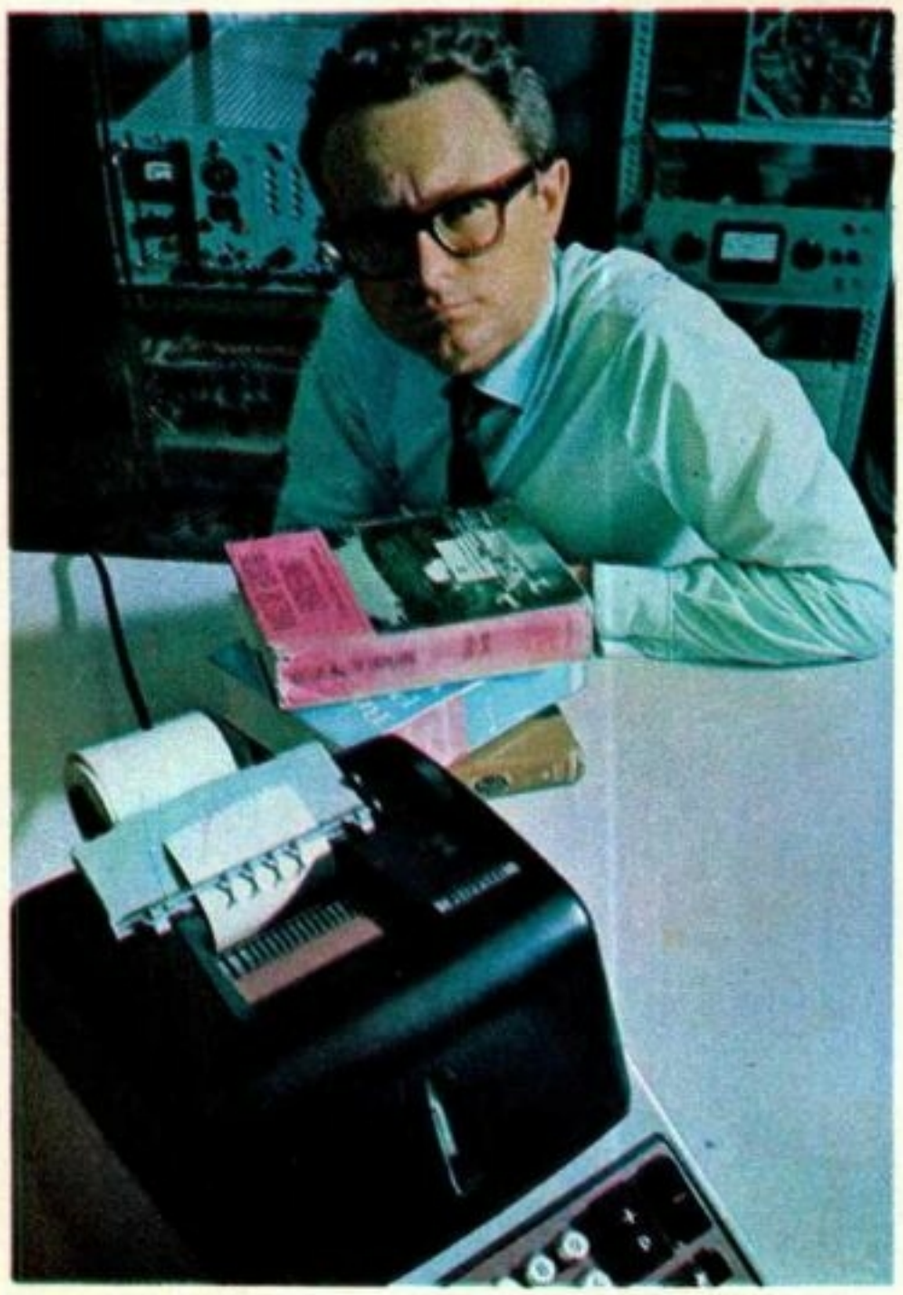
O átomo tem um coração, o núcleo. Em tôrno dêle, o corpo — os elétrons, girando. O equilíbrio entre o núcleo e os elétrons é baseado nas propriedades da eletricidade. A lei fundamental da eletricidade é: cargas de sinais iguais se repelem, a cargas de sinais diferentes se atraem. Assim, uma carga negativa repelirá outra carga negativa, ou uma positiva repelirá outra positiva. Mas uma carga positiva atrairá sempre uma carga negativa. Se o núcleo estiver carregado positivamente, e o resto do corpo negativamente, então êste se agrupará em tôrno daquele. Bàsicamente, o átomo é formado desta maneira. O núcleo é constituído de partículas conhecidas como prótons, carregadas positivamente; o corpo é constituído de partículas chamadas de elétrons, carregadas negativamente.

Os elétrons giram em tôrno do núcleo, mas a uma distância grande. Se o núcleo fôsse do tamanho de uma cabeça de alfinete, as partículas que o cercam descreveriam órbitas de dez, quinze metros de diâmetro. SEGUE

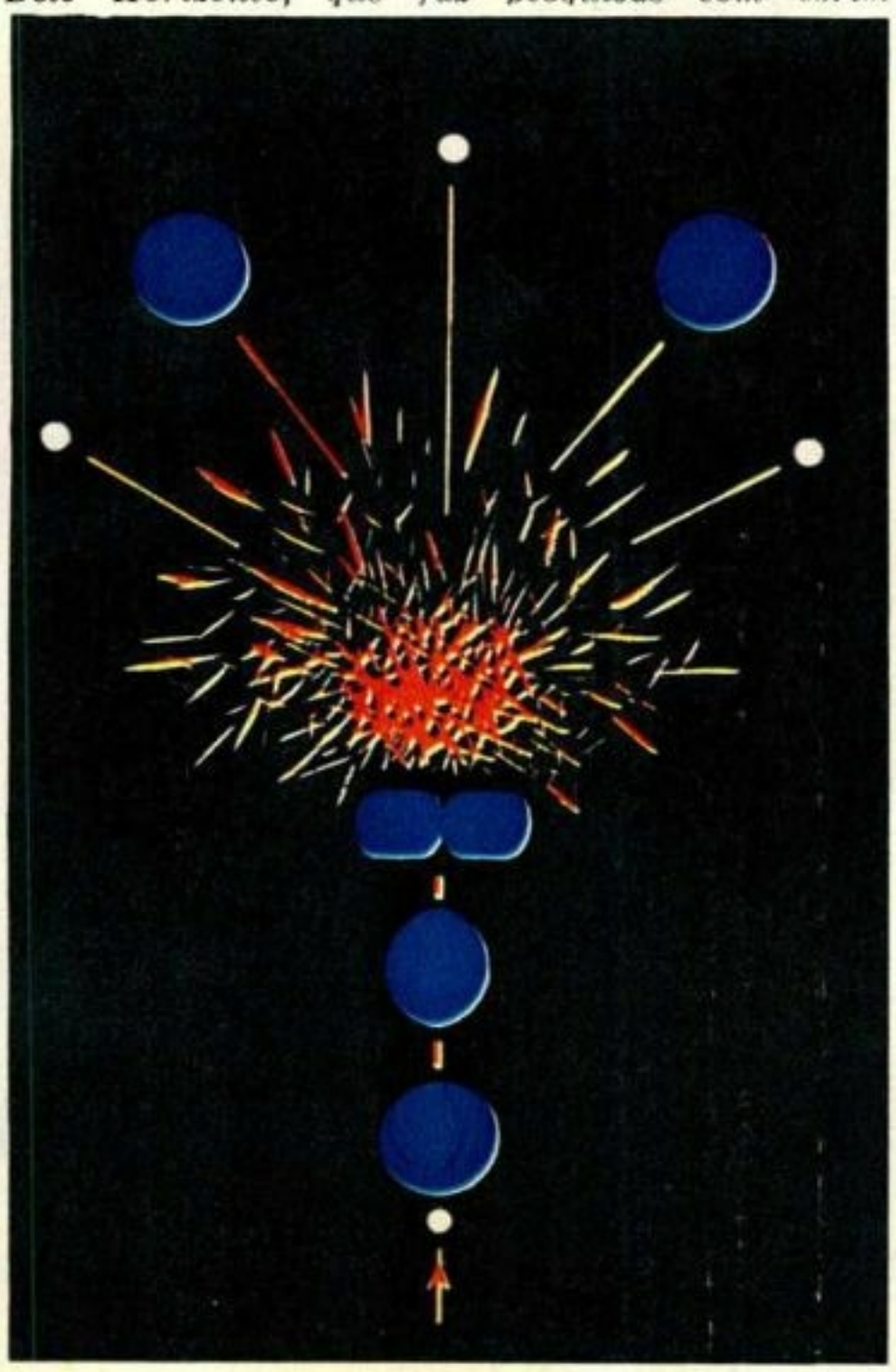
Fonte dos íons do acelerador Van Graaf, utilizado pela equipe do professor Oscar Sala, no Departamento de Física da U. S. P.



Como funciona o Betatron: 1 — *os elétrons são "chutados" fora da pistola eletrônica;* 2 — *entram num tubo de vácuo — um campo eletromagnético controlado — e são acelerados; dentro dêste tubo, os elétrons giram quase à velocidade da luz;* 3 — *os elétrons colidem com o alvo de tungstênio;* 4 — *partículas refletidas são estudadas e permitem tirar conclusões sôbre certas propriedades do átomo.*



O prof. Witold Lepecki responsável pelo grupo de Belo Horizonte, que faz pesquisas com tório.



Fissão: um nêutron (em branco) é jogado contra o núcleo de um átomo de urânio-235. O núcleo aceita a partícula à fôrça; oscila, não suporta a intromissão e explode, libertando energia, e produzindo dois núcleos mais leves e três nêutrons livres. À esquerda, o chamado efeito cerenkov, causado pela dissipação de calor num reator.

O Brasil não está fora das pesquisas

O núcleo, porém, é mais pesado. É como se êle fôsse uma bolinha de chumbo, e os elétrons, bolhas de sabão.

Alguns componentes do núcleo são conhecidos, mas ainda há coisas inexplicáveis. Por exemplo: como é que um grupo de prótons, todos carregados positivamente (portanto se repeliriam), podem coexistir dentro do núcleo? Deve existir entre êles uma **lei,** uma fôrça que mantém a ordem. Esta fôrça são as partículas chamadas nêutrons. São realmente como policiais evitando que os prótons **briguem.** Mas os prótons querem também ter a certeza de que há sòmente a quantidade suficiente de nêutrons pra mantê-los em ordem. Não querem ter policiais demais por perto, e, se isto acontecer, tomarão medidas extremas para se livrarem dêles.

Dentro dêste bem organizado mundo do núcleo e seus satélites elétrons está a chave da energia nuclear. Porque, quando a ordem natural das coisas fôr perturbada, haverá então uma dissipação de energia elétrica, na tentativa das partículas de restabelecer aquela ordem anterior.

A energia elétrica dissipada se manifesta de várias formas, e uma delas são os raios gama, semelhantes aos raios-X. Os raios gama irradiados são perigosos para o ser humano, e as primeiras experiências nesse campo custaram muitas vidas. Agora sabemos que o átomo deve ser respeitado, mas não temido. Não o conhecemos muito bem, há partículas nucleares por explicar. Sua própria forma não é bem a do sistema solar, com elétrons traçando órbitas regulares e definidas em tôrno do núcleo. Êstes elétrons traçam órbitas em todos os sentidos, envolvendo o núcleo completamente, por todos os lados. A idéia que o físico tem do átomo, hoje, é a de que, se o pudéssemos pegar na mão, sentiríamos uma **bola de energia.** Já sabemos muita coisa dêle. Mas sabemos, principalmente, que precisamos saber muito mais. Se, apesar dos instrumentos cada vez mais precisos que o homem inventa, novos enigmas vão aparecendo, é sinal que a verdade sôbre o átomo também está cada vez mais próxima. É como se estivéssemos numa praia e víssemos um navio no horizonte. A ôlho nu, não seria mais do que uma imagem obscura. Tomando de um binóculo, veríamos uma bandeira não-identificada, os mastros, a chaminé. Com um binóculo muito mais potente, identificaríamos a bandeira, leríamos o nome do navio e perceberíamos que há parafusos, cordas, correntes. Mas para saber aonde vai o navio, o que carrega, quanto pesa, precisamos chegar bem mais perto. E o homem pode fazer isto com o átomo também.

Energia nuclear não é só bomba

Falar de energia nuclear não é falar de bomba, apenas. Tôda a humanidade está interessada em pesquisar esta fôrça incomensurável para fins pacíficos. E o Brasil não está à margem destas pesquisas.

O estudo da física nuclear exige instrumentos precisos e homens capazes. Instrumentos que possam pesquisar as três partes unitárias básicas do átomo — prótons, nêutrons e elétrons; homens que possam lidar com os instrumentos. Nós temos êsses instrumentos e êsses homens. Porém é certo e compreensível que não estejamos na vanguarda.

Os principais aparelhos de pesquisa são os **reatores** — que estudam as propriedades dos nêutrons; e os **aceleradores nucleares,** que estudam o comportamento dos prótons e elétrons. Temos reatores e aceleradores em São Paulo, Rio e Belo Horizonte. São equipamentos básicos, mas, através de intercâmbio com outros países, novas máquinas, modernas e complexas, estão a caminho do Brasil. Um dos mais completos aparelhos existentes no mundo é o acelerador gigante de Brookhaven, Nova Iorque. E há outro, maior ainda, quase pronto, em Stanford, Califórnia. Êste tem quase três quilômetros e meio de comprimento.

Sabemos que não é possível **ver** o átomo, só o podemos **detectar.** Num microscópio comum podemos ver uma imagem composta de bilhões de átomos. SEGUE

Nôvo prazer em fotografia!

abriu...

carregou...

fotografou...

Novas câmaras Kodak Instamatic carregamento instantâneo

Pode ser que você já gostasse de fotografia. Mas que dava um pouco de trabalho, isso dava. Enrolar... ajustar... rebobinar... trocar o filme. Uma parte do prazer se ia nessa brincadeira. E, às vêzes, o bom momento também. Mas agora, com as novas câmaras Kodak Instamatic, você só tem prazer — e nenhum trabalho. É só colocar o cartucho na câmara (mesmo à luz do sol) e começar a tirar as mais agradáveis fotografias de sua vida!

Utilize os seguintes filmes 126 na sua câmara Kodak Instamatic: **Kodak Verichrome Pan** (ampliações em prêto-e-branco), **Kodacolor X** (ampliações em côres) ou **Kodak Ektachrome X** ("slides" coloridos). Estoque permanente em todos os Revendedores Kodak.

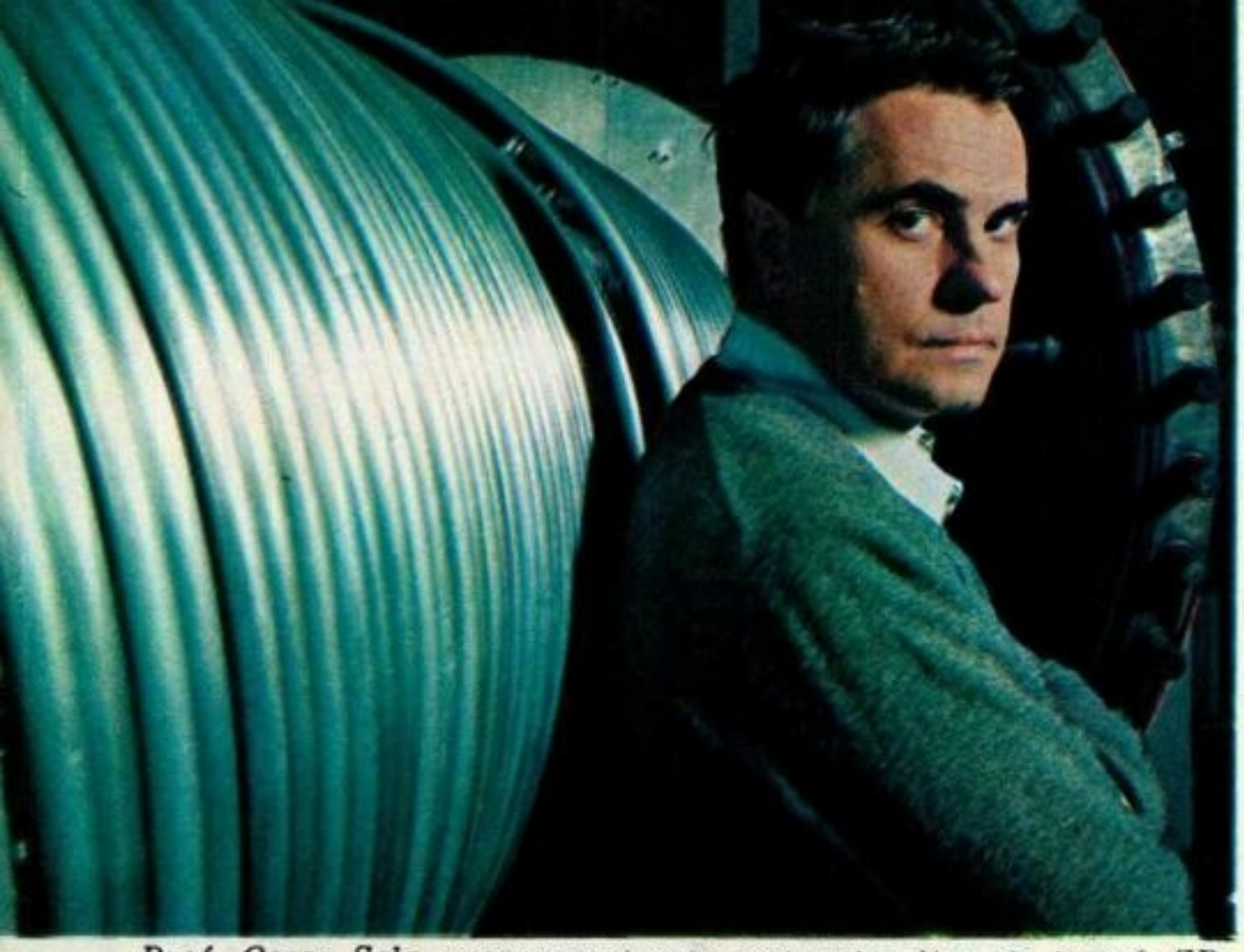
KODAK INSTAMATIC HAWKEYE — simples e leve. Cabe na bôlsa ou no bôlso. Com adaptação para "flash".

KODAK INSTAMATIC 100 — tôda automática. Muito elegante. Com "flash" embutido

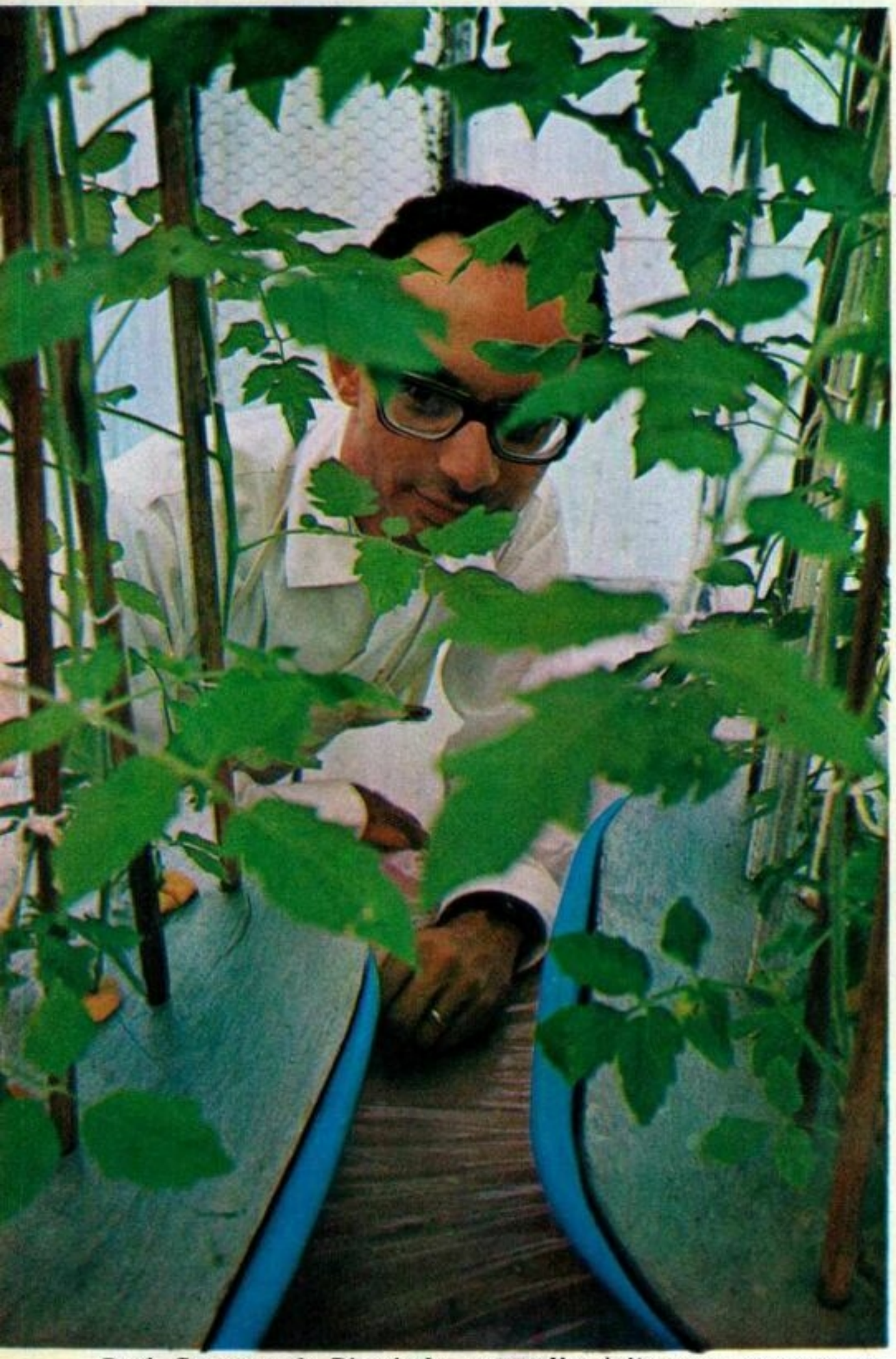
PREÇOS A PARTIR DE Cr$ 39.900, NO SEU REVENDEDOR

câmaras

Kodak



Prof. Oscar Sala, responsavel pelo acelerador Van de Graaf, SP.



Prof. Crocomo, de Piracicaba, que aplica isótopos na agricultura.

Século 21: nossa energia será atômica

Ora, aquela energia, produzida pela **explosão** de um átomo de urânio apenas, é pequena. Mas os três nêutrons libertos vão bombardear outros.três átomos do urânio-235. O fenômeno se repetirá com cada um dêstes três novos átomos e assim por diante. E esta reação em cadeia, numa pequena quantidade de urânio, produzirá energia para destruir uma cidade inteira.

Porém, graças ao esfôrço pioneiro de Fermi e outros cientistas, êste processo de **fissão** pode ser controlado, e a energia dissipada pode ser melhor aproveitada. A Grã-Bretanha é um dos países mais avançados na utilização da energia atômica para substituir os já quase ultrapassados processos de produção de energia elétrica — carvão, petróleo, hidrelétricas. A necessidade de explorar as possibilidades energéticas do átomo é estimulada pela falta de petróleo e pela certeza de que o carvão não existirá para sempre.

No Brasil não pode ser diferente. Na Guanabara, por exemplo, não é fácil instalar hidrelétricas. A Comissão Nacional de Energia Nuclear, que define a política brasileira nesse campo, já concluiu estudos sôbre a possibilidade de utilizar a energia atômica para fornecer eletricidade à Guanabara e ao Centro-Sul.

Matéria-prima não falta ao país. Temos razoável quantidade de urânio. E há grandes depósitos de tório em forma de monazita nas areias das praias baianas e espirito-santenses. Outros depósitos existem em Araxá e Poços de Caldas, Minas. É muito possível que se possa encontrar mais, em outros lugares. Isto é bom: o tório é fàcilmente processado para servir de combustível nos reatores. E, potencialmente, produz mais energia do que urânio, carvão, petróleo e outros combustíveis combinados. Importantes e decisivos estudos estão sendo feitos no Instituto de Energia Atômica, para a purificação e utilização do tório e urânio.

Em Belo Horizonte, um grupo de estudos se dedica ao planejamento de um reator de tório. Witold Lepecki, o entusiasmado diretor dêsse grupo, pensa em têrmos de planejamento projetado. Sua equipe provou que a partir de 1990 o sistema elétrico do Centro-Sul pode ser totalmente alimentado por energia atômica. E que, para isso, já se pode começar a instalar os centros nucleares a partir de princípios da próxima década. No fim do século, portanto, a energia produzida por hidrelétricas seria, para nós, coisa do passado. Os estudos têm sido realizados em cooperação com o Instituto de Engenharia Nuclear do Rio e a Comissão Atômica Francesa. Witold Lepecki e seu grupo também planejam a gradual integração da indústria na tecnologia atômica.

No Rio, outro grupo de pesquisadores trabalha sob orientação do físico Mário Anastácio, diretor do Instituto de Engenharia Nuclear. O reator com que esta equipe trabalha é utilizado principalmente para estudar a própria construção de outros reatores. Mário Anastácio chegou a conhecer Enrico Fermi, quando estagiou anos atrás na Universidade de Chicago.

Isótopos "vêem" através do concreto

Alguns elementos existem sob mais de uma forma. O gás hidrogênio, por exemplo. É o mais simples dos elementos; seu átomo tem um próton e um elétron, girando em tôrno dêle. Esta é uma de suas formas de existir. Mas pode ser transformado em **deutério,** quando recebe um nêutron dentro do núcleo. Neste caso especial o produto final e estável. Êste nôvo elemento, o deutério, não perde nenhuma das propriedades do hidrogênio comum. Assim, pode igualmente ser combinado com o oxigênio para formar a água (água pesada).

Nesta condição se dá o nome de **isótopo.** Têm o mesmo número de prótons no núcleo, o mesmo número de elétrons em tôrno e conservam as mesmas propriedades químicas do elemento parente. Apenas ganharam um nêutron. Porém, em outros casos, a adição de um nêutron criará uma situação instável, como já vimos. O elemento ficará radiativo e, como tal, será conhecido por **isótopo radiativo.**

SEGUE

TESTE

nesta sala existe uma máquina de costura a pedal. quantos minutos v. leva para descobri-la?

(resposta na página seguinte)

Reator pode fabricar elemento radiativo

Podemos ainda ampliar a imagem com um microscópio e ver um vírus com milhões de átomos. Mas com um acelerador de partículas, é possível **reconstituir** modelos da estrutura atômica.

O elétron tem uma massa entre 1.800 e 2.000 vêzes menor do que a massa do próton e, assim, pode ser acelerado a uma velocidade bem maior. Um dos aceleradores de partículas que existe em São Paulo é o Betatron. Trata-se de um instrumento eletromagnético que utiliza um campo magnético variável para provocar a aceleração dos elétrons. Êstes são então **atirados** a uma velocidade de 99,97% da velocidade da luz (quase 300 mil quilômetros por segundo) contra um alvo de tungstênio. Analisando as partículas refletidas, pode-se chegar a conclusões sôbre as propriedades do átomo. Vamos fazer uma comparação: imaginemos uma bola de aço escondida num monte de feno. Nós olhamos e só vemos o feno. Vamos dar um tiro de revólver na direção da bola de aço. A bala atravessará o feno, baterá na bola de aço e ricocheteará. Estudando o ângulo com que a bala se desviou, sua velocidade na volta, sua deformação etc., podemos descobrir algumas propriedades da bola de aço que nem sequer vemos.

O responsável por êste tipo de pesquisas com o Betatron é o professor Goldemberg, autoridade internacional. Estudou, ensinou e pesquisou por muitos anos nos Estados Unidos e Canadá. Regressou ao Brasil em 1957, para chefiar um grupo de pesquisadores nucleares da Universidade de São Paulo. Seu departamento mantém colaboração com o grupo de Física Nuclear da Universidade de Stanford, Califórnia, desde o tempo em que lá êle era professor. Responsável por pesquisas originais, o professor Goldemberg, como outros cientistas brasileiros, é pioneiro no estudo de propriedades dos átomos de certos elementos, como o carbono, cobre, índium e urânio. Em sua opinião, o Brasil — país em desenvolvimento — deve ter seus próprios pesquisadores e seus próprios meios de pesquisar, para ser cada vez mais autônomo, em todos os sentidos.

Os meios de pesquisa dêste grupo vão ser ampliados brevemente com a instalação de um Acelerador Linear de Elétrons de 80 milhões de volts, doado pela Universidade de Stanford à USP.

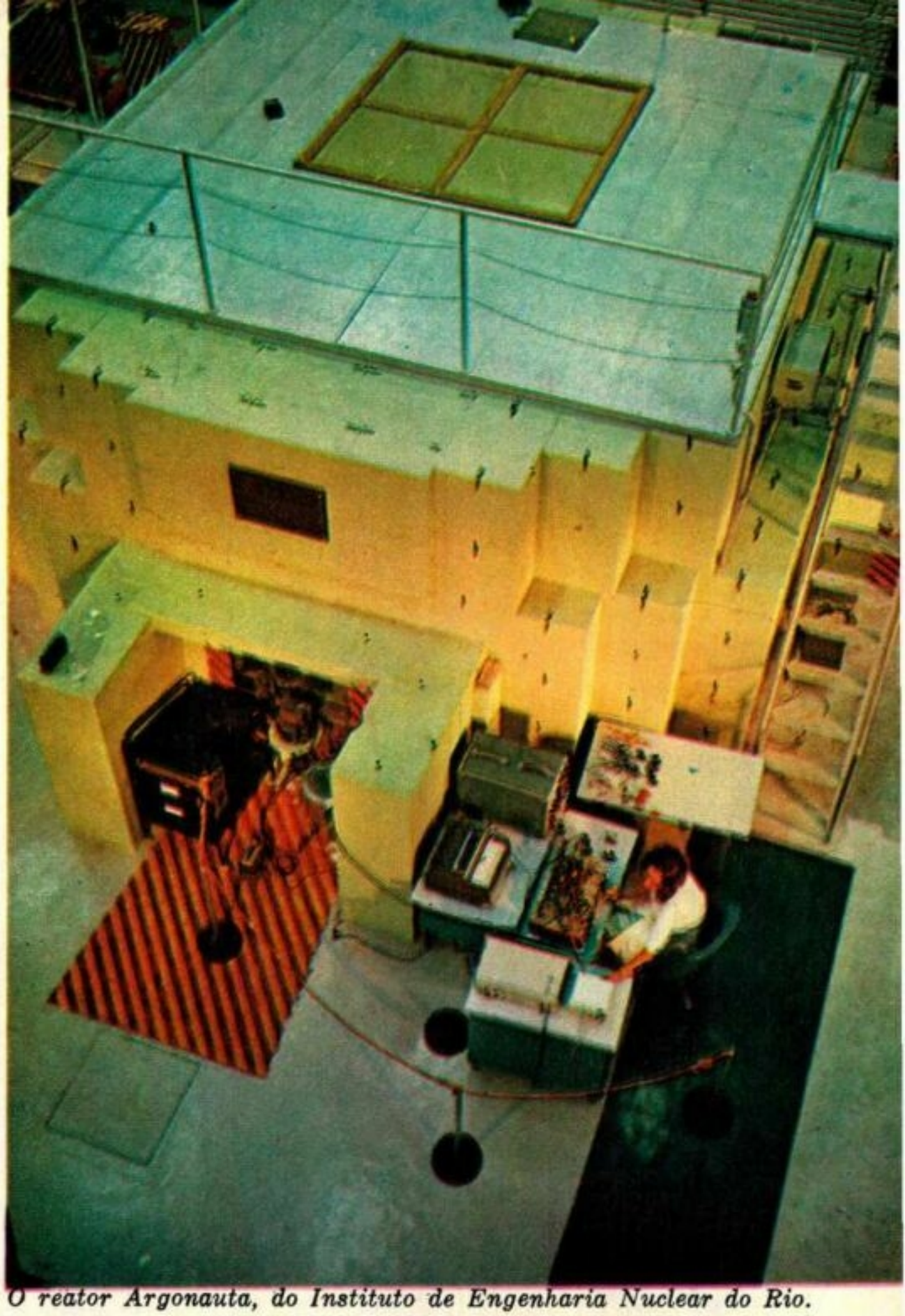
Ainda em São Paulo, outro grupo de pesquisadores trabalha com o chamado acelerador de Van de Graaf, máquina projetada e construída pelo próprio chefe do grupo, o professor Oscar Sala. O acelerador de Van de Graaf permite estudar como uma partícula, especialmente o próton, está distribuída dentro do núcleo. Bàsicamente, esta máquina também **atira** partículas (no caso, prótons) contra o núcleo de determinado átomo. Quando as partículas ricocheteiam, podem ser eletrônicamente detectadas e é possível obter-se uma figura **impressionista** do núcleo. O fundamental no funcionamento do Van de Graaf são as grandes diferenças de tensão elétrica que utiliza para acelerar as partículas. Atualmente obtêm-se correntes elétricas de 4 milhões de volts. Pròximamente, o professor Oscar Sala — cientista inovador — espera instalar uma máquina mais complexa que alcance 17 milhões de volts.

O departamento do professor Sala também trabalha em colaboração com cientistas de outras partes do mundo, especialmente com a Universidade de Oxford, Inglaterra. Dentro de alguns meses êle receberá um nôvo computador e instalará outro equipamento acelerador. Com estas duas aquisições, a colaboração do professor Sala e sua equipe será tão imprescindível como a de qualquer outro grupo de pesquisadores, para o avanço da física nuclear no mundo. E esta opinião é do professor Hodgsen, cientista da Universidade de Oxford.

No dia 2 de dezembro de 1942, Enrico Fermi, um dos maiores cientistas nucleares de nosso tempo, já falecido, reuniu seu grupo numa quadra abandonada de tênis da Universidade de Chicago. Aproximou-se de uma pilha de blocos misturados de grafite, óxido de urânio e urânio puro. Vagarosamente, Fermi retirou a **barra de contrôle** e provocou a primeira reação em cadeia da história. Nascia o reator.

Para podermos entender o funcionamento dêste fenômeno, precisamos voltar a falar um pouco dos elementos. Há 103 elementos no universo. Pode ter havido muito mais, porém desintegraram-se através dos tempos, por causa de seu estado instável de radiatividade. Há, portanto, certos elementos que são naturalmente radiativos, isto é, estão constantemente se desintegrando, emitindo partículas. E há outros elementos que podem se tornar radiativos artificialmente, num reator. O processo é forçá-los a aceitar nêutrons adicionais nos núcleos de seus átomos. Lembremos a comparação dos prótons, que só toleram a quantidade suficiente de **nêutrons-policiais** para mantê-los em ordem.

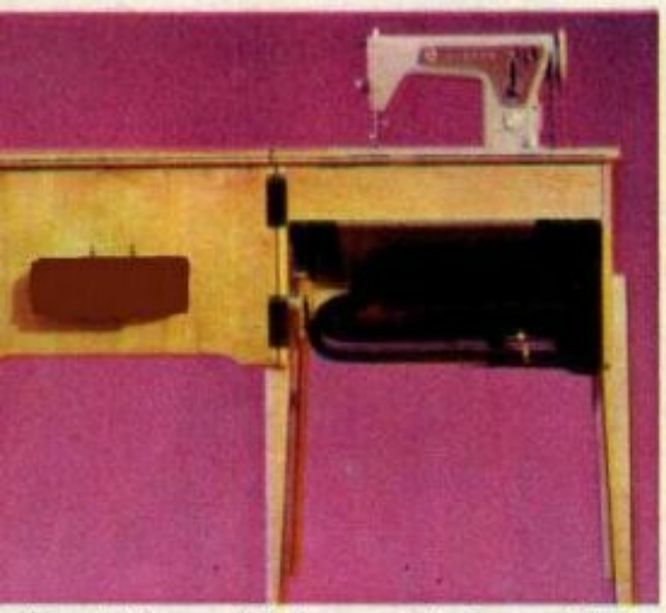
A base do fenômeno da radiatividade, portanto, é uma espécie de equilíbrio "desequilibrado", em que o elemento fica emitindo elétrons e outras partículas. Por exemplo: um complexo átomo de urânio-235 se divide em dois ao ser **bombardeado** por um nêutron, que o quebra. Êste rompimento produz energia e liberta os chamados fragmentos de fissão, mais três nêutrons livres. (Os fragmentos são dois núcleos mais leves que o núcleo bombardeado). SEGUE



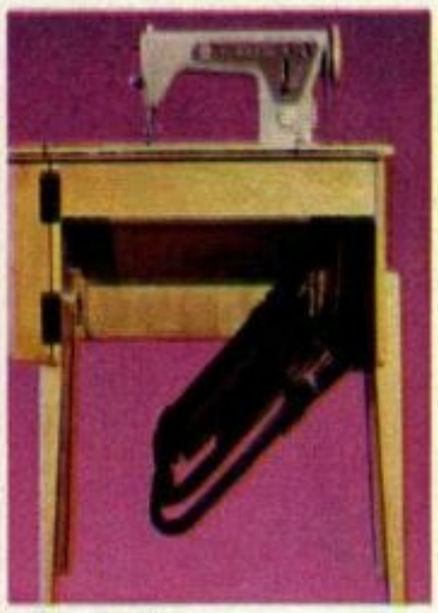
O reator Argonauta, do Instituto de Engenharia Nuclear do Rio.

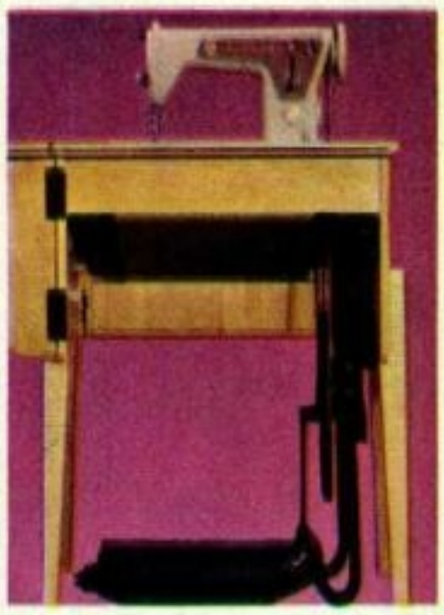
Escudos que medem a radiação a que estão expostos os técnicos.

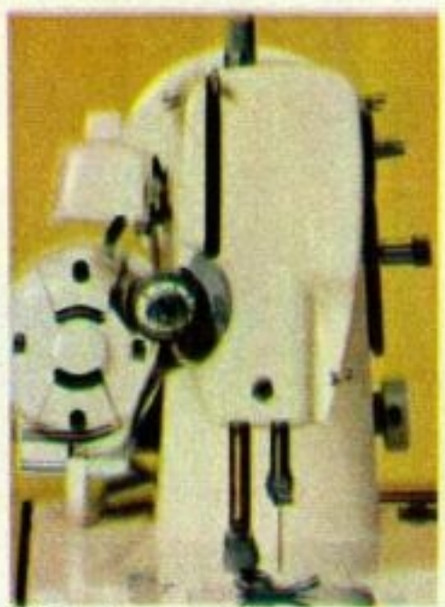
se você
descobriu fácil,
apostamos que
foi porque dissemos
antes que havia
máquina de
costura na sala.
Sempre que há
uma **SINGER** Mesalete
num ambiente,
ninguém
desconfia que é máquina de costura,
de tão bom gôsto ela é.

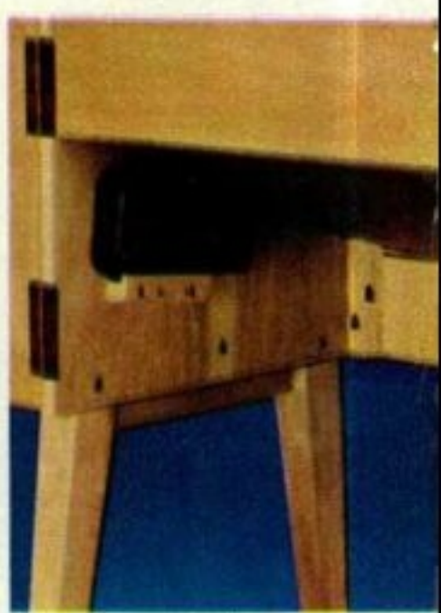


. O pedal fica embutido no móvel. Para usá-lo é só abaixar, assim.

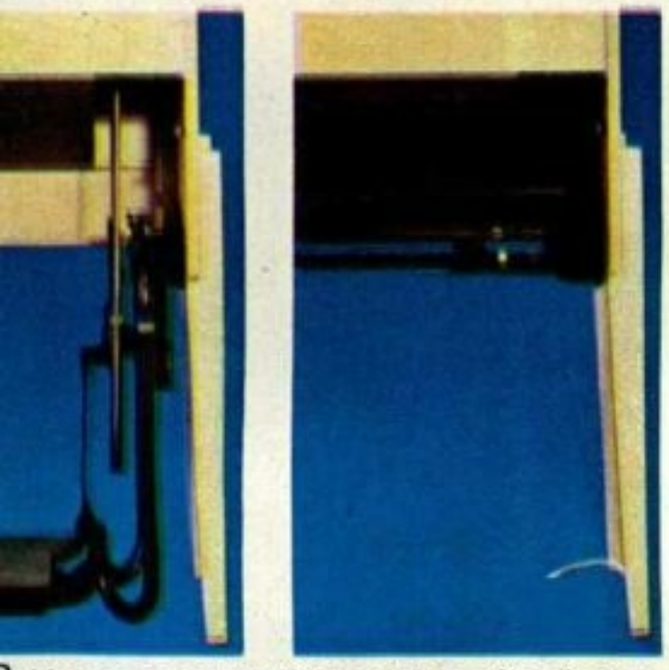








2. Pode-se também comprar a máquina só com motor, sem pedal. E o contrôle do motor V. guarda dentro do móvel, aqui.



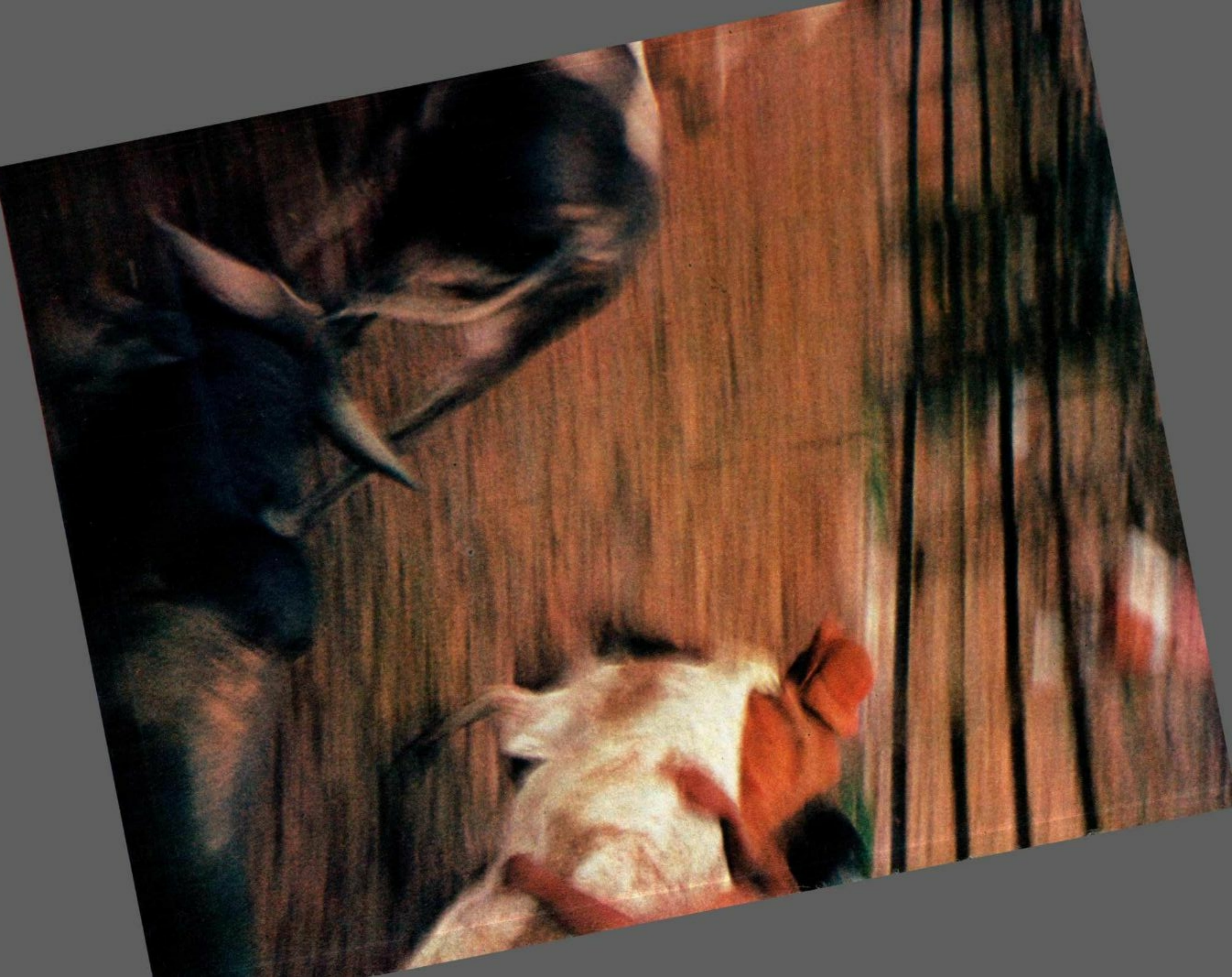
3. Mas como para aquêles bordados mais delicados, muita gente gosta do pedal, a Singer Mesalete é vendida com pedal e o motor juntos, também.

4. O pedal sai do móvel e pode ser guardado em outro lugar, em qualquer cantinho. E pode também ser comprado depois, se você quiser.

5. O cabeçote existe em branco-pérola, bege-topázio ou prêto-ônix. E o móvel em marfim ou mogno brilhante.

Procure conhecer o quanto antes a SINGER MESALETE nas Lojas e Revendedores Singer

NA FRENTE DA MODA
SINGER MESALETE



Radiatividade já está salvando vidas

Mas para que servem os isótopos?

Um engenheiro acha que a coluna de uma ponte de concreto está internamente rachada.

Não é preciso demolir, nem construir nova coluna. Basta, com a ajuda de um isótopo radiativo, inspecionar, por fora, a parte em suspeita. Os raios emitidos pelo isótopo atravessarão a coluna e impressionarão do outro lado uma chapa, o espectrograma. Neste espectrograma estará "fotografado" qualquer defeito que possa existir dentro da coluna. O sistema é o mesmo que se utiliza para **tirar raios-X** de uma pessoa. A vantagem do isótopo é ser portátil, enquanto o aparelhamento de raios-X é complicado, enorme, difícil de ser transportado. Além do mais, os raios gama — emitidos pelo isótopo — penetram nos corpos com muito mais facilidade.

Os isótopos modernizaram o sistema de detecção de água. Recentemente, o Instituto Luís de Queirós, de Piracicaba (São Paulo), foi convidado para estudar as possibilidades agrícolas de certa região do Centro-Sul do país. As investigações mostraram que tudo estava em ordem, mas a água era escassa. Tornava-se necessário encontrá-la embaixo da terra, para abrir poços artesianos. E com a ajuda do isótopo se conseguiu. Age-se assim: coloca-se um isótopo radiativo embaixo da superfície. Em cima da terra, fica o detector-indicador. As partículas irradiadas pelo isótopo, quando encontram a água, são refletidas e detectadas.

A utilidade dos isótopos na indústria é inestimável. Os industriais brasileiros, porém, ainda não descobriram isso. No Brasil, é a Medicina que mais se utiliza desta conquista da era atômica. As aplicações são numerosíssimas: tratamento de câncer com rádium, diagnose de doenças, detecção de tumores. No campo específico da Medicina, é necessário que o radioisópoto utilizado emita raios gama. Isto porque a substância radiativa é ministrada no paciente (pela bôca ou por injeção) e vai localizar-se em determinados órgãos ou glândulas — fígado, rins, tiróide. Os raios gama emitidos atravessam os tecidos e são registrados externamente por aparelhos especiais. Pode-se, então, verificar o que está acontecendo com aquêles órgãos ou glândulas.

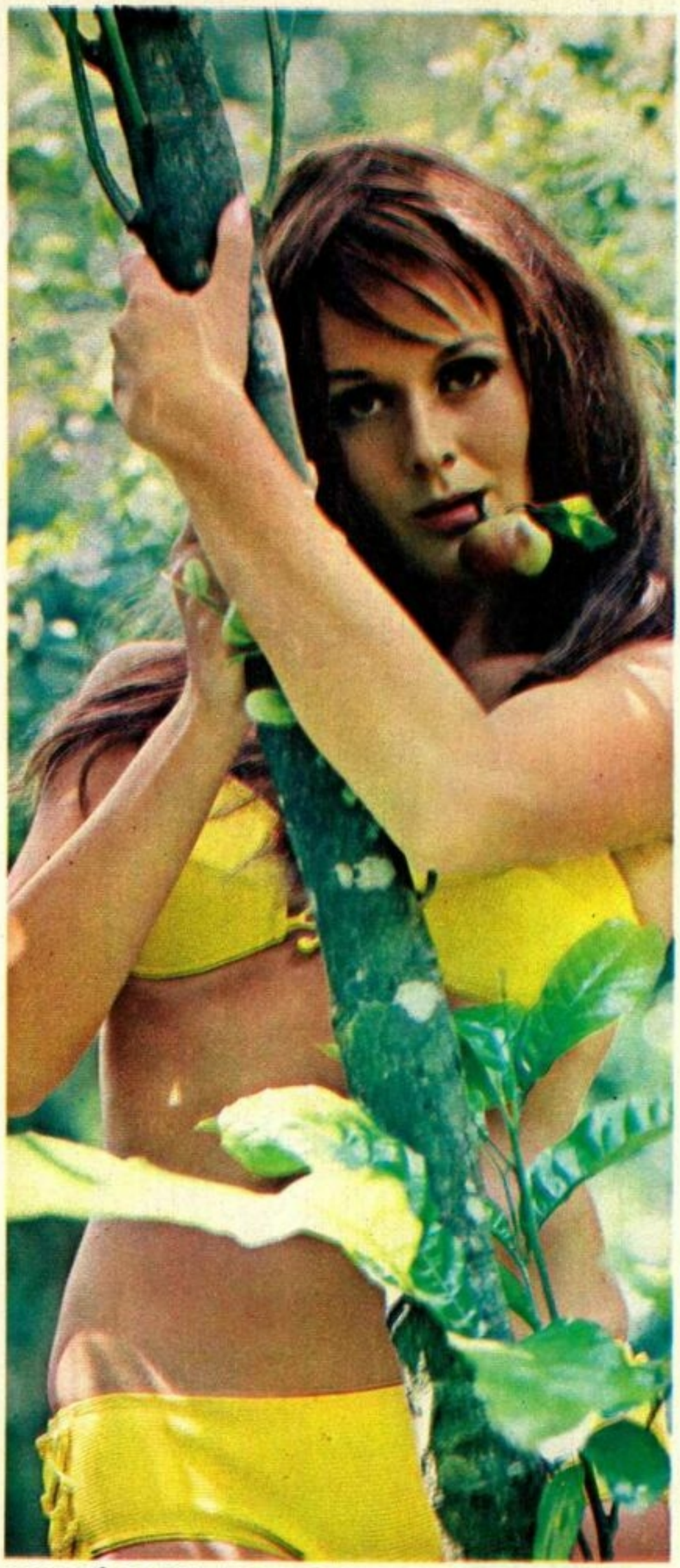
De um modo ou de outro, os isótopos encontram aplicações em todos os campos da ciência. E quando se precisa da colaboração dêles, os problemas propostos são resolvidos com rapidez e precisão incrìvelmente maiores do que pelos métodos tradicionais.

Os radioisótopos utilizados no Brasil são, a maioria, produzidos no reator de São Paulo, que os exporta, ainda, para a Bolívia, Peru e Paraguai.

A era atômica começou há pouco, mas as grandes potências dão passos largos, anunciam novas descobertas e teorias quase que diàriamente, e o Brasil precisa correr, mesmo com pernas curtas, para não ficar para trás.

Desde o dia em que Enrico Fermi provocou a primeira reação em cadeia da história, passaram-se apenas 25 anos. Nesse tempo, o pequenino mas complexo mundo do átomo revelou perspectivas imensas de progresso e bem-estar para tôda a humanidade. FIM

Dra. Verônica Rapp de Eston, do Centro de Medicina Nuclear, SP.



SE VOCÊ QUISER COMEÇAR
COM UMA TERRÍVEL VANTAGEM,
EXISTE O NÔVO TALCO LUX.

ELE DEIXA SUA PELE
VIOLENTAMENTE FEMININA,
ATRAENTEMENTE MACIA
E COM UM PERFUME
ENCANTADOR.
AFINAL, NUNCA FOI
PECADO SER MULHER.

Magarefe, em Feira de
Santana, Bahia,
é o homem forte e rude que
vive de matar boi.
João é um dêsses homens.
Três dias por semana,
êle pula ligeiro
para dentro do curral
do matadouro e,
de faca na mão, grita:

ÊSTE BOI É MEU

Texto de Roberto Freire
Fotos de David Drew Zingg

João está pronto para a luta *que vai começar*

Quatro horas da manhã: João veste-se, Rosa prepara o café, os filhos ainda dormem. São seis, mulatos como os pais, deitados na cama larga, em tôdas as direções.

— Tive aquêle sonho hoje de nôvo — diz êle apertando o cinturão.

Ao vestir a camisa de pano de saco, ela rasga nas costas. Rosa a apanha e vai remendá-la junto ao lampião. João abaixa-se para pegar a faca e o amolador debaixo da cama. Pára um instante, olhando o rosto dos meninos. Sente um amolecimento no peito e nas idéias, parecido com o que sentia por Rosa antes do casamento.

Ajeita a faca e o amolador na cintura e vai para o fogão. Toma o café examinando o jeito da mulher costurar. Depois olha o quarto: é tôda a sua casa. Tem mais a privada, o tanque e o jardinzinho lá fora. As casas da vizinhança são iguais, porém a sua é menor, que os filhos são muitos. E no mês que vem vai diminuir um pouquinho mais. Rosa está grávida, no último mês, e lhe diz isto sorrindo. O marido vê o sorriso e se lembra de como êle já foi bonito. Tudo já foi mais bonito na vida dêle.

Rosa ajuda-o a vestir a camisa.

— O dinheiro acabou, João.

— Se tiver sorte, ganho hoje pra sobrar.

— Tem o aluguel.

— Eu sei. Vai dar pra tudo, se tiver sorte.

Rosa sorri:

— Não é sorte, não. Tu é que é bom.

João gostou de ouvir aquilo. Segura a mão da mulher e vai para a porta. Abre-a e fica um instante olhando para fora. Ouve galos, grilos, latidos de um cão. Sente o cheiro da terra molhada junto com o perfume das flôres.

— Choveu de noite, não precisa aguar as plantas.

Rosa boceja longamente, falando ao mesmo tempo.

— Tu tem mão melhor que a minha pra plantio de flor. Só vingaram as que tu plantou.

João gostou também de ouvir isso. Acha bom saber que os outros reconhecem sua habilidade. Rosa mais ainda. Soltou a mão da mulher a deu alguns passos pelo jardim. Lembrou-se de um dos filhos.

— O corte na perna do Nequinho pode arruinar. Leva êle na farmácia. Tu vai na feira?

— Vou, quando tu voltar com o dinheiro.

— Vamos junto. Se tiver sorte hoje, compro um cardeal.

— Pra quê passarinho, João?

Foi o mesmo que ela falou quando êle chegou com as sementes de flor para o jardim. Respondeu sem se voltar, autoritário.

— Pra quê passarinho, pra quê flor, pra quê filho, hem Rosa?

Cinco horas

E foi embora apressado. Rosa arrependeu-se de ter dito aquilo. Antes mesmo de ouvir a resposta, tinha visto a decepção no rosto do marido. E o que mais gostava nêle era o contraste do corpo grandalhão e desengonçado com o rosto sereno, alegre por dentro. Mas êle logo despreocupou-se. Tristeza nenhuma durava muito em João, principalmente em dia de trabalho.

A casa do João e Rosa fica no bairro popular fora do perímetro urbano de Feira de Santana, perto do Matadouro Municipal. Nasceram e cresceram nesta cidade, uma das mais populosas da Bahia, a cêrca de 100 quilômetros de Salvador. João trabalhava como feirante — vendedor na barraca de um tio que comerciava com ervas medicinais. Depois do casamento resolveu ser magarefe do matadouro. Recebendo por tarefa, poderia ganhar mais. O negócio era agradar o pessoal dos açougues e caprichar no trabalho, ser esperto e muito forte. Fôrça e esperteza lhe sobravam, mas bajulação era coisa muito difícil. João nunca foi homem de agradar ninguém. Mesmo assim, sempre consegue **trabalhar** de três a cinco bois em dia de matança, às segundas, quintas e domingos.

Nos outros dias não faz nada. E nos dias de matança o trabalho não vai além de meio-dia. Já tentou arrumar outros serviços, mas não conseguiu. Uma vez fêz as contas: um homem forte como êle só pode tarbalhar a metade dos dias de um ano.

Feira de Santana é famosa por sua feira livre e já foi muito importante, principalmente pela feira de gado. Mas os anos passaram, e os grandes frigoríficos introduziram técnicas modernas e racionais para o abate e total aproveitamento do boi. Hoje, Feira de Santana não é mais o centro do comércio de gado da Bahia, mas ali permaneceram os rústicos meios de comprar, vender, abater e retalhar. E apenas para o consumo da cidade.

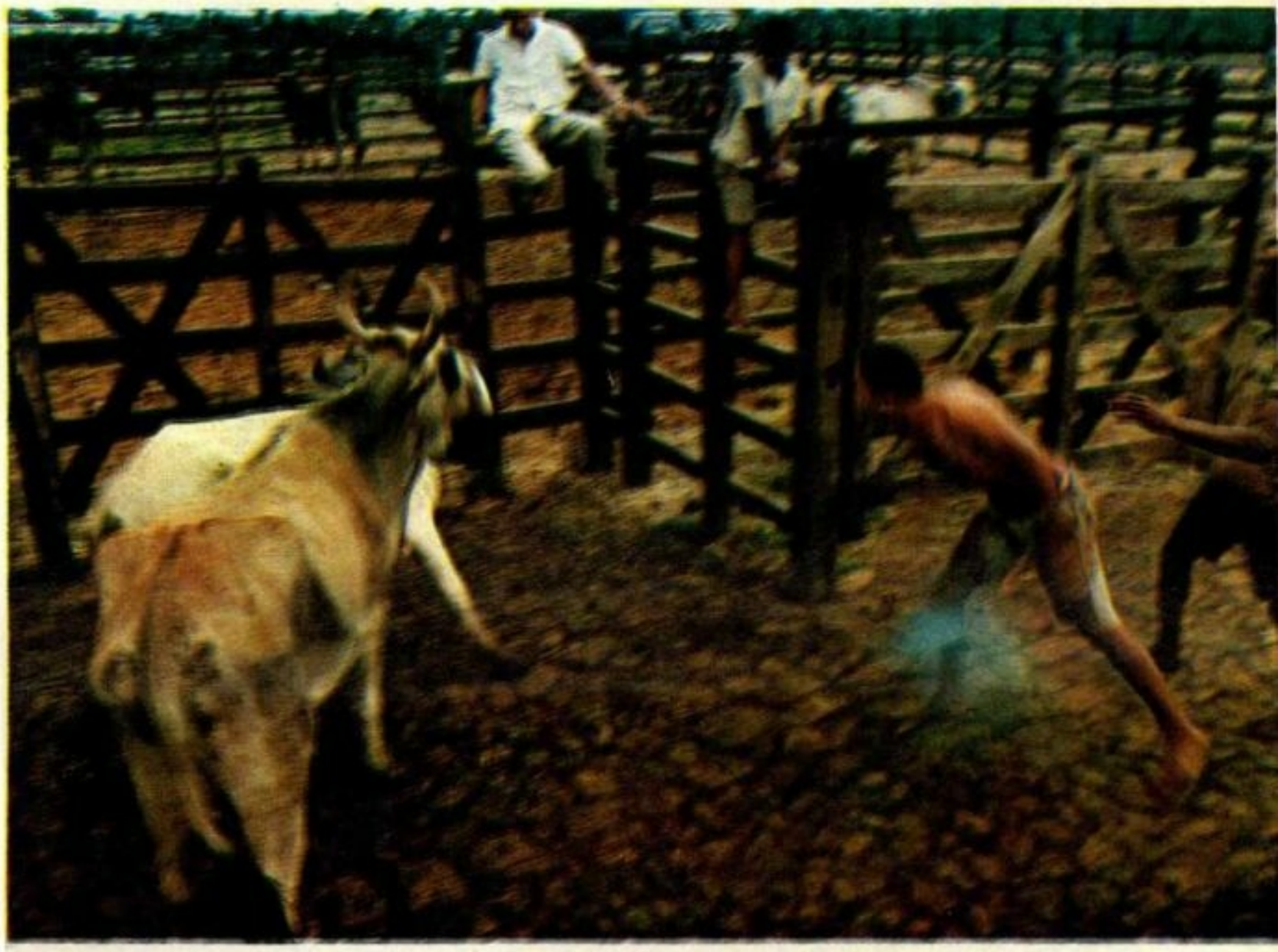
João nunca visitou um frigorífico e, para êle, ser magarefe é profissão como qualquer outra. Mas alguma coisa dentro dêle, lá no fundo, não concorda com isso. Porque João gosta da vida e sabe — inconscientemente, pelo menos — que sua profissão é matar.

Pensa nestas coisas quando chega ao matadouro. Ainda está tudo escuro e deserto. Caminha pelos currais, passa pelas lojas que depois das oito horas estarão cheias de objetos e roupas de couro. Nem o pessoal dos pequenos bares chegou. Está só, como queria. Passa pelas coberturas onde as mulheres vão limpar as tripas dos bois abatidos e sente o cheiro forte dos detritos, impregnando tudo. Entra no salão central do matadouro. Há um cheiro de sangue no ar — doce e quente — que João confunde com o cheiro da morte. Para êle, morte é morte, de boi ou de gente, é a mesma coisa. João sente, mas não chega a raciocinar sôbre isso. O silêncio e a impressão de morte o incomodam, êle sai em direção aos currais. Andando pelo capim orvalhado, é como se estivesse livre de tudo: da profissão, da vida e da morte, do boi, da mulher e dos filhos. É só o João. Então ouve o grito:

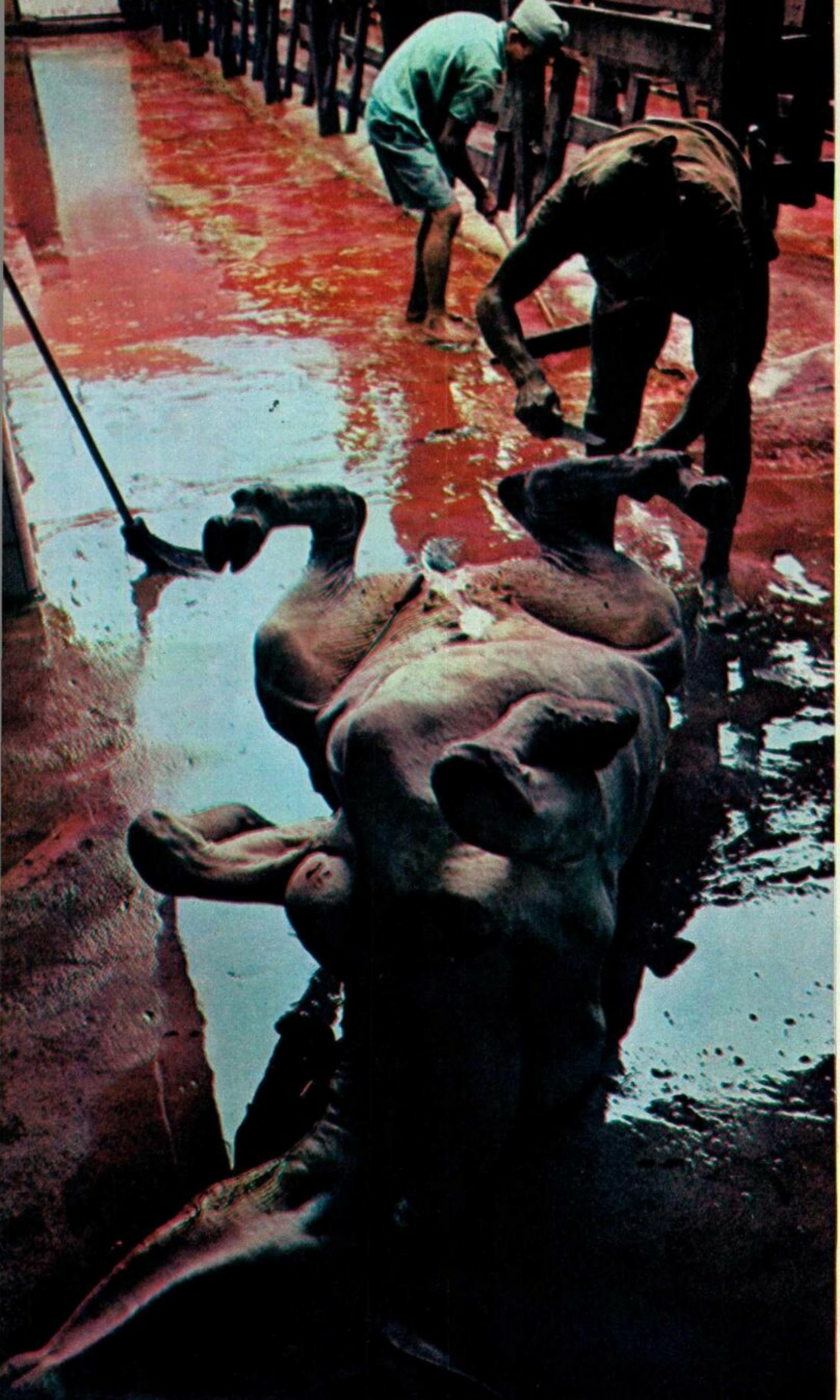
— Ô-ô-ô ... boi!

Vem de longe. Estão chegando as boiadas. Volta apressado, sobe as tábuas do curral e olha o horizonte. Vê primeiro a poeira embaçando a luz do sol que nasce. Logo surge a silhueta de um homem montado a cavalo e, atrás dêle, os bois, muitos, em passos lentos, cansados.

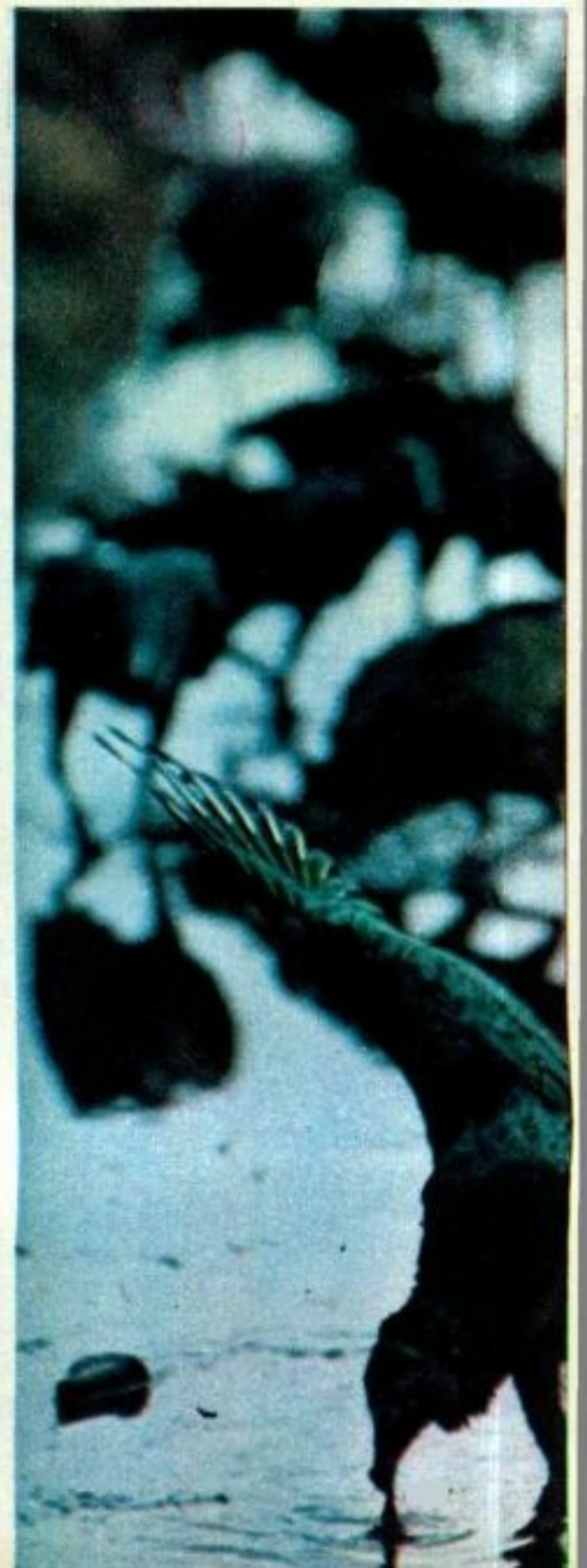
SEGUE



Depois de escolhido pelo comprador, o boi tem de ser levado para o corredor da morte. Êle porém resiste e então leva paulada, pedrada, pontapés e até choque de 400 volts.



O animal é esfolado e retalhado em meio a um rio de sangue.



Outros bois são levados para a morte. Lá fora, os urubus aproveitam as sobras.

No fim do corredor, a matança

Começa a ouvir o tropel e faz a si mesmo uma pergunta, a de sempre, antes de começar o trabalho: quais de todos aquêles serão os **seus** bois? Os que morrendo de sua faca lhe trarão dinheiro para o aluguel, a farmácia a feira e, se tiver sorte hoje, para comprar um cardeal?

O gado passa diante dêle. Bem de perto, assim, as coisas se transformam. No matadouro, para o magarefe João, boi vira dinheiro —três mil cruzeiros cada um que êle consegue matar.

Cinco e trinta

O gado fica prêso nos currais e os boiadeiros aguardam os compradores — empregados dos açougues que vêm escolher os bois. Examinam a raça, calculam o possível pêso e fazem uma oferta. Fechado o negócio, o boi escolhido não tem mais que uma hora de vida, e o encarregado do açougue procura seus magarefes. Pode ser o João. Êle está amolando a faca, fumando ou tomando um gole de café ou cachaça nos botequins que acabaram de abrir, junto ao matadouro.

— Aquêle malhado, João, é teu.

João senta-se sôbre a cêrca, observando o jeito do **seu** boi. "Veio correndo, pensando em comida para êle, mas vai morrer para me dar o que comer." João nem vê os outros animais em tôrno do seu, assim como não se preocupa com o que ganham, têm e fazem seus colegas. Os outros magarefes já receberam também seus bois. O matadouro desperta, o Sol apareceu de todo, chegam outras boiadas, as lojas de couro se abrem, o administrador dá ordens.

— Como é, João, tá bestando, **seo?** Leva teu boi!

É a voz do encarregado. Já foi autorizada a matança. Cada magarefe deve conduzir seu boi do curral em que está até o matadouro. São seis os currais, três de um lado, três de outro, formando uma **avenida** no meio. Os bois escolhidos para cada matança (dez em média) são retirados dos currais e postos na avenida. Esta leva até outro curral, em forma de funil: suas cêrcas laterais se estreitam até terminar num portão de ferro, que se comunica com o último compartimento antes do matadouro. Neste compartimento os bois devem ser colocados, em fila indiana. Quando todos estão presos aí, um atrás do outro, abre-se o portão seguinte e êles serão novamente tangidos, a poder de choques elétricos, para o corredor da morte, já dentro do matadouro. No corredor é que começa a grande matança.

Seis horas

João salta a cêrca, apanha um pedaço de pau e vai para dentro de um dos currais. Pára diante do boi malhado. O animal olha desconfiado e recebe uma pancada. Outros magarefes estão fazendo a mesma coisa. Êles tentam encaminhar seus bois, de qualquer jeito, para a avenida que leva ao funil. Os bois não sabem o que os espera, mas não gostam de ser conduzidos assim, aos gritos, pedradas, pontapés e pauladas. Os magarefes descarregam nêles seus instintos sádicos. Alguns "agridem", "aterrorizam" e "matam" a mulher, o pai, o amigo, o inimigo — o mundo inteiro — ao acabar com o boi.

No meio da avenida, o boi malhado estaca. João grita, abre os braços, empurra, e nada. Desconfiado ou não, o bicho prefere não sair dali. João ergue o pedaço de pau e espia os olhos na sua frente: parece que o encaram com ódio. Irrita-se e dá outra cacetada com tôda a fôrça na cabeça do boi. O bicho baixa a cabeça, funga, mas não se move. João pensa no tempo. Se o boi não fôr logo para o funil, êle perderá a primeira matança. Fica irritado vendo que outros magarefes conduzem com mais facilidade seus bois pela avenida. Resolve atingi-lo no ôlho. Ergue o pedaço de pau e vai dar o golpe quando o animal avança contra êle. Corre e sobe na cêrca do curral. Os chifres passam raspando, mas a cabeçada atinge-lhe um pé. A dor o faz gritar. Os companheiros riem dêle.

De nôvo no chão, ainda sentindo o pé dolorido, êle corre atrás do boi, com uma pedra na mão. Curiosos, boiadeiros, meninos e outros magarefes berram, gesticulam e jogam pedras, ajudando-o. O boi troteia pela avenida, desviando-se como pode das agressões, e mal ultrapassa a porteira do curral em funil estaca outra vez. Os outros passam, todos, em direção ao portão de ferro, que está aberto. O boi malhado ameaça voltar para a avenida, mas a porteira atrás dêle já tinha sido fechada ràpidamente. João atira a pedra e o atinge no ôlho. Corre um filête de sangue, o animal abaixa, levanta, sacode a cabeça, mugindo de dor, mas não se move. Uma baba viscosa escorre de sua bôca.

Do outro lado, ouve-se a voz autoritária do administrador:

— Não vou esperar mais!

João sobe na cêrca.

— Falta o meu!

— Falta porque tu tem mêdo dêle! Se não entrar já, fica pra outra.

Com varas e pedras, palavrões e gargalhadas, os outros vão levando seus bois em fila para o curralzinho estreito. João começa a sentir ódio do seu boi. Está decidido — custe o que custar — a não perder a primeira matança. Xingando o animal, caminha pelo funil. O boi malhado continua movimentando desorientadamente a cabeça. João chega a um metro de distância e salta sôbre êle, agarrando-lhe os chifres. Seu corpo é erguido no ar algumas vêzes, mas aos poucos vai dominando o animal e fazendo com que êle se volte para a parte estreita do funil. Então, solta-o e corre na sua frente. O boi investe furioso. Saltando de lado, João segura-o pelo pescoço e é levado na direção desejada. Aí atira-se no chão e vê, aliviado, o boi entrando no curral estreito. Corre e fecha o portão de ferro.

— Cara de sorte! Mais um minuto e ficava sem êsse boi! — diz o administrador, apanhando a vara de aço eletrificada.

João senta-se no alto da cêrca, cansado. Está desafogado — não perdeu a primeira matança — mas ainda sente raiva. SEGUE

Limpar e vender tripas é negócio para mulher

Olha os movimentos do administrador. A porta que dá para o último corredor, dentro do matadouro, é aberta. Nenhum dos bois se move. Estão todos assustados. João até acredita que êles sabem ser aquela porta o limite de suas vidas. Nunca viu um só animal entrar ali espontâneamente. Seu boi, o último da fila, está ofegante como êle. O administrador cutuca-o com a vara elétrica. São 400 volts. O boi dá um salto e cai sôbre as pernas dobradas. Novos choques em outros animais. Êles avançam em pânico, tentando saltar a cêrca. Mugem desesperadamente enquanto os magarefes berram do lado de fora ou sôbre as cêrcas. Tombos, saltos, mugidos, e entram todos para o corredor. Parecem preferir a morte certa a levar aquêles choques.

— Fecha a porta, Severino!

Ao grito do administrador, o magarefe Severino faz descer a porta de aço, atrás dos bois. João é o primeiro a sacar a faca da cintura. Respira fundo, pensando: "Quero eu mesmo matar êsse desgraçado!" E corre com os outros magarefes para dentro do matadouro.

Sete horas

O matadouro é um grande pátio de chão cimentado, coberto de telhas e cortado ao meio, em quase tôda sua extensão, pela continuação do curral estreito — o corredor para onde os bois são empurrados a choque elétrico. No fundo, estão as balanças com seus ganchos, onde serão espetados os quartos para a pesagem. Depois vem a rampa que comunica o matadouro com a rua. Ali encostam os caminhões que vão transportar a carne para os açougues.

João e alguns de seus colegas sobem na cêrca, de faca em punho esperam a ordem do administrador. O boi malhado apóia a cabeça no traseiro de outro animal. Seu ôlho sangra bastante. "Por tua causa quase perco o dinheiro para a feira, safado!" O sinal é dado, João abaixa o braço bruscamente. Metade da faca entra na nuca do boi e êle tomba no mesmo instante. Ainda está vivo, esperneia e muge. João sabe que o animal apenas perdeu a coordenação, pois foi seccionada a medula. Mais nove bois estão ali, esperneando e mugindo como o seu.

A parte inferior da cêrca do corredor é levantada e os animais são puxados por cordas passadas em suas cabeças. Um garôto de 12 anos ajuda João a puxar o malhado. É Vicente, seu sobrinho, que o acompanha no trabalho de esquartejamento. João agora está tomado pela pressa, pois sabe que tem apenas meia hora para acabar com aquilo. Ajoelha-se diante do animal e dá-lhe a última facada, desta vez no peito. Alarga a ferida, fazendo a faca girar lá dentro. Retira-a e o sangue jorra. Nunca errou um coração, desde quando começou. Fica de pé e olha em volta: todos os animais estão sangrando também. Então êle pisa na barriga do boi para o sangue escorrer depressa. Vicente amola a faca olhando o chão do matadouro, que parece uma piscina vermelha. Seus pés afundam no líquido até o tornozelo.

O cheiro quente sobe no ar, penetra nas narinas de João.

Na primeira vez sentiu náuseas. Hoje, no trabalho, sangue para êle tem perfume — significa dinheiro.

— Vamos Vicente, calça o bicho!

O garôto enfia os calços de madeira sob o dorso do animal, enquanto João mantém suas patas para o ar. Não sente mais raiva. Um boi morto não é mais boi, é carne. Enquanto começa a esfolar, Vicente corta as pernas do joelho para baixo. Esfolar consiste em cortar a pele, do queixo até os quadris, e descolá-la da carne. Com um machado, em golpes exatos, êle corta o osso do peito e o púbis. Em seguida, abre a barriga. Retira tôdas as vísceras, que o menino arrasta pelo pátio até a porta, onde uma mulher já estava esperando. Vicente volta correndo. Nesse instante, com o machado, João está cortando o animal em quartos e separando a cabeça. O menino pega o couro e leva para outra porta, onde um homem o examina e depois vai esticar lá fora, num terraço de cimento. Então João começa a carregar nas costas o primeiro quarto para a pesagem. Sua roupa não é mais branca: tudo — rosto, braços, pernas — está coberto de sangue.

Depois da pesagem, João leva os quartos para o caminhão, subindo a rampa. Pronto. Está entregue o primeiro boi do dia. João olha com orgulho para dentro do matadouro. Ainda vê gente trabalhando. Aproxima-se do encarregado do açougue. SEGUE

Bem próximo do matadouro, no meio de fumaça e de mau cheiro trabalham as tripeiras.

hevea

O pessoal da Hevea vai resolver todos os problemas de sua casa.
(Perdão... quase todos)

Pelo menos eles garantem que V. terá uma casa muito mais organizada.
Por exemplo:
onde V. guarda suas garrafas de bebidas?
E os remédios que ficam espalhados pelo banheiro?
Uma cesta de roupa de bom aspecto até que iria bem.

Enfim são pequenos objetos criados para resolver grandes poblemas.
É a linha de utilidades domésticas fabricada pela Hevea.
Mas êles não param aí...
Mensalmente V. terá novidades Hevea para uma casa melhor!

plásticos
hevea s.a.
r. Bixira, 234
tel. 93-8108
São Paulo - SP
av. Polonia, 160
Pôrto Alegre - RGS

delta

Na vida dura de João, a paz ainda é um sonho

— Pronto, seu Gumersindo. Tem mais um pra mim?

— Tenho. Me espere no curral de cima.

João sai do matadouro. Apesar do trabalhão que o boi malhado lhe dera, o dia começa bem. Se a sorte continuar, quem sabe arranja cinco bois. Três vêzes cinco: quinze. Dá para a feira, o médico e o cardeal. Até para o cardeal! O aluguel fica para a próxima matança. Não é que êle não queira pagar, os bois é que são poucos.

Sete e trinta

Cheiro de sangue êle agüenta, até gosta. Mas cheiro de comida de bucho, não dá não. Passa sem respirar pelo monte de coisas extraídas do estômago dos bois. As mulheres estão lavando tripas dentro de latas com água fervendo. Fazem seu trabalho fora do matadouro, sob uma cobertura sem paredes, e falam sem parar. Ao ver uma mulher grávida enfiando a varinha no intestino do boi, João tem uma idéia: e se Rosa arranjasse um trabalho assim? Não atrasariam mais o aluguel, podiam até mudar para uma casa que tivesse quarto para os meninos. O nojo passa logo, não é trabalho pesado. Mas quem ficaria com as crianças? Não, o negócio é êle trabalhar sòzinho. Depois, e se Rosa ficasse com aquêle cheiro?

Um menino de 11 anos vem carregando uma cabeça de boi, que lhe esconde o rosto. João acha graça, parece um monstro. Um grupo de urubus, gordos e sossegados, passeia em volta. O menino põe a cabeça no chão. João descobre que é a do seu boi. Está escalpelada, impossível reconhecer. Mas João não tem dúvida, porque um dos olhos está furado. O garôto pega o machado e antes de erguê-lo sorri para João.

— Não sei direito ainda, estou aprendendo.

O machado desce. Num minuto, o crânio é aberto. A criança recolhe o miolo e vai correndo para onde estão as mulheres que comerciam com os **miúdos.** João se lembra do filho mais velho: "Daqui a dois anos, o Júlio pode vir me ajudar. Mas o que devia era ir para a escola." Ao longe, a voz do administrador parece que está ordenando nova matança. Êle vai para os currais outra vez.

Muitos de seus companheiros estão por ali, conversando. Um dêles censura o filho, que aos 16 anos já anda com uma mulher casada e comprou uma faca.

— Sangue pra mim é igual que água, pai — diz o rapazinho.

Dentro de um dos currais, um encarregado de açougue discute com um vaqueiro. Questão de preço de bois. João conhece o vaqueiro, é Juventino. Deve ser bom ser vaqueiro, pensa João. Trabalho mais limpo e mais bem pago. A discussão com Juventino deixa o encarregado nervoso, os vaqueiros começam a zombar dêle. O homem se enfurece, encara-os pondo a mão na faca. Os risos cessam:

O dinheiro de João deu para comprar só um cardeal; os outros êle vê apenas em sonho.

— Não tem home aqui pra me afeminá, não! — êle grita, vermelho de raiva.

E não tinha mesmo. Os vaqueiros baixam a cabeça e cochicham baixinho entre si. Ninguém responde ao desafio. João fica admirando a coragem do encarregado.

— João!

É o homem que lhe prometera outro boi.

— João, vem ver o teu... aquêle vermelho. Tenho mais três ainda pra tu matar, hoje.

Êle sobe na cêrca, olha seu próximo boi e dá graças ao (seu também) Senhor do Bonfim e da Bahia.

Meio-dia

Exausto, molhado de suor e sangue, João apóia a mão na parede amarela do mercado. Além dos cinco bois de **seu** Gumersindo, arranjou mais um do encarregado que não se deixou **afeminá.** Dezoito mil cruzeiros. Vicente vem chegando, perna bamba e olhar cansado. Senta-se no chão, a seus pés.

— Num agüento mais, tio.

— Tu é frouxo.

— Êsse último bicho quase me matou, o desgraçado.

— Quanto te devo, menino?

— O senhor que sabe.

— Toma aí dois mil...

Vicente fica quieto, mas sua expressão diz que merece mais. João dá-lhe cinco mil cruzeiros. O garôto olha a nota e sorri.

— Bênção, tio.

— Deus te abençoe.

Vicente se levanta e caminha arrastado, enfiando a nota carinhosamente no bôlso. João sente por êle amor e pena ao mesmo tempo. Pensa nos próprios filhos, na vida que vão ter, igual à de Vicente, primeiro; depois igual à sua. Não é bom viver da morte, coberto de sangue e dívidas.

Duas horas da tarde

A gaiola tem uns cem cardeais, que saltam de um poleiro ao outro sem parar. Como é bonito passarinho! Se fôsse rico, João compraria a gaiola com quantos cardeais houvesse lá dentro. A seu lado, Rosa olha a feira. Tanta coisa que é preciso comprar.

— Me dê aquêle...

Rosa volta-se e vê João recebendo o passarinho. Êle o afaga com ternura. As mãos de João, mãos feitas para o amor, flôres, pássaros e boi.

Nove horas da noite

João, Rosa e as crianças já estão dormindo. Em cima do fogão, a gaiola com o cardeal. O pássaro salta de um lado para o outro. Dentro do sono de João, o matadouro e muitos bois. Dezenas de bois que pastam sem pressa. João sorri, dormindo: voando sôbre os bois êle vê, no lugar dos urubus de sempre, muitos cardeais, dezenas de cardeais. FIM

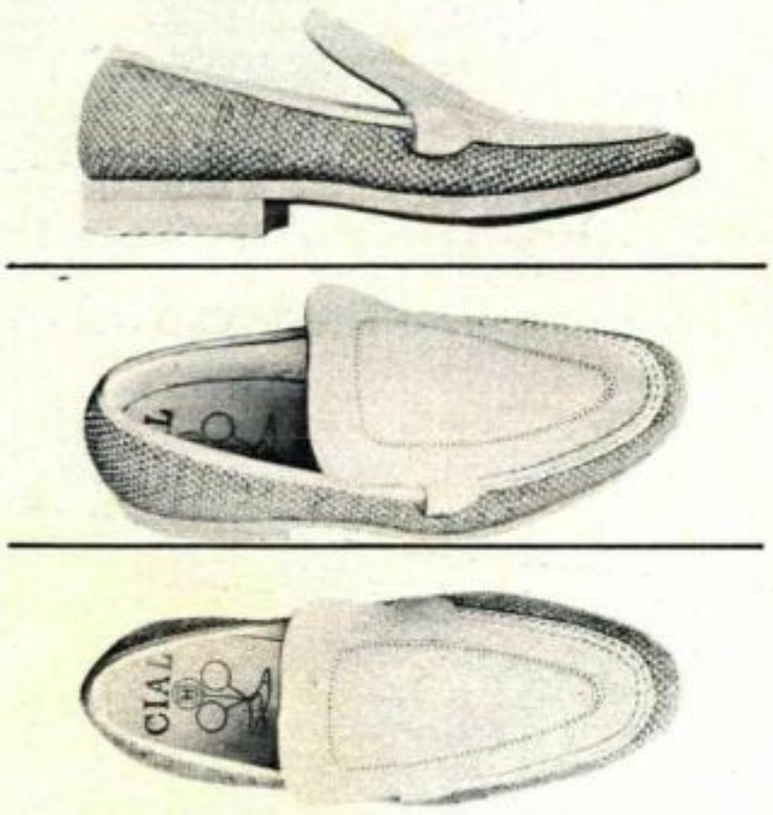
V. estava esperando um calçado de verão...

para usar no clube...

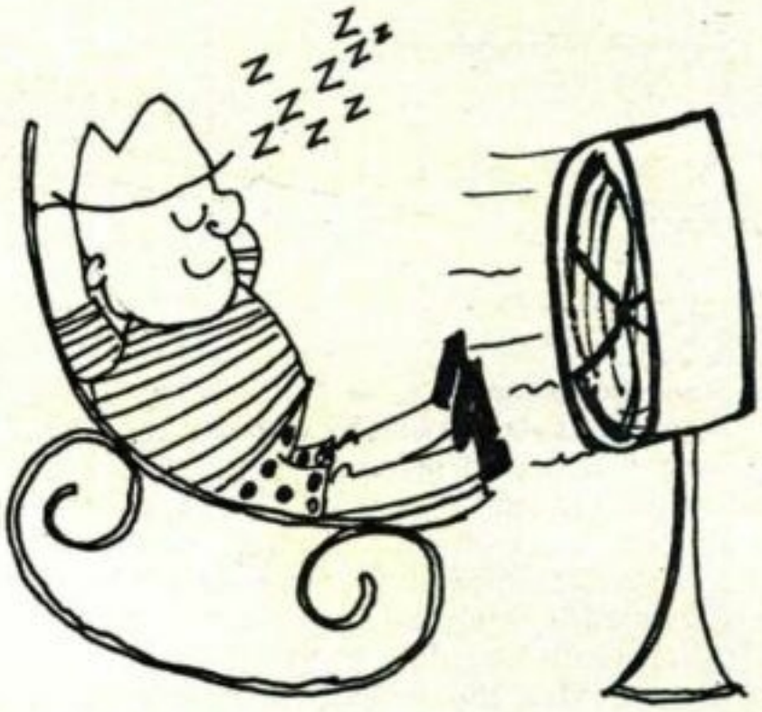
na praia...

nos passeios com a família...

por isso criamos CIAL-LINHO



o único calçado refrigerado a ar.



nós apostamos:

V. não encontrará um calçado mais leve.

CIAL-LINHO

delta

HERCULES S. A.
r. Honório Maia, 447
Fone: 9-0516 - São Paulo

O mundo inteiro celebra os dias de nascimento e da morte de um carpinteiro judeu, que nasceu num estábulo, nunca se afastou de sua terra natal e morreu como criminoso. Neste mês de Páscoa, REALIDADE apresenta um fascinante resumo da grande procura que teólogos e historiadores estão realizando para descobrir

QUEM ERA O HOMEM JESUS

Texto de Robert Coughlan - Adaptação de Duarte Pacheco
Ilustrações de El Greco, pintor espanhol do século 15/16

Quem era êsse homem?

Eis uma das questões mais fascinantes, e não só para cêrca de um bilhão de pessoas, um têrço da população terrestre, que de alguma forma professam o cristianismo, mas também para gente de todos os credos ou de nenhum, e de qualquer crença política, pois as conseqüências da vida daquele carpinteiro alcançaram de algum modo tôda a humanidade. Isto confirma o fato histórico da existência de Jesus. Mas não revela necessàriamente **quem** era êle.

Para algumas seitas ultrapiedosas do cristianismo, a questão pode parecer imprópria, e mesmo blasfema. Quem é o homem para querer entender Deus e avaliá-lo em têrmos humanos. Mas esta posição evidencia a má compreensão do primeiro princípio — o primeiro daqueles "acontecimentos históricos" — no qual o cristianismo se baseia: a Encarnação, a vinda de Deus à terra como o menino Jesus. De acôrdo com êsse dogma de fé, foi o próprio Deus que se encarnou na criança nascida de Maria, na manjedoura. Mas ao fazê-lo, êle se tornou uma criança de carne e osso, que deveria crescer da infância, passando pela adolescência, até a idade adulta, com tôdas as necessidades e desejos normais, dores e prazeres, ambições e deficiências de sua condição humana. Jesus não era meio-homem, meio-Deus, nem alternava as duas naturezas. Pelo conceito firmado nos primeiros concílios das igrejas, êle era verdadeiro Deus e verdadeiro homem **simultâneamente** "com a mesma essência do Pai no que se refere à divindade, e ao mesmo tempo, com a nossa mesma essência no que se refere à humanidade, em todos os aspectos, com exceção do pecado". Êle viveu no tempo e no espaço, entre outros homens, na corrente dos fatos históricos.

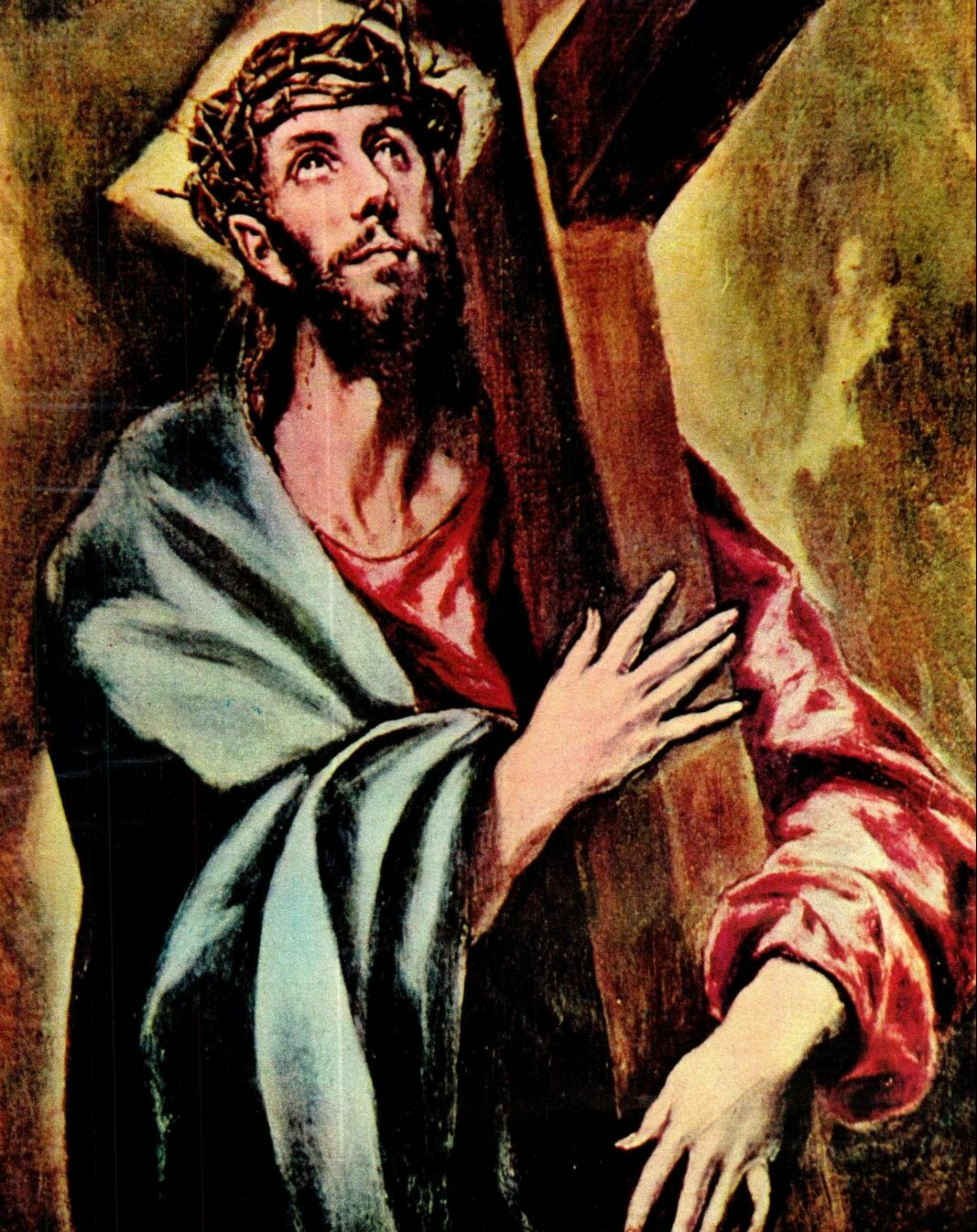
Dezoito séculos depois

Quem foi êsse Jesus da história? Aos cristãos de hoje parece estranho que se tenha esperado tanto tempo para procurar a resposta: de fato, a pesquisa só apareceu de maneira sistemática no século 18. A razão para esta demora foi a influência inibidora do Nôvo Testamento. Os cristãos admiravam as qualidades humanas de Jesus, mas dificilmente lhes poderia ocorrer a necessidade de pesquisar sôbre sua humanidade: a Bíblia era a própria palavra de Deus e êles a supunham isenta tanto de erros, quanto de omissões. Se fôsse da vontade de Deus que o homem soubesse mais a respeito de Jesus, êle teria incluído na Bíblia as informações necessárias.

A Reforma Protestante, embora tenha colocado as Escrituras nas mãos do povo, acrescentou maiores freios ainda à curiosidade, pois fêz da Bíblia a única fonte de doutrina e enfatizou seu sentido literal, mesmo quando suas narrações se mostrassem contraditórias. Lutero dizia: "se aparecer alguma dificuldade relativa às Sagradas Escrituras que não possamos resolver, devemos deixá-la de lado". Todos os acontecimentos históricos relativos a Jesus faziam parte da "história sagrada", e não estavam sujeitos a nenhum dos critérios de crítica e investigação aplicados à "história profana", a história da vida humana sôbre a terra.

Inevitàvelmente, no entanto, dado o clima intelectual especial que se desenvolveu a partir do século 18, a separação dêstes dois tipos de "história" não poderia prolongar-se. Vivia-se uma Idade da Razão e do Esclarecimento e, mais ainda, de um humanismo que sustentava a dignidade do indivíduo e os direitos do homem. Era natural, portanto, que surgisse um crescente interêsse pelo Jesus terreno, que tinha sido um homem, "em todos os aspectos, semelhante a nós" e que, além do mais, tinha sido um grande inimigo do formalismo religioso, das distinções de classe e dos egoísmos econômicos, e o maior amigo e defensor do homem comum. Então, tomou-se consciência de que, durante séculos, a natureza divina de Jesus tinha sido tão enfatizada que no final das contas, sua natureza humana foi, de uma maneira ou de outra, reduzida a um mito: irônicamente, tinha-se tornado mais fácil acreditar em Jesus como Deus do que imaginá-lo como homem.

E, assim, o esfôrço para descobrir o Jesus humano, "histórico", começou. Por muitos anos, o trabalho foi hesitante, nervoso e severamente desaprovado pelas autoridades constituídas. O primeiro grande esfôrço para aplicar os métodos de estudo histórico à vida de Jesus, o trabalho intitulado **Os Objetivos de Jesus e seus Discípulos,** de Hermann Samuel Reimarus, um professor de línguas orientais de Hamburgo, só foi mostrado, enquanto Reimarus viveu, a conhecidos de sua confiança e não foi publicado senão uma década depois de sua morte, em 1768. Um segundo marco, considerado por muitos como o mais importante dos livros sôbre o assunto, anteriores ao nosso século, foi a **Vida de Jesus,** de outro sábio alemão, um professor de Filosofia chamado David Friedrich Strauss. SEGUE



Na época crucificação era acontecimento comum

Apareceu em 1835 quando Strauss tinha 27 anos, e provocou tal escândalo que arruinou sua carreira. Mesmo na França, pátria do iluminismo, a publicação, uma geração depois, de uma outra **Vida de Jesus,** de Ernest Renan, filólogo e historiador, custou-lhe o seu pôsto de professor de línguas semíticas.

Mas como tem acontecido em outros tempos, as heresias de ontem freqüentemente se transformam em algo parecido com a nova ortodoxia. No fim do século 19, tornou-se moda em Teologia, reclamar a substituição da "religião **sôbre** Jesus" — como era a expressão usada — pela "religião **de** Jesus", uma ambição que, òbviamente, requeria submeter tôdas as fontes, inclusive as Escrituras, a uma análise cuidadosa no esfôrço de determinar exatamente o que tenha sido a religião **de** Jesus.

A maioria dos investigadores eram cristãos e muitos até eram padres e pastôres. Em conseqüência, enfrentaram uma série de problemas e angústias. Descobriram que muitos fatos tidos até então como "históricos" eram falsos. E aprenderam o suficiente, com bastante certeza, para serem forçados, pouco a pouco, a abandonar algumas de suas crenças.

Em 1906, Albert Schweitzer, filósofo, teólogo, músico e posteriormente médico, publicou o monumental volume **A Pesquisa do Jesus Histórico,** no qual êle examinava todos os esforços de investigação desde Reimarus. O capítulo final da obra começava assim: "Não há nada mais negativo do que o resultado do estudo crítico da vida de Jesus. O Jesus de Nazaré, que era reconhecído pùblicamente como Messias, que pregou a ética do Reino de Deus, que fundou o Reino do Céu sôbre a Terra, e morreu para dar a seu trabalho a consagração final, nunca existiu . ."

Evidentemente, Schweitzer não estava sustentando que Jesus nunca existira, ou que o "estudo crítico" tivesse sido inútil. Êle dizia apenas que as intenções atribuídas a Jesus pelos cristãos modernos ou apoiavam-se em provas insuficientes, ou se tinham tornado duvidosas, ou tinham mesmo se mostrado incompatíveis com as novas provas em contrário descobertas pelos investigadores.

Em resumo, a pesquisa tinha chegado a um impasse. Schweitzer analisara tão profundamente o material, que muitos especialistas achavam que nada mais havia a ser dito. Por muito tempo, a pesquisa do "Jesus histórico" foi pràticamente abandonada.

Nos últimos anos, porém, ela foi retomada. Não exatamente nos mesmos têrmos, pois não há mais esperança de se poder construir uma vida de Jesus como uma narrativa biográfica. Mas o objetivo final não é muito diferente. Pela aplicação das modernas técnicas de pesquisa a tôdas as coisas que refletem a vida, a época e a influência de Jesus, os adeptos da nova pesquisa esperam reconstruir o ambiente histórico de Jesus até que se consiga ter dêle uma imagem compreensível.

É fácil entender porque a procura foi tão àvidamente prosseguida. Mas por que dois séculos de intensa pesquisa produziram uma colheita tão pequena? E por que razão esperar que a nova procura tenha melhor sucesso?

Para encontrar as respostas, dois tópicos devem ser considerados. Primeiro: as dificuldades para saber quem era Jesus. Segundo: as possibilidades, agora renovadas, de saber — não obstante as dificuldades — muita coisa a respeito dêle.

Quatro homens contam a história

Examinando o primeiro tópico, é necessário recordar o que é possível aprender sôbre a vida de Jesus no Nôvo Testamento. De seus 27 livros, só os quatro primeiros, os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, é que contam sua história. São todos "biografias" dêle, mas de um modo muito limitado e seletivo; e, mesmo dentro de seu propósito limitado, êles discordam em detalhes importantes — por exemplo, sôbre as circunstâncias do seu nascimento.

Nem Marcos nem João tratam dêste assunto, mas Mateus e Lucas o fazem, e as diferenças começam já com a Natividade. Êles concordam que Maria, sua mãe, era casada com um homem chamado José, e que, por ocasião do nascimento de Jesus, ela era virgem. Por outro lado, ambos os evangelistas citam a genealogia para mostrar que Jesus era um descendente do rei David pela linha paterna — isto é, a linha de José — uma incoerência aumentada ainda mais porque aí e genealogia difere.

De acôrdo com Lucas, Maria e José vieram de Nazaré para Belém e, depois do nascimento de Jesus, voltaram para Nazaré. Mateus, embora situe o nascimento em Belém, relata a fuga da família para o Egito a fim de escapar do rei Herodes, e a volta da família depois da morte de Herodes, para só então, pela primeira vez, a estabelecer em Nazaré. Ambos situam o nascimento no reinado de Herodes; Lucas, no entanto, explica que José e Maria estavam em Belém porque um recenseamento tinha sido ordenado — quando, de fato, dados oficiais indicam que êste recenseamento só foi feito anos após a morte de Herodes. (Devido a esta e outras complicações, é impossível fixar exatamente a data do nascimento de Jesus).

Existem muitas dificuldades semelhantes. No que diz respeito à Ressurreição, acontecimento decisivo para o cristianismo, os Evangelhos estão de acôrdo em dois pontos: primeiro, o fato central de o túmulo de Jesus ter sido envontrado vazio; segundo, o fato de ter sido Maria Madalena a primeira pessoa a fazer esta descoberta.

Mas a concordância termina ali. Na história de Marcos, por exemplo, um jovem "vestido de branco" saudou Maria Madalena e suas companheiras com as palavras: "Não se assustem; vocês procuram Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Mas êle ressuscitou e não está aqui." Em Mateus, entre outros embelezamentos, houve um terremoto e um anjo que "veio e empurrou para trás a pedra", fatos ausentes das narrativas de João, Lucas e Marcos. Por outro lado, Lucas é o único a mencrionar a ascensão de Jesus ao Céu da encosta de uma colina na Betânia.

Se os "acontecimentos concretos" da Natividade e da Ressurreição, que estruturam a vida de Jesus e são básicos para a doutrina cristã, podem ser reduzidos a estas aparentes confusões históricas pelo simples confronto dos Evangelhos, é fácil imaginar que dificuldades aguardam o especialista que tenta investigar acontecimentos menores. Mas existem dificuldades ainda maiores por causa das coisas que os Evangelhos omitem.

Por exemplo, não há uma alusão à aparência física de Jesus. Seria êle alto e musculoso? Ou talvez robusto, porém magro? Seria êle simpático, ou feio, ou mesmo mal encarado? A respeito das qualidades morais de Jesus, os Evangelhos também não contam nada de especial.

Além do mais, êles quase nada dizem a respeito da vida que Jesus levou antes de começar seu ministério público, o que quer dizer, quase sua vida tôda. Depois da Natividade, da fuga para o Egito e da volta, não sabemos mais nada a respeito de sua infância até a idade de 12 anos, quando êle visitou o Templo em Jerusalém. Os próximos 18 anos ou mais estão contidos em 13 palavras de Lucas: "E Jesus cresceu em sabedoria, tamanho e graça, diante de Deus e dos homens." Por Marcos sabemos, no entanto, que êle era um carpinteiro, como seu pai terrestre, José, e que tinha quatro primos, chamados Tiago, Josué, Judas e Simão, e pelo menos duas primas, ainda que os Evangelhos não forneçam seus nomes. É evidente, em várias passagens do Evangelho, que seus primos não acreditavam que êle tivesse uma missão divina. E Marcos conta que alguns de seus amigos vieram até onde êle pregava, "para agarrá-lo, dizendo: êle está fora de si".

Por outro lado, parece que o povo de Nazaré tinha da misão de Jesus um ponto de vista que ia do ceticismo à completa indignação. Lucas conta que depois de ter Jesus pregado durante algum tempo pela Galiléia, veio para Nazaré, onde tinha crescido; e foi à sinagoga, como era seu costume, no dia de sábado. E se levantou para ler; e lhe foi entregue o livro do profeta Isaias. Êle abriu o livro e encontrou a passagem onde está escrito: "O espírito do Senhor está sôbre mim, porque êle me ungiu para pregar a boa nova ao pobre. Êle me enviou para proclamar a libertação aos cativos e a recuperação da vista aos cegos, para dar liberdade aos oprimidos, para proclamar digno de aceitação o ano do Senhor". E êle fechou o livro e o devolveu ao servente, e, quando sentou-se, os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nêle. E êle começou a falar-lhes: "Hoje esta escritura se cumpriu". E êles diziam: "Êste não é o filho de José?" E êle disse: "Na verdade vos digo, nenhum profeta é aceito em sua própria terra". Logo, todos na sinagoga encheram-se de ódio. E se levantaram e o expulsaram da cidade, e

o levaram até o alto para jogá-lo pela montanha abaixo. Mas, passando por êles, Jesus foi embora.

É uma história maravilhosa: vivida, dramática, tocante. Os Evangelhos têm muitas histórias maravilhosas. Mas serão verdadeiras? Verdadeiras, vale dizer, não apenas no sentido alegórico, mas no sentido histórico? Pela discordância nas histórias da Natividade e da Ressurreição, poder-se-ia justificadamente pôr em dúvida a verdade histórica de quase tôdas as histórias dos Evangelhos. Entretanto, quem os lê sente que êles estão cheios de verdades. Existem coisas ditas e narradas que devem ter sido faladas, devem ter acontecido, de algum modo. Existem outras fontes onde seja possível encontrar confirmação? Que dizem os escritores não-cristãos — os historiadores, cronistas, escribas e sacerdotes e diversos outros autores que viveram no tempo de Jesus?

Todos os documentos que poderiam conter alguma menção a Jesus já foram meticulosamente examinados, mas apenas algumas poucas referências foram até agora encontradas — tôdas breves, nenhuma de muito valor, e algumas pouco precisas ou tendenciosas. Existem três fontes romanas:

O historiador Tácito, escrevendo no princípio do século dois a respeito do grande incêndio que quase destruiu Roma, e que muita gente acredita ter sido ordenado pelo próprio Nero, para que pudesse reconstruir a cidade a seu gôsto, explica que, "para se livrar dêste rumor, Nero apontou como culpada, e a puniu com refinamentos de crueldade, a classe odiada por suas abominações, comumente chamada cristã. Cristo, de quem o seu nome derivava, foi executado por ordem do procurador Pôncio Pilatos no reinado de Tibério"...

Plínio, o môço, governador na Ásia Menor, numa carta ao imperador Trajano, por volta do ano 112 d.C., relata a existência de uma seita em sua área, cujos membros "cantam um hino a Cristo, como a um Deus"...

O historiador Suetônio, biógrafo de César, ao escrever a vida de Cláudio, menciona que "os judeus que contìnuamente provocavam distúrbios sob a instigação de Cristo, foram expulsos de Roma por Cláudio".

As duas outras fontes são judaicas:

O Talmud — as leis religiosas do judaísmo e a coleção de comentários e interpretações relativas a elas — contém também uma história a respeito de "Jesus, o Nazareno".

O historiador judeu Josephus, que viveu no primeiro século, menciona, em sua obra **Antiguidades dos Judeus,** que as autoridades executaram no primeiro século "o primo de Jesus, que era chamado Cristo, cujo nome era Tiago, e alguns outros".

Êstes e outros poucos fragmentos, ainda menos informativos, são as "provas independentes", os troféus de uma longa pesquisa através dos textos remanescentes de todo um século. Porém, por mais pobres que êles sejam, os especialistas ficaram agradecidos por tê-los encontrado, pois êles os guiaram a duas importantes conclusões.

SEGUE

A Ressurreição: Êle apareceu para vinte pessoas

Uma é que os cronistas do tempo de Jesus não consideram sua aparição como um acontecimento que tenha feito época. Com exceção de um curto período e poucos lugares, êle viveu e morreu desconhecido ou rejeitado.

A outra conclusão é que Jesus realmente **viveu** — e isto hoje é geralmente aceito. Já houve época em que o método "histórico-crítico", nas mãos de iconoclastas profissionais ou meramente maldosos, foi usado para reduzir tôda a Bíblia a uma ruína de fatos desconexos. Da mesma maneira a história dos Evangelhos era considerada uma invenção mística comparável às lendas de Apolo, Mitras e outras divindades humanas, e confirmava, mais uma vez, o instinto do homem para criar Deus à sua imagem. A tese do "mito de Cristo" teve uma aceitação considerável na metade do século 19, especialmente na França; mas foi também um francês que lhe deu a refutação mais efetiva ao usar a crítica histórica para "provar" que Napoleão nunca existira e era o produto de um "mito de Napoleão"!

Uma vez que o fato elementar de que existiu um "Jesus histórico" seja aceito como verdadeiro, seguem-se lògicamente algumas conclusões de importância. Desde que os Evangelhos e outros documentos do Nôvo Testamento foram escritos a respeito de uma pessoa real, por pessoas e para pessoas que viveram na mesma época e área, é razoável presumir que êles contêm, pelo menos, um núcleo de verdade histórica. Em conseqüência, mesmo sem prova absoluta, não há razão lógica para duvidar de itens elementarmente biográficos como os de que Jesus foi um líder religioso judeu, que viveu aproximadamente no início do que nós conhecemos como o primeiro século e passou a maior parte de sua vida discretamente na cidade de Nazaré, na Galiléia, até que se tenha proclamado um mestre itinerante, primeiro dentro e perto da Galiléia, porém mais tarde em Jerusalém; que as suas idéias foram desaprovadas pelas autoridades civis e religiosas e provocaram a sua execução na cruz; e que, então, "algo" aconteceu para convencer a seus discípulos de que êle tinha ressuscitado da morte, era divino e imortal, e tinha sido enviado por Deus para salvar os homens e voltaria para julgá-los.

O Messias, agente da liberdade

Através dos milênios de guerras, rumores de guerras, opressões, ocupações, aflições, injustiças, frustrações e indignidades que enchem a história judaica até o nascimento de Jesus, uns poucos traços sobressaem com significativa consistência. Um dêles é a crença, contida nas palavras dos profetas, de que a libertação milagrosa estava próxima, que Deus devia necessàriamente ter um plano para corrigir tôdas as coisas e que revelaria êsse plano à sua maneira e no tempo oportuno.

O agente desta libertação, escreveram os profetas, seria um Messias, um rei. Não seria um rei comum: seria um rei salvador e com qualidades divinas. Êle viria numa forma humana, e do meio do povo comum, como Saul e David. Seria descendente de David e nasceria em Belém, a cidade natal de David. A missão do Messias seria redimir Israel e guiá-lo para o destino que lhe fôra reservado. Êle não seria logo reconhecido, pois ninguém — nem o próprio Messias — teria consciência de sua verdadeira identidade até que êle tivesse terminado ou estivesse terminando a tarefa para qual Deus o elegera. Mas, com tôda certeza, o Messias viria. E quando êle viesse venceria todos os inimigos dos judeus, e a justiça e a alegria prevaleceriam para sempre. Enquanto isso, o importante era suportar os dias de adversidade, e esperar.

Admitindo que aquêles tempos, para os judeus que nêles viviam, eram os piores tempos, é fácil compreender porque o período da vida de Jesus pôde parecer "um período de tumultos" sem paralelo. O único intervalo de independência nacional após o domínio babilônico, gloriosamente conquistado na revolução dos Macabeus (cêrca 167-42 a.C.), desintegrou-se em disputas religiosas e dinásticas tão profundas que em 63 a.C. os "faccionistas" ajudaram Roma a dominar o país. Os romanos preferiam governar através de reis locais, e na Palestina, como êles chamavam a terra dos judeus, instalaram Herodes — "Herodes, o Grande" — um homem brilhante, intrigante, cruel e sanguinário, que reinou de 40 a 4 a.C., e assim era rei na época do nascimento de Jesus. Êle foi um pródigo construtor de cidades, palácios e monumentos, e uma das poucas coisas que o recomendava a seus súditos era o fato de ter feito de Jerusalém, a cidade santa, um lugar de esplendor e ter começado a reconstruir o Templo de acôrdo com os planos grandiosos de Salomão. Por outro lado, entretanto, o dinheiro para êstes grandes projetos tinha de sair de algum lugar, e o pêso excessivo dos impostos e taxas caiu sôbre o povo. Uma resistência inflamada se espalhou principalmente entre os fortes camponeses das montanhas da Galiléia. A morte de Herodes provocou rebeliões — sob a liderança de um certo "Judas da Galiléia" — ali e em tôda parte. Os romanos as esmagaram e crucificaram dois mil rebeldes. Em seguida, por volta do ano 6 A.D., os romanos fizeram da Judéia uma província sob o govêrno direto de procuradores romanos, e impuseram um impôsto próprio, aumentando ainda mais a carga de impostos já opressiva. Judas liderou uma nova revolta na Galiléia e, com um nôvo grito de guerra e unidade — "Nenhum rei senão Deus!" — conclamou os judeus a não pagarem nenhum tributo a César. Os ramanos o mataram. Mas dentre os seus seguidores saíram os organizadores de nôvo movimento clandestino, em parte político, em parte militar-terrorista, conhecido como o movimento dos zelotas.

No ano 26 d.C. o pôsto de procurador passou a Pôncio Pilatos. Pilatos mostrou que sabia como ofender a sensibilidade dos judeus, e que tinha prazer em fazê-lo. Mandou suas tropas marcharem sôbre Jerusalém, carregando os estandartes das legiões, com suas insígnias gravadas — pinturas de divindades e animais. Isto violava a proibição religiosa de imagens e esculturas. O resultado foi uma revolta popular, que Pilatos sufocou com muito derramamento de sangue. Pouco tempo depois êle resolveu construir um aqueduto de 100 quilômetros, para o suprimento de água a Jerusalém e, para pagá-lo, desapropriou alguns fundos especiais do Templo. Isso provocou novas revoltas e novas repressões.

Seguramente os tempos estavam maduros para o aparecimento do Messias.

Durante a vida de Jesus e algumas décadas antes e depois apareceram pelo menos uma dúzia de supostos Messias. Êles constituíram uma fonte de constante inquietação para os romanos, e para as autoridades judaicas, religiosas e civis, através das quais os romanos exerciam seu domínio, porque, mesmo sem reivindicar o título de Messias ou de "Rei dos Judeus", êles provocavam a agitação popular que, naquela atmosfera volátil, podia fàcilmente inflamar-se até uma revolução geral. Muitas vêzes a solução adotada era matá-los, como, por exemplo, Herodes Antipas, o tetrarca da Galiléia e Peréia, fêz com João Batista — não para atender o desejo juvenil de Salomé de receber a cabeça de João numa bandeja, mas porque a eloqüência de João e seu poder de inflamar a imaginação popular faziam com que Herodes o considerasse um perigoso agitador e uma ameaça crescente a seu govêrno. Muitos foram apedrejados, alguns passados ao fio da espada, outros crucificados; ocasionalmente alguns sobreviviam.

Contra êsse pano de fundo — de expectativas messiânicas e apocalípticas, de execuções e assassinatos em massa e de vozes gritando no deserto — torna-se possível compreender porque Jesus não foi suficientemente famoso ou extraordinário para ser notado ou comentado. Para os cristãos, o julgamento de Jesus e sua morte na cruz constituem o maior drama da história, mas para as autoridades daquele tempo o acontecimento era familiar e desagradável — e o melhor era que fôsse ràpidamente terminado e esquecido.

Por outro lado, se Jesus fazia milagres, muitos outros os fizeram antes. Era parte da função sacerdotal curar doenças e "afugentar os demônios"; e, de acôrdo com as Escrituras, os antigos heróis e profetas fizeram milagres iguais a qualquer um dos atribuídos a Jesus. Se êle era divino ao nascer, na cultura greco-romana era fácil imaginar a mistura de humanidade e divindade. O imperador era tratado como um semideus e o seu espírito era reverenciado em túmulos especiais espalhados pelo Império, inclusive na Palestina. O nascimento e a morte de homens predestinados a missões especiais por Deus (ou pelos deuses) eram casos quase de rotina e eram sempre acompanhados por sinais sobrenaturais de aprovação ou reprovação — vozes vindas das nuvens, cometas, estrêlas cadentes, terremotos, ventos, aparições, etc.

Quanto à Ressurreição, a idéia também era

familiar há muito tempo. A maioria dos judeus acreditava em alguma forma de imortalidade pessoal e muitos aceitavam a ressurreição física do corpo no Dia do Julgamento. Que um morto se levantasse do seu túmulo e voltasse à vida na terra, era considerado um acontecimento extraordinário mas dentro dos limites de possibilidade, como se vê pela narrativa de Marcos quando conta que, ao se espalharem as novas das pregações e maravilhas de Jesus, muitas pessoas concluíram que "João Batista havia ressuscitado da morte". E quando Herodes Antipas ouviu as notícias, o seu primeiro pensamento foi: "João, a quem decapitei, ressuscitou".

Por certo que o reaparecimento de Jesus no Templo, digamos, ou em qualquer outro lugar onde pudesse ser visto pelas autoridades e pelas multidões das ruas, causaria uma tremenda sensação e um espanto geral. Mas os Evangelhos, tão contraditórios a respeito das aparições de Jesus depois da Ressurreição, estão pelo menos de acôrdo em afirmar que êle só apareceu a pouco mais de vinte pessoas, tôdas as quais eram seguidoras suas. E com exceção da referência de Paulo, em uma de suas cartas, a "mais de quinhentos irmãos", os outros escritos do Nôvo Testamento não mencionam aparições públicas.

Para aumentar as dificuldades, os livros mais antigos do Nôvo Testamento — e provàvelmente os mais antigos documentos cristãos de qualquer tipo — são as duas epístolas de Paulo aos tessalonicences, escritas por volta de 50 d.C.. Isto significa que entre a Crucificação e as primeiras referências escritas a Jesus de que se tem conhecimento há um lapso de 21 anos. E entre a Crucificação e o primeiro Evangelho que conhecemos, o de Marcos, há um lapso de 30 a 40 anos.

No princípio, um pequeno grupo

Para os especialistas engajados na procura, êste hiato entre os acontecimentos e suas narrativas foi a primeira decepção. Mas o hiato se torna compreensível quando inserido no contexto dos primeiros cristãos e visto através dos olhos dêles, não dos nossos. Do ponto de vista dêles, a preparação de narrativas escritas durante aquêles primeiros anos seria absurda.

Os primeiros cristãos — ou "nazarenos", como foram originàriamente chamados — eram um pequeno grupo de judeus, inicialmente não mais do que algumas dúzias, que começaram se reunindo em Jerusalém, nas semanas entre a Crucificação e Pentecostes. Êste grupo inicial era composto, na sua maioria, de galileus e incluía os apóstolos (que tinham novamente se tornado doze, depois da escolha de Matias para substituir Judas Iscariotes); as mulheres, como Maria Madalena, que tinham seguido Jesus e atendido às necessidades dêle e do grupo; e vários outros discípulos e crentes, uns dos tempos da missão de Jesus na Galiléia e outros convertidos depois da Páscoa.

SEGUE

No século I ser cristão não era nada seguro

O grupo incluía também "Maria, a mãe de Jesus, e seus primos". A sede não oficial do grupo era uma casa particular que pertencia a uma mulher rica, presumìvelmente viúva, pois é mencionada nos Atos não pelo nome de seu marido mas como "Maria, a mãe de João, cujo outro nome era Marcos". Possìvelmente foi aí, numa sala do andar superior, que Jesus e seus discípulos fizeram a Última Ceia. Esta mesma sala parece ter-se tornado então dormitório provisório, sala de reuniões e lugar de oração — e algumas vêzes é mencionada como "a primeira igreja cristã", ainda que o têrmo pudesse ser aplicado tão bem, ou talvez melhor ainda, ao Templo de Jerusalém.

Grande parte do dia dos primeiros cristãos era gasta no Templo. Êles iam ao Templo para orar, para repartir o calor da fé e da amizade mútua e para pregar fervorosamente a Boa Nova ("Evangelho" quer dizer boa nova) de Jesus para todos que quisessem ouvir. Mas acima de tudo, êles ficavam por ali simplesmente para estar ali quando Jesus descesse do Céu: estar ali, à espera e agradecidos, a fim de dar-lhe as boas vindas e compartilhar do seu triunfo "naquele dia enorme e terrível"; quando êle voltaria para julgar os pecadores e estabelecer o Reino de Deus. E para os cristãos primitivos, isto iria acontecer logo. Poderia acontecer amanhã, hoje, talvez na hora seguinte.

O Reino de Deus era iminente. Nestas circunstâncias, escrever sôbre Cristo parecia-lhes um absurdo e uma perda de tempo e energia inútil. Só quando os anos se passaram sem a Segunda Vinda, e a cristandade começou, à fôrça, lenta e dolorosamente, a trocar sua visão apocalíptica e messiânica da nova idade por uma religião viável e moderada, para ser vivida já na época atual de pecado, é que passou a ser sentida a necessidade de dados sôbre a vida, missão e ensinamentos de Jesus. Mesmo então, ainda persistiam dificuldades. O material de escrita era caro, e os apóstolos e a maioria dos outros que haviam conhecido Jesus eram gente muito pobre. Mais ainda, a maioria dêles eram analfabetos ou apenas semi-alfabetizados. Por outro lado, escrever parecia uma afronta aos costumes. O método tradicional de pregação era oral: o professor decorava o assunto e expunha-o ao aluno, que o decorava e passava adiante, oralmente. O método era chamado **catequese,** isto é "ecoar".

Os primeiros cristãos eram influenciados por esta tradição de "transmissão oral" tanto quanto o resto da comunidade judaica, pois êles eram também judeus — um fato que precisa ser repetido para não ser negligenciado ou esquecido. O Livro dos Atos chega a proclamar que, naqueles primeiros tempos, os cristãos tinham "o apoio de todo o povo". Isto é, naturalmente, um exagêro. Ainda assim, havia boas razões para que os judeus tolerassem os cristãos. Os cristãos judeus eram considerados uma seita dentro do judaísmo, já que observavam estritamente a Lei e dispensavam uma devoção incomum ao Templo — marcas visíveis de lealdade religiosa do ponto de vista do judaísmo. Além do mais, seu zêlo pela vinda do futuro Messias não podia senão merecer a aprovação dos outros judeus, ainda que a declaração dos cristãos de que já sabiam quem era o Messias, limitasse a tolerância dos judeus não-cristãos.

Mas não parece que limitava muito, pois as excentricidades dos cristãos — seu batismo, seu "socialismo", suas orações e cantos e sua amabilidade, bem como sua fixação messiânica em Jesus — não eram maiores do que as outras seitas que se abrigavam sob esta religião cômoda e tolerante.

No entanto, a seita cristã aparecia não só como mais extensa do que a maioria das seitas, mas também como uma seita cujas crenças continham alguns pontos que eram, pelo menos, ofensivos às maiores seitas e partidos, e uma grande quantidade de ensinamentos que eram completamente contrários aos saduceus, a seita majoritária em Jerusalém. Existia uma minoria fechada de ultraconservadores que aceitava como sagrada apenas a Lei (o Pentateuco, ou os cinco primeiros livros da Bíblia) e rejeitava tudo mais que conhecemos como Antigo Testamento, inclusive, portanto, idéias "novas" como a ressurreição dos mortos e o messianismo. Êles eram conservadores também do ponto de vista econômico, pois representavam principalmente a aristocracia financeira, proprietária de terras e sacerdotal, e polìticamente eram colaboradores oportunistas de quem quer que detivesse o poder, naquele momento os romanos. Com tais pessoas os cristãos pobres, simples, pouco práticos, idealistas, na maioria camponeses galileus desajeitados, teriam, mais cêdo ou mais tarde, de ter problemas.

O primeiro problema realmente sério ocorria já poucos anos depois da Crucificação, quando um jovem ardente e impetuoso chamado Estêvão, um líder **helenista** (judeu que falasse grego e que tendesse a ser "liberal" em suas atitudes face às tradições do Judaísmo), pregou que as palavras de Jesus superavam a Lei. Estêvão foi acusado de blasfêmia e apedrejado até a morte, tornando-se assim o primeiro mártir cristão. Seus companheiros helenistas foram expulsos de Jerusalém. Muitos se exilaram no estrangeiro, onde se tornaram os primeiros missionários cristãos, fundando congregações muito antes de Paulo (o qual, como o jovem fariseu Saulo, perseguidor de cristãos, havia assistido ao apedrejamento de Estevão).

Os apóstolos e o resto dos cristãos não-helenistas não foram molestados, mas que esta tolerância era transitória ficou claro quando, no ano 44 d.C., Herodes Agripa (neto de Herodes, o Grande) "perseguiu violentamente alguns que pertenciam à Igreja. Matou Tiago, irmão de João, com a espada; e prendeu Pedro." Pedro escapou da prisão uma noite e fugiu para "a casa de Maria, a mãe de João, cujo outro nome era Marcos, onde muitos estavam reunidos e rezavam. Êle lhes descreveu como o Senhor o tinha tirado da prisão, e depois partiu para outro local".

Com a fuga de Pedro, o lugar de líder foi ocupado por "Tiago", que o sustentou até sua própria morte, 18 anos mais tarde. Êste Tiago era o primo mais môço de Jesus, e para distingui-lo do apóstolo recentemente martirizado (Tiago Maior) e de outro apóstolo do mesmo nome (Tiago Menor), êle é conhecido na Bíblia como "Tiago, o primo de Jesus". Embora fôsse um convertido de depois da Páscoa, êle logo se tornou um membro influente do conselho interno, e durante seu longo tempo de liderança, por seu caráter firme, passou a ser conhecido pelos judeus como "Tiago, o Justo". Era muito mais conservador que Pedro, tão conservador que parecia conduzir os cristãos para o partido dos fariseus e eventualmente para o desaparecimento. Ainda assim, quando um nôvo sumo sacerdote chamado Ananus tomou posse, no ano 42 d.C., Tiago foi arrastado perante o Sinédrio, a suprema côrte dos judeus, e sob a acusação de ter violado partes da Lei, foi condenado ao apedrejamento até a morte. A despeito dos longos intervalos de coexistência pacífica, quer se tratasse de um Estêvão radical, quer de um Tiago reacionário, fica evidente que ser cristão no primeiro século em Jerusalém não era cômodo nem, tampouco, seguro.

Uma guerra destrói os documentos

Assim aconteceu que os anos se passavam e Jesus não voltava, e muitos judeus cristãos — especialmente da nova geração — começaram a perguntar-se qual a base de sua fé. Que disse Jesus? Que fêz êle? Que aconteceu durante aquêles grandes eventos — Natividade, Batismo, Crucificação, Ressurreição — nos quais se baseavam sua fé e suas vidas? E assim, ao lado da tradicional "transmissão oral", uma parte da pregação começou a ser escrita. Por outro lado, os judeus não-cristãos deviam ter guardado os relatórios sôbre Jesus e os primeiros cristãos, especialmente os processos do Sinédrio. E os governadores romanos também deviam ter feito seus próprios relatórios e narrativas de vários tipos. O que aconteceu a tudo isso?

Se tais relatórios estavam arquivados em Roma, provàvelmente foram destruídos no grande incêndio de 64 d.C., que devorou o edifício que continha os arquivos do Império e os reduziu a cinzas. Os arquivos judeus foram, na sua maior parte, destruídos durante a guerra contra Roma.

No ano de 66 d.C., em seguida a uma longa série de desordens em Jerusalém e através do país inteiro, estourou uma revolução geral na Palestina contra o domínio romano. Os principais líderes e os combatentes mais ferozes eram os zelotas, os descendentes políticos de "Judas da Galiléia", que tinha sido morto pelos romanos em seis d.C. e cujos filhos tinham liderado uma nova revolta, igualmente prematura, na quarta década, e foram crucificados pelos romanos.

SEGUE

A Companhia Gillette orgulhosamente lança no Brasil a lâmina Gillette Super Inoxidável.

Ela faz mais barbas do que qualquer outra lâmina do mundo.

Por que a lâmina Gillette Super Inoxidável é tão durável? Porque ela é feita de micro-aço inoxidável.

Porque é temperada 1.100° acima de zero e 55° abaixo de zero. Porque seu fio é revestido com Polymer, um processo exclusivo da Gillette.

Sem contar que é polida 12 vêzes e passa por 76 testes de qualidade.

O resultado é que a lâmina Gillette Super Inoxidável faz mais barbas do que qualquer outra lâmina do mundo.

Sempre com a mesma suavidade.

E sempre gastando menos cruzeiros por barba.

Experimente a nova lâmina Gillette Super Inoxidável.

Aí você vai entender por que ela já é conhecida como

a interminááaaaaaaaavel!

gálaxie
gálaxie
gálaxie
êsse carro
não me sai
da cabeça,
doutor

da
minha
também
não

o ford gálaxie está para chegar no seu revendedor ford

Marcos foi o primeiro a escrever sôbre Jesus

O caráter suicida da resistência judaica pode ser avaliado pelo fato de que Roma levou quatro anos para recapturar Jerusalém e mais outros três para subjugar as fortalezas mais distantes. Neste processo, a população foi dizimada — os romanos venderam milhares de judeus como escravos e exilaram outros milhares. No sítio a Jerusalém e durante o assalto final (com os zelotas defendendo rua por rua, casa por casa), a maior parte da cidade foi destruída — inclusive o Templo, que Herodes, o Grande, começara em 20 a.C. e cujos retoques finais tinham sido dados havia apenas oito anos. Convencidos de que a religião dos judeus é que tinha provocado tudo isso, os romanos destruíram sistemàticamente tôdas as sinagogas do país. Em todos os lugares, os símbolos religiosos eram destruídos ou removidos, os escritos e comentários sagrados, os grandes pergaminhos e livros, os arquivos, documentos e cartas eram confiscados e destruídos ou, se o material era de boa qualidade, os textos eram rasgados ou lavados para que os pergaminhos pudessem ser novamente utilizados.

Quem foi Jesus de Nazaré?

Entre todos êsses documentos mutilados e destruídos, sem dúvida existiam alguns que poderiam ter contribuído para uma resposta. No entanto, e irônicamente, foi esta guerra terrível que concorreu mais do que nenhuma outra causa para que os Evangelhos fôssem escritos, e assim nos fornecessem a maioria das coisas que sabemos a respeito de Jesus. Até então, o método "oral" de história tinha parecido suficiente e bom, pois ainda existia muita gente que podia se lembrar de Jesus e de suas pregações, em primeira mão. E, enquanto houvesse uma comunidade cristã em Jerusalém, esta "igreja de Jerusalém" continuaria a ser a fonte de doutrina para tôdas as outras "igrejas". Agora, no entanto, entre martírios, guerra e o passar dos anos, a mortalidade da "geração apostólica" de repente se tornou evidente para todos. A morte de Tiago, o Justo, foi seguida, dois anos mais tarde, pelas perseguições de Nero em Roma, durante as quais, presumìvelmente, Pedro e Paulo morreram. E apenas dois ou três anos depois, era a própria igreja de Jerusalém que cessava de existir. Seus membros se recusaram a apoiar a revolução que, segundo o seu ponto de vista, era um esfôrço inútil para remendar uma era que já estava condenada. E logo depois que a luta começou, muitos dêles emigraram para uma cidade chamada Pela, do outro lado do Jordão. Estabelecendo-se aí, êles governaram a "igreja mãe" deslocada durante as décadas seguintes e lutaram por manter sua autoridade, mas com uma eficácia cada vez menor. Tudo conspirava para empurrá-la para a obscuridade.

Os outros judeus, meditando a respeito do naufrágio de sua vida religiosa e nacional, tornaram-se intolerantes com as seitas não-ortodoxas e especialmente com os cristãos, por causa de sua deserção face ao inimigo. Por sua parte, tanto os cristãos da Palestina como os de outros lugares estavam ansiosos por se separarem dos rebeldes a fim de evitar a vingança de Roma. Assim, um dos efeitos da guerra foi dar aos cristãos uma identidade separada, que foi reforçada durante os anos seguintes, à medida que o trabalho missionário conquistava um número cada vez maior de adeptos gregos, sírios e de outros povos do Mediterrâneo oriental. Por volta de 80 d.C. o cristianismo não era mais uma seita judaica: estava no mundo e tomava consciência cada vez maior de que, se a mensagem de Jesus devia ser adequadamente levada a tôdas as nações, havia necessidade de alguma coisa mais do que as memórias falhas de evangelistas viajantes.

E assim a redação dos Evangelhos começou. Mas entendê-los e interpretá-los corretamente é uma tarefa difícil. Para se ver quão difícil, basta resumir o que já se sabe sôbre a autoria, as origens e o contexto dêsses quatro documentos.

O mistério dos Evangelhos

O **Evangelho segundo Marcos** pode ter sido escrito por aquêle mesmo jovem mencionado antes como "João, cujo outro nome era Marcos" e cuja mãe emprestou a casa para as reuniões dos primeiros cristãos e talvez para a Última Ceia. Como membro de uma classe favorecida, João Marcos provàvelmente aprendeu grego tão bem quanto latim. Acompanhou Barnabé e Paulo em uma de suas viagens missionárias e, de acôrdo com Papias de Hierápolis — um incansável coletor de informações (e desinformações) sôbre a igreja primitiva — trabalhou com Pedro, em Roma, como intérprete. De tanto ouvir as histórias de Pedro sôbre Jesus, contadas e recontadas, João Marcos deve ter se tornado um entendido tanto quanto Pedro, e quando êste morreu, Marcos resolveu preservar os seus depoimentos.

A hipótese mais comum é que o Evangelho segundo Marcos, a primeira narrativa completa do ministério de Jesus que nós conhecemos, foi terminado aproximadamente em 68 ou 69. Mas seria realmente de João Marcos? Viria a informação realmente de Pedro? Não existem provas nem de uma nem de outra afirmativa. De qualquer modo, o Evangelho de Marcos logo recebeu a maior consagração possível: foi usado (sem reconhecimento da dívida) por Mateus e por Lucas como base para suas versões maiores e mais elaboradas.

O **Evangelho segundo Mateus** era geralmente tido, desde os fins do segundo século, como o primeiro Evangelho escrito, sendo o de Marcos considerado quase como uma síntese dêle. O êrro só foi descoberto no século 19, quando pesquisadores eruditos demonstraram que, num determinado número de lugares, tanto Mateus quanto Lucas seguem a mesma seqüência de idéias e incidentes, e tôda vez que isto ocorre, a mesma seqüência existe também em Marcos. Mateus e Lucas escreveram independentemente e provàvelmente nem mesmo sabiam da existência um do outro, mas cada um tinha uma cópia do Evangelho de Marcos e a achou igualmente útil.

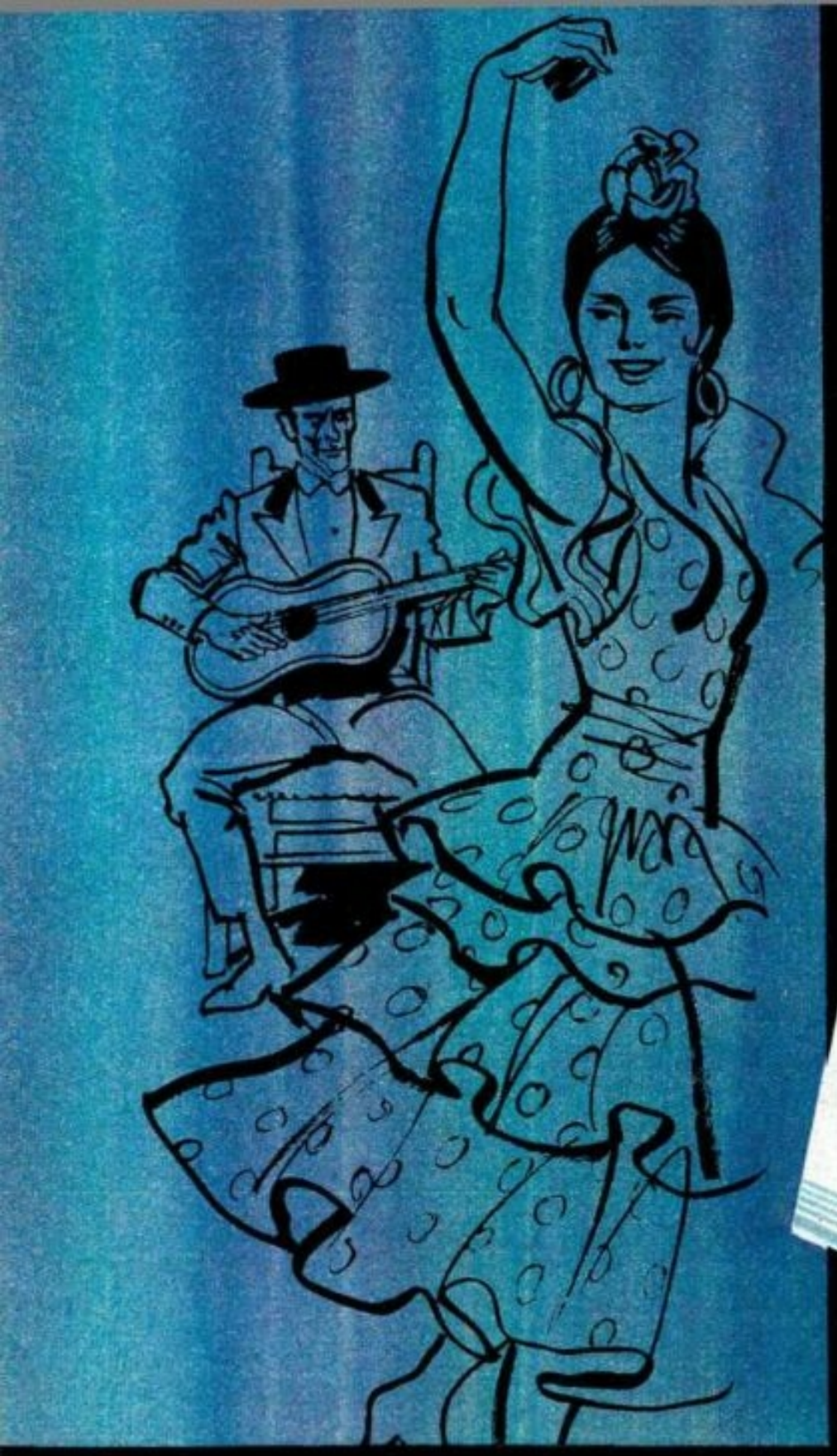
Quanto ao próprio Mateus, sua situação ainda é ambígua. Ao lado da presunção de ter sido seu Evangelho o primeiro a ser escrito, sempre existiu também a hipótese de que êle era o apóstolo Mateus — anteriormente o publicano Levi. Atualmente, no entanto, os especialistas acreditam que o apóstolo escreveu muito pouco ou quase nada do Evangelho. O verdadeiro autor é desconhecido, mas acredita-se que êle tenha escrito na Síria, talvez em 80 d.C., e que era um judeu cristão, profundamente familiarizado com a Lei e com os profetas: sua concepção do cristianismo é colorida, em quase todos os aspectos, pelo modo de pensar judeu.

O **Evangelho segundo Lucas** foi escrito, mais ou menos na mesma época que o de Mateus — provàvelmente por volta de 85 a 90 d.C., — e há menos razão, neste caso, para duvidar da teoria tradicional sôbre a autoria de Lucas, que deve ter sido um cristão gentio e, com tôda probabilidade, viveu, trabalhou e pelo menos começou a escrever seu Evangelho na grande, antiga e altamente civilizada cidade síria de Antióquia. Paulo, que era amigo íntimo de Lucas, fêz desta cidade seu quartel e base de trabalho, assim como Barnabé, Silas e outros pregadores da Boa Nova. Lucas, aparentemente, participou de algumas viagens missionórias de Paulo: era médico, lingüista e portanto uma companhia culta e útil. Òbviamente, era também um homem de fé profunda, e escreveu seu Evangelho e **Os Atos dos Apóstolos** por algumas razões muito sérias.

Por êsse tempo, o cristianismo era considerado um crime no Império Romano — não por causa de alguma iniqüidade especial, mas porque suas crenças impediam seus adeptos de honrarem, ainda que formalmente, o "espírito divino" do imperador. A ação romana contra êles tinha sido, porém, com exceção da orgia sangrenta de Nero, casual até a época em que Lucas escreveu; então, sob o domínio de Domiciano (81-96 d.C.), começou um plano doloroso de expulsão das famílias cristãs para lugares distantes e de confisco de suas propriedades. Assim, Lucas sentiu a necessidade de um "apologista" dos cristãos perante os romanos, hábil e bem informado, e reconheceu em si mesmo as qualidades para êste papel; era um mestre de estilo e, sob a aparência de um contador de histórias, um mestre da propaganda e subversão de preceitos oficiais.

Mas Lucas, com sua inteligência e amplitude de visão, não podia apenas ser um propagandista. Êle se considerava um historiador e, com o devido desconto para seus objetivos "apologéticos", contribuiu de fato para o conhecimento histórico da igreja de Jerusalém e das batalhas internas que quase bloquearam a evangelização de Paulo entre os gentios. Posteriormente, ainda que tenha digerido até os ossos o Evangelho de Marcos, fêz isto com a melhor das intenções: sentiu que o assunto merecia um tratamento melhor do que o dado por Marcos — sêco, monocromático, tratando estritamente dos fatos. Que fontes de informações êle utilizou além de Marcos não se sabe, ainda que seja aparente em seu Evangelho que êle tinha mais algumas. Êle não foi pessoalmente testemunha ocular de nenhum dos acomtecimentos, e seu conhecimento do Antigo Testamento, do Judaísmo e da cultura judaica, ainda que substancial, estava longe de ser o conhecimento de um especialista.

SEGUE



A Espanha é Madri... guitarras e castanholas... O flamenco! É o bom gôsto internacionalmente apreciado. O bom gôsto que personaliza o fumante de

minister

FILTRO DE LUXO

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

um cigarro
de agrado
internacional

GRANT-R. M. 2

Os evangelistas queriam convencer, não informar

Necessàriamente uma grande quantidade de suas informações deve ter procedido de Paulo (que nunca viu Jesus vivo), de Barnabé (que viu, mas como discípulo e não como um dos Doze), de Pedro (que visitou a Antióquia) e de outros amigos judeus "que, desde o princípio", como diz Lucas, "foram testemunhas oculares e ministros da palavra".

Na linguagem da Teologia, Mateus, Marcos e Lucas são conhecidos como "os sinóticos" (sinóticos quer dizer que têm um ponto de vista igual ou comum), porque êles contam essencialmente a mesma história, geralmente do mesmo modo e usam muito o mesmo material e às vêzes até as mesmas frases.

Já que se trata, no final das contas, da mesma história, ocorrida em uma pequena região e num curto período de tempo, não haveria nenhuma razão especial para estranhar uma concordância sumária desta espécie entre os Evangelhos. Mas a harmonia sinótica é relativa, e a principal utilidade do têrmo não é o que estabelece a respeito dos três primeiros Evangelhos, mas sim o modo pelo qual os distingue do quarto Evangelho: atribuindo aos três primeiros uma harmonia relativa, o têrmo chama atenção para a grande diferença que os separa do último.

O **Evangelho segundo João,** na mente dos especialistas em Nôvo Testamento, tende a ser transpôsto automàticamente para um título largo e genérico como **O Problema de João.** De fato, João é um verdadeiro ninho de problemas, grandes e pequenos.

Os sinóticos sugerem que o ministério de Jesus durou cêrca de um ano e mencionam apenas uma viagem a Jerusalém — a que terminou na cruz. De acôrdo com o relato de João, o ministério continuou por três anos, durante os quais Jesus fêz várias viagens a Jerusalém. Os sinóticos, de modo geral, fazem a mesma seleção das principais cenas da vida de Jesus, descrevem-na de um modo muito semelhante e as colocam na mesma seqüência cronológica. João faz a sua própria seleção e, quando inclui algumas das mesmas histórias dos sinóticos, menciona-as segundo as conveniências de seu texto, em lugar da ordem cronológica preferida pelos sinóticos.

Nos sinóticos, Jesus raramente fala de si diretamente, não se proclama Messias e é reticente sôbre sua divindade. João apresenta Jesus com uma personalidade completamente nova, afastando qualquer dúvida sôbre seu caráter messiânico, e o põe a falar de si mesmo e a afirmar sua divindade em uma série de metáforas nobres e incisivas.

Naturalmente, João proclama também a humanidade de Jesus, mas na realidade não está muito interessado nesta natureza humana. Seu interêsse, sua obsessão, é a natureza divina de Jesus, e seu propósito é defini-la, demonstrá-la, defendê-la contra todos os rivais e tôdas as dúvidas.

Tratando dêste tema, João se vale de metáforas e simbolismos muito mais do que os outros evangelistas. Isto o leva a tornar-se algumas vêzes obscuro, embora êle consiga, outras vêzes, numa mistura de simplicidade e imaginação, exprimir idéias teológicas de grande complexidade e sutileza em umas poucas frases evocativas.

Geralmente presumia-se que o autor do Evangelho fôsse o apóstolo João, irmão do apóstolo Tiago, ambos pescadores na Galiléia. De acôrdo com a tradição, João teria viajado largamente como evangelista e terminara por estabelecer-se em Éfeso, importante cidade da Ásia Menor. Já no fim da vida, a pedido insistente dos apóstolos que ainda viviam, resolveu escrever sua versão do Evangelho. Mas João havia envelhecido e tendia naturalmente a ser um tanto rabugento e dogmático, e também a confundir as datas e seqüências de acontecimentos já tão distantes.

Estas partes da tradição ajudaram a explicar algumas das peculiaridades notadas no Evangelho de João, e a crença de que o apóstolo passara vários anos em um centro grego esclarecia o sabor de filosofia grega que se nota no seu Evangelho. Mas com o estudo histórico-crítico da Bíblia e com a obrigação do estudioso de inquirir tudo, esta tradição simplesmente caiu aos pedaços, e hoje quase todo mundo concorda que êle não foi o apóstolo.

Ao contrário, parece que não foi nem um único autor. Podem ter sido muitos, cujo trabalho, por sua vez, foi editado por pessoas desconhecidas. Entre as fontes possìvelmente estava João, "o discípulo amado". E depois de considerável discussão, o Evangelho está agora datado de cêrca de 70 a 90 d.C., o que o torna muito posterior a Marcos.

Mateus, Marcos, Lucas e João — os nomes familiares, na ordem familiar, representam para o cristão "os Evangelhos". Que sejam quatro não espanta mais do que o fato de as pessoas terem duas pernas, enquanto cavalos têm quatro. Mas quando "os Evangelhos" são olhados no seu contexto histórico, a situação muda inteiramente, e o que parece estranho e requer explicação é o fato de êles serem quatro, nem mais nem menos. Por que não 14 ou 40, ou qualquer outro número, ao acaso?

Nos séculos 2 e 3 existiram outros "evangelhos"

Na realidade, conforme se sabe hoje, existiram outros Evangelhos em circulação no segundo e terceiro séculos. Êles eram uma parte, e uma pequena parte naquela época, de uma fantástica expansão de escritos cristãos que começara por volta do tempo em que Lucas e provàvelmente João estavam escrevendo: epístolas, revelações, visões apocalípticas e profecias, novas listas de mandamentos transmitidas por anjos, sermões, prescrições, tratados — com efeito, quase tôda espécie de documentos religiosos. Era, de certo modo, um sintoma do sucesso da nova religião: ela estava se espalhando ràpidamente por todo o Império, sendo aceita por convertidos cujo entusiasmo os fazia querer contribuir com as suas próprias idéias para torná-las melhor. Nestes documentos, costumava-se reescrever os incidentes ocorridos com Jesus e seus apóstolos, de modo a fazer com que êles acontecessem em um lugar familiar à população local e envolvessem situações e conseqüências de interêsse local. As mesmas liberdades eram tomadas na criação de novos "evangelhos", e assim, nestas invenções, Jesus poderia ser encontrado visitando locais estranhos, contando parábolas bizarras e tendo conversas com as pessoas mais improváveis. Desde que os anos de sua infância e adolescência não tinham sido documentados e havia grande curiosidade sôbre êles, certos "evangelhos" se dedicavam exclusivamente a êste período. É desnecessário dizer que sua sabedoria precoce, habilidades e façanhas eram surpreendentes.

Segundo outra velha e respeitável tradição, o autor de qualquer um dêstes primeiros documentos cristãos, se o assinasse, com tôda probabilidade não usaria seu próprio nome (a menos que fôsse famoso), mas um nome que garantisse uma maior e mais respeitosa atenção: geralmente o de um dos apóstolos ou discípulos principais, ou, à medida que o tempo foi passando, o nome de alguma celebridade da Igreja. Também eram feitas modificações nos textos tradicionais: palavras e frases eram mudadas, outras simplesmente eliminadas e outras ainda interpoladas.

A principal razão para êste caos doutrinal e literário era que não havia uma autoridade central na Igreja que decidisse e impusesse padrões. Em fins do primeiro e começos do segundo século, cada igreja era autônoma não apenas econômica e administrativamente, como na decisão de crenças e práticas religiosas. As igrejas tinham em comum sua crença em Jesus como o Cristo ressuscitado, Filho de Deus e Redentor; mas exceto por êste elo central e essencial não estavam comprometidas com quaisquer regras ou doutrinas. O resultado era, naturalmente, um brotar de estranhas combinações que misturavam idéias cristãs com sobrevivências de numerosos cultos e crenças antigas.

Em meados do segundo século, porém, as igrejas começaram a coordenar seus pontos de vista sôbre os assuntos fundamentais. E o mais essencial era decidir quais, naquela confusão, eram os mais velhos e mais merecedores de confiança quanto à autoria e ao conteúdo. Naturalmente, a suprema necessidade era chegar a um acôrdo sôbre os Evangelhos. O processo de seleção continuou ainda por algum tempo, até que, no ano 170 d.C., a Igreja de Roma estabeleceu que só admitia os Evangelhos segundo Marcos, Lucas, Mateus e João, além de mais vinte e dois livros e a Epístola aos Hebreus, como integrantes do Nôvo Testamento.

Até que ponto os evangelhos se destinavam realmente a ser história e até que ponto êles não foram o que deveriam ter sido? Tendo examinado o ambiente histórico no qual êles surgiram e tendo acompanhado seu processo de formação como um acontecimento real, estamos agora em condições de entender as respostas. Elas podem ser resumidas do seguinte modo: A intenção fundamental dos escritores dos Evangelhos não era **informar,** mas **persuadir.** Êles estavam interessados nos fatos — no que "realmente aconteceu" — mas principalmente pelo uso que dêles pudessem fazer como instrumentos de pregação e catequese. SEGUE

norte sul leste oeste norte sul leste oeste

Para nós é o roteiro do dia-a-dia. Nossos aviões voam diàriamente para todo o Brasil, em tôdas as direções. No rumo sul, nós lhe oferecemos São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Pôrto Alegre. Para o norte-nordeste, Manaus, Belém, Recife, Fortaleza, Natal, Aracaju, Maceió, São Luís. Para o centro-oeste, Brasília, Goiânia, Cuiabá, Campo Grande. Corumbá. Para o leste, Rio, Salvador, Belo Horizonte, Vitória. Mas não é só. Mais 44 cidades espalhadas pelo Brasil completam a rêde VASP.

Para onde quer que você vá, conte com a VASP para viajar bem!

viaje bem... viaje

VASP

MEMBRO ASSOCIADO

IATA

QUALIDADE EM TRANSPORTE AÉREO

vasp 07966

por que os hoteis e toalheiros ficam tão satisfeitos com as toalhas Garcia?

Porque êles precisam de um produto (de qualidade) que resista ao uso intenso e às lavadas constantes, semana após semana, meses a fio. E as toalhas GARCIA provaram na prática que podem ser usadas o dia inteiro, sempre enxugando bem. A mesma qualidade das toalhas comerciais, GARCIA emprega nos jogos de toalhas domésticas, que embelezam o banheiro e dão prazer ao seu banho.

As toalhas GARCIA sabem conciliar qualidade e beleza. Seus desenhos sóbrios e modernos vão agradar seu bom gôsto. Afinal, não é isso que V. espera de uma toalha?

*Isolda, nas côres azul, rosa-choque e amarelo.

JOGOS DE BANHO, CAMA E MESA

Empresa Industrial GARCIA BLUMENAU - SC

A PROVA QUE QUALIDADE NÃO CUSTA MAIS

*ISOLDA

quem acha que os pequenos detalhes devem ser valorizados, vai entender agora como é importante usar lambris de Duraplac nas decorações

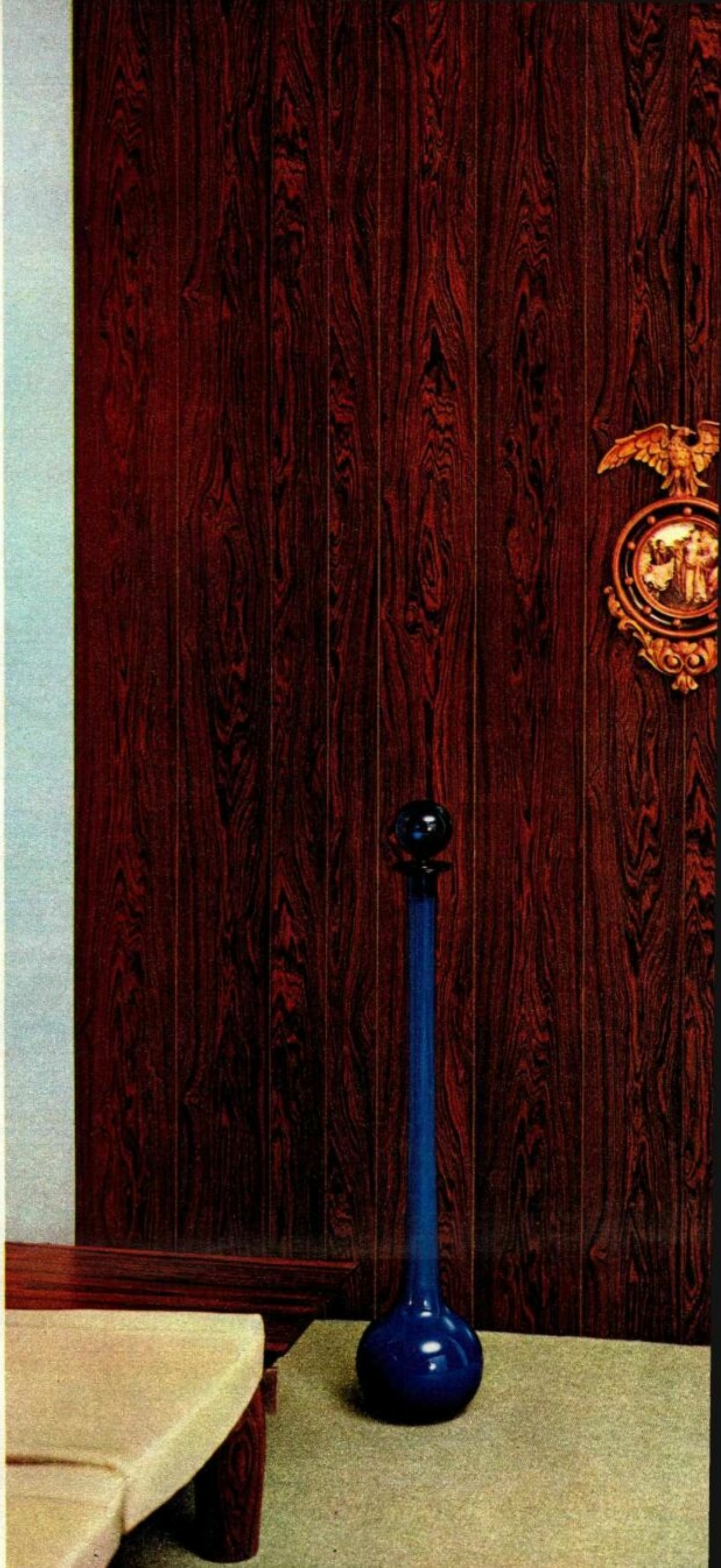
aliás, importantíssimo

Você pode utilizar os lambris de Duraplac de dezenas de maneiras. Ou melhor, centenas. Porque são vinte padrões diferentes, para você combinar a seu gôsto. Duraplac possui beleza sóbria, destacando cada detalhe da sua decoração. São doze padrões lisos: branco, azul, verde, coral, cinza, prêto, areia, vermelho, mel, pérola, azul-celeste, e verde-turquesa. E oito padrões-madeira: jacarandá-da-Bahia, jacarandá-paulista, perobinha, imbuia, caviúna, marfim, cerejeira e sucupira. Nenhum outro material lhe oferece tantas possibilidades de uso. E nenhum outro é tão fácil de aplicar como Duraplac. Tente.

a melhor divisão · o melhor lambris

DURAPLAC

orgulho e produto da **DURATEX** *S.A.*



Manuscrito milenar ajuda a decifrar a história

O escritor do Evangelho de João resume sua intenção e a dos outros autores quando diz a seus leitores que havia "escrito para que se pudesse acreditar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e, acreditando, se pudesse viver em seu nome".

Os evangelistas não estavam escrevendo "história" ou "biografia", mas também não estavam simplesmente construindo mitos. Ernest Renan definiu muito bem a mistura especial de **fato** e **intenção** nos Evangelhos quando disse: "Os Evangelhos não são nem biografias nem lendas fictícias; êles são biografias lendárias, nas quais a verdade histórica e o desejo de apresentar modelos de virtude são combinados em vários graus". E não só os evangelistas não pretendiam deixar um "relato histórico" da vida de Jesus, como também não poderiam tê-lo feito, ainda que o tivessem tentado. Isto porque nenhum dêles (com a hipotética exceção de João, o discípulo amado) foi testemunha ocular dos acontecimentos.

Os Evangelhos são, porém, as únicas fontes específicas sôbre a vida de Jesus. Assim, ficam definidas as razões das dificuldades e, aparentemente, o insucesso quase inevitável, da procura. Coube a Rudolf Bultmann, professor de Nôvo Testamento na Universidade de Marburgo, na Alemanha, denunciar a situação à geração de estudiosos dos anos 1920 e seguintes, como Schweitzer tinha feito à geração anterior. Bultmann escreveu: "Penso que não podemos hoje em dia saber nada a respeito da vida e personalidade de Jesus".

Bultmann era um professor famoso, o líder de um grupo brilhante de jovens teólogos que êle havia treinado e introduzido em cargos importantes em Marburgo e outras universidades, e a sua afirmação se tornou famosa. Anteriormente, quando os estudiosos falavam dos obstáculos à pesquisa histórica sôbre Jesus, era pelo menos com certo grau de pesar, e mesmo de tristeza. A partir de então, no entanto, e por muitos anos depois, a falta de interêsse pela "historicidade" da vida de Jesus passou a ser pregada como a atitude oficialmente correta.

Do "Jesus histórico", o foco de interêsse se transferiu para o "querigma". O significado literal desta palavra grega é "proclamação", e ela é empregada para designar a pregação do Evangelho da Redenção. Para Bultmann e seus seguidores, o essencial nos Evangelhos era o **querigma** — o anúncio da Encarnação de Deus para salvar os homens. O resto era uma tradição, quase inteiramente adulterada, sem valor histórico e profundamente marcada pela cultura da época. Com isso a procura era lançada num bêco sem saída. E começou a parecer que apenas por algum milagre poderia a pesquisa do "Jesus histórico" voltar a merecer algum dia um esfôrço sério e em larga escala.

A mudança de atitude em relação à procura data de um acontecimento em 1947, tão inesperado que pareceu quase um milagre. Um pastor beduíno de 15 anos, chamado Maomé, que estava vigiando seu rebanho de cabras no deserto, na costa ocidental do Mar Morto, atirou uma pedra numa cabra extraviada. A pedra errou o alvo e caiu numa fenda aberta na encosta rochosa. Maomé ouviu alguma coisa quebrar. Foi verificar e encontrou uma caverna cheia de recipientes de barro, num dos quais, despedaçado por sua pedra, estava à vista um rôlo envelhecido de pergaminho prêto.

O que Maomé encontrará era a primeira amostra de uma biblioteca inteira, escondida em várias cavernas da região, contendo a literatura sacra dos essênios, uma das principais seitas judaicas do tempo de Jesus. (Os historiadores sabiam alguma coisa sôbre os essênios pelos escritos de Josephus e outros autores menores, e havia tantos paralelos entre suas crenças e as dos primeiros cristãos que Renan, escrevendo um século antes, referiu-se ao cristianismo como um "essenismo bem sucedido".)

Desde então os Manuscritos do Mar Morto têm sido objeto de um empreendimento científico maciço e contínuo, que já consumiu muitos recursos e muitos talentos, de vários países e de quase tôdas as correntes religiosas. Uma enorme literatura surgiu e abriu-se um diálogo intenso em muitas línguas, muitos níveis e muitas direções.

Houve outras conseqüências importantes. Ficou bem claro, por exemplo, que, embora as características partilhadas pelos essênios e pelos primitivos cristãos fôssem muito mais numerosas do que Renan ou qualquer outro historiador imaginara antes, as diferenças entre as duas seitas eram também fundamentais. O resultado mais importante, porém, foi o nôvo espírito ecumênico e as novas oportunidades de pesquisas criadas pelos Manuscritos.

Hoje, a busca de novos documentos continua intensa. A falta de fontes contemporâneas e próximas à vida de Jesus tinha paralisado a procura desde seu início. A partir do século 19, apareceram velhos manuscritos, alguns do terceiro século e uns poucos do segundo. Mas nunca se tinha encontrado nenhum manuscrito original do primeiro século. E a esperança de novas descobertas valiosas era cada vez menor.

Mas se os Manuscritos existiam e de repente foram descobertos, muita coisa pode ainda acontecer. A afirmação de Lucas de que "muitos cristãos escreveram narrativas" da vida de Jesus, implica claramente na existência de outros evangelhos, além do de Marcos, que Lucas conhecia e utilizou. Será que alguns dêsses evangelhos ainda existem, em algum lugar desconhecido? E que terá acontecido aos helenistas que deixaram Jerusalém depois do martírio de Estêvão? Alguns foram para o exterior e pregaram o Evangelho; mas não teriam alguns dêles também escrito **seus** "evangelhos"? E os nazarenos, os primeiros judeus cristãos? Entre êles, havia muitos sacerdotes e escribas letrados. Devemos supor que não registraram nada e se limitaram à pregação oral? Quando a guerra dos judeus contra Roma começou e muitos judeus cristãos fugiram para Pela, não teriam êles levado consigo seus escritos sagrados? Os essênios preservaram seus manuscritos, escondendo-os; não teriam êstes primeiros cristãos feito o mesmo? Mas então é possível que muitos outros documentos estejam, ainda hoje, encerrados em vasos de barro em alguma caverna desconhecida nos desertos do Jordão, esperando que outro Maomé atire uma pedra providencial! E quem garante que não poderão ser descobertos também preciosos documentos judeus e romanos?

Enquanto isso, o mais importante é que a fraternidade internacional e ecumênica entre os especialistas está tornando tôda a literatura já existente acessível pràticamente a todos que se interessam por ela. Os cristãos estão estudando documentos judaicos, inclusive a vasta literatura rabínica; estudiosos judeus estão testando seus conhecimentos e pontos de vista nos documentos cristãos.

Além disso, está-se desenvolvendo o que poderia ser denominado o "diálogo interdisciplinar": mais do que nunca, os estudiosos bíblicos não apenas estão conversando entre si, como também com especialistas de muitos outros campos de conhecimento. Porque, todos o compreendem hoje, o conhecimento de "Jesus histórico" depende do conhecimento do meio histórico que o circundou, que agiu sôbre êle e sôbre o qual êle atuou.

E a fé continua inatingida

Em 1953, por volta da época em que os especialistas começaram a tomar consciência do alcance dos Manuscritos do Mar Morto, os discípulos de Bultmann, reunindo-se para o seu costumeiro seminário anual, ouviram o prof. Ernst Kasemann, da Universidade de Tübingen, na Alemanha, audaciosamente declarar que havia chegado o tempo de aprofundar o estudo do querigma e relacionar o Cristo da fé com o Jesus real, vivo, histórico. A maré, de fato, mudara de direção; e não só houve concordância entre os "discípulos de Marburgo", como também êles passaram a publicar artigos eruditos e vários livros reinterpretando os Evangelhos à luz dos novos materiais e dos novos enfoques.

Em que situação se encontra a nova procura? Pode-se afirmar que a possibilidade de certeza sôbre Jesus não faz parte dos cálculos, agora ou nunca: a cômoda figura dos cartões coloridos dos catecismos dominicais desapareceu. Mas a fé nem por isso precisa ser atingida. E a prova mais convincente é o fato de que ela não foi afetada nos estudiosos que justamente foram mais longe no esfôrço de destruir as antigas "certezas coloridas". A provação a que se submeteram, a obrigação de duvidar, provar, rejeitar e continuar procurando a evidência que pudesse sobreviver aos ataques dos colegas exigentes e teimosos — tudo isso pode parecer mais próximo da ciência do que da fé. O cristão comum tem pouco conhecimento disso e na prática não necessita ter, pois as fontes de sua fé ainda são, como sempre, a família, a sociedade e acima de tudo a instituição da Igreja, com tôda a sua variedade e vitalidade. Mas pode ser confortador e até importante para êle, nos seus momentos de dúvida, saber que, para os especialistas, embora o "frágil revestimento de ladrilho", como Schweitzer chamava os detalhes da fé, tenha desmoronado, o "alicerce histórico inamovível" permaneceu. FIM

TEM ALÍ UM DESPACHANTE QUE TE QUEBRA O GALHO, MEU CHÁPA!

A ABERTURA DAS PORTAS

SÓ AMANHÃ!

H. LUZ

O TRISTE FIM DE JOÃO DA SILVA que perdeu seus documentos

Ia tudo muito bem para João da Silva, brasileiro, até que, certa manhã no ônibus, veio o **lunfa.** Com a carteira, levou-lhe todos os documentos. João, um homem quase feliz, nem percebeu, pois estava muito preocupado, pensando nos planos, bem próximos de realização, para atingir suas últimas e definitivas metas na vida: ter casa própria e comprar um automóvel.

Quando chegou à auto-escola (já estava cuidando da carta de motorista) foi entregar os documentos e só então sentiu falta da carteirona, onde guardava tôda a papelada.

Viu-se o João sem título de eleitor, sem carteira de identidade, sem carteira profissional, sem certificado de reservista, sem a carteirinha de estudante de cursinho (ótima para pagar meia entrada no cinema), sem os cartões de visita, sem o bilhete de loteria para quarta-feira (ah, mas, se fôsse premiado, pegaria o ladrão na hora de receber, se lembrava do número), sem o retrato da mulher quando era môça e sem o outro, colorido, êle em pé, a mulher sentada, uma criança ao lado de cada um. E, pior, também sem o telefone daquela senhora muito jeitosa que, mesmo ao lado do marido, passou-lhe discretamente um papelzinho, enquanto João ocupava-se em olhar as manchetes numa banca de jornais, até que muito **inocentemente.** SEGUE

Texto de José Carlos Marão
Ilustrações de Mílton Luz

Título de eleitor é fácil: demora só vinte dias

Mas, dinheiro, pelo menos, o ladrão não viu. João tinha muito pouco, e estava no outro bôlso.

De como tudo se arruma com facilidade

João sentiu-se nu, solitário e desprotegido. Agora, era um perigo andar na rua. Afinal, a qualquer momento poderia acontecer um atropelamento, uma briga, ou qualquer outra coisa, viria a Polícia:

— O senhor é testemunha. Quedê os documentos?

— Ah, **seu** guarda, um ladrão hoje cedo, no ônibus...

— Pois vai provar isso na delegacia!

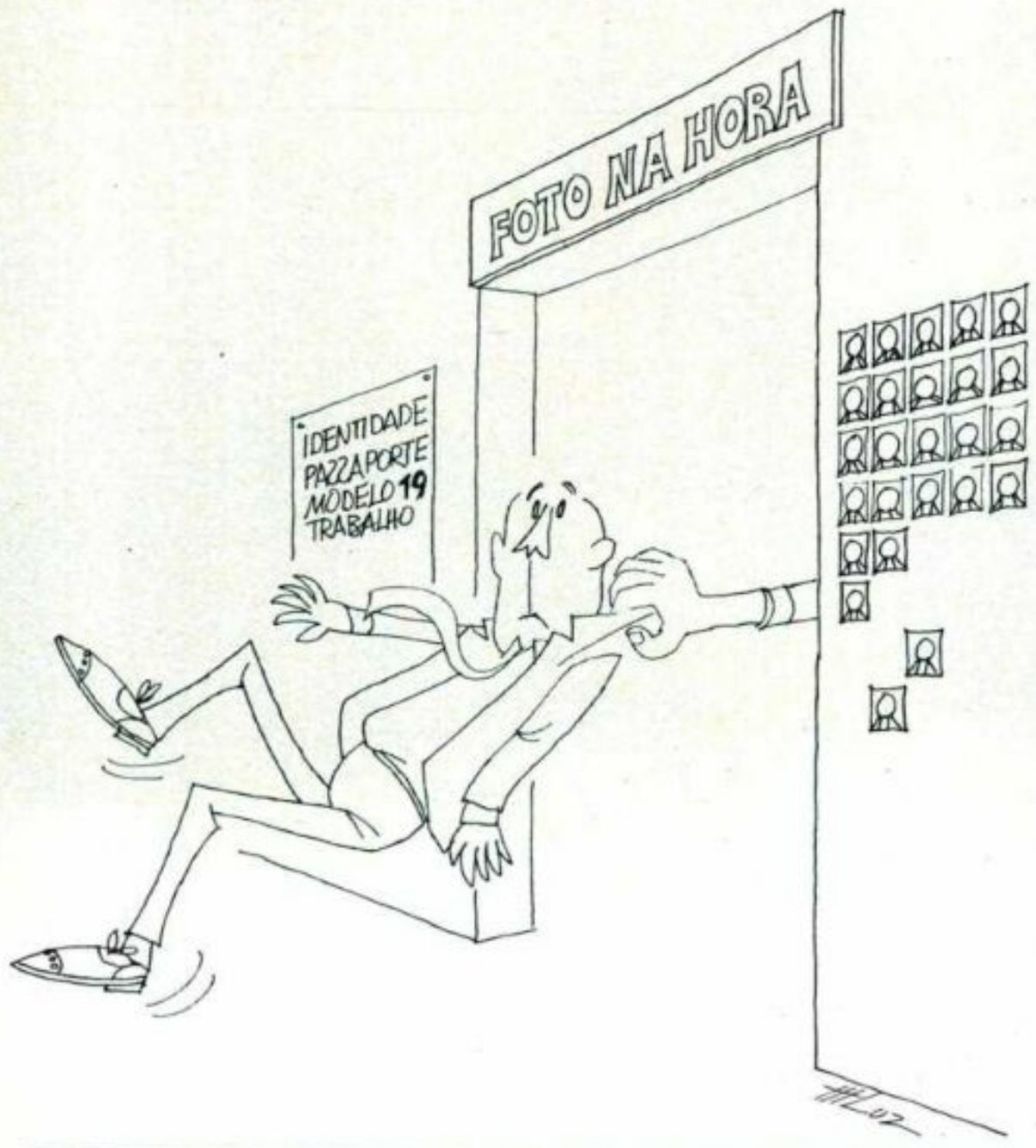
Lembrou-se João que também não poderia mais tomar suas pinguinhas de noite no bar do Juca Português, perto da sua casa, pois lá, de dois em dois dias, **baixava** o comando, pedindo a carteira profissional de todo mundo que estivesse bebendo, único e real motivo pelo qual João carregava sempre êsse volumoso caderninho de anotar empregos. Quem está bebendo e não tem carteira profissional é vadio. Vai para a Vadiagem.

Mas João da Silva, que não é bôbo, tem um amigo investigador, um tira que já tinha passado por tôdas as delegacias, e foi procurá-lo, com muito cuidado para não entrar em nenhuma fria em que tivesse de mostrar os perdidos documentos.

O tira explicou que seria muito difícil achar o ladrão, apesar da especializada do setor, com sua diligente equipe, prender muitos por dia. Ia depender muito do acaso, pois o João não se lembrava de ninguém dentro do ônibus com cara de gente que rouba. Aconselhou-o a visitar, vez ou outra, o depósito da Delegacia de Roubos pois se o malandro fôsse prêso com os documentos no bôlso, teria de entregá-los. João foi até a Delegacia de Roubos, não encontrou nada e foi informado pelos senhores investigadores que, se o ladrão só encontrou documentos, êles já deviam estar bem no fundo de algum rio.

João voltou ao tira amigo, chorou as mágoas: ia ter que tirar todos os documentos de nôvo. Mas o rapaz consolou-o. Aliás, tinha até um parceirinho, muito acostumado a lidar com papelada, que poderia arrumar tudo para êle, em dois dias, a trôco de uma nota até que meio baixa.

— E você acha que eu sou otário de dar dinheiro para despachante? Pois vou é tirar tudo eu mesmo, honestamente. Se êle faz em dois dias, eu também faço. E depois, velhão, o papai aqui é vivo.



De como a coisa começa a ficar difícil

João, que já estava no DI (Departamento de Investigações) resolveu começar pela carteira de identidade. Foi até o balcão de informações, onde dois guardas e duas môças da Polícia Feminina tentavam atender, naquele exato momento, umas 50 pessoas, e a fila ainda estava aumentando. Mas, muito vivo, furou a fila e foi atendido por um guarda sorridente, de faixa verde-amarela no braço. João explicou bem a história, contou do ônibus, do carro que ia comprar, do retrato colorido que custou caro (naquele tempo!) e até do telefone daquela senhora.

O guarda, muito gentil, explicou que, para tirar a segunda via da carteira de identidade, João só precisava trazer o título de eleitor, comprar um formulário na papelaria, três mil cruzeiros de sêlo estadual e pronto. Estava tudo resolvido.

João notou, portanto, que precisava primeiro do título de eleitor. Mas e se, lá, pedissem carteira de identidade para tirar título? — meditava João, enquanto ia para o Tribunal Regional Eleitoral. Quando estava a uns 50 metros da porta do TRE, teve de despachar vários sujeitos que diziam:

— Ei, môço, olha a carteira para o título!

— Proteja seu título com o nôvo plástico de fórmula americana!

— Fotô-grafias na hora!

Na porta, perguntou o que tinha que fazer para tirar outro título. O funcionário perguntou em que bairro morava, êle respondeu e ouviu:

— Terceiro andar.

— Mas, o que é que eu preciso levar?

— Terceiro andar, môço.

— E não precisa levar nada?

— Eu já não falei terceiro andar para o senhor?

Era mais político ir ao terceiro andar. João foi. Na frente dos elevadores, num corredorzinho bem apertado, outra fila enorme. E descobriu que, para felicidade dêle, quem queria segunda via era só entrar direto na sala, não tinha de enfrentar fila.

— Môço, para tirar segunda via...

— É fácil, sai na hora. Quedê a fotografia?

— Bom, eu não trouxe, eu não sabia. Só precisa fotografia?

— Só.

João, aliviado pelo "sai na hora" do rapaz que atendeu, foi tratar de tirar fotografia, mas lembrou que o dinheiro não dava, tinha de ser no dia seguinte. E foi para casa, condenado a assistir novela depois do jantar, pois como ir ao bar do Juca Português sem carteira profissional?

As complicações continuam as mesmas

João entrou no fotógrafo às duas da tarde, depois de ter trabalhado de manhã e conseguido permissão na firma para tirar os documentos. O fotógrafo também era amigo dêle e depois de ouvir tôda a história dos documentos furtados, do empréstimo da Caixa Econômica, e do vestibular que ia fazer depois de velho, sentou João na cadeirinha, acendeu as luzes e foi falando:

— Olha, o negócio é ir no despachante, senão você vai sofrer com êsse trabalho todo. Ergue mais a cabeça. E se você não se lembrar mesmo daquêle telefone, ah, velho, vá para a tal banca de jornais e fique de plantão. Um dia ela passa de nôvo. Olha para a máquina. Uma vez aconteceu a mesma coisa comigo e eu fiz isso que te falei. Pronto.

— Eu espero aqui?

— Só fica pronto daqui uma hora.

— Mas você não escreve lá fora que tira fotografias na hora?

— Eu tiro na hora, mas só entrego depois.

Já passava de três horas quando João chegou no TRE. Desviou-se dos mesmos camelôs de fotografias e carteiras para proteger o título. Chegou ao terceiro andar, foi ao mesmo rapaz.

— Qual é seu nome?

João deu, e dois minutos depois o môço já estava com sua ficha.

— A coisa aqui funciona mesmo — pensou o João.

— O senhor tem de pagar uma multa.

— Essa é boa, sou roubado e ainda pago.

— O senhor foi roubado?

Veio a mesma história. Contada que foi, desceu João ao térreo (pela escada, que o elevador é impossível) para pagar a multa. Foi rápido. Subiu de nôvo, esperando encontrar o título pronto. O môço entregou-lhe um papelzinho amarelo:

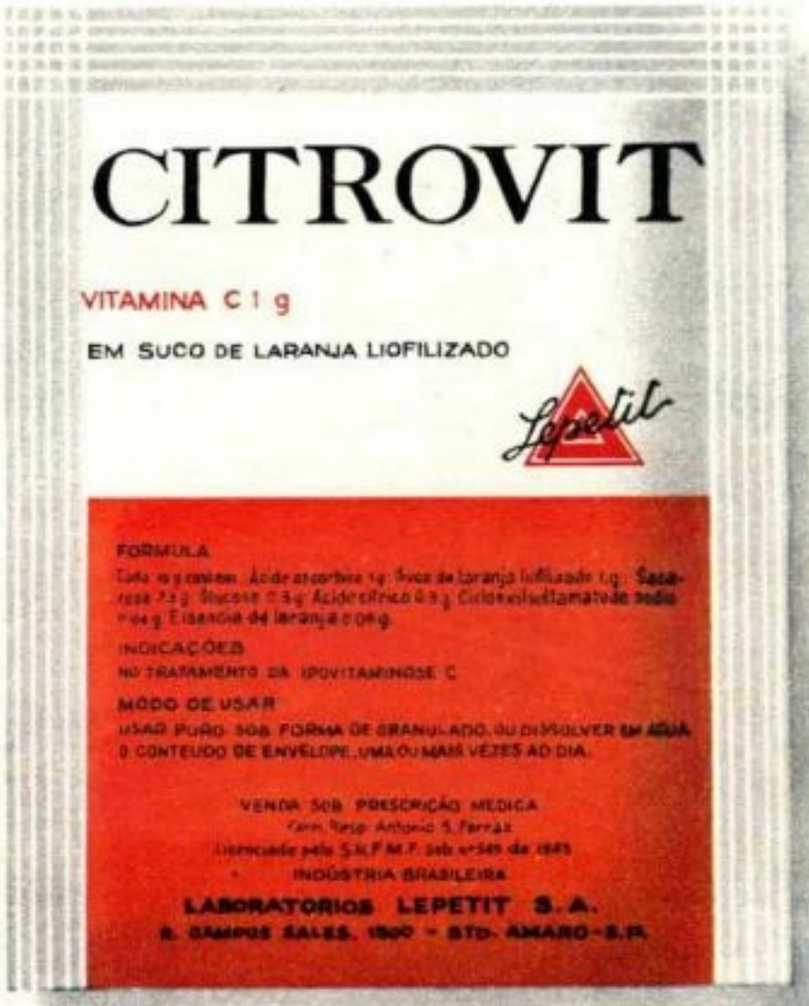
— Muito bem. O senhor pode voltar daqui 20 dias que o título estará pronto.

— Mas como? O senhor não disse que era na hora? SEGUE

Quanta vitamina C há nestas frutas?

Menos do que num envelope de CITROVIT.

A vitamina C é importante para a saúde. Aumenta as defesas naturais e combate a fadiga.
No verão, a taxa de vitamina C em nosso organismo baixa sensivelmente, provocando o cansaço. Para se recuperar tome CITROVIT dissolvido em um copo d'água. CITROVIT é suco de laranja liofilizado mais 1 grama de vitamina C - o equivalente ao suco de 60 laranjas. CITROVIT é delicioso - já vem em doses individuais, protegidas por envelopes de alumínio. compre CITROVIT na farmácia mais próxima.



Um produto com a garantia LEPETIT

Carteira Profissional: das seis às onze na fila

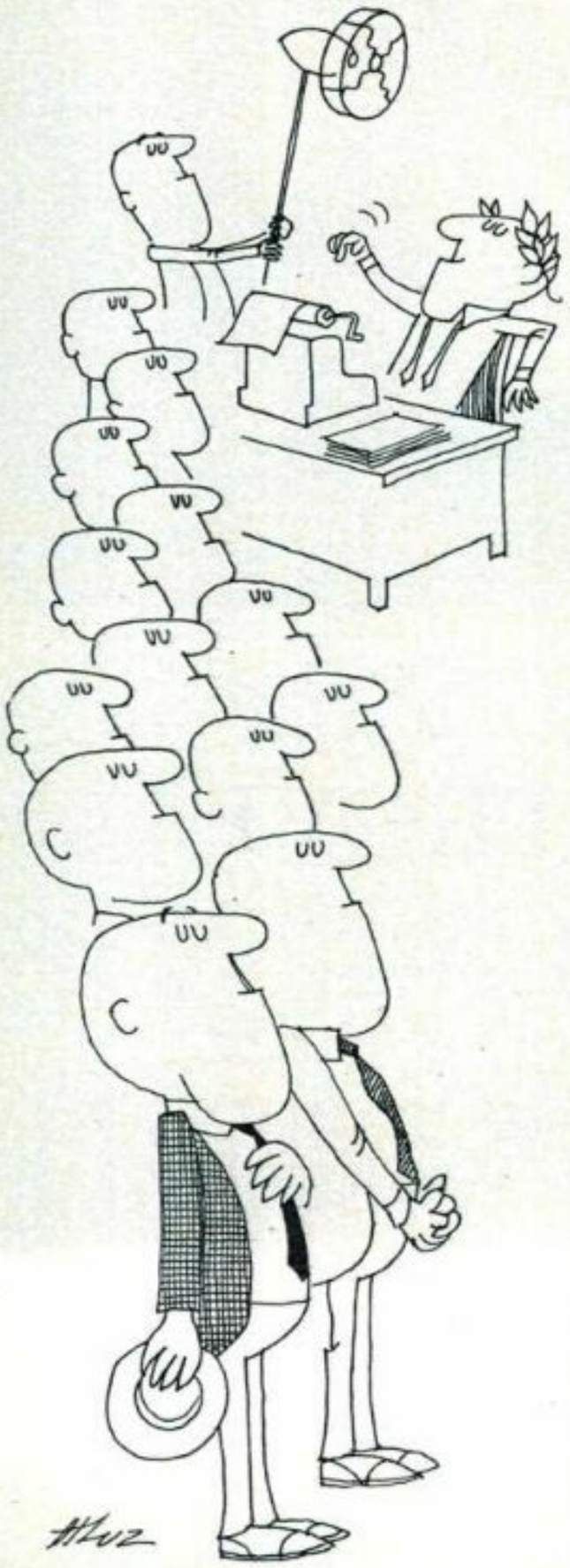
— É tudo na hora, o senhor não precisa esperar nem um minuto aqui. Mas, para dar o título nôvo, precisa muitos despachos, sabe? E o **Diário Oficial** também precisa publicar. Demora uns 20 dias.

— Mas eu preciso tirar carteira de identidade.

— Ah, com êsse protocolo aí o senhor tira.

Onde se vê que a coisa não é bem assim

João chegou ao Departamento de Investigações atrás da carteira de identidade, pouco depois do meio-dia. Queria saber onde podia obter o formulário necessário. Uns dois ou três vieram falar com êle, oferecendo seus generosos préstimos, por módica quantia, a fim de conseguir qualquer documento em 24 horas. João dispensou-os e foi procurar a papelaria indicada. Encontrou alguns datilógrafos, e uma fila atrás de cada um. Chegou ao primeiro datilógrafo, pedindo formulário para requisição de segunda via etc. e tal.



— Entra na fila.

— Mas que fila? Eu só quero um formulário.

— E o senhor vai preencher?

— Claro, eu sou alfabetizado.

— Nós, aqui, só vendemos formulários preenchidos.

Depois de tomar um quarteirão de chuva, João achou uma papelaria que vendia formulários em branco. Voltou para preencher no próprio saguão do DI. Enquanto escrevia (teve de pedir uma caneta emprestada, pois sempre se esquecia da sua), outros quatro ou cinco cavalheiros vieram oferecer-se para fazer tudo em pouco tempo.

Afinal, João da Silva juntou o formulário preenchido, o protocolo do título e foi ao guichê, onde a fila, para felicidade dêle, tinha apenas oito pessoas. Foi atendido por uma gorda senhora, que, muito solícita, perguntou se João tinha trazido a carteirinha velha. João disse que não havia trazido porque estava no ônibus e veio um... E a mulher interrompeu a conversa:

— Se o senhor perdeu a carteira, tem de por anúncio no jornal e esperar três dias. Além disso, êsse protocolo aqui não vale nada. O senhor precisa provar que votou na última eleição, e não que está tirando segunda via de título.

— Mas, dona, se êles vão me dar a segunda via...

— Tem que trazer uma certidão do diretor do TRE. O seguinte.

João voltou ao TRE, bravo com o rapaz que disse que o protocolo servia. O rapaz ficou bravo com a mulher que disse que o protocolo não servia. Mas a certidão saiu depressa, depois de ser paga no andar térreo mais uma módica multa. Depois João foi ao jornal tratar de publicar o anúncio. Isso foi bem depressa e pago adiantado.

De algumas coisas que saem no dia

João da Silva, muito vivo, depois de casado tinha achado que, para ser aquilo que se chama "alguém na vida", precisava fazer um curso superior. Como tinha largado de estudar fazia seis anos, fêz um ano de cursinho, para entrar numa faculdade. Os exames vestibulares estavam próximos e êle tinha ainda algum prazo para inscrever-se. Mas, já que estava com a mão na massa e com uns dias de licença, resolveu cuidar também dos papéis para ser universitário. Foi à escola buscar a relação dos documentos necessários. Eram êstes:

Certidão de nascimento, título de eleitor, certificado de reservista, ficha modêlo 18, ficha modêlo 19, atestado de idoneidade moral (que será isso?) carteira de identidade, e requerimento dirigido ao diretor da Escola. Isto é, pediam apenas aquilo que João não tinha.

Tratou de começar pela certidão de nascimento. Foi procurar o cartório onde tinha sido registrado, passando, sempre que possível, pela banca de jornais, ali pela hora do encontro com aquela senhora. Afinal, ela podia voltar.

Achou o cartório e, dentro dêle, uma fila de 21 pessoas e outra fila de quatro pessoas. Muito vivo, escolheu a de quatro, mas logo soube que ali era para registrar recém-nascidos. Segunda via era na outra. Foi lá, recontou as pessoas, eram 21 mesmo. Ficou olhando, dois moços atendiam. Cada pessoa chegava, dava o dia em que nasceu. O môço levantava, procurava nas estantes e voltava com um livrão de meio metro de altura. Perguntava o nome, corria algumas listas, sentava-se e datilografava tudo a jato:

— Prontinho. 2.500 cruzeiros. O outro.

Assim, até que ia depressa. O problema eram os velhos livrões. E João lamentou ter nascido em tempo tão antigo, quando se registravam as criancinhas inocentes em livrões daquele tamanho, que um homem quase não consegue carregar. Nisso, viu chegar a senhora que recebia os registros dos recém-nascidos na outra fila. Na sua mesa, ela abriu um livrão do mesmo tamanho dos antigos.

João, depois que conseguiu a sua certidão (demorou apenas 45 minutos e saiu no dia), foi embora pensando nos meninos que tinham nascido naquele dia. Dali a 30 anos, para conseguir uma certidão, em plena era atômica, teriam o mesmo trabalho? Mas não ligou e, como ainda dava tempo, foi até o colégio em que tinha feito o curso científico, providenciar suas fichas. Fez um requerimento, e ouviu a promessa de que estariam prontas no dia seguinte, mediante pequena taxa, paga na hora.

João da Silva já estava com saudades do bar do Juca Português e resolveu tratar logo da carteira profissional. Foi à Delegacia do Trabalho tomar informações. Lá, pelo menos, encontrou um enorme quadro dizendo o que era preciso: duas fotos e um documento provando estar em ordem com as obrigações militares.

Quando foi até o quartel, conseguir a segunda via do certificado de reservista (indispensável para a carteira profissional) João já estava sentindo no estômago aquela dor, que sempre aparecia quando êle ficava nervoso. Ficou numa fila que ocupava metade de um quarteirão. No fim, recebeu também um protocolo, com data marcada para retirar o certificado alguns dias depois.

Mas quando, no dia seguinte, às seis da manhã, apareceu na Delegacia do Trabalho, notou que o protocolo fornecido pelo Exército era bem mais respeitado que os do Tribunal Eleitoral. A fila foi a maior que tinha enfrentado desde que começou a tirar os documentos. Ficou das seis às dez e meia da manhã, mas teve oportunidade de discutir o caso daquela senhora, que, desta feita, foi minuciosamente descrito. Apareceram até algumas pessoas que conheciam o **lunfa,** que naquele dia tinha **trabalhado** no tal ônibus. Depois de muita prosa, às dez e meia, de carteira na mão, despediu-se dos prestimosos amigos.

De como João quase pega cadeia

João, que nesse dia da carteira profissional pediu nova dispensa do serviço, viu que, à tarde, teria tempo de cuidar novamente da carteira de identidade, pois o prazo do anúncio já tinha vencido.

Desta vez estava tudo certinho. O formulário, o recorte do anúncio, a certidão do TRE em dia. João escolheu outro guichê, não o daquela mulher ranzinza. Viu que o rapaz na sua frente na fila também estava tirando segunda via, mas não tinha anúncio. Aí, resolveu esconder o seu anúncio, e ver se era preciso mesmo. O rapaz olhou os documentos. Tudo em ordem. Não pediu a núncio, olhou para êle:

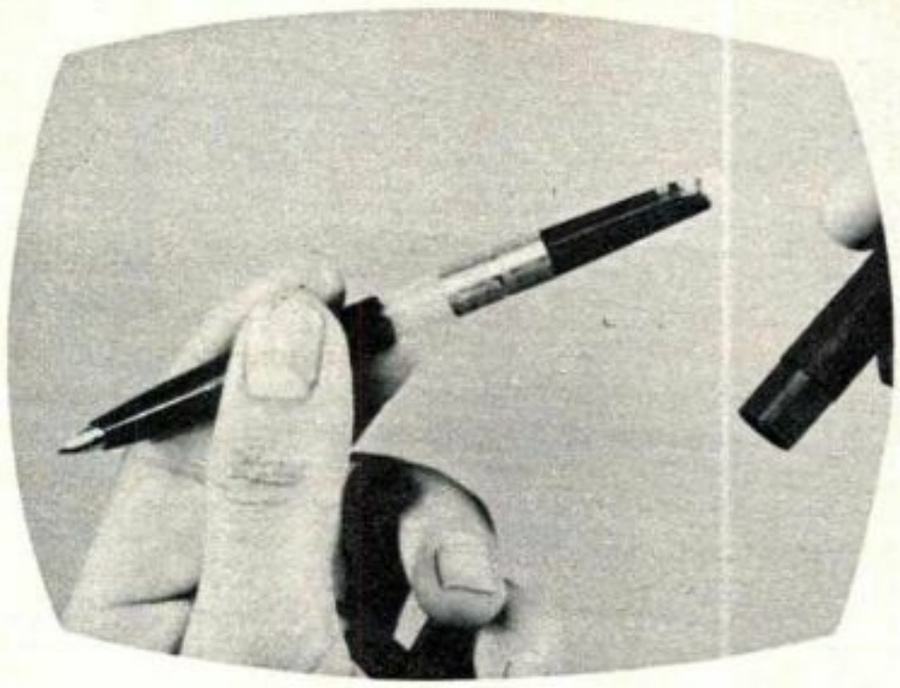
— Como o senhor já foi identificado aqui, tem de tirar fotografia aqui mesmo. Mas precisa ser de paletó.

João lembrou-se, quê, como não tinha ido trabalhar, estava de roupa esporte. E explodiu:

— Mas vocês aqui estão é gozando a gente. Ninguém fala coisa com coisa. Por que ninguém me avisou disso? E aquela velha gorda ali que me mandou por anúncio no jornal? É uma cocoroca, pois você nem quis saber de anúncio.

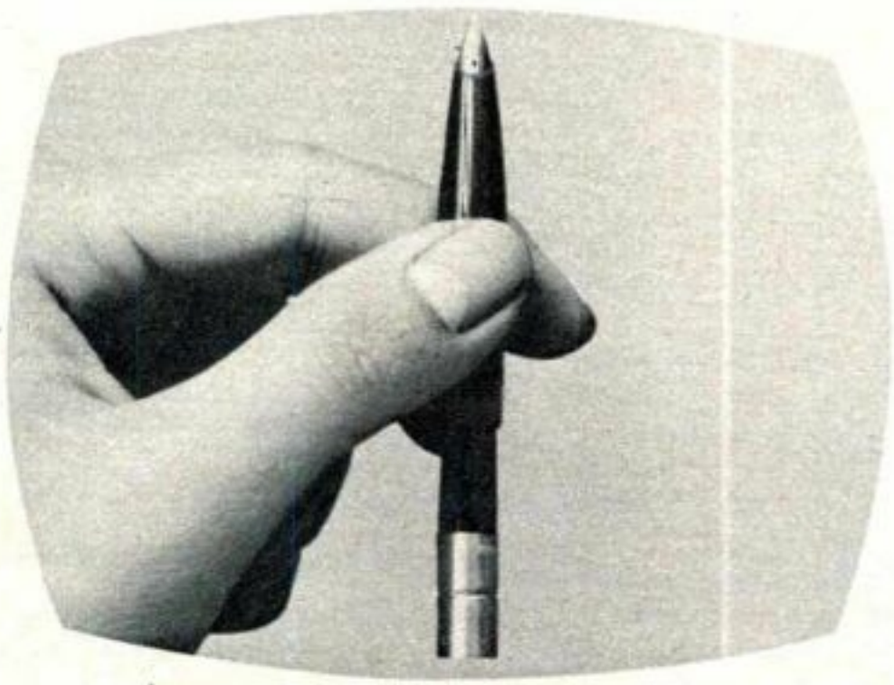
SEGUE

ppd propaganda



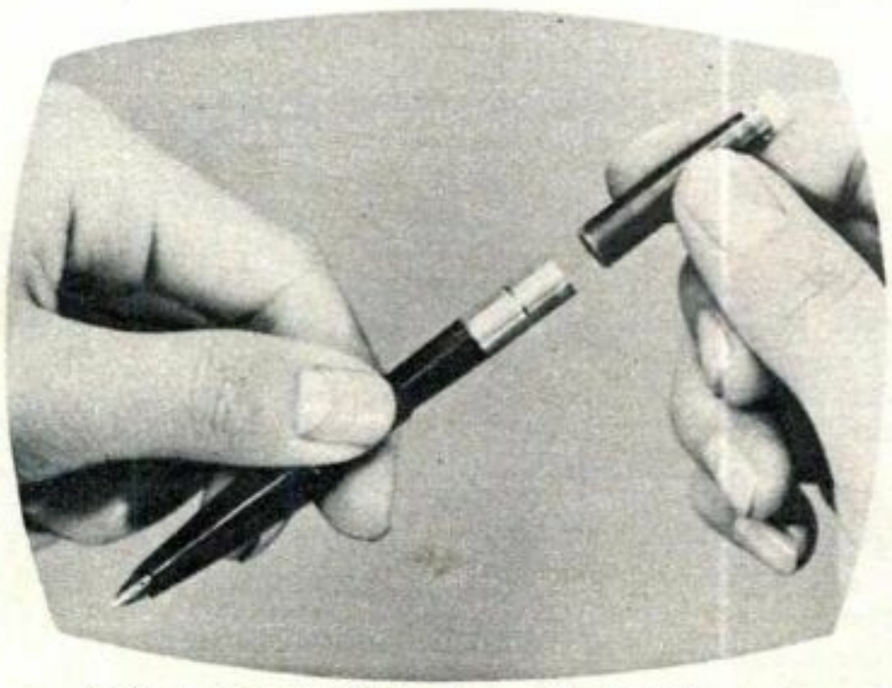
Quando a tinta acaba...

Quem estuda, trabalha,
assina cheques sem parar,
escreve cartas ou bilhetes.
Gente inteligente, ocupada,
apaixonada... sempre precisa ter
tinta à vontade. De reserva.
Foi para pessoas assim que fizemos
a Nova Caneta Johann Faber 66.



você usa, no mesmo instante, o cartucho "estepe,"
pressionando o anel.
Tão simples e ninguém havia pensado.

Em qualquer papelaria ou caneteiro, você encontrará
à venda, caixinhas com 6 cartuchos de tinta.

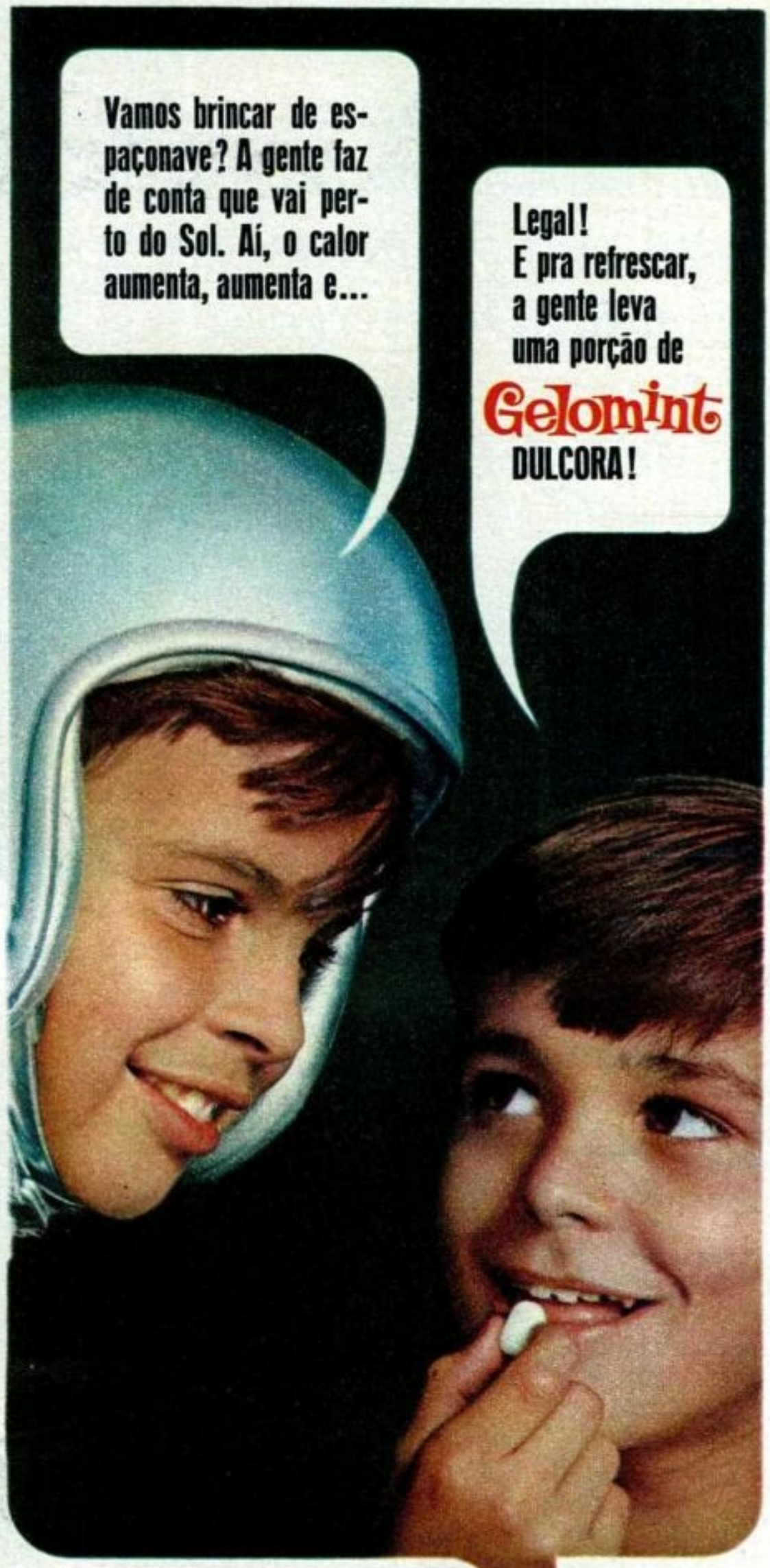


Assim, você terá sempre, dentro da própria caneta,

Nova Caneta Johann Faber 66

Johann FABER

a mesma qualidade do lápis que você usa desde o Grupo Escolar



Reclam

um produto de qualidade dulcora - a delícia que o paladar adora

chocolate DULCORA s. a.

Identidade, mais 10 dias

A roda se formou imediatamente, gente perguntando o que houve, vermelho João, vermelho o funcionário, branca a mulher gorda. Aí chegou o guarda:

— Que que houve, môço?

— É isso mesmo. Isso aqui é uma porcaria. Ninguém informa nada.

— Môço, isso é desrespeito à autoridade!

— E eu não quero saber. Eu quero é que as coisas funcionem.

— Ah, é? Pois tá prêso. Quedê os documentos?

João acordou e amansou:

— Mas **seu** guarda, eu estou justamente tentando tirar os documentos. Eu não tenho. Eu sou honesto, eu trabalho. É que outro dia, no ônibus, eu ia indo para a auto-escola...

O guarda foi bonzinho e ouviu. Mas como tinha juntado muita gente, resolveram continuar no balcão de cafèzinho do bar da esquina. João concordou plenamente com o guarda, de que não se deve gritar em público, aceitou, humilde, a sugestão para voltar de paletó no dia esguinte e conseguiu ir para casa.

No dia seguinte, voltou de paletó, resolvido a não fazer experiências com anúncios, lambuzou o dedo para a impressão digital, tirou fotografia e foi embora. Mas com o estômago doendo. Principalmente de ver tanta gente tirando a carteirinha para o dia seguinte e êle tendo de esperar dez dias, só pela teimosia de não querer um despachante.

De como provar ser verdadeira uma assinatura

Passados os dez dias, apareceu a carteira de identidade. Passados os 20, apareceu o título, e também o certificado de reservista.

Era preciso, agora, cuidar da inscrição nos vestibulares, coisa fácil: bastava levar os documentos à escola. Necessitava apenas reconhecer as firmas dos históricos escolares (ficha 18, do ginásio e ficha 19, do científico) do seu requerimento e do atestado de idoneidade moral, que João já tinha descoberto o que era. Bastava que alguém que tivesse um título, uma posição, declarasse que o conhecia há muito tempo e nada constava que o desabonasse. Havia até um advogado especializado em vender atestados como êsse.

Mas as firmas do diretor do colégio eram num cartório. As do advogado, em outro. E as do João, em outro ainda. Mas João, com pressa, foi num quarto cartório, o mais próximo, entregou todos os documentos e foram reconhecidas tôdas as firmas por um **escrevente autorizado,** de colarinho ensebado e letra enfeitada.

Na faculdade, João entregou, radiante, os documentos. O funcionário pegou:

— O certificado de nascimento está certo. O título tem de ser fotocópia. O certificado de reservista tem de ser fotocópia. A carteira de identidade também. Falta uma via da ficha modêlo 18. Falta outra via da ficha modêlo 19. E falta o certificado de conclusão do científico. Mas o senhor não sabe fazer nada certo?

A dor no estômago veio:

— Mas no prospecto não estava dito nada disso.

— E o senhor não leu as modificações no quadro de avisos?

João voltou ao colégio, pediu mais vias e um certificado. Tirou fotocópias do resto. Dois dias depois, conseguiu inscrever-se nos vestibulares. Estava exausto.

Onde as coisas ficam mais complicadas ainda

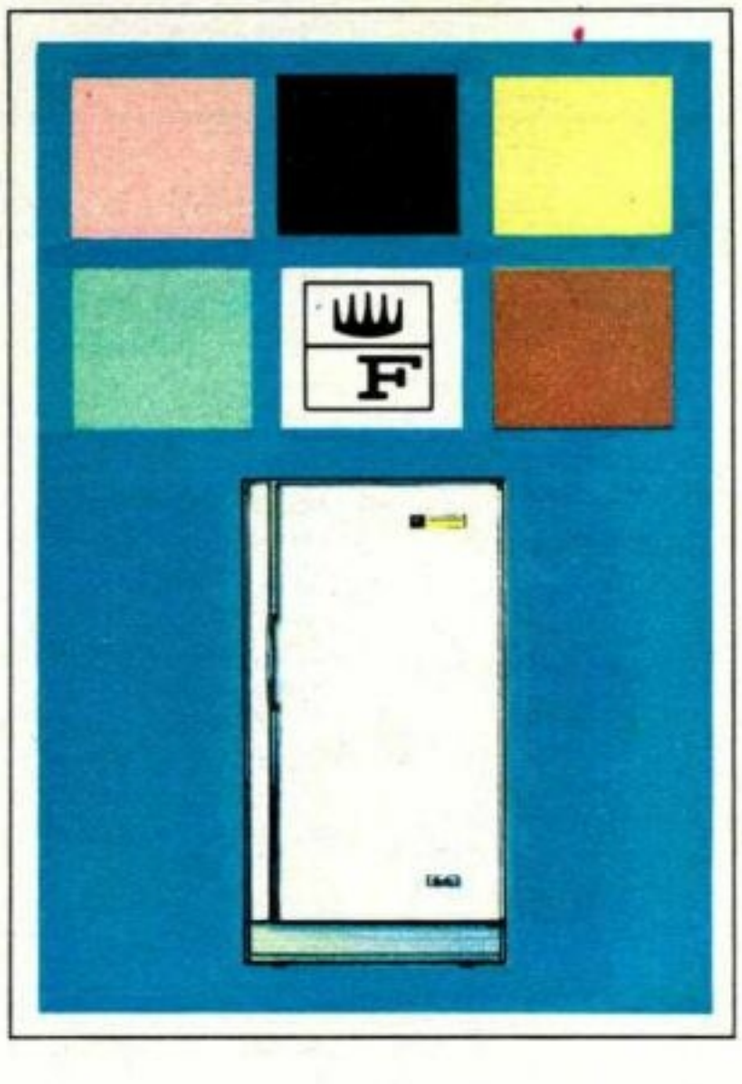
João, já bastante enjoado de repartições públicas, resolveu deixar com um advogado os papéis para a compra de sua casa própria. A carta de motorista já ia ficar mesmo por conta da auto-escola, que funciona sempre como despachante. Também, carta de motorista, não é muito difícil: é só fazer um requerimento, uma **planilha** com os dados sôbre o candidato, juntar fotocópias do título, da identidade e do certificado de reservista e levar ao Serviço de Trânsito, depois de ser aprovado no exame médico. Depois de dez dias, mais ou menos, o exame é marcado para dali a cinco dias, também mais ou menos. Se passar, dali a uns quatro dias recebe a sua minicarteira.

Quanto à luta para conseguir um empréstimo para casa própria, João considerou que não tinha fôrças físicas, morais e mentais para enfrentá-la. Quando soube que seu pedido tinha sido aprovado, exultou de alegria. Foi até à Caixa, fêz o **depósito compulsório,** como recomendava a cartinha que recebeu da Caixa. Perguntou ao homem do guichê o que devia fazer. O homem não sabia. Foi perguntando, até chegar em altos funcionários. Soube que deveria esperar o Conselho aprovar novamente o seu pedido.

— Mas como, já não foi aprovado?

— Foi, mas será de nôvo.

Um mês depois, tendo freqüentado os gabinetes quase tôda semana, foi novamente aprovado o seu pedido, conforme soube através de informações esparsas, recolhidas aqui e ali, e fornecidas muito lacônicamente. SEGUE



Não era possível fazê-lo mais perfeito. Então o fizemos mais bonito. Quem vai protestar se Frigidaire está agora mais colorido?

Frigidaire V. compra porque confia. Sabe que é o melhor, o mais durável, perfeito. Sabe o que êle representa em estilo, classe, qualidade. Mas, V. se espantaria se nós o fizéssemos ainda mais bonito? Se nós o fizéssemos ainda mais colorido? Não? Então V. vai gostar de saber o que há de nôvo com a linha Frigidaire "Première".

Frigidaire em côres... do modêlo De Luxo ao mais popular! Primeiro lançamos a côres o Frigidaire "Première" De Luxo. Rosa, azul-turquesa, bege-caramelo, amarelo e cinza grafite. As mulheres adoraram. Ou elas não se preocupam com decoração? Pois gostaram tanto que, afinal, fizemos em côres também outros modelos. Côres modernas, fascinantes. E como são 8 modelos diferentes, em 5 côres (além do clássico branco brilhante), podemos oferecer agora 32 variações de escolha. Há sempre um Frigidaire ao seu alcance. E V. tem direito a êle, não?

A intuição feminina escolheu Frigidaire. Os engenheiros precisaram de milhares de testes para concluir: Frigidaire é perfeito. As mulheres... essas descobrem à primeira vista. Elas não precisam entender de técnica para saber da qualidade de Frigidaire. Se entendessem, poderiam falar sôbre o compressor poupa-corrente (o que há de mais avançado e econômico), o teste rigoroso de cada peça, uma liderança de mais de meio século. Tudo isso quer dizer perfeição, explica os 5 anos de garantia. Mas elas não sabem muito a êsse respeito. Sabem apenas o suficiente sôbre a qualidade, o estilo do refrigerador Frigidaire. E é exatamente o que elas querem.

FRIGIDAIRE
um produto da GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

Com tudo pronto, passaporte a nda sa atrasado

Foi informado que tinha de levar a escritura definitiva da casa, carteira de correntista da Caixa e outras coisas simples. João, que também tinha um amigo corretor, conseguiu logo o seu sobradinho, deu um sinal em dinheiro ao proprietário e entrou com os papéis. Soube ainda que deveria haver novas aprovações.

Estavam as coisas nesse pé, quando João conseguiu um tempinho para passar na Caixa, e ver o que deveria fazer dali para frente. Soube que, depois de examinada a planta, haveria nova aprovação. E, então, para conseguir que o avaliador fôsse ver a casa teria de levar uma **montanha** de documentos. A relação dos documentos necessários estava num papel mimeografado. Quando João terminou de ler, a dor no estômago já estava a ponto de gritar. Imaginou percorrer cartórios imundos e repartições obscuras atrás de documentos que provàvelmente já não existiam mais. E só depois daquilo e da avaliação é que o Conselho Deliberativo da Caixa autorizaria o empréstimo. E viria então a parte da escritura, esta feita pela própria Caixa, sem muita intervenção sua.

Naquele momento, João da Silva, resolveu, de uma vez por tôdas:

— Nunca mais tiro um documento na minha vida. Para isso, existe despachante. Não tem importância que fique mais caro.

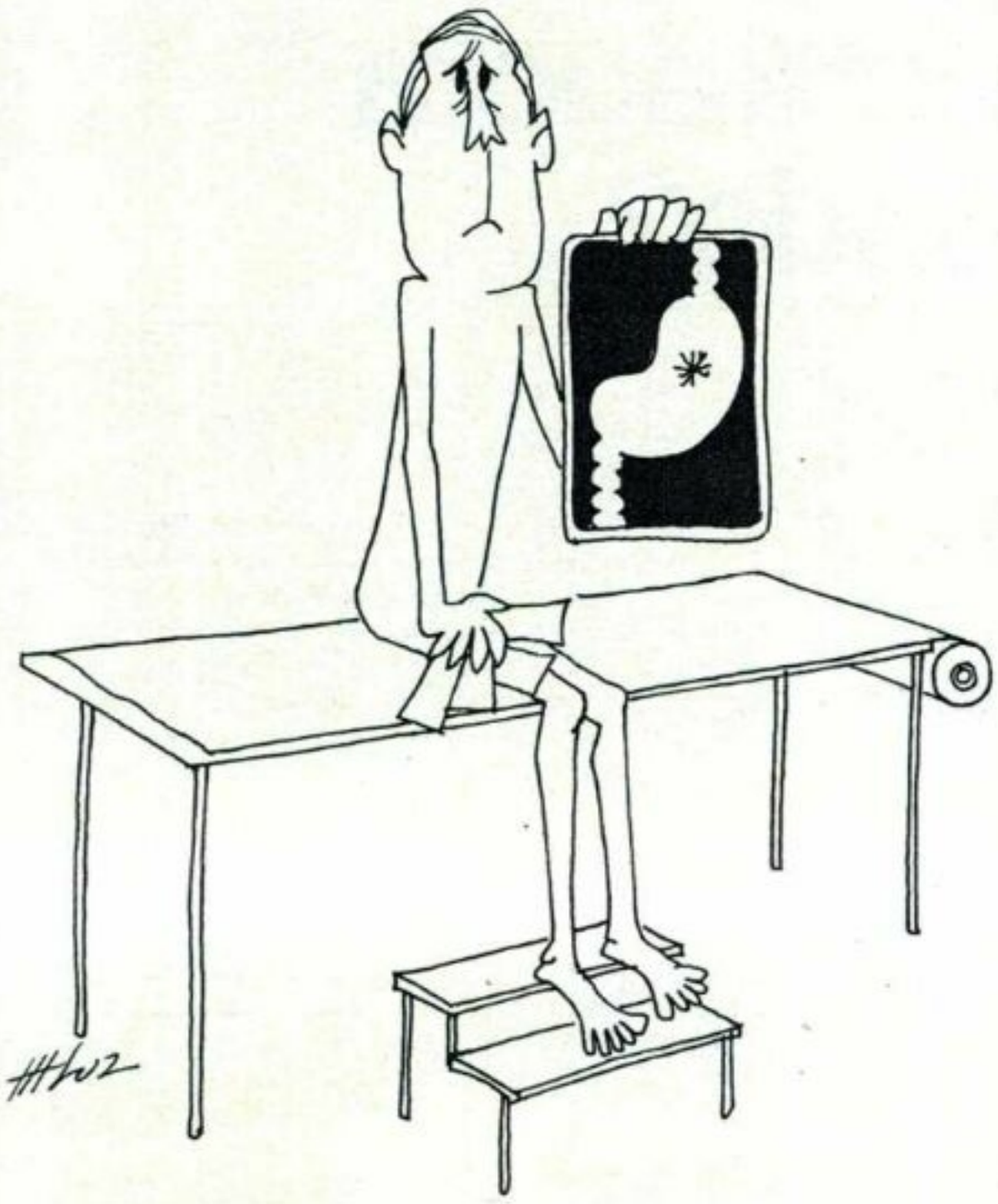
De como nem tudo termina quando João quer

Em casa, encontrou a mulher eufórica:

— João, ficamos ricos! Sabe aquele meu tio da Itália? Deixou um monte de dinheiro de herança para mim. Para nós. Chegou a carta hoje. Mandaram até passagem para a gente ir lá. Temos de receber na Itália.

Realmente, era um dia de sorte, pensou o João, considerando que quem nasceu com boa estrêla sofre um pouco só, e lembrou, oportunamente, à mulher, que depois da tempestade vem a bonança. Uma herança depois de um chá de repartições públicas até que não era nada mau.

Se tinham de viajar, precisavam de passaporte e João, que já tinha aprendido, tratou de procurar um despachante, no dia seguinte. Mas o homem queria cobrar muito caro, e pediu tantos documentos (para João mesmo tirar), que João achou, mais uma vez, que poderia fazer tudo sòzinho. Afinal de contas, já estava até acostumado com isso.



Voltou João da Silva ao DI, foi ao mesmo balcão de informações, encontrou o mesmo guarda, que perguntou se João já tinha tirado todos os documentos, se tinha encontrado aquela senhora. João contou da herança, o guarda lembrou que também tinha um primo rico na Espanha e deu-lhe uma lista de papéis necessários para o passaporte: um formulário, em duas vias, sendo a primeira com firma reconhecida; quatro fotos, 7 x 5, de busto, com fundo branco; 20 mil cruzeiros de sêlo; atestado de antecedentes criminais; título de eleitor; certificado de reservista; e uma certidão negativa de impôsto de renda.

João até que achou fácil. Tinha tudo, menos o atestado de antecedentes e a tal da certidão negativa (não sabia bem o que seriam êsses documentos). Perguntou ao mesmo guarda. O atestado de antecedentes, tinha de ser tirado no DI mesmo. Era só comprar outro formulário, preencher, comprar mil cruzeiros de sêlo e levar ao guichê. Com dois ou três dias ficaria pronto. João cuidou disso.

E foi tirar as fotos de tamanho diferente.

Foi também ao Impôsto de Renda. Encontrou muitas filas, uma em cada guichê, e nenhum guichê para informações. Mas havia um guarda:

— Seu guarda, para tirar uma certidão negativa, o que é preciso?

— O senhor compra um formulário na papelaria aí em frente.

— Como, só isso?

— É isso. O senhor vai fazer declaração, não vai?

— Não sei. Eu quero a certidão negativa.

— Então tem que ter o formulário.

João comprou o formulário. Eram três fôlhas dobradas e mais uns anexos dentro. Foi para o escritório preencher. Não entendeu nada. Não havia explicação alguma sôbre onde João deveria colocar o seu salário e o que foi descontado na fonte. Procurou um contador. O contador ensinou e ajudou a preencher. João foi para casa, encontrou a mulher preocupada: tinha chegado um telegrama, avisando que êles só tinham dez dias, para receber.

Dia seguinte, 12h30, joão estava na porta do Impôsto de Renda, esperando a porta abrir. Não foi o primeiro a ser atendido, porque a fila já era grande quando chegou. Mas entregou sua declaração, o funcionário leu, achou que estava em ordem, entregou-lhe um papel qualquer.

— E a certidão negativa?

— Que certidão?

— A certidão, para o passaporte.

— Ah, môço, então não é assim. O senhor guarda essa declaração. Compra outro formulário, lá na papelaria...

— Mas quantos formulários, afinal, eu tenho de preencher?

— Olha, para dizer a verdade, eu não sei exatamente o que o senhor tem de fazer. É melhor procurar o **seu** Clóvis, no sexto andar.

Lá foi João para o sexto andar. Descobriu então que tinha mesmo de comprar outro formulário. E nem precisava ter feito declaração. Mas necessitava ainda juntar declaração das emprêsas onde tinha trabalhado nos últimos cinco anos, dizendo quanto recebia e quanto pagou nesse tempo. Essa declaração demorou um dia.

E só no terceiro dia João requereu a certidão. Faltavam sete dias para receber a herança. No quarto dia, tudo estava em ordem. Foi ao DI de nôvo, com tôda a papelada, as fotos, os selos, as firmas reconhecidas verdadeiras.

Entregou, recebeu um protocolo.

— E o passaporte?

— Daqui oito dias.

— Mas eu preciso estar na Itália daqui cinco dias. Seis no máximo.

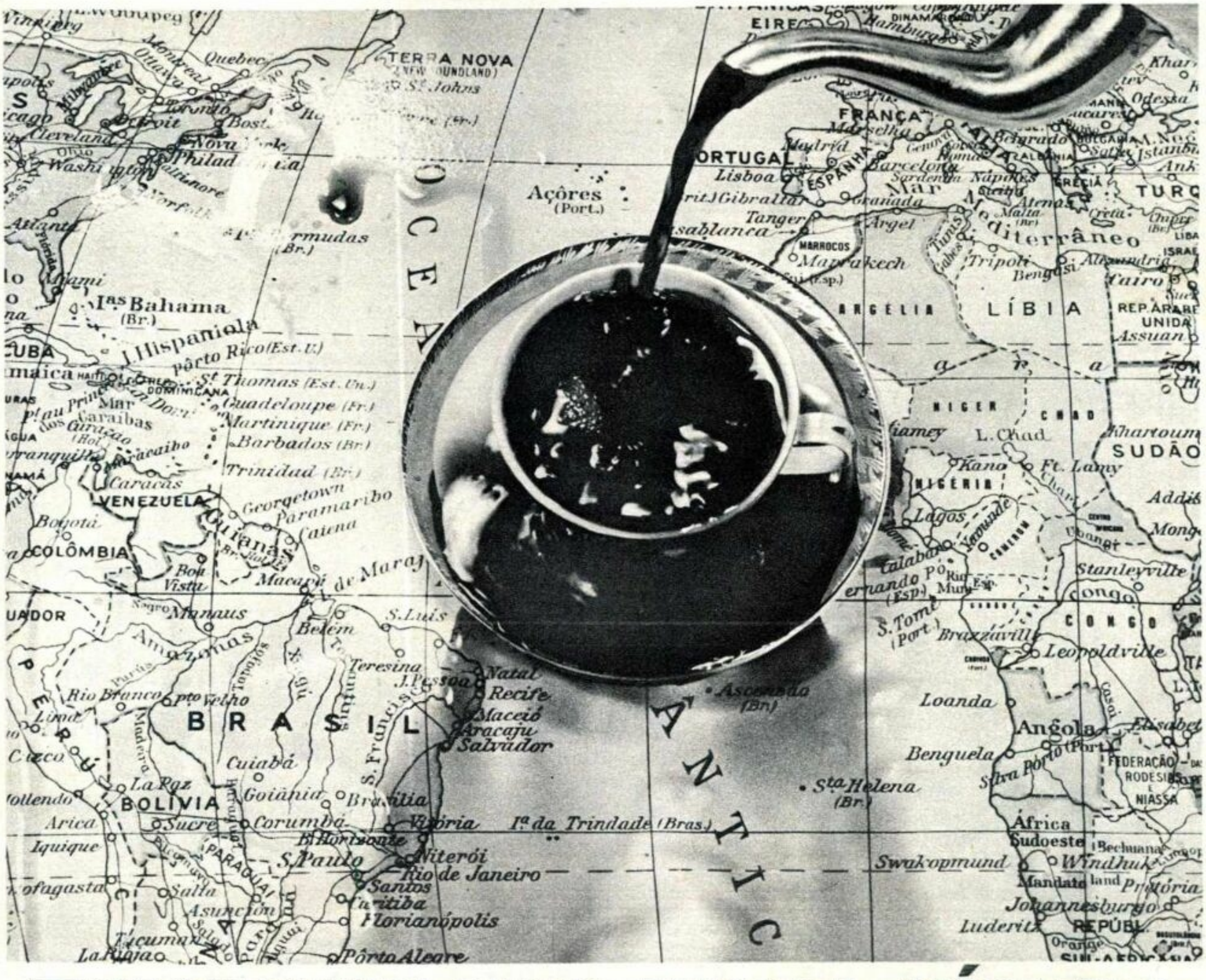
— Não é comigo.

Foi o grande martírio da vida de João. Correu tôdas as pessoas importantes que conhecia. Correu todos os despachantes, ofereceu fortunas. Gastou o que não tinha. Passou três dias nas salas escuras e sujas de repartições de cuja existência nunca tinha desconfiado. Viu aquela senhora do bilhetinho com o telefone, uma tarde, na cidade, mas nem teve coragem de desviar-se do seu caminho. Tomou milhares de copos de leite, para o estômago. No nono dia, afinal, estava com o passaporte na mão e o visto para viajar. Tinha conseguido.

E foi ao médico, para uma consultinha, que o faria viajar mais tranqüilo. Estava um pouco desconfiado daquela dor de estômago.

— Seu João — disse o médico — o senhor precisa de absoluto repouso. Cama, leite e papinha. Não pode viajar. O senhor tem úlcera aguda que pode suporar a qualquer momento. O senhor teve alguma contrariedade, ùltimamente?

FIM



TEMPESTADES NUMA XICARA

mpm

PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA

O café é, depois do petróleo, o produto que mais movimenta homens e capitais.
É natural que um produto de tanta importância provoque crises periódicas nos países produtores. Mas o Brasil está superando a fase empírica da sua economia. Firma-se como poderosa nação em pleno desenvolvimento industrial. A industrialização exige, por sua vez, uma agricultura desenvolvida, para que os bens de consumo sejam ràpidamente absorvidos no mercado interno. Velhos tabus e preconceitos que pesam sôbre o nosso principal produto — o café — estão sendo removidos. Um dêles é o da superprodução. Para contê-la, o Govêrno brasileiro está levando a efeito um intenso trabalho de diversificação da lavoura cafeeira, visando à racionalização da sua produção.
Na execução dêsse programa, o INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, através do GERCA, em áreas rigorosamente delimitadas, procedeu à erradicação de cafeeiros de baixa produtividade e dos que produzem cafés de má qualidade. Nas terras assim liberadas, está orientando, estimulando e financiando as lavouras de milho, arroz, feijão, soja, fibras e frutas. Outros órgãos, como o Ministério da Agricultura, ABCAR, FUNFERTIL, Comissão de Financiamento da Produção, Banco do Brasil e a rêde de bancos privados, complementam êsse plano que representa uma importante etapa na mudança da estrutura agrária do País.

É mais do que um programa de govêrno. É o esfôrço de todo um País para pôr fim àquelas "tempestades numa xicara" que tanto abalavam a nossa estrutura econômica.

MELHOR CAFÉ PARA O MUNDO - MAIS ALIMENTOS PARA O BRASIL

O repórter Mílton Coelho conversou com dezenas de homens fora da lei, espionou-os madrugada adentro, entrevistou autoridades e consultou papéis sigilosos, para contar histórias - algumas engraçadas, outras sérias - e mostrar crimes, intrigas e mistérios do

CONTRABANDO

Fotos de Nélson Di Rago

Duas e quinze. A brisa que sopra do mar percorre a madrugada carioca, fazendo esquecer o calor de horas atrás. Os dois agentes federais, protegidos pela sombra do alto muro, não tiram os olhos da vivenda elegante, onde a janela é o único ponto de luz do quarteirão do bairro suburbano. Êles estão há quatro dias, revezando-se com outros agentes, no que chamam de "ronda fechada": 24 horas por dia ali, vigiando.

Duas e meia. Uma kombi dobra a esquina e estaciona diante da vivenda, a 20 metros dos agentes. Dois homens saltam e, após um olhar cuidadoso em redor, abrem a porta lateral da camioneta. Um terceiro homem sai de dentro da casa, abre o portão e vem ajudá-los a retirar várias malas. Os federais, arma na mão, abandonam a sombra protetora e, em rápidas passadas, aproximam-se dos estranhos.

— Mãos para cima. E não corram porque mandamos bala.

Os três homens, assustados, encostam-se ao muro, os braços esticados para o alto. Um dos agentes abaixa-se, abre uma das malas e sorri: "Cabochard", "Dioríssimo", "Calèche", milhões em perfumes franceses das melhores marcas estão ordenadamente arrumados. É um contrabando.

— A muamba está tôda aqui — comenta com o companheiro. Depois, sacode a arma em direção dos três prisioneiros.

— Ponham tudo de volta na camioneta.

Em poucos minutos a kombi volta a andar. Atrás dêles, duas armas continuam vigiando.

Três e quinze. Os dois agentes entregam seus homens ao carcereiro do pequeno xadrez da Polícia Marítima, e só então podem relaxar,

O carcereiro volta logo, ainda com as chaves da cela nas mãos, e quer se mostrar hospitaleiro. Tira do bôlso um maço de cigarros **Malboro** e oferece aos federais:

— Ainda consegui comprar êste a 800 cruzeiros, de um contrabandista lá perto do Metro Copacabana.

O gesto do carcereiro não tinha ironia nem malícia. Era até muito natural numa nação onde a maioria de seus habitantes está envolvida pela gigantesca máquina que lhe corrói a economia. Porque, segundo dados do Departamento do Comércio dos Estados Unidos, o contrabando controla 20% das importações do Brasil e torna milhões de brasileiros ao mesmo tempo suas vítimas e cúmplices.

Quem são os contrabandistas?

Adam Smith, o pai da ciência econômica, conceituava o contrabandista do século 18 como "uma pessoa que, embora sem dúvida altamente culpável por violar as leis do seu país, é freqüentemente incapaz de violar as leis da justiça natural, e teria sido, sob todos os aspectos, um excelente cidadão, se as leis não tivessem determinado ser crime aquilo que a natureza nunca considerou como tal".

Hoje isto continua sendo mais ou menos verdade. A rêde de contrabandistas envolve desde as mais ilustres pessoas da sociedade até modestos engraxates ou pescadores "incapazes de violar as leis da justiça natural". Mas envolve também assassinos profissionais.

Contrabando, para o legislador, é a importação ou exportação de mercadoria proibida. Já a fraude, total ou parcial, que visa não-pagamento de impostos aduaneiros, se chama descaminho. Na prática, porém, os dois crimes são compreendidos em conjunto, com o nome de contrabando mesmo. Uma atividade arriscada, mas tão compensadora que fascina as pessoas mais inesperadas.

Há alguns anos, um padre que desembarcava de um navio vindo da Europa despertou a atenção de dois agentes da Alfândega. Um dêles era Jaime Taveira, hoje aposentado, que ficou famoso no cais com o apelido de homem do raio-X. Jaime não podia correr — tinha um defeito na perna — mas era o gente mais temido pelos contrabandistas. A 20 metros de uma pessoa, êle cutucava o companheiro de ronda e dizia: "Êsse tem bagulho". E raramente errava. Foi o que aconteceu com o padre. Jaime olhou-o de longe e achou que êle trazia algo sob a batina. Seu companheiro não via nada de anormal e ainda alertou:

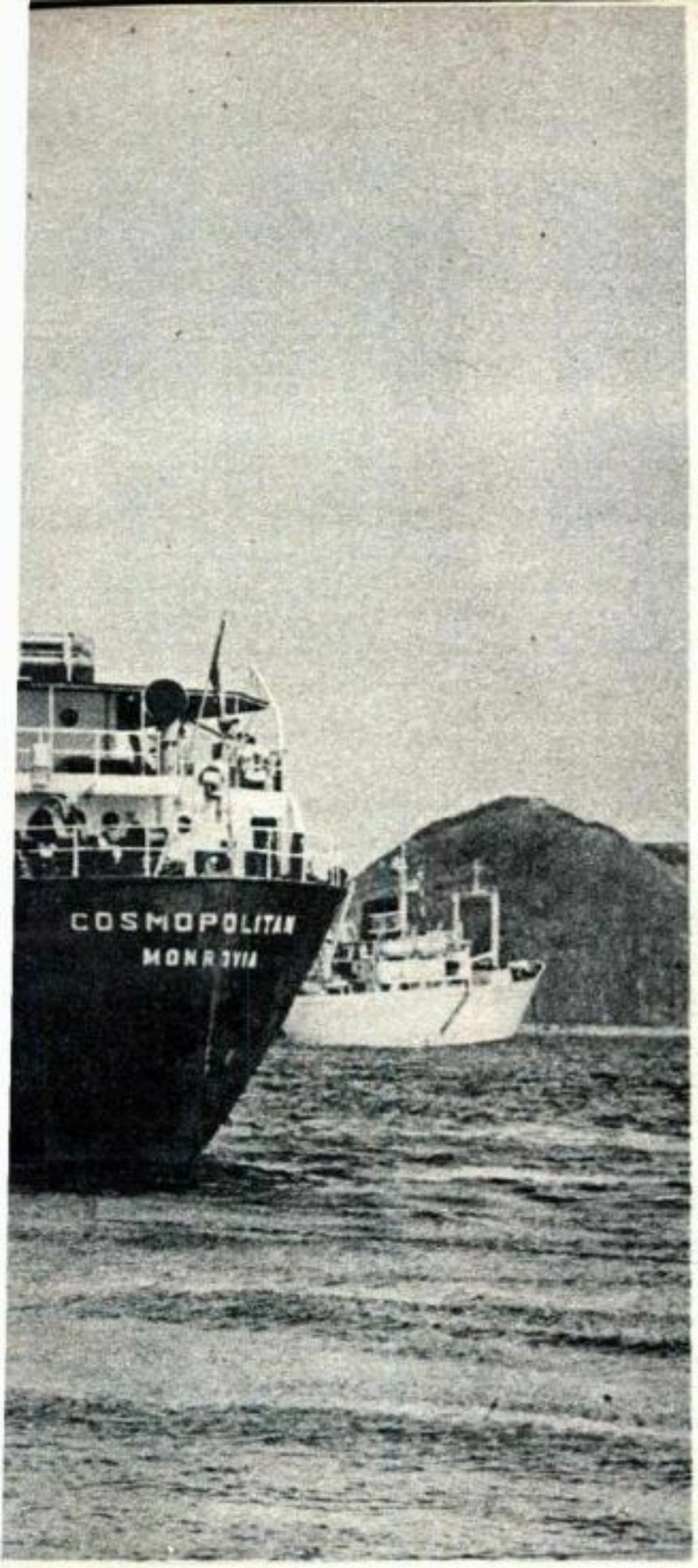
— Cuidado, revistar um padre pode criar problemas para nós.

Mas Jaime insistiu. O padre procurou resistir à revista, argumentou primeiro, depois fêz-se de ofendido. Jaime, porém, quando desconfiava não desistia. E assim foram apreendidas 200 canetas Montblanc, que o padre levava amarradas em tôrno da barriga. Além de perder a mercadoria, perdeu também as ordens eclesiásticas.

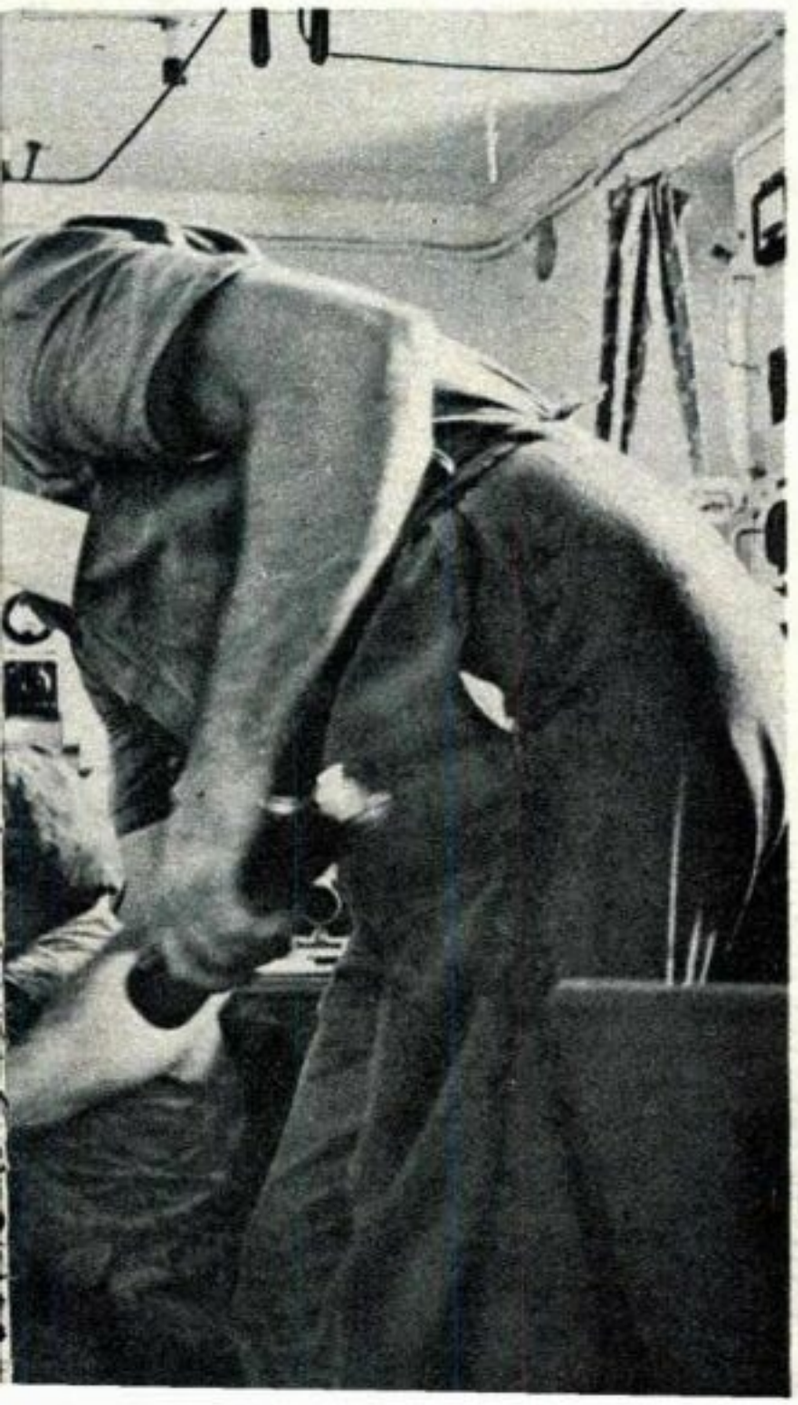
Êsse é o caso típico do contrabandista isolado, que vai ao estrangeiro e resolve fazer um dinheirinho trazendo aquêle algo mais que não é permitido. Às vêzes êsse algo mais chega a 250 milhões de cruzeiros em jóias, como foi o caso de uma elegante e conhecida senhora vinda dos Estados Unidos.

SEGUE

KENT
Marlboro
KENT
KENT
KENT



Se há denúncia, o navio é vasculhado.



Navio geralmente traz muamba

Quando um navio atraca, a Alfândega tem a lista de passageiros e a examina para ver se há nome **suspeito**. As autoridades podem desconfiar de uma pessoa por vários motivos: ou ela já foi apanhada passando contrabando alguma vez, ou viaja com muita freqüência, ou está ligada por parentesco ou amizade a contrabandistas. A senhora em questão tinha relações comerciais com um joalheiro e o agente alfandegário encarregado de revistar a bagagem achou que devia ser mais cuidadoso com ela. Ao apertar a biqueira de um sapato, encontrou resistência e meteu os dedos para ver o que era. Saiu um pequeno pacote de jóias. Tirou todos os sapatos das malas e, em cada um dêles, encontrou um pacote idêntico.

Outro contrabandista isolado é o tripulante de navio que vem regularmente ao Brasil e resolve fazer um dinheirinho extra em cada viagem. Compra algumas centenas de garrafas de uísque a um dólar e meio (cêrca de 5 mil cruzeiros) em Antuérpia, Curaçau, Hong-Kong ou Panamá, e aqui vende cada uma a 10 mil cruzeiros ou mais. Êle não precisa se preocupar em procurar comprador. Assim que chega um navio e fundeia ao largo, logo surgem vários botes ou catraias que vêm saber se alguém tem algo para vender. E o uísque comprado por 10 mil cruzeiros será vendido a 20 mil nos escritórios, bares e hotéis. E ainda assim fica mais barato do que o importado legalmente.

Uma aventura em alto mar

O grande contrabando, entretanto, entra no país, através de operações cuidadosamente planejadas. São empreendimentos que, muitas vêzes, mobilizam centenas de milhões de cruzeiros e envolvem os próprios comandantes de navios. A operação quase sempre começa em um pôrto livre — Curaçau, Antilhas, na maioria dos casos. Ali pode-se comprar qualquer artigo a prêço muito baixo, graças à isenção de impostos. A mercadoria é posta a bordo, e num ponto prèviamente combinado — tantos graus de latitude, tantos de longitude — uma lancha irá buscá-la, geralmente à noite. Se os volumes são pequenos, qualquer tripulante pode fazer o serviço. No local indicado êle espera um sinal luminoso convencional e atira tudo ao mar, em saquinhos plásticos impermeáveis, que são depois recolhidos pela lancha. Mas se os volumes são grandes o comandante precisa estar no negócio. Ao se aproximar do ponto marcado, êle põe em funcionamento o radar para ver se há mais de um barco nas proximidades. Se houver, êle suspende a operação e prossegue viagem, porque pode ser a Alfândega, Marinha ou Polícia. Se não há, êle espera que o outro barco encoste e leve tôda a mercadoria. Êsse outro barco pode ser um pesqueiro inocente ou uma lancha poderosa, que irá levar a mercadoria a um pequeno ancoradouro escondido nas baías de Guanabara, Santos, Sepetiba ou qualquer outra.

O risco não é muito grande. A Alfândega não pode revistar tôdas as embarcações que transitam pela costa. Sòmente agora irá receber lanchas idênticas às da Guarda Costeira norte-americana. A Polícia Federal também se prepara para aumentar sua eficiência. Atualmente, em todos os portos brasileiros ela só dispõe de velhas embarcações, barulhentas e vagarosas, que não podem fazer frente aos barcos modernos e velozes que são utilizados pelos contrabandistas.

O trabalho da Alfândega se desenvolve em duas frentes: a busca e a repressão. A turma da busca é o pessoal da **barra pesada.** No Rio, são 12 homens, de larga experiência, que fazem as vistorias. O chefe, Anatólio Carneiro Cavalcanti, há 20 anos trabalha nisso e conhece navios tão bem como um velho marujo ou um engenheiro naval. Quando há informação de que algum navio traz grande contrabando e vai **desovar** em alto mar (transferir para outro barco ou simplesmente jogar a mercadoria em saquinhos) a turma da busca leva sua velha lanchinha e fica escondida em um rochedo ou numa reentrância da costa. Raramente isso ocorre, porque as denúncias são poucas e a possibilidade de apreensão é muito pequena. O comum é busca dentro do pôrto. Assim que o navio fundeia, chega o pessoal da busca.

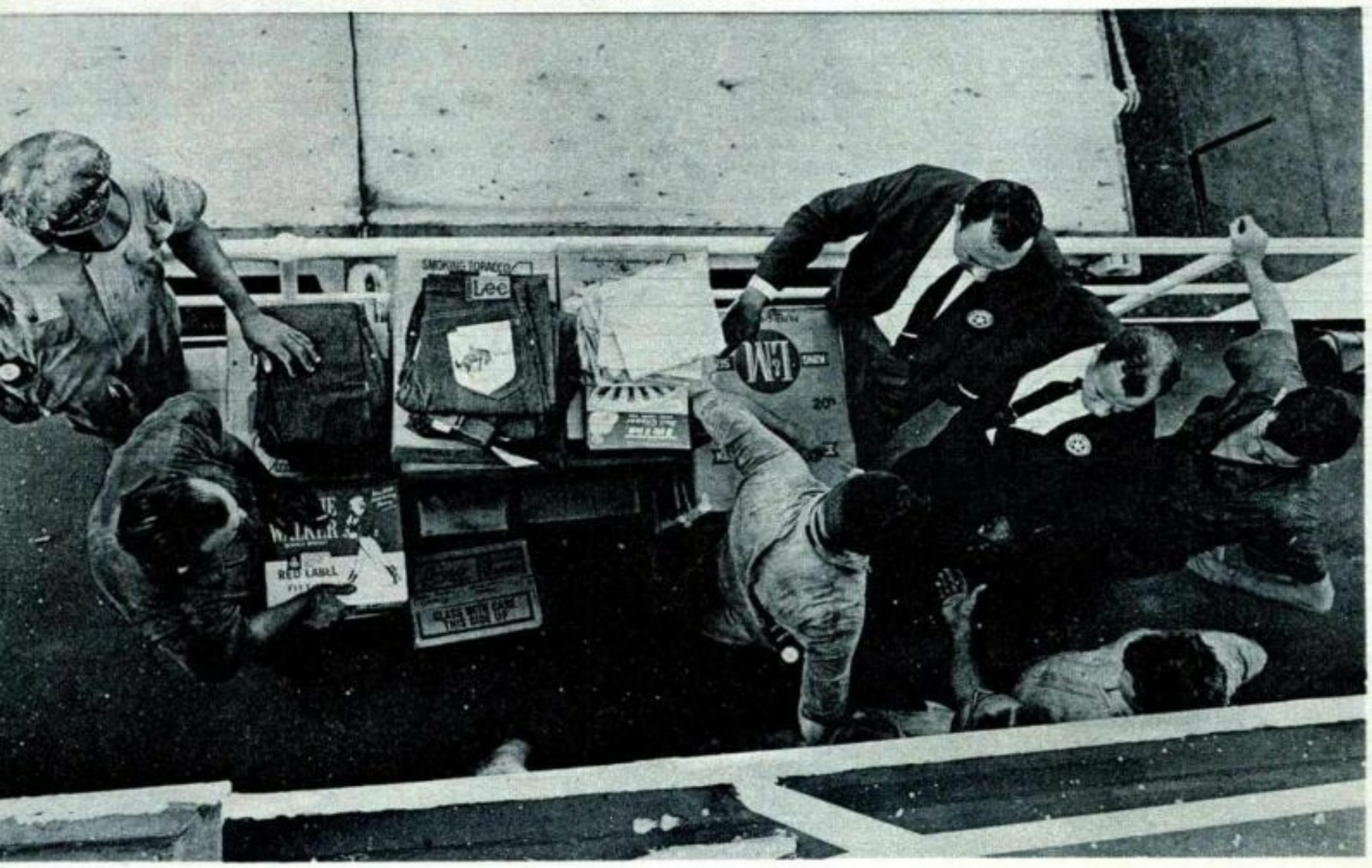
Os agentes fiscais parecem uma turma de operários: vêm de macacões, lanternas elétricas, ferramentas de todos os tipos. O comandante lhes entrega uma relação do material destinado ao consumo de bordo, que, acima de certas quantidades, deve ser lacrado e não pode ser usado durante a permanência no pôrto. Anatólio pede então para ver a planta do navio e, depois, metro por metro, os **áfias** (agentes fiscais do impôsto aduaneiro) percorrem tôdas as dependências. Porões, beliches, paióis, frigoríficos, nada escapa à investigação.

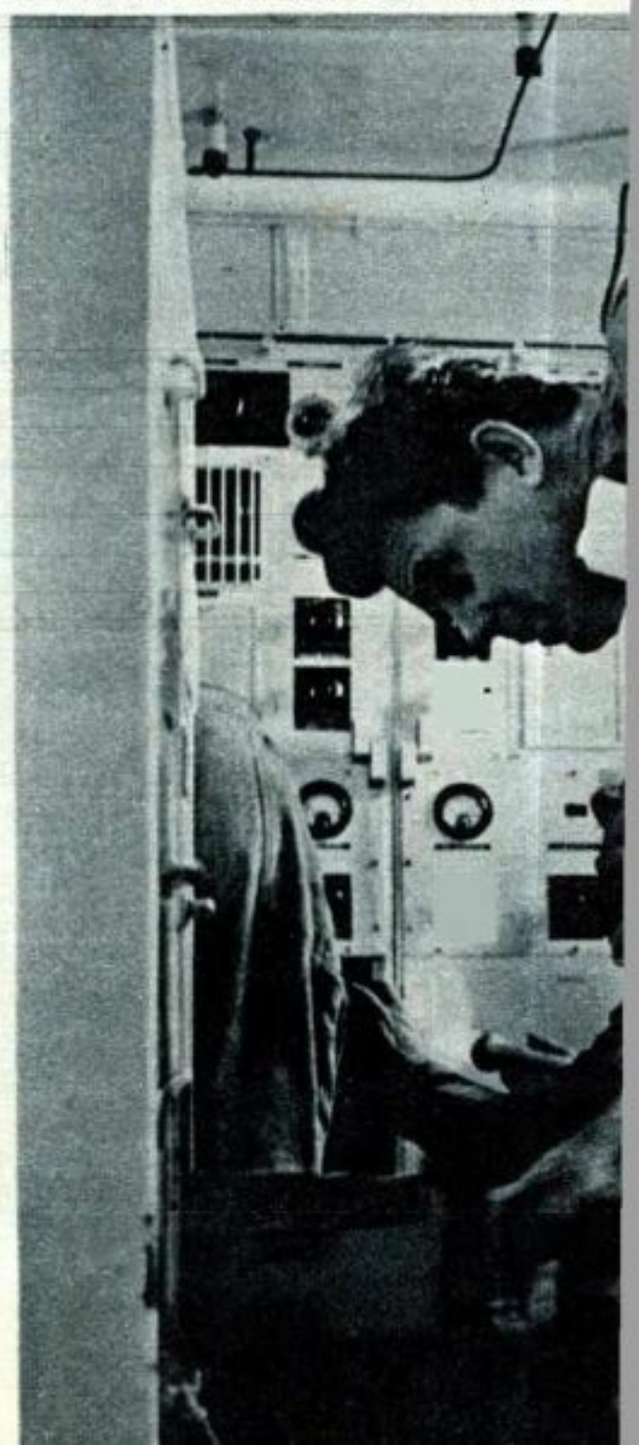
Freqüentemente os **áfias** saem negros de carvão ou brancos de farinha, porque um dos golpes usados é o de enterrar a muamba debaixo da carga, bem no fundo do porão. Então êles entram pelos porões com longas lanças espetando aqui e ali para ver se encontram resistência. Sua longa experiência os leva a descobrir, por exemplo, que certos parafusos foram recentemente removidos ou que uma parede foi pintada há menos tempo do que o resto do navio. Nesses casos, êles não têm dó: derrubam paredes, desmontam camarotes inteiros, se fôr necessário. Alguns tripulantes não resistem ao ver os agentes aproximando-se do local onde esconderam a mercadoria. Seu nervosismo, revelado no rosto ou nos gestos, acaba ajudando os áfias a encontrar o esconderijo.

Histórias de pescadores

Os áfias geralmente não usam armas. Porque o contrabandista comumente não reage. Êle sabe que só pode ser prêso com mercadoria em seu poder. Sua preocupação, portanto, é desfazer-se da muamba quando os áfias aparecem. Há alguns meses, a turma da busca, seguindo uma denúncia, ficou de sentinela na entrada da baía da Guanabara, esperando que um navio **desovasse** dezenas de pacotinhos plásticos contendo relógios. Os contrabandistas estavam em um barco, fingindo pescar. SEGUE

Por experiência, os fiscais descobriram que, ainda que a tripulação não saiba, sempre desce passageiro com mercadoria "extra".





Tôda mercadoria apreendida pela Alfândega é levada a leilão. Mesmo aí, as autoridades devem tomar cuidado com os contrabandistas: êles podem usar o leilão para legalizar outras muambas.

A nova Remington 21 nunca perde a linha

O alinhamento da nova Remington 21 mantém-se indefinidamente perfeito, graças à exclusiva construção Remington. E a Remington 21 é também a máquina de escrever de toque mais leve. Qualidade e beleza se aliam para fazer da Remington 21 a máquina de escrever do seu escritório. Na hora de comprar, escolha a que lhe garante qualidade - e beleza - Remington em tôda a linha.

Remington Rand do Brasil S.A.

FILIAIS E REVENDEDORES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAÍS.

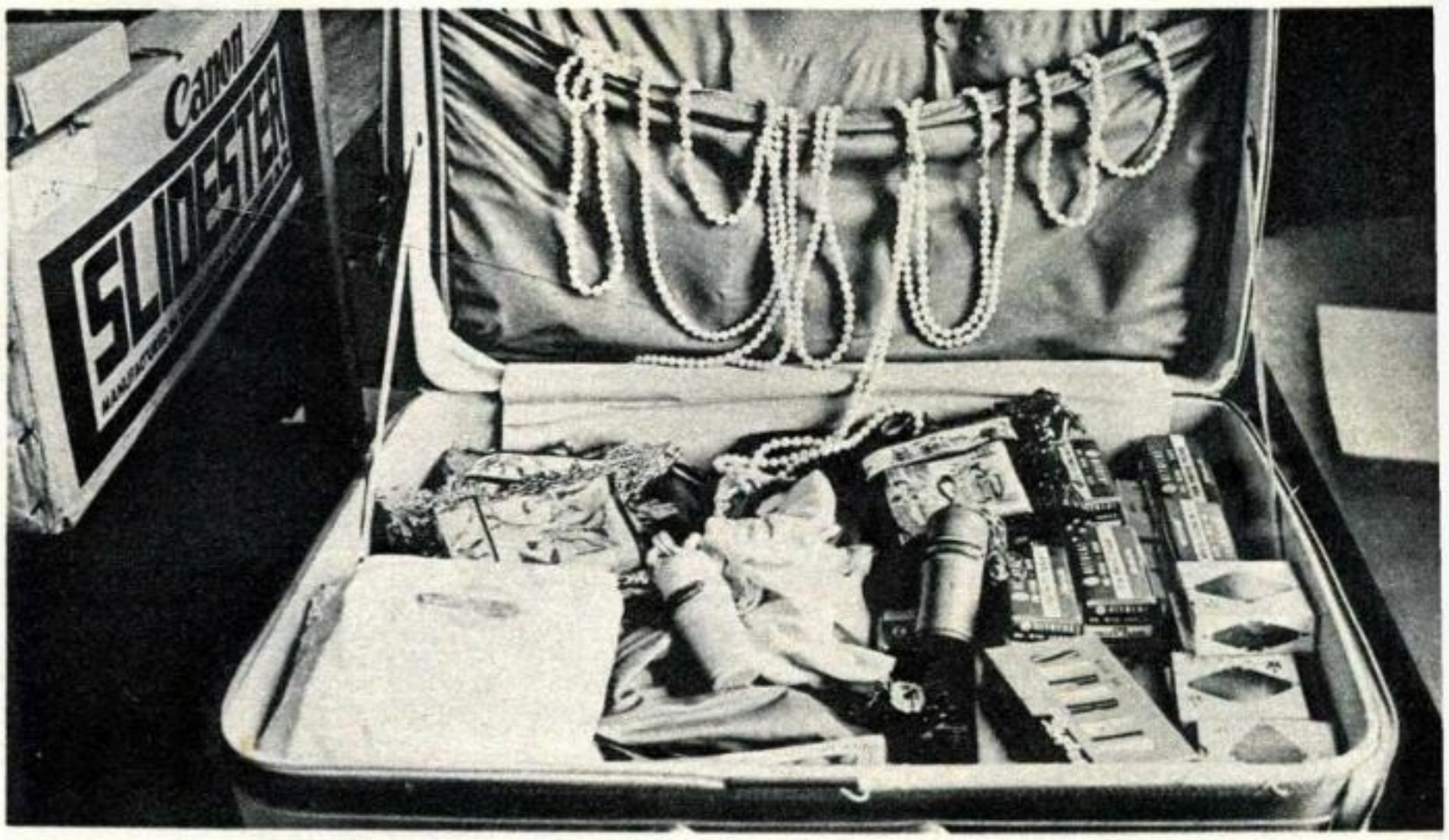
Standard Propaganda

Nesse "negócio," perdemos 800 bilhões por ano

Quando a mercadoria caiu no mar, a lancha da Alfândega saiu do esconderijo e foi recolher os pacotinhos. Os contrabandistas, com o maior sangue frio, continuaram pescando, enquanto seus milhões eram apreendidos. Anatólio diz que nunca esquecerá as fisionomias daqueles **pescadores** — um dos espetáculos mais divertidos que já viu.

A experiência da turma de busca já lhe ensinou também quais os navios que devem sofrer inspeção mais rigorosa. Por exemplo, inglêses e americanos raramente trazem mercadoria ilegal. Russos e poloneses, nunca. Mas latinos em geral, navios liberianos com tripulação grega e holandeses com tripulação chinesa já têm o contrabando pràticamente como vício. "Os suecos eram gente séria, mas agora estão pondo as manguinhas de fora", dizem com bom humor os áfias.

As apreensões em todo o Brasil, no ano passado, superaram os cinco bilhões de cruzeiros. Isso não deve representar sequer um por cento das mercadorias contrabandeadas — pois as grandes operações são pràticamente intocáveis. Portanto, a cifra estimada pela revista norte-americana **Time,** para o total do contrabando no Brasil por ano, não deve ser muito exagerada: 400 milhões de dolares (cêrca de 800 milhões de cruzeiros).



Jóias vêm de navio. Envóltas em plástico, são jogadas ao mar e recolhidas por lanchas.

Entre êles, lei marcial

Os grandes contrabandistas diante das autoridades são comportados. Mas entre si a guerra é outra, com **lei marcial** e tudo. Pelo menos 30 cadáveres que apareceram boiando em nossos portos, no último ano, podem ser debitados a essa guerra.

Há muitas razões para que um dêles seja **condenado** à morte. Quando a Alfândega apreende uma mercadoria, nem sempre o fato é divulgado. E nem sempre a quadrilha acredita na história contada pelo companheiro que era responsável pelo transporte. Além disso, quem denuncia um contrabando tem direito a 50% do valor do leilão. E a suspeita sempre fica: "Será que êle não deu o serviço?" Daí para o ajuste de contas não passa muito tempo. E o corpo do **culpado** acaba sendo encontrado boiando, sem qualquer documento de identidade. Com raras exceções, êsses casos terminam arquivados: o serviço é bem feito e a Polícia dificilmente prenderá os criminosos.

O contrabandista precisa também estar atento contra as quadrilhas que se especializam em assaltá-los. Fernandinho tornou-se famoso no pôrto do Rio por suas abordagens audaciosas. Com uma vasta rêde de informantes, que êle recompensava muito bem, ficava sabendo quando, como e onde determinada muamba seria desembarcada. Com uma lancha poderosa, êle interceptava a lancha que trazia a mercadoria e, armado de metralhadoras, simplesmente se apossava dela. A quem o contrabandista podia reclamar? As grandes quadrilhas estão preparadas para receber assaltantes como Fernandinho. Mas os pequenos **bagulheiros** do cais não têm condições para isso, e são liquidados se tentam resistir.

O contrabandista ainda precisa enfrentar um terceiro inimigo: o **arrochador.** Geralmente policial ou pessoa de alguma autoridade, que se utiliza do cargo para extorquir uma parte da mercadoria. Recompensa alguns informantes e faz o serviço de repressão por conta própria. Intercepta o contrabandista e ameaça levar a muamba para a Alfândega. "Mas, sabe como é, se eu levar o meu, deixo passar." O contrabandista cede para não perder a mercadoria mas, se puder, manda executar o arrochador. Ou é executado por êle.

O caso do baralho sem ás

A turma de repressão age em outra área. São os áfias que mantêm a vigilância no próprio cais, para não deixar sair mercadoria ilegalmente dos navios, depois de atracados. A turma de repressão revista bagagem de passageiros e fica atenta aos bagulheiros de todos os tipos que vivem nos portos. Sujeitos como **Lampião,** do Rio, que saía do cais todo dia com uma garrafa de uísque ou um pacote de cigarros. Êle tratava o pessoal da Alfândega com respeito e isso certa ocasião o perdeu. **Lampião** ia saindo pelo portão do armazém 2 e, ao se aproximar dos agentes, foi dizendo: "Pode me revistar, doutor, não tenho nada." Um dos agentes, por brincadeira, lhe disse: **"Lampião,** você não sabe que diante de uma autoridade é preciso tirar o chapéu?" Muito sem graça, **Lampião** tirou o boné e dois vidros de "Cabochard" que trazia escondidos na cabeça caíram no chão.

Tôda mercadoria apreendida pelos agentes da Alfândega é levada a leilão. Dêle só podem participar firmas registradas legalmente e autorizadas a comerciar com o tipo das mercadorias licitadas. A medida foi tomada no govêrno Jânio Quadros, a fim de evitar que os próprios contrabandistas participassem dos leilões como vinha acontecendo. O leilão, então, era utilizado como uma arma dos contrabandistas, através de golpes muito bem planejados.

Houve o caso do sujeito que importou ilegalmente uma grande partida de baralhos plásticos, e êle mesmo denunciou à Alfândega o navio em que vinha o contrabando, tudo direitinho. Os baralhos foram apreendidos e postos em leilão. Êle compareceu e, quando começou a licitação, perguntou ao leiloeiro: "Mas êsses baralhos estão certos?" O leiloeiro abriu um para demonstrar que estavam completos e verificou com surprêsa que faltava o às de espadas. Abriu outro e repetiu-se a surprêsa. Mais outro, e novamente faltava o ás de espadas. Ninguém quis fazer qualquer lance e o próprio autor do golpe comprou a partida inteira de baralhos por um preço baratíssimo. E, por cima, êle ainda tinha uma comissão, na qualidade de denunciante. Em tempo: todos os ases de espada já estavam em seu poder, vindos por outro caminho.

No tempo em que contrabandear automóveis era um grande negócio, aplicava-se muito o golpe da **depenação.** O carro era pôsto num navio sem qualquer documentação, legal, mas sem as portas, ou duas, três peças vitais e de difícil obtenção. Quem queria comprar um carro assim? Só o próprio contrabandista, que conseguia através do leilão a legalização do automóvel. E, da mesma maneira, êle já tinha em seu poder as portas ou as outras peças.

Isso hoje seria impossível, porque a Alfândega aprendeu a lição. Quando chega mercadoria com êsse tipo de defeito, ela prefere destruí-la, para impor aos contrabandistas o maior número de dificuldades. A Alfândega hoje também é obrigada a fazer a análise química dos perfumes e uísque apreendidos. SEGUE

Você sabe o que é "Ratão do Banhado"?

O Ratão-do-Banhado, nome popular da Nútria, roedor originário do Rio Grande do Sul, fornece uma das peles mais cobiçadas pelas mulheres elegantes. É rival do Vison, do Arminho e da Raposa Prateada – na confecção de abrigos, casacos e estolas para as damas de requintado gôsto.

Graças ao Ratão-do-Banhado, o Rio Grande acrescentou à sua variada lista de produtos de exportação mais um artigo que rende divisas e aumenta o prestígio internacional do Brasil.

O Banco Lar Brasileiro, S.A., entusiasta incentivador de atividades pioneiras no setor da exportação, orgulha-se de financiar a venda de mais êsse produto gaúcho.

Nosso gerente em Pôrto Alegre estudou tanto êsse assunto que se tornou um verdadeiro "doutor" em peleteria, no que se inclui o famoso Ratão-do-Banhado.

E continua estudando muito as particularidades e vários aspectos de outros produtos, que tornarão ainda maior a lista gaúcha de exportações.

BANCO LAR BRASILEIRO S/A

Associado ao The Chase Manhattan Bank, N.A.
Capital e Reservas: Cr$ 23,2 bilhões

Rio □ S. Paulo □ Santos □ Campinas □ Sto. André □ Salvador □ Niterói □ P. Alegre □ B. Horizonte □ Recife □ Curitiba □ Fortaleza □ Brasília □ Vitória

IA 230

Testa-de-ferro ajuda contrabandista no leilão

Porque apareceram sabidos que faziam falsificações perfeitas dos artigos, levavam para o Nordeste e embarcavam num navio, ilegalmente. A intenção dêles era, enganando a Alfândega, enganar os próprios receptadores de contrabando. Aqui a mercadoria era vendida à rêde de distribuição de contrabando como legítima e, para dar maior aparência de verdade, os malandros chegavam ao requinte de deixar a Alfândega apreender uma parte, que ia a leilão. Quem ia duvidar da legitimidade de uma mercadoria que a própria Alfândega leiloava?

Os falsificadores de perfumes atingiram tal perfeição que assustaram até os fabricantes franceses. Duas vêzes vieram ao Brasil agentes da Surété, especializados em falsificações, porque o produto **made in Madureira** já estava sendo vendido até em portos franceses.

Hoje, a Alfândega sabe também que entre as firmas inscritas nos leilões há algumas que são apenas **testas-de-ferro** de contrabandistas. A mercadoria para êles tem valor secundário. O que êles procuram nos leilões é obter a nota da Alfândega — a chamada quarta via do despacho. Com essa nota, êles podem legalizar uma quantidade muito maior de mercadorias. Por exemplo, êles obtêm uma quarta via de 500 pacotes de cigarros. Os 500 pacotes são levados para a firma e vendidos. Outros 500 pacotes são retirados do paiol (local em que é escondida a mercadoria contrabandeada) e postos legalmente à venda. Quem pode dizer que êstes 500 pacotes não são os mesmos que foram comprados no leilão?

Uma quarta via pode ser transferida de uma firma para outra, e vale muito dinheiro quando se refere a uma mercadoria rara. O primeiro contrabandista que trouxe relógios-calendário para o Brasil teve o cuidado de separar uma pequena parcela e deixar que a Alfândega a apreendesse. Depois, êle mesmo comprou no leilão essa pequena parcela e, com a quarta via obtida, conseguiu legalizar tôda a partida que havia trazido clandestinamente.

Joseph ia e vinha

Talvez o mais arrojado e curioso golpe tenha sido inventado por Joseph Phillips. Joseph tinha uma firma e pediu ao Banco do Brasil licença para importar nove quilos de platina da Alemanha, com **dólar abaixo do mercado livre,** conforme lhe facultavam as disposições legais da época. Joseph fêz a importação, desembarcou a mercadoria, tudo direitinho. Um mês depois, pediu outra licença para mais nove quilos de platina e repetiu tôda a operação. E assim foi fazendo durante alguns meses, sem qualquer problema.

Um dia, Joseph estava no aeroporto do Galeão, preparando-se para embarcar rumo à Alemanha. O agente da Alfândega folheou o seu passaporte e viu que êle tinha viajado muito para aquêle país nos ultimos meses. Olhou bem para o nome e deu-lhe um estalo: era o mesmo sujeito que alguns anos antes fôra investigado pela Alfândega, embora sem nenhum resultado. Nessa época, êle tinha um estaleiro e um velho navio que fazia viagens regulares à Europa. A Alfândega apurara que o navio levava máquinas velhas e vinha com tudo nôvo: caldeiras, motores etc. Aqui, Joseph desmontava, vendia os equipamentos novos e comprava velhos. A Alfândega e os contrôles de importação vinham sendo enganados em cada viagem que seu navio fazia. Quando, entretanto, os agentes alfandegários fizeram uma visita ao estaleiro de Joseph nada encontraram de anormal, porque êle fazia as operações de montagem e desmontagem com a maior rapidez e já tinha compradores certos para os equipamentos que trazia.

O agente lembrou tudo isso, antes de devolver o passaporte a Joseph. Depois ficou de longe, observando-o. Êle conversava com outro sujeito que tinha uma pequena mala nas mãos. Quando o alto-falante anunciou o embarque, viu que Joseph se despedia e, num gesto natural, levava para o avião a maleta que até então estivera com o outro.

O áfia correu atrás dêle. Quando Joseph botou o pé no primeiro degrau, êle o segurou pelo braço.

— O que é que o senhor leva nessa maleta?

Com a maior naturalidade, Joseph respondeu:

— Ora, objetos de uso pessoal.

O agente pediu que abrisse a maleta. Joseph protestou: o avião ia decolar. O agente insistiu:

— Se não abrir por bem, terei de prendê-lo.

Não houve jeito. A maleta foi aberta e, dentro dela, estavam nove quilos de platina. Os mesmos nove quilos da primeira importação, que estavam indo e voltando da Alemanha quase todos os meses.

O mecanismo era incrìvelmente simples. O Banco do Brasil vendia-lhe dólares necessários à importação a câmbio favorecido — 400 cruzeiros menos do que no câmbio livre. A firma alemã que mandava a platina era também de Joseph ou de um cúmplice. Quando recebia os dólares, enviava-os ao Brasil e Joseph os vendia no câmbio livre, com alto lucro. E todo o capital necessário para o golpe eram apenas os nove quilos de platina iniciais que, em cada ida e volta da Alemanha, rendiam muitos milhões. A Alfândega calcula que êle ganhou cêrca de um bilhão de cruzeiros.

Joseph está em algum país gozando o dinheiro que ganhou com tanta facilidade. Tinha sido prêso, mas um juiz lhe concedeu habeas corpus e êle imediatamente fugiu do Brasil com passaporte falso, deixando atrás de si um processo criminal e um fiscal, impostos e multas no valor de quase dois bilhões.

Tôdas essas brilhantes idéias para lesar o fisco são fàcilmente realizadas por três motivos essenciais:

a) A imensa extensão de nosso território. Temos mais de sete mil quilômetros de costa. Só a Amazônia tem mais de 6 mil quilômetros de fronteira, o que torna impraticável um sistema permanente e eficiente de fiscalização;

b) a falta de recursos das autoridades responsáveis pela repressão;

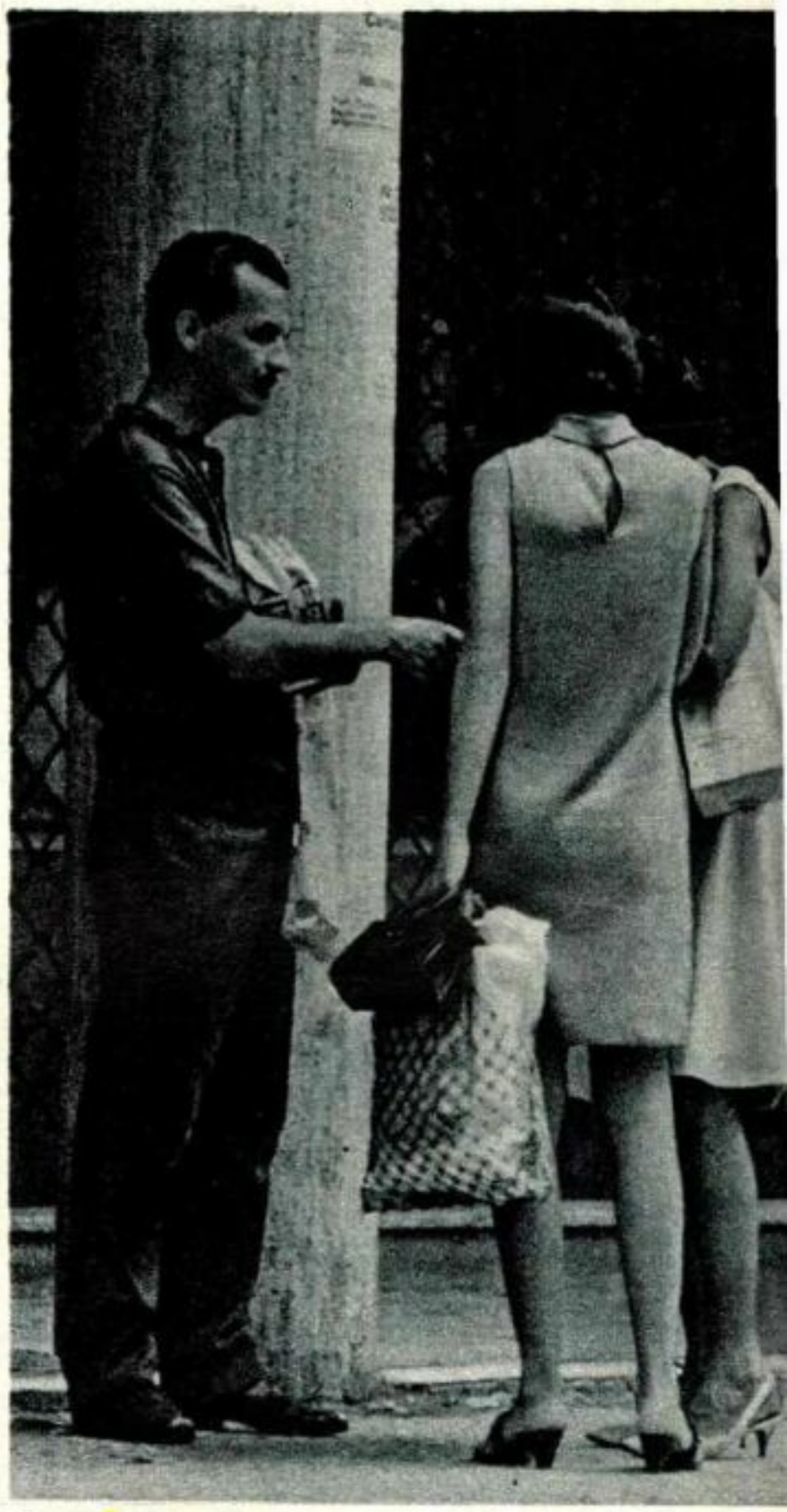
c) o anacronismo e a complexidade de nossa legislação.

Graças a essas três circunstâncias, o contrabando aéreo hoje é feito por atacado e nenhuma autoridade pode impedir nada. Grande parte das mercadorias entradas ilegalmente no país não passa mais pelo complicado processo marítimo. O contrabandista compra o que quer no Paraguai, embarca em seu avião particular e desce tranqüilamente num dos milhares de aeroportos clandestinos do país. A maioria dos cigarros consumidos na Guanabara não vem por mar, e sim através de Minas Gerais. Os perfumes entram pelo interior e São Paulo.

Por avião, tudo é mais fácil

Pior ainda: uma parte entra pelos próprios aeroportos do Galeão, no Rio, Congonhas, em São Paulo; ou Viracopos, Campinas. O golpe é facílimo.

SEGUE



Cigarro agora vem de avião: é mais fácil

A verdadeira guerra ainda está por começar

Embarcam a mercadoria num avião que escale na Guanabara ou São Paulo, mas cujo destino final seja Santiago, Buenos Aires ou Assunção. Fazem o despacho em nome de uma firma real ou inexistente, e já houve casos em que os contrabandistas despacharam até para a agência do Banco do Brasil em Buenos Aires. Chegando ao Galeão ou Congonhas, os cúmplices que trabalham no aeroporto retiram a mercadoria do avião "por engano". Se não houver fiscalização por perto, nem sequer a levam ao depósito de carga. No caminho do avião para o depósito, passam tudo de um carrinho para outro, e daí para um caminhão que já está esperando. Se isso não fôr possível, a muamba vai para o depósito de mercadorias em trânsito, onde esperará um avião que a leve ao lugar indicado no despacho. E, enquanto isso, sempre pode aparecer uma oportunidade para fazê-la sumir do depósito. Como ninguém a reclamará, a direção da companhia aérea nem tomará conhecimento do assunto. E, se por azar, a mercadoria seguir até o destino indicado no despacho, também não será problema grave: como o destinatário não sabe de nada, ou então nem existe, ela será devolvida ao ponto de origem.

Em São Paulo, há ainda a possibilidade de alternativa de pouso. Um avião deve descer em Congonhas, mas à última hora falta teto e êle vai para Viracopos (cêrca de 120 km de São Paulo). O aviso de mudança de local de pouso é geralmente dado com antecedência de apenas 15 minutos. A Alfândega não tem recursos para se deslocar até Campinas em tão pouco tempo. Mas os contrabandistas têm seus cúmplices em Viracopos e basta um telefonema para que a mercadoria seja retirada sem passar por qualquer fiscalização.

No aeroporto de Paris, ou no de Nova Iorque, a manobra seria impossível: nada se extravia antes de chegar à Alfândega. Mas nossos aeroportos internacionais têm dezenas de **desvios,** por onde a mercadoria pode sair, sem problemas.

Para evitar êsse tipo de contrabando, a Alfândega muitas vêzes comete violências. Tôda mercadoria destinada a outros países que aparece "por engano" no Galeão ou outro aeroporto, é sempre apreendida, até que apareça o dono — se realmente houve engano. Mas mesmo isso tem solução para os contrabandistas. Basta que montem uma firma testa-de-ferro, que os garanta em Santiago, Buenos Aires ou Assunção.

Os federais começam a agir

Só há uma forma de liquidar o contrabando aéreo. Uma ação longa e cuidadosa da Polícia Federal, para identificar e eliminar os elementos que, dentro dos aeroportos, fazem o jôgo dos contrabandistas. Isto já vem sendo feito. E aqui entramos em outra área de luta. Porque a Alfândega só tem jurisdição no que a lei chama de "zona fiscal". Segundo o artigo 63 da Nova Constituição das Alfândegas, de 1894, a "zona fiscal" compreende, nas fronteiras terrestres, no litoral e nas margens dos rios, lagos e águas interiores da República, "um quarto de légua em tôda a sua extensão, menos a parte compreendida nos limites urbanos das cidades, vilas e povoados".

Para lá dêsse quarto de légua (um quilômetro e meio), os contrabandistas estão livres da ação dos áfias. Agora, porém, êles começam a enfrentar uma organização que, dia a dia, vai ganhando estrutura, maiores recursos e, sobretudo, maior experiência no combate ao crime: a Polícia Federal.

Criada em 1964, foi formada principalmente por elementos da antiga Polícia carioca que não quiseram passar para a Polícia estadual da Guanabara, os chamados **optantes.** Hoje, a Polícia Federal começa a ganhar novos quadros e se esforça para mostrar que seus agentes não são policiais comuns. Os salários foram melhorados — um federal em início de carreira ganha cêrca de 500 mil cruzeiros — e a chefia do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP) procura prestigiá-los sempre. O federal pode investigar sem mêdo de ser transferido de um momento para outro, por influência de **fôrças ocultas.** Ao mesmo tempo, êle sabe que a menor falha de sua parte será rigorosamente punida. E é também estimulado a se orgulhar da reputação que aos poucos vem ganhando: a de que os federais são incorruptíveis.

O Serviço de Repressão ao Contrabando e Descaminho tem sede em Brasília e funciona em tôdas as oito delegacias já instaladas pelo DFSP.

William Bart, chefe das investigações na Guanabara, é um federal típico. Aos 41 anos de idade, já tem 22 de policial. Começou na antiga Polícia Especial e, quando esta foi extinta, passou a ser agente da Polícia Marítima. Em fins de 64, passou a agente federal, servindo primeiro na Polícia Fazendária. Ocupa o atual cargo há apenas seis meses.

Casado, pai de uma môça de 14 anos, William Bart não tem hora de entrar em serviço. É a coisa mais comum êle acordar às duas da madrugada com o palpite de que deve ir até o **centro comercial** dos contrabandistas, no Rio — rua da Alfândega e arredores. Percorre as ruas silenciosas e muitas vêzes é recompensado. Um automóvel pára às três da manhã diante de uma loja e começa a descarregar pacotes: mercadoria vinda dos paióis, para ser vendida aos camelôs e outros revendedores. Bart só tem o trabalho de dar a voz de prisão e levar os contrabandistas para o improvisado xadrez da Polícia Federal — algumas celas que são cedidas pela Polícia Marítima.

Bart e tôda a Polícia Federal, no entanto, interessam-se muito pouco pela simples apreensão de alguns pacotes de cigarro ou garrafas de uísque. O que lhes interessa acima de tudo é identificar os grandes nomes do contrabando, as quatro ou cinco pessoas que controlam quase tudo e que — da mesma forma que os chefes de **gangs** nos Estados Unidos — se escondem atrás de um complexo mecanismo de proteção: firmas legais para os negócios lícitos, e testas-de-ferro para os negócios ilícitos. Certamente serão nomes que o leitor vê diàriamente nas colunas sociais, conhecidos por seus gestos de benemerência, talvez até donos de altos cargos na administração pública.

Para chegar a êles, homens como William Bart trabalham sem parar, unindo pistas aqui e ali, fazendo rondas fechadas, documentando e narrando tudo em grossos volumes que trazem duas palavras carimbadas nas capas: **Sindicância e Secreto.**

Uma sindicância típica começa assim: Paulo Santana, conhecido como Paulo Pisca, contrabandista de quinta categoria, foi prêso ao entrar com 42 garrafas de uísque no prédio da rua do Acre, Rio, onde tem um escritório. Mais do que pelas garrafas, os federais se interessaram pelo caderninho que êle carregava no bôlso, onde constavam as seguintes anotações:

67ND7D5470
DA4C15 — DPA487 RT11RP
D9A48E RTTOME
D7B127 PMUSPI

Pareciam anotações de telefones em código. Bart levou o caderninho para casa e, durante um fim de semana inteiro, tentou decifrar aquilo. Após horas e horas pensando e estudando, a anotação D7B127 lhe lembrou afinal o nome de um velho contrabandista: Debise. Foi à lista telefônica e procurou o nome. Confrontou o número de seu telefone com PMUSPI e utilizou a relação entre algarismos e letras para decifrar o resto. A primeira anotação foi traduzida como **vendedores.** As restantes deram certo com três outros nomes e seus respectivos telefones. Começou então uma ronda fechada sôbre os nomes encontrados. Outras mercadorias foram apreendidas, outros caderninhos e papéis apanhados.

Passo a passo, até os cabeças

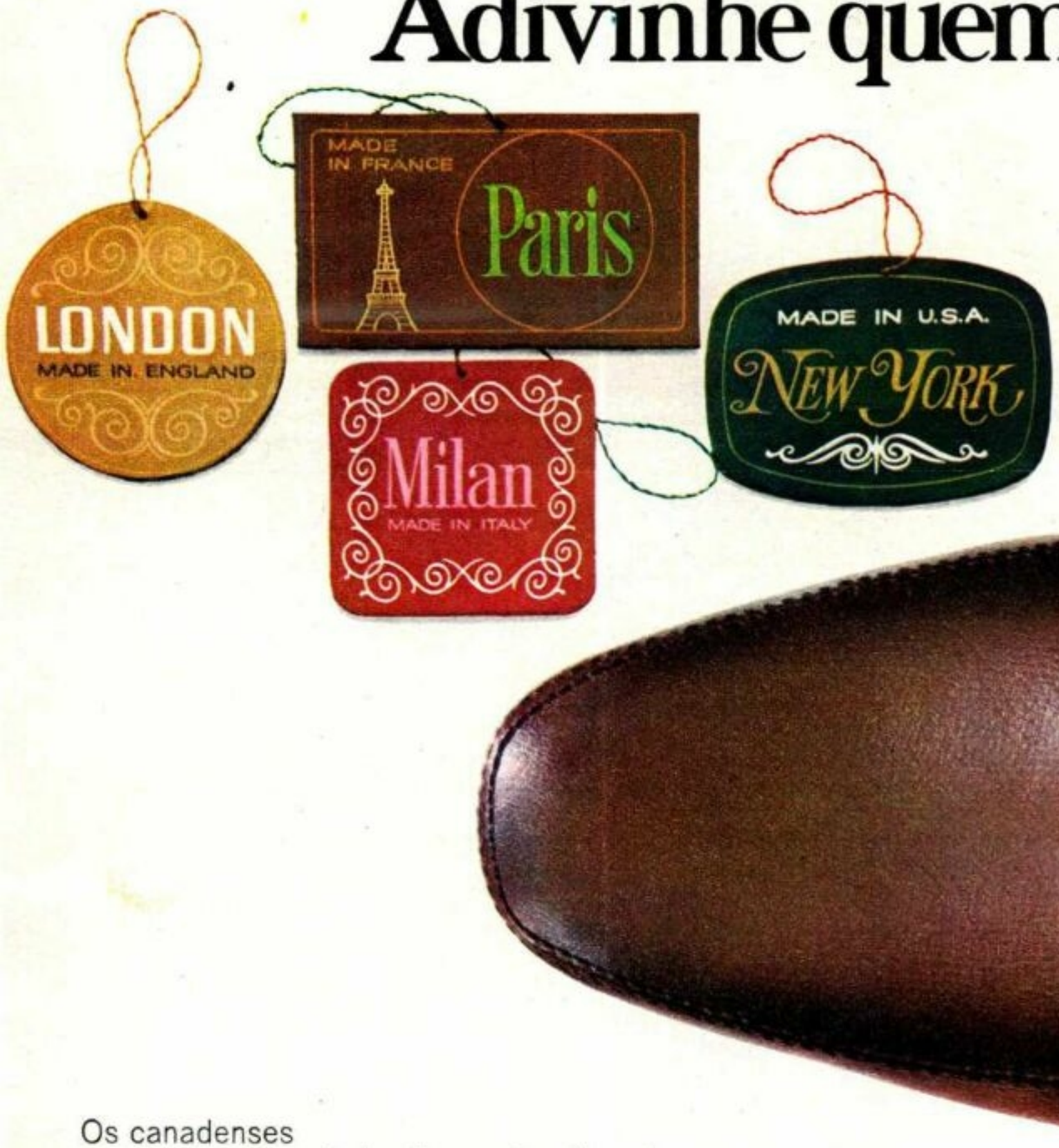
Assim, a cada passo, os federais sobem um degrau a mais na escala hierárquica dos contrabandistas. Quanto tempo será necessário para chegar aos chefes? William Bart não sabe dizer, mas está certo de que êles serão descobertos, mais cedo ou mais tarde. O caminho será difícil. Haverá tentativas de subôrno, no princípio. Depois virão as ameaças e até mesmo atentados contra os agentes federais decididos.

Por enquanto, as ameaças e atentados não chegaram. Mesmo porque a ação dos federais ainda não pôde passar destas repressões superficiais a contrabandos de uísque, cigarros e lâminas de barbear. Mas nas mais longínquas regiões de nosso país continua o desvio criminoso de café, ouro, pedras preciosas, minérios e madeiras raras. Um dia, homens como William Bart chegarão aos donos dessa máquina que corrói a economia brasileira e de tôda e América Latina. Nesse dia, a verdadeira guerra contra o contrabando terá começado. FIM

Texto de Paulo Henrique Amorim
Desenhos de Hamilton de Souza

Mr. Caldwell, do Canadá, queria importar sapatos. Foi a Londres, Milão, Paris, Nova York e Jundiaí.

Adivinhe quem ganhou?



MADE IN BRAZIL
JUNDIAÍ
VULCABRÁS

Os canadenses
queriam um sapato bonito, porém discreto.
Milão, Paris, Londres, Nova York fabricam sapatos bonitos.
Jundiaí também.
Queriam um sapato confortável. Macio.
Os canadenses não gostam de viver com os pés apertados.
Bem, na verdade êles acharam sapatos confortáveis em tôdas essas cidades.
Em Jundiaí também.
Êles queriam um sapato impermeável.
Vulcabrás é impermeável. Absolutamente impermeável.
Queriam um sapato durável e resistente.
Para provar a durabilidade do Vulcabrás seria necessário no mínimo um ano de uso.
Por isso, a prova de resistência foi na base de quem falasse mais.
Bem, nisso Milão levou vantagem "perchè, come voi sapete, le scarpe italiane...".
No fim das contas quer saber quem ganhou a concorrência para exportar
para o Canadá? Jundiaí. Mais exatamente, Vulcabrás foi o sapato escolhido.
Porque os canadenses concluiram que Vulcabrás é um sapato que terá sucesso
certo no mercado de lá. Viva Vulcabrás!

VULCABRÁS
Caixa Postal 47 - Jundiaí - SP

Denisc

muita gente
gostaria de possuir
todos os modelos de
relógios Seiko

Todos são bonitos!
(tanto para homens como
para mulheres)
pois em qualquer modêlo
a precisão e a
qualidade se repete!

SEIKO é relógio de bom gôsto,
de linhas belissimas e
qualidade indiscutivel. Feito
para quem sabe escolher. Qual
é o modêlo que Você prefere?

SEIKO

Ninguém gosta de pagar impôsto de renda. Mesmo assim, em 1966 três milhões de pessoas não conseguiram escapar. Êste ano, mais 500 mil pessoas deverão contribuir, o que vai permitir uma arrecadação de 3 trilhões de cruzeiros. O cêrco está apertando e não adianta tentar a sonegação, nem se lamentar demais. O bom mesmo é controlar os nervos, estudar a lei com muito cuidado e descobrir as delícias de

COMO PAGAR MENOS IMPÔSTO DE RENDA

Duas secretárias compenetradíssimas não deixam ninguém entrar. Chega um vendedor de livros a prestação. A mais idosa responde que o diretor já acabou de pagar sua enciclopédia e não está interessado em mais nada. O industrial apavorado, credor de uma firma que pediu concordata, também quer uma audiência com o diretor. A secretária mais jovem diz que êle está muito ocupado. Pouco depois entra um agente fiscal do Rio Grande do Sul pleiteando a transferência para Pernambuco. Fica sentado na sala de espera, porque ninguém pode importunar o diretor. Agora, é um deputado da Arena de Santa Catarina, acompanhado de dois empresários. Consegue furar o bloqueio: abre a porta e entra na sala proibida sem nem olhar a cara feia das secretárias. Mas o deputado e seus amigos também não demoram lá dentro. O diretor, positivamente, esta ocupadíssimo.

O senhor Orlando Travancas, diretor do Impôsto de Renda, naquele dia, fazia sua declaração. Ficou várias horas trancado, não atendia telefonemas e adiou compromissos importantes. Dedicava-se inteiramente à estafante, porém compensadora, tarefa de encontrar, dentro da lei, tôdas as possibilidades de pagar o menos possível para o Impôsto de Renda. E conseguiu. Primeiro, porque pagando em fins de janeiro economizou 8%. As despesas com o seguro de vida para a família permitiram descontar quase 1%. As contas do colégio da filha de 10 anos deram um abatimento de 3%. Médicos e dentistas diminuíram pouco mais de 0,5%, mas as contribuições que fêz a instituições de caridade permitiram descontar 2%. Os livros especializados que comprou abatem 4% e os encargos de família (mulher e duas filhas) chegam a quase 15%.

Antes da economia, o balanço

Antes de começar a quebrar a cabeça para descobrir abatimentos, é indispensável fazer um balanço exato de quanto se recebeu e de quanto se gastou num ano. Isso, para evitar a sonegação mais comum — omissão de renda — que é implacàvelmente enquadrada nos chamados crimes contra a Fazenda. Como se faz êsse balanço financeiro?

Relacionam-se no item da **receita** as "disponibilidades financeiras iniciais" (quanto se tem no início do ano em depósitos em bancos, ou outras economias), a renda que se obteve (ou seja, quanto se ganhou no ano) e a "receita patrimonial", aquilo, do patrimônio, que foi negociado.

A soma dessas três parcelas vai dar a receita anual. No item das "despesas" devem ser somados os gastos pessoais (pagamento de luz, gás, aluguel, empregada, compra de roupas, escolas etc.), gastos com investimentos (carro nôvo, compra de casa de campo, ou apartamento etc.) e, finalmente, as "disponibilidades sobrantes", o que ficou em caixa, o que sobrou em dinheiro no fim do ano. É extremamente prudente que as duas somas — receita e despesa — se igualem. Isso porque se fôr declarado um investimento de 20 milhões anuais e uma renda de apenas dez milhões, é claro que os outros dez milhões foram escondidos nas entrelinhas da declaração. E o contribuinte deverá explicar tudo de nôvo.

Da mesma forma, se fôr declarada uma renda baixa e o contribuinte tiver um nível de vida muito alto, incompatível com a "miséria" que declarou, as conseqüências podem ser desagradáveis. Foi o que aconteceu a um cantor de ié-ié-ié que declarou uma ninharia de renda e "esqueceu" de incluir nas despesas a compra de um iate que batizou bizarramente de **Nouveau Riche.** Para surprêsa sua, meses depois, foi chamado ao quarto andar do Ministério da Fazenda, no Rio, onde funciona a equipe do doutor Travancas. Veio queimadinho do sol da baía de Guanabara. Ficou muito assustado quando descobriu que os funcionários têm a relação completa dos barcos registrados nos iate-clubes, além dos cavalos de corrida, insofismáveis "indícios exteriores de riqueza". Outros indícios: ser portador de moeda estrangeira (US$) em grande quantidade; ser **habitué** de especulação na Bôlsa de Valôres; viajar freqüentemente para o exterior; e vestir fantasias de luxo no carnaval.

O dinheiro ganho pelo contribuinte (rendimento bruto) é classificado em oito divisões (chamadas de cédulas, que vão de A a H). Para se obter os rendimentos líquidos, são feitas as deduções. É aqui que começa a luta árdua para pagar o menos possível. De saída, podem ser abatidas, sem limite, as despesas com dentistas, médicos e hospitais. Todos sabem que muitos médicos e dentistas se recusam a dar recibo, aplicando o famoso golpe do "dando recibo fica um pouquinho mais caro". O Departamento do Impôsto de Renda leva isso em conta e não exige normalmente, recibo para a comprovação dessas despesas. Basta dar o nome do médico ou dentista e o enderêço. Mas cuidado: o fiscal pode chamá-lo para uma acareação, caso o médico se negue ter recebido êsse dinheiro. A melhor solução, aqui, é pagar conta de médico com cheque nominal, anotando seu número e o nome do banco.

Família, a melhor coisa

O item mais forte para os abatimentos da renda bruta são os encargos de família. Para cada dependente pode-se atribuir um abatimento anual de Cr$ 1.065.000 (ou NCr$ 1.065,00). E a lei é muito benevolente quando fala de **dependentes.** Por exemplo, a mulher é um dêles, e no caso do contribuinte ser desquitado, e viver mais de cinco anos com outra, pode incluir essa segunda mulher no rol dos seus dependentes. Há ainda outras hipóteses de dependentes: 1) os filhos menores e inválidos e os maiores até 24 anos que estejam cursando escola superior, sejam filhos legítimos, legitimados, naturais, reconhecidos ou adotivos; 2) os menores de 21 anos, pobres, que o contribuinte comprovadamente crie ou eduque, embora não tenha adotado, ou maiores até 24 anos, nas mesmas condições, que estejam cursando escola superior; 3) as filhas solteiras, viúvas sem arrimo, e as sem recursos e as abandonadas pelo marido; 4) os descendentes, menores ou inválidos, sem arrimo dos pais; 5) os ascendentes, irmãs ou irmãos, incapacitados para o trabalho.

SEGUE

Seguro de vida dá desconto

Embora os casos de declaração de filhos inexistentes com o fim de se beneficiar das deduções sejam muito raros, o Impôsto de Renda exige que se mencione na declaração o cartório onde foi registrada cada criança. Também não é fácil declarar filhos adotivos que não existem, porque quase todos êsses casos são investigados.

Fiscal pode fazer conta de chegar

A vigilância sôbre as deduções nem sempre é inflexível. Se, por exemplo, o contribuinte desquitado vive um pouquinho menos de cinco anos com a segunda mulher, o fiscal pode fazer uma conta de chegar — desde que não seja um intransigente defensor de nossos costumes mais tradicionais. Outras vêzes, porém, não há escapatória. Foi o caso da cantora Araci de Almeida que uma vez, numa entrevista, disse que ia pedir ao doutor Travancas para abater as despesas com seus vários dependentes: 20 gatos e os 30 pobres do bairro do Encantado, que vão todos os dias ao seu casarão tomar a sopa que ela prepara religiosamente há alguns anos. Mas Araci não pôde incluir êsses 50 dependentes na sua lista.

Feitas tôdas as deduções do rendimento bruto, chega-se aos rendimentos líquidos. Para se obter a **renda líquida**, sôbre a qual será calculado, por fim, o impôsto, deve-se fazer os abatimentos previstos em lei.

Os juros de dívidas pessoais iniciam a lista dêsses abatimentos. Mas também aqui é preciso certa parcimônia para que não se incorra no perigoso equívoco da sonegação, como tentou um poderoso banqueiro paulista. Êle inventou juros pagos a determinada pessoa e recebeu o recibo correspondente. Acontece que essa pessoa não tinha, por suas reduzidas economias, condições para emprestar uma quantia que desse juros tão altos como os alegados pelo banqueiro. Verificou-se então que o falso emprestador tinha assinado sem receber. E hoje, o banqueiro é dos mais exatos na enumeração de despesas, sobretudo dos juros pagos.

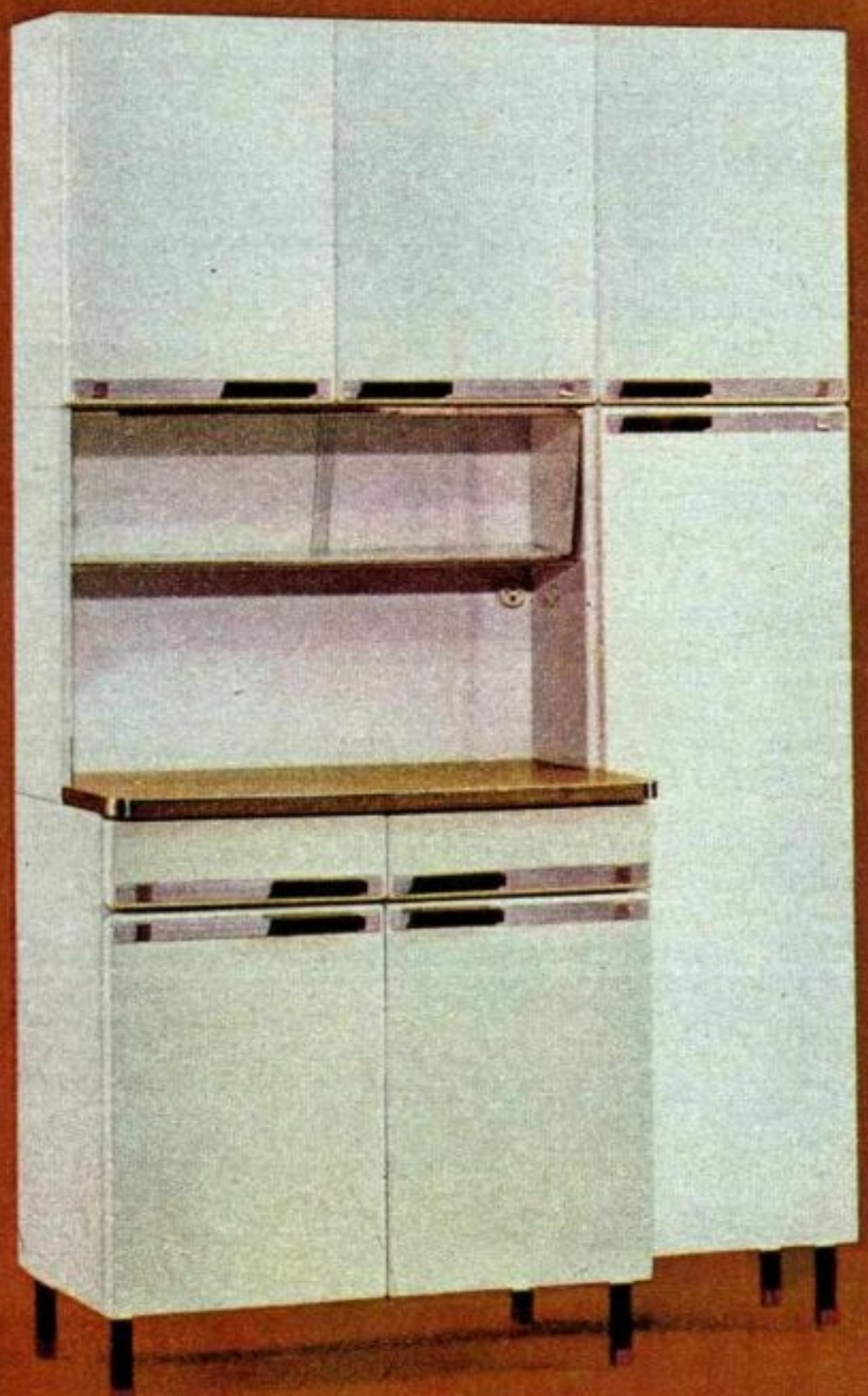
Também podem ser abatidos os pagamentos de seguro de vida e seguro contra acidentes pessoais. E, ainda, "as perdas extraordinárias decorrentes de casos fortuitos (roubos, revolução, enchente etc.)". Se o contribuinte, por exemplo, mora em lugar atingido pela tromba d'água que caiu na Guanabara ou no Estado do Rio, há meses, pode descontar os prejuízos na declaração. A lei diz que as perdas serão deduzidas, desde que não tenham sido compensadas por seguros de indenização. O tipo de comprovante de que alguém realmente teve prejuízos com a chuva vai variar segundo o temperamento do delegado. Um poderá exigir um atestado policial detalhado, o que nem sempre é fácil de obter. Outro poderá aceitar um atestado passado por pessoas idôneas. Mas nada disso será necessário se o contribuinte tiver a **sorte** dos que encontraram as fotografias de suas casas alagadas nos jornais.

Sempre na área de "perdas extraordinárias", há delegados, por exemplo, que reconhecem o direito de descontar o prejuízo em desastre de automóvel, se fôr anexada uma declaração da Inspetoria de Trânsito afirmando que a culpa pelo acidente foi de outra pessoa. E os estragos do carro não podem ter sido pagos pelo seguro. Um roubo de jóias poderá, também, ser deduzido, se o contribuinte apresentar uma fatura de compra dessas jóias e outra declaração da Delegacia de Polícia de que realmente houve o roubo.

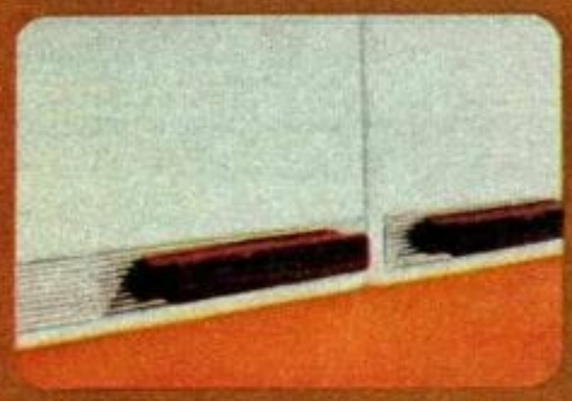
Filantropia dá dor de cabeça

As grandes dores de cabeça dos fiscais surgem com as contribuições a instituições filantrópicas e de cultura. Pela lei, pode-se abater a despesa em forma de doação. SEGUE

Observe os detalhes...

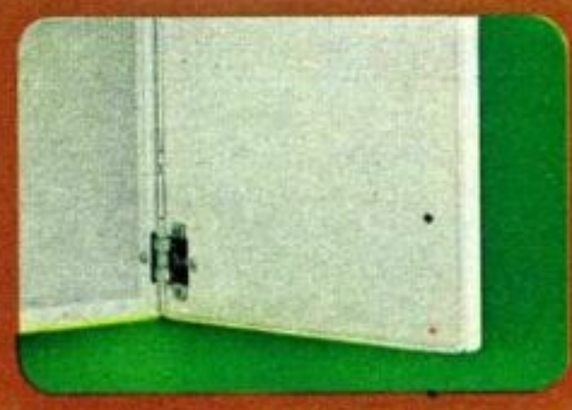


mod. 062



- Puxadores de jacarandá da Bahia e frizos de cromo-alumínio.

- Gavetas de cantos arredondados e plano de fórmica.



- Portas forradas e dotadas de amortecedores de dupla ação.

- Pés de aço regulaveis protegidos por sapatas inoxidáveis.

...e a beleza do conjunto

Tudo foi planejado para oferecer a você um móvel prático, resistente, para durar anos e anos com a mesma perfeição e beleza do primeiro dia de uso. E que fôsse, ao mesmo tempo, um móvel estèticamente incomparável.

mod. 042

mod. 072

mod. 082

mod. 0122

SECURIT

conjuntos para copa e cozinha

À venda, em todo o país, nos revendedores Securit autorizados

Trombada também pode ajudar

Não raro aparecem casas de caridade fictícias ou doações superfaturadas. Em Minas, um candidato a deputado fêz a campanha eleitoral pràticamente de graça, pois fazia doações no valor aproximado de um milhão de cruzeiros em cada cidade que passava e conseguia recibos no valor de dez milhões. Só o que isso abateu no seu impôsto de renda lhe valeu uma campanha milionária e gratuita. Porém muito pouco compensadora. Em primeiro lugar, não foi eleito. Em segundo, cada uma das doações foi investigada e, através dos livros-caixa das instituições, pôde-se chegar ao verdadeiro total doado. Com o que o quase-deputado e os dirigentes dessas instituições se viram em maus lençóis.

Bôlsas de estudos dão deduções

Além das despesas normais com escolas e cursos, o contribuinte pode também deduzir as suas doações para bôlsas de estudos a alunos pobres. A dedução tolerada aqui, chega até 10%. A lei diz que se pode deduzir até 5% dos rendimentos a título de compra de livros ou instrumentos necessários à profissão do contribuinte. Mas, sem abusar, e desde que mostre comprovantes, pode deduzir o total gasto, mesmo ultrapassando um pouco aquela porcentagem. Se fôr juiz ou professor universitário, essas deduções podem chegar a 10%.

O govêrno utiliza o impôsto de renda para incentivar atividades econômicas que julga indispensáveis. Assim, por exemplo, o proprietário rural que apresentar um plano ao Ministério da Agricultura, comprometendo-se a colaborar com a campanha do reflorestamento, poderá deduzir até 25% dos seus gastos com a plantação de novas árvores. E, se um empresário resolver investir no Nordeste (através da SUDENE) ou na Amazônia (através da SUDAM — Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), deduzirá de seu impôsto o total dêsse investimento.

Há, ainda, os incentivos fiscais, que incluem, entre outros: 20% do total aplicado na compra de títulos do Tesouro Nacional (desde que não negociados num prazo mínimo de dois anos); 15% do aplicado na compra de ações de emprêsas de capital aberto ou de letras do Banco Nacional de Habitação; e, em 1967, 10% da importância a pagar de impôsto pelas pessoas físicas e jurídicas, desde que depositadas em banco de investimento para a compra de ações de emprêsa de capital aberto. O conjunto de todos êsses abatimentos na renda líquida, entretanto, não pode passar de 50% da renda bruta.

No fim, se o total a ser pago não ultrapassar 30 mil cruzeiros (NCr$ 30,00), o contribuinte tem de desembolsar à vista. Acima disso, poderá fazê-lo em até 11 prestações, se concluir a declaração em janeiro; dez prestações se apresentar a declaração em fevereiro; nove, se em março; e oito, se apresentar em abril. Na mesma ordem, para pagamento à vista, terá descontos de oito, seis, quatro e dois por cento.

Não convém esquecer que a aprovação das deduções e abatimentos depende do julgamento da autoridade lançadora — delegados regionais, delegados seccionais e inspetores. Por melhores que sejam os argumentos, sempre serão submetidos ao crivo mais rigoroso ou mais compreensivo dos agentes do Impôsto de Renda. São, atualmente, 900 agentes em todo o país e brevemente outros 428 entrarão para a equipe.

Em última instância, é o delegado quem decide. E o temperamento dêsses delegados deve ser meticulosamente estudado para que se saiba seu limite de benevolência. O de Belo Horizonte, por exemplo, é implacável. Veterano funcionário de carreira, Jair Camargo é considerado o **Caxias** n.º 1 do Departamento. Já provocou a ira (muitas vêzes declarada) da Associação Comercial, associações rurais, Ordem dos Advogados e funcionários públicos.

Até o doutor Travancas tem seus fracos. Aconselha-se, no caso de um recurso extremo ao diretor do Departamento do Impôsto de Renda, que se fale, como temas introdutórios, em pescaria (seu **hobby**), em futebol (mas, por favor, que se torça pelo Vasco da Gama, mesmo que a contragôsto) e, se possível, que se recorde algumas regatas dos idos de 1944, quando o jovem Travancas defendia o prestígio da seção de remo vascaína.

SEGUE

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A

Ufa!

Conseguimos fazer mais alguns aperfeiçoamentos no VW '67.

Um dia alguém inventa um automóvel.

Desenho diferente, suspensão diferente, motor diferente, centenas de detalhes diferentes.

Todo mundo gosta dêle.

V. também.

Então começam a melhorá-lo aqui e ali.

Fazem testes e mais testes.

O carro anda, anda, anda...

Esquecem até de fabricar novos modelos, como todo mundo faz.

Quando v. vê, passaram-se anos e anos.

O que pode ter sobrado para aperfeiçoar?

Talvez aumentar um pouco o vidro traseiro, para aumentar a visão.

E quem sabe aumentar também a visão na frente, colocando limpadores de pára-brisa que param do lado esquerdo?

Quem sabe dá para instalar, na mesma alavanca do pisca-pisca, uma tecla para luz alta e baixa?

Sempre dá para fazer outras coisinhas.

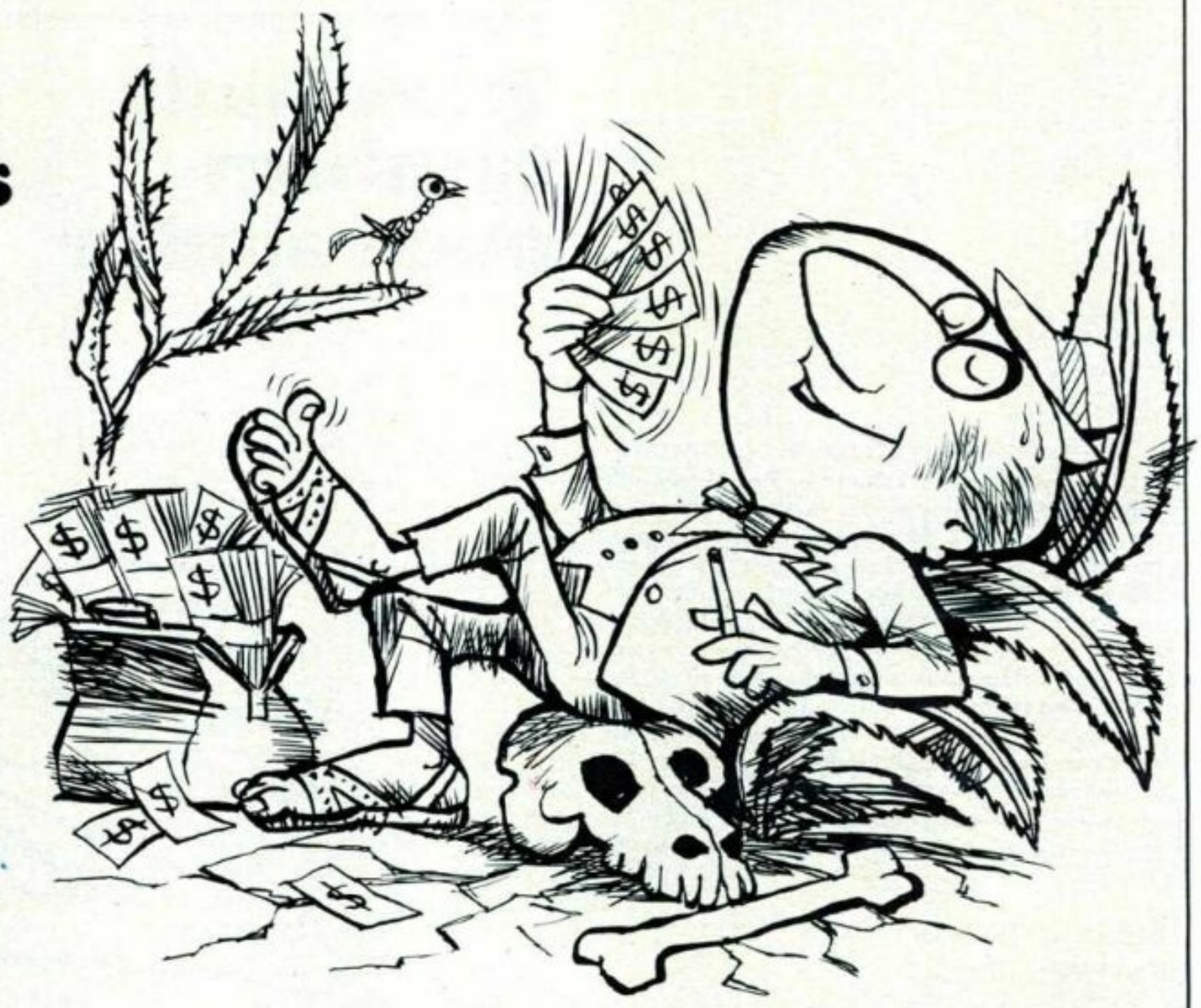
Quem sabe, aperfeiçoar a maçanêta da tampa do motor.

Provàvelmente, a caixa de fusíveis poderia ser mais prática se ficasse dentro do carro.

Pois bem: nós conseguimos fazer tudo isso, e ainda colocamos mais 10 HP no motor.
Êle agora tem 46 HP.

Mas é impressionante como fica difícil aperfeiçoar o que já nasceu aperfeiçoado.
Ufa!

Onde todos pagam, todos pagam menos



O aperfeiçoamento do mecanismo de arrecadação em todo o país depende muito da inflexibilidade dos responsáveis pelo Departamento do Impôsto de Renda. Mas depende também de certas "transigências" que convidam o contribuinte relutante a fazer declaração, convencido de que está fazendo um "bom negócio".

Prazo final está chegando

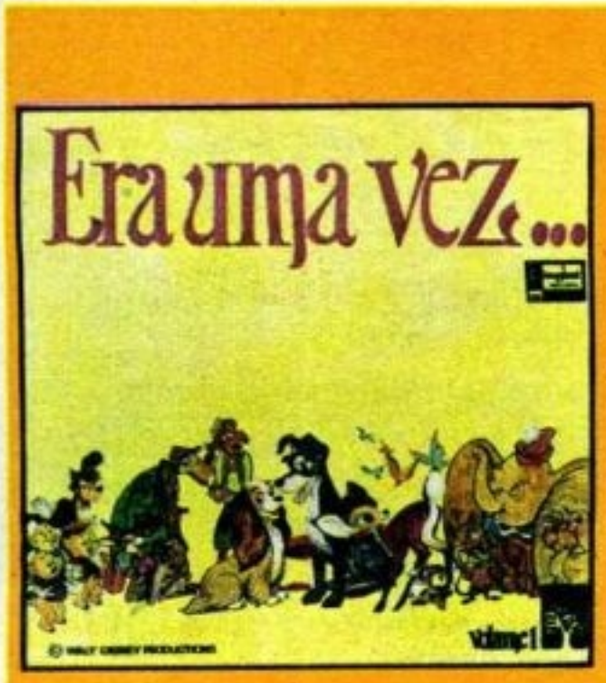
No final das contas, chega-se à conclusão de que o melhor mesmo é pagar. Mas nem por isso se devem esquecer as pequenas brechas que permitem substanciais descontos. Porque, segundo um **slogan** da equipe do Impôsto de Renda, "onde todos pagam, todos pagam menos". Graças a isso, o doutor Travancas, que contribuiu no ano passado com mais de dois milhões, pagou a mesma coisa êste ano, apesar do aumento de vencimentos que recebeu.

Pequeno lembrete final: no dia 30 de abril encerra-se o prazo para apresentar declarações. Qualquer descuido, e leva-se uma multa que não deve estar nos planos de ninguém. FIM

Era uma vez...

uma porção de estórias bonitas que estavam um pouco esquecidas da gente grande. E nós muito tristes com isso, porque elas não vinham sendo contadas para as crianças. Um dia, nós nos reunimos e fomos falar com a Abril Cultural, pedindo que êles também fizessem *discos para as crianças.* ***Aí, a Abril Cultural gostou tanto da idéia que resolveu lançar*** *2 coleções* ***de uma só vez, reunindo as estórias mais queridas de todos os tempos!***

(NA HORA DA GRAVAÇÃO DOS DISCOS LEMBRAMOS DE BATER ESTA FOTO PARA A CRIANÇADA)



Volume 1 - 6 Discos LP

6 estórias maravilhosas!

① Lady e o Vagabundo
② Dumbo
③ Bambi
④ Estórias do Tio Remus
⑤ Bobby dos Franciscanos
⑥ Os Três Porquinhos

Volume 2 - 6 Discos LP

11 estórias inesquecíveis!

① Peter Pan
Aladim e a Lâmpada Maravilhosa
② Alí Babá e os 40 Ladrões
Moura Torta
③ Pinocchio
Gulliver
④ A Bela Adormecida no Bosque
A Bela e a Fera
⑤ Chapèuzinho Vermelho
Aventuras de Pedro Malazarte
⑥ Sindbad, o Marujo

ABRIL CULTURAL

MAIS UM LANÇAMENTO PARA A SUA DISCOTECA ABRIL CULTURAL - *sempre maior e melhor!*

IDEN TI CA DOS

Somos Jornais, TV e Rádio. E vamos muito longe.

Mas nossa fôrça predomina no Norte-Nordeste, onde mantemos há anos ampla liderança.

Disparadamente.

Porque nos aparelhamos com os melhores recursos técnicos para bem servir.

Porque nossas equipes profissionais se destacam.

Porque vamos buscar nos meios artísticos o que há de mais representativo.

Mas, antes e acima de tudo, nossa fôrça predomina no Norte-Nordeste em virtude de uma identificação plena.

Identificâmo-nos com a terra e sua gente.

À perfeição.

Nas aspirações e no desejo de traduzí-las.

Nas manifestações que refletem a índole desta região.

Na vontade de subir.

Por tudo isso, o público nos entende, aprecia e prefere.

Emprêsa

JORNAL DO COMMERCIO S.A.

(Organização F. Pessôa de Queiroz)

Recife - Pernambuco

Jornal do Commercio
Diário da Noite
Rádio
Jornal do Commercio
TV
Jornal do Commercio (Canal 2)
Radio Difusora de Caruaru
Radio Difusora de Garanhuns
Radio Difusora de Pesqueira
Radio Difusora de Limoeiro
Radiopress

Aproveite compre hoje estas maravilhosas coleções de discos LP!
(sem sair de casa)

"Era uma vez... volume 1" 6 Discos LP por **cr$ 27.000**

ou 15.000 na entrega e 1 mensalidade de 15.000

"Era uma vez... volume 2" 6 Discos LP por **cr$ 27.000**

ou 15.000 na entrega e 1 mensalidade de 15.000

oferta de lançamento:

as 2 coleções (12 discos LP) apenas **cr$ 50.000**

ou 26.000 na entrega e 2 mensalidades de 15.000!

Veja como é fácil receber em sua casa as maravilhosas coleções de Estórias Infantis da Abril Cultural. Preencha, com letra bem legível, a carta abaixo. Recorte na linha pontilhada e dobre na parte indicada. Cole o envelope e remeta-nos, ainda hoje, pelo correio (não precisa selar). Seu pedido será um dos primeiros a ser atendido.
Se não quiser cortar a revista faça seu pedido por carta.

DOBRE AQUI

CORTE AQUI

À
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO - SP

Queiram enviar-me, com urgência, o pedido abaixo assinalado:

☐ Coleção "Era uma vez... vol. 1"
☐ à vista = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr$ 15.000 na entrega e 1 mensalidade de Cr$ 15.000

☐ Coleção "Era uma vez... vol. 2"
☐ à vista = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr$ 15.000 na entrega e 1 mensalidade de Cr$ 15.000

☐ As 2 coleções, juntas, como oferta de lançamento:
☐ à vista = Cr$ 50.000 ou ☐ Cr$ 26.000 na entrega e 2 mensalidades de Cr$ 15.000

DOBRE AQUI

IMPORTANTE! Antes de preencher, observe:
a) Escreva com letra bem legível;
b) Garanta nossa entrega a domicílio citando apenas o endereço para entrega e cobrança.

NOME .....

PROFISSÃO .....

ENDERÊÇO .....
(para entrega e cobrança)

.....

N.º ..... BAIRRO ..... FONE .....

CIDADE ..... ESTADO .....

ASSINATURA .....

CORTE AQUI

© 1967, WALT DISNEY PRODUCTIONS

COLE AQUI

Remetente: .....

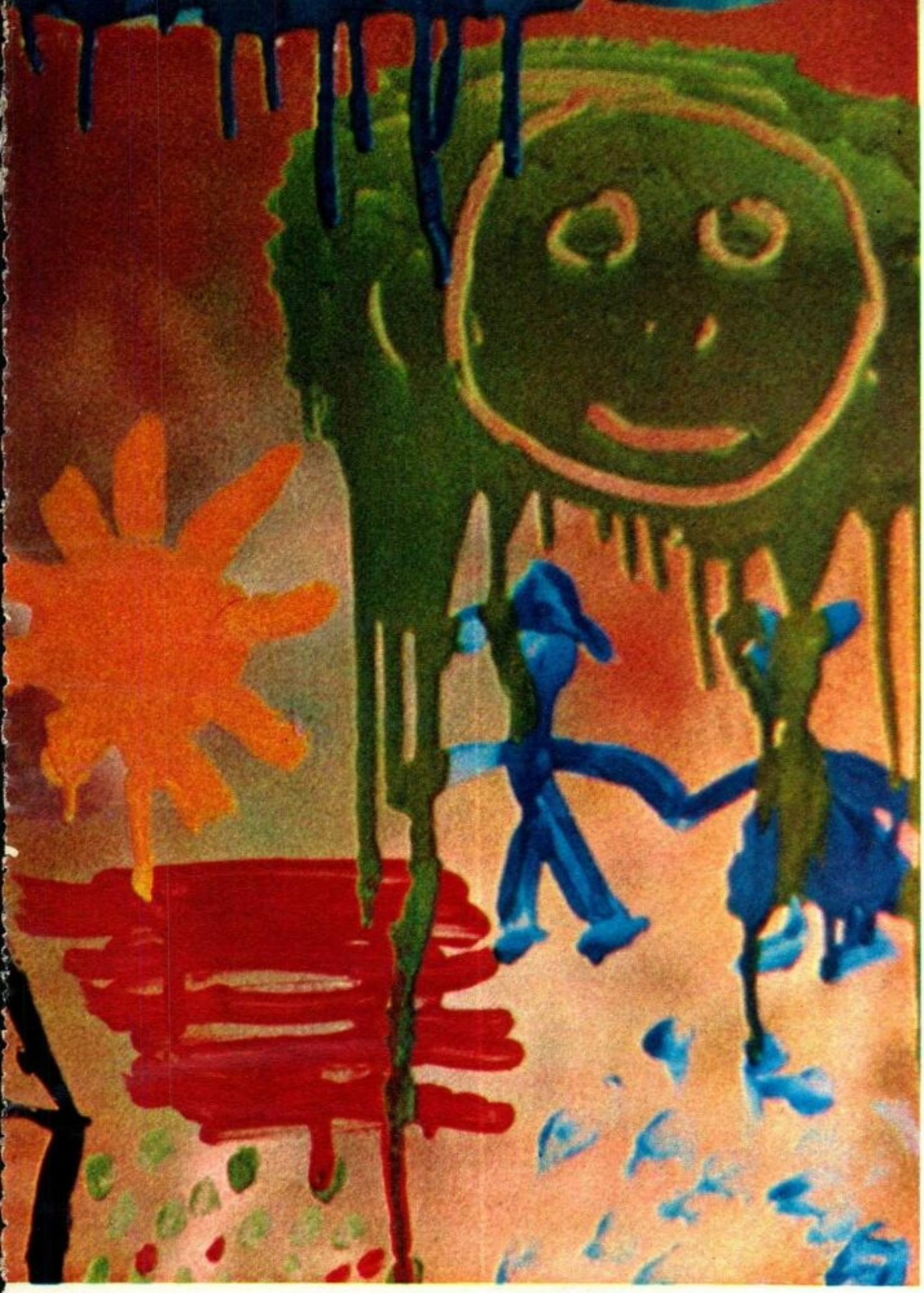
Enderêço: .....

Envelope Resposta
Autorização N.º 727
Portaria N.º 75
De 21 de Junho de 1966
SÃO PAULO

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE ENVELOPE

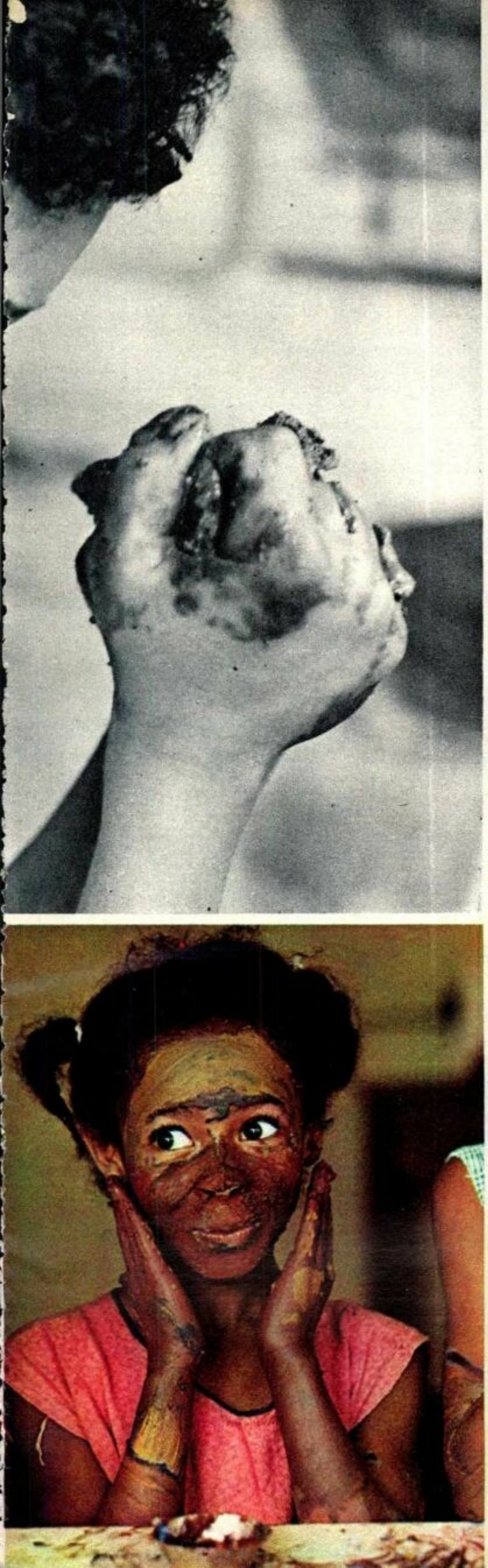
O sêlo será pago por:
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL 30.777
SÃO PAULO - SP.

No consultório médico. A mulher está aflita, aperta as mãos enquanto fala. Seu filho de oito anos se comporta de maneira estranha, vive irritado, é briguento, tem pesadelo à noite. Ela e o marido lhe dão muito amor e tentaram tudo o que podiam para fazê-lo feliz. Mas ùltimamente o menino está cada vez mais impossível. Chegou a gritar que não gosta mais da mãe. A mulher começa a chorar. O médico que ouviu a história já sabe o que deve ser feito. O menino está com graves distúrbios emocionais. Precisa ser tratado pela ludoterapia, técnica psicológica já bastante divulgada no Brasil: junto com outras crianças, êle vai pintar, brigar, modelar, se sujar de lama, ser ator teatral, fazer o que quiser, assistido por uma equipe de terapeutas, numa clínica especializada, onde



Texto de
Roberto Freire
Fotos de
Luigi Mamprin

BRINCADEIRA CURA CRIANÇA



Carlinhos é de morte: bate na mãe

Na primeira entrevista, as crianças não estão presentes. São as mães que contam o que está acontecendo. Os médicos psicoterapeutas vão anotando, na própria linguagem em que os casos são narrados:

História de Antônio, nove anos: "Êle é muito nervoso. Tem muito pesadelo. À noite, acorda desesperado, gritando pelo nome do pai, ou o meu, ou dos irmãos. Tem a impressão de que há alguma coisa no quarto. Debate-se, senta-se na cama, levanta-se. Às vêzes tenta bater em quem chega perto. Fica de olhos abertos, mas parece continuar dormindo porque no outro dia não se lembra de nada. Outra coisa é a mania de balançar a cabeça de um lado para o outro no travesseiro, tôda noite, assim que se deita. Mando parar com isso e êle diz que é para dormir mais rápido. Quando tem os tais pesadelos, vou ao seu quarto, falo com êle alguns minutos, depois o arrumo direitinho. Aí êle melhora, já está dormindo."

História de Helena, dez anos: "Minha filha sofre muito com sua obesidade. Tem vergonha de ser gorda. Na escola os colegas amolam, os irmãos também. Quando eu disse que ia trazê-la para a clínica, meu marido não quis. Êle acha que Helena é normal. Mas minha família há anos vem insistindo para eu cuidar da obesidade dela. Quando Helena tinha sete anos, um dia nós fomos ao cinema e meu filho mais velho ficou cuidando dela. Ela teve uma crise de chôro que só passou quando o irmão lhe deu um pedaço de pão. Sempre foi muito gulosa, começa a comer as coisas e não consegue parar."

História de Renato, seis anos: "É muito excitado. Não consegue ficar parado. Tudo que lhe cai nas mãos, êle destrói. Fico muito brava: Renato não destrói por curiosidade. É só pelo prazer de quebrar. Tem um mêdo danado de brincar com as outras crianças. Acho que a culpada de tudo sou eu. Quando êle nasceu — foi o segundo filho — não senti muita emoção, mesmo porque havia outras crianças na casa. Eu até tenho mêdo de gostar mais dos meus sobrinhos do que dêle. Bobagem, não é? De filho da gente a gente sempre gosta mais. Mas êle é muito revoltado. Quando lhe digo **não,** joga tudo longe. Fica fora de si, depois se arrepende. Renato acha graça se alguém faz coisa errada. Brigo muito com êle. Sou nervosa e não suporto suas loucuras. Como Renato tem mêdo dos outros meninos, eu o protejo em suas brigas. Por isso a criançada o chama de "filhinho da mamãe". Nessas horas, êle chora."

História de Marta, quatro anos: "Houve um incêndio em casa, em junho, e desde então ela começou a arrastar a voz; logo foi ficando gaga mesmo. Hoje Marta não tem coragem de ir sòzinha ao banheiro, sente mêdo de entrar no próprio quarto. À noite, a luz precisa ficar acesa. Chora dois dias pelo menor machucado. Ela reage de um jeito estranho quando a gente quer corrigir essas coisas. Uma vez meu marido deu-lhe uma palmada, ela chorou um pouco e em seguida puxou o assunto do incêndio. Depois, ficou alguns dias mancando de uma perna, sem ter havido nada. Mas o pior mesmo é a gagueira. A gente quase não entende o que Marta diz, e ela sofre muito."

História de Oscar, cinco anos: "É um pouco acanhado. Tem umas coisas engraçadas. Não gosta, por exemplo, de fazer nada na minha frente, antes de aprender bem, sòzinho. Quando não sabia abotoar a camisa direito, disfarçava enquanto eu estivesse por perto. Eu me afastava, então êle se vestia sossegado. Sente muita falta de amigos. Até dá seus brinquedos de presente, contanto que venham brincar com êle. Mas se não fazem o que êle quer, começa a chorar. Nas brigas do jardim de infância, sempre apanha dos amiguinhos, sem reagir. Foi preciso até a diretora chamá-lo e dizer que fôsse homem, desse uns tapas nos outros também. Eu procuro estimulá-lo. Quando faz alguma coisa e vem mostrar eu digo: que bonitinho, Oscar, está bem feitinho."

História de Carlos, três anos e meio: "Carlinhos está em tratamento desde três meses de idade; tem convulsões. É muito nervoso, quase não come. Mamava até há pouco. Não agüentava mais, então lhe disse que eu ia morrer se êle continuasse mamando em mim. Êle respondeu: "Mamãe tem dodói; vou te dar um remédio." A partir dêsse dia deixou de vez. Mas Carlinhos ficou de morte, me belisca, empurra, dá na cara, estou cheia de pontapés. Pego o chinelo e dou nêle. Outro dia o peguei com um menino, os dois de calça abaixada, foi o maior que ensinou. Estou horrorizada. Agora sou obrigada a viver fiscalizando, para êle não fazer mais isso. Mas êle foge, não tem jeito. O pai até já bateu, ficou pior. Êle só tem três anos e meio, doutor!"

História de Eduardo, seis anos: "Edu entorta os olhos, urina na cama, chora de noite, levanta dormindo, range os dentes, rói as unhas, usa chupeta até hoje, lambe os lábios até ficarem irritados em volta. Não me dou bem com meu marido, mas êle é bom. A culpa é minha, porque sempre tive mêdo da vida conjugal e não queria filhos."

História de Elza, dez anos: "É muito levada no colégio. Faz farra na classe, responde, distrai as outras crianças. Se é repreendida, olha para a gente com tanta petulância que dá raiva. Não agradece nada. Mas tem bom coração, sabe, doutor, Elza é minha filha de criação. Não conheço os pais dela. Veio para casa quando tinha oito anos. Nós a adotamos."

História de Marcos, três anos. "Talvez o senhor dê um jeito. Marcos é muito teimoso. Quando é contrariado, chora, sapateia, joga na gente o que tiver nas mãos. Faz isso em qualquer lugar, na rua ou na casa dos outros. Eu morro de vergonha."

História de Paulo, nove anos: "Eu acho que Paulinho está enciumado. Se dou um mínimo de atenção ao irmão, fica de cara amarrada perto de mim. Vive dizendo que não gosto dêle, que prefiro o irmão. Quer que eu fique só com êle. Se estou conversando com adultos e mando Paulinho brincar lá fora, êle diz que já é grande e não sai: prefere ficar calado, junto de mim, ouvindo conversa que não entende. Tudo começou quando nasceu o irmão caçula."

História de Cláudia, cinco anos: "Essa menina é muito medrosa. Leva susto à toa. Não pode nem ver o irmão cair. No parque de diversões tem pavor de todos os brinquedos. Não entra em nenhum nem deixa o irmão entrar. Quando contrariada, resmunga e fica puxando o vestidinho do lado direito, na cintura. O tique é tão comum nela que todos os seus vestidos se rasgam nesse lugar."

História de Márcia, 13 anos: "Faz cinco meses que isso vem acontecendo: de repente Márcia fica com a vista embaçada, tudo escurece, o lábio superior começa a formigar, depois sente dor de cabeça e vomita. SEGUE

Com barro, tinta e brinquedos as crianças modelam e revelam seus problemas sem falar nada. O barro pode representar uma imagem de seu mundo afetivo, ou serve apenas para o menino descarregar a agressividade. Os desenhos e a pintura podem ser no papel, no chão ou no próprio rosto da criança, liberando-a de proibições traumáticas. Os soldadinhos lutam e vencem os "bandidos" e "inimigos" de suas fantasias. E os psicólogos apenas lêem *e interpretam essa linguagem simbólica.*

A criança pode fazer de tudo: até se "suicidar"

Vive se queixando de outras dores em todo lugar do corpo. Diz que tem uma bolinha que anda por dentro dela. E teme o escuro."

As anotações dos médicos psicoterapeutas vão enchendo seus cadernos de dramas humanos. Depois que cada mãe conta o caso de seu filho, a consulta continua. O médico faz perguntas sôbre a vida do casal, suas relações com os filhos, esclarece pontos obscuros — até obter um quadro mais ou menos completo de sua situação. Só depois disso, então, entra em contato direto com a criança desajustada. Conversa com ela, procura ganhar sua confiança e simpatia. Observa seu comportamento, suas reações e vai conferindo com os dados fornecidos pela mãe.

O diagnóstico ainda não está completo, mas nestas primeiras relações entre médico e criança, o tratamento já começou.

São marcados para outros dias os testes psicológicos que vão fornecer novas e importantes informações sôbre a personalidade e a natureza dos conflitos de cada uma das crianças.

Algumas mães, durante o tratamento dos filhos, serão apenas orientadas psicológica e pedagògicamente; outras, nas quais o médico percebeu perturbações neuróticas, responsáveis mesmo pelos problemas dos filhos, são também encaminhadas a tratamento psicoterápico.

Após os testes, todos os diagnósticos estão prontos, mas sòmente durante a ludoterapia poderão ser completados e confirmados. Nos casos de nossos 12 personagens, os sintomas estão claros. Em Antônio, o distúrbio central manifesta-se no sono; o de Helena, na alimentação; o de Renato, na psicomotricidade; o de Marta, na linguagem; o de Oscar, na sociabilidade; o de Carlos, na sexualidade; o de Eduardo na manipulação anormal do corpo; o de Elza, na escolaridade; o de Marcos, na birra; o de Paulo no ciúme; o de Cláudia no mêdo; e o de Márcia, na ansiedade histérica.

O médico já tem muitas pistas. Sabe mais ou menos quando surgiram os choques emocionais, de que maneira ocorreram e quais os sintomas apresentados. Já conhece a estrutura básica da personalidade da criança e o grau de seu desenvolvimento psicológico e pedagógico, em relação à idade. Sabe, também, que algumas crianças têm apenas distúrbios de comportamento, e que outras já apresentam perturbações neuróticas. Pode, então, começar a ludoterapia.

Antônio, Helena, Renato, Marta, Oscar, Carlos, Eduardo, Elza, Marcos, Paulo, Cláudia e Márcia. Todos estão na sala de espera da clínica psicológica, acompanhados de seus pais, aguardando aquilo que lhes foi prometido: brincar.

Começam as brincadeiras

Chegada a hora, os meninos são separados das meninas. Dois psicólogos, um homem e uma mulher, acompanham cada grupo. Entram com as crianças em salas separadas. Algumas estão desconfiadas, outras choram. Há as que nem querem largar as mães. Com paciência e habilidade os psicólogos vão conseguindo fazer com que tôdas entrem nas salas de ludoterapia.

Elas olham fascinadas os brinquedos, mas não tomam nenhuma iniciativa. O psicólogo, então lhes fala:

— Todos êsses brinquedos são nossos. Podem brincar com o que quiserem. Vejam, tem água também, areia, tinta, tudo para vocês. Podem brincar comigo e falar sôbre coisas que incomodam ou preocupam vocês. Vamos brinquem à vontade. As únicas coisas que não podem fazer é se machucarem ou me agredirem.

Algumas correm, outras vão devagar, mas há ainda as que continuam paradas. Uma destas pergunta ao psicólogo:

— Posso jogar água no chão?

A resposta é dada em voz alta, para que tôdas as crianças ouçam:

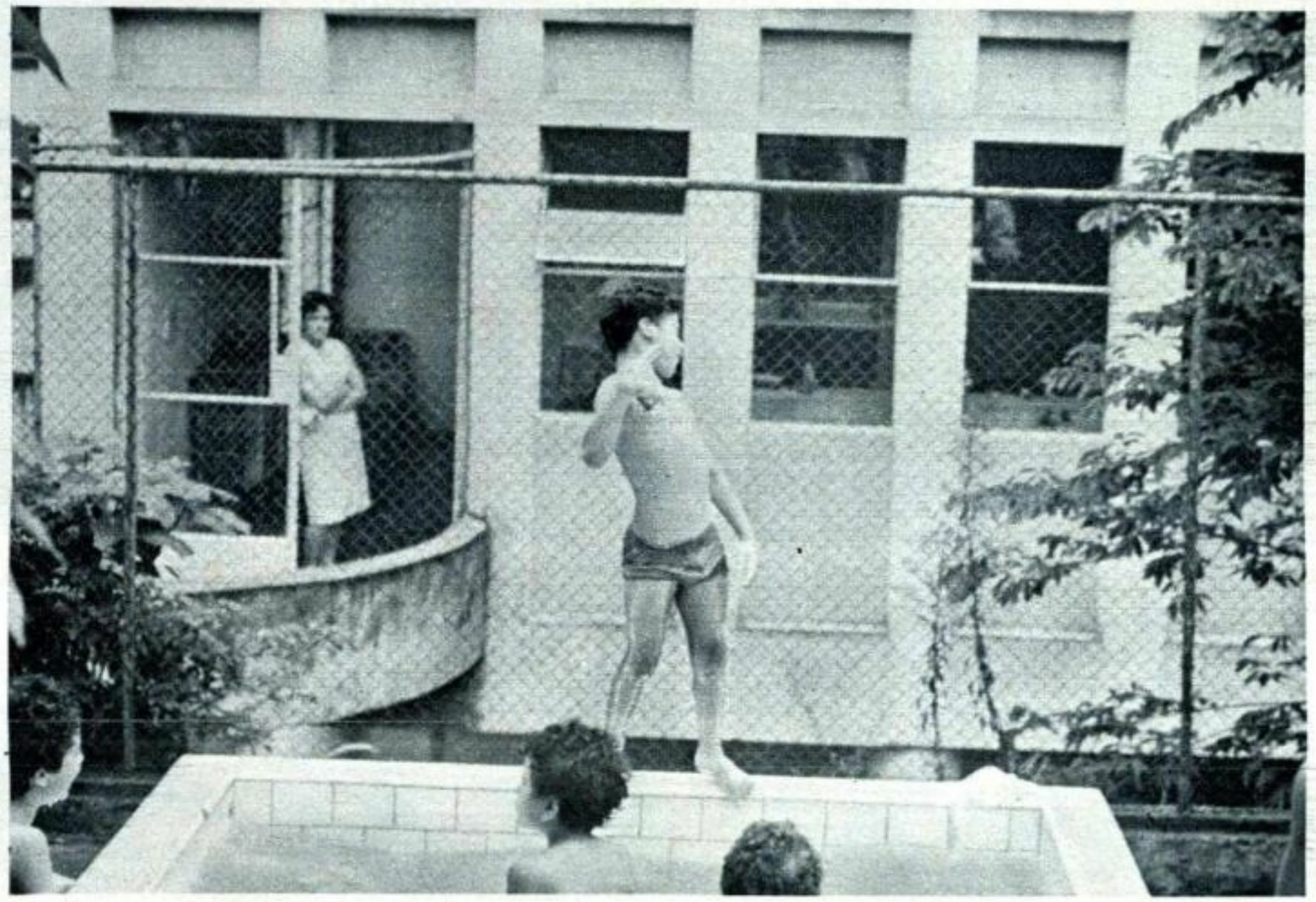
— Você pode fazer aqui tudo o que você quiser.

Em poucos minutos todos estão brincando, sob os olhos atentos dos terapeutas.

O médico-chefe da clínica percorre as salas onde os assistentes dirigem as sessões. Na cozinha, quatro meninas estouram pipocas no fogão, duas fazem bolinhos de banana sôbre a pia e outra, encostada à parede, olha tudo com cara triste. O médico aproxima-se dela e fala com ternura:

—Tôdas as meninas estão cozinhando, mas você não quer, não é, Cláudia?

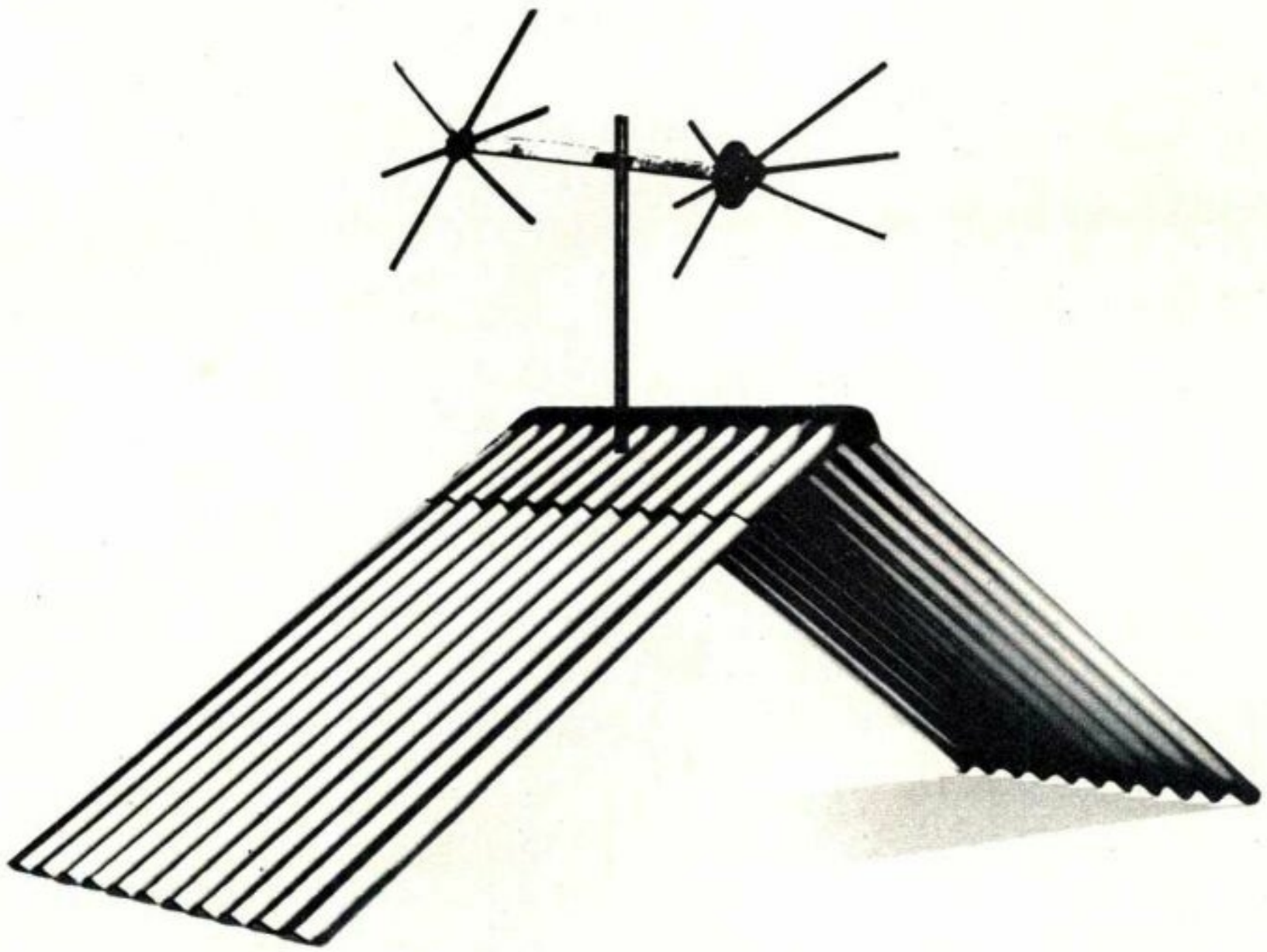
Essa frase e tôdas as outras que os psicólogos dizem têm sempre o mesmo objetivo terapêutico: interpretar com palavras as atitudes das crianças durante as sessões. Essas interpretações com palavras as ajudam a tomar conhecimento de seus problemas. SEGUE



Até piscinas existem em algumas clínicas em que se pratica a ludoterapia. Sob o olhar atento dos terapeutas, as crianças revelam seus temores e ousadias, mas sobretudo liberam a energia contida no ambiente doméstico. É permitido levar brinquedos e tinta para a água. Com um revólver de plástico, o menino que se sentia culpado, como um malfeitor, na sua brincadeira suicida-se *no alto de um* despenhadeiro. *caindo* morto *na água colorida por tinta e imaginação.*

o que é feito de alumínio é leve e resiste ao sol, à chuva, a tudo

cada vez mais, nos telhados, o homem usa ALUMÍNIO



Lá em cima da nossa casa está uma boa propaganda das qualidades do aluminio. A antena de televisão, sem pintura ou proteção de qualquer espécie, inteirinha de aluminio. E logo abaixo das antenas, hoje a gente vê cada vez mais telhados de aluminio. Principalmente quando o vão livre é grande, ou quando resolvem fazer estruturas e armações mais leves, ou quando pensam nas dores de cabeça que o aluminio evita (desde o transporte de telhas novas até as goteiras dos telhados velhos). E cada vez mais estão pensando nisso tudo: não há telha de aluminio que chegue! Logo abaixo dos telhados a gente vê as esquadrias de aluminio. Janelas bonitas e definitivas... não empenam, não enferrujam, não precisam de pintura. E atrás das janelas de aluminio? Bem, os exemplos não teriam fim. Hoje o aluminio está sendo cada vez mais usado pelos construtores e por todo mundo. Nesse ponto entramos nós, da ALCAN, contribuindo para o maior aproveitamento do aluminio no mundo todo. No Brasil, estamos há cerca de vinte anos (lembra-se da nossa marca Albra?) como fornecedores de aluminio para todos os setores. Hoje, para um telhado ou um parafuso disponha do aluminio ALCAN. Por que não fazer de aluminio? Estamos às suas ordens.

ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A.

ALCAN

Balança é coisa que nós não usamos mais...

adoçamos tudo com SUITA

Suita existe para você esquecer os problemas de gordura, sem abandonar as coisas doces da vida! E com Suita você pode ter o paladar mais exigente do mundo: não existe doçura mais pura e mais concentrada. Um cafèzinho fica adoçado com apenas 2 ou 3 gôtas de Suita. Refrescos, chá, doces e bolos, tudo fica ótimo com Suita: nada muda de gôsto. Suita torna-se um hábito gostoso, para quem não quer engordar ou quer emagrecer. Você gosta do que é bom? Experimente Suita.

adoce com SUITA... não engorda!

Uma menina triste: prefere viver só em sua casa

Assim que Cláudia ouviu o psicólogo, deu uns passos em direção à pia, e ficou mexendo nos grãos de pipoca. Tinha conseguido vencer sua inibição inicial. Elza está cortando bananas em fatias, mas de ôlho em Marta, que sacudia a panela de pipoca sôbre o fogão, ajudada pela psicóloga.

— Eu quero um ôvo para fazer bolinho — diz Elza.

— Você sabe onde estão os ovos e pode apanhá-los se quiser. Mas prefere pedir a mim, que estou ajudando a Marta, não é, Elza?

Na outra sala, o médico-chefe entra pisando em dois centímetros de água, que jorra contìnuamente de uma mangueira adaptada à torneira da pia. Um velocípede dirigido por Eduardo passa em grande velocidade a seu lado. A água, misturada com as tintas que as crianças derramaram pelo chão, espirra e mancha o avental do médico.

— Você tem bastante espaço aqui, mas prefere passar perto de mim para sujar meu avental, certo, Eduardo?

O rosto do garôto se contrai e êle repete o que fêz. O médico volta a falar, no mesmo tom de voz:

— Só porque eu falei, você quer sujar de nôvo o meu avental.

Paulo e Marcos, sentados na água, pintam de amarelo uma bicicleta. Depois inventam uma brincadeira: tentam enfiar o pincel um na bôca do outro. Riem muito, até que Paulo machuca os lábios de Marcos, que começa a chorar. O psicólogo aproxima-se do mais velho:

— Não vale machucar os outros, você sabe disso, Paulo.

O garôto levanta-se e escreve na parede várias vêzes, com o pincel: **proibido.**

— Eu disse **não vale** e você escreve **proibido,** Paulo.

Dentro de uma bacia de água e sabão, Carlos e Oscar amassam pedaços de papel, formando bolotas que êles vão jogando contra o teto e as paredes. As bolotas, molhadas, ficam grudadas e êles riem, olhando para o psicólogo. Êle não diz nada e os garotos mudam de brinquedo.

Marcos, o menino que teve a bôca ferida por Paulo, tinha parado de brincar e olhava com raiva a diversão dos outros. A água continuava jorrando no chão. Marcos, impulsivamente, agarrou a mangueira e molhou todos os meninos que estavam em volta dêle. Imediatamente, começou a chorar e saiu correndo da sala.

O médico-chefe troca de avental e dirige-se à sala onde algumas meninas desenham com os próprios dedos, molhados de tinta, sôbre uma mesa e fórmica. Com a língua de fora, a cara tôda lambuzada e colorida, Helena acabava de pintar uma série de bonecos. Vendo o médico, ela aponta os desenhos e diz:

— Esta aqui é minha mãe.

— E os outros?

— Meus irmãos.

— E seu pai?

A menina hesita um segundo, e responde:

— Está viajando...

No porão da clínica há uma sala grande com brinquedos agressivos: revólveres, metralhadoras, facas, espadas, bolas. Já da escada o médico ouve os gritos dos meninos:

— Pega êle! Pega! Mata logo! Pum! Pum! Morre, desgraçado!

Quando chega ao porão, o médico vê Renato sorrindo, passivamente, ao ser amarrado a uma coluna pelos companheiros. Suas mãos e pés estão imobilizados. Um dos garotos sobe num velocípede e outro apanha bolas de madeira. O do velocípede vem direto sôbre o corpo de Renato, mas o psicólogo o contém antes, dizendo:

— Êle não pode se defender e você agride assim mesmo. Isso não vale, porque êle pode se machucar.

Nesse instante, o que apanhou as bolas de madeira berra:

— Sai da frente, amigo! Vou jogar três bombas **atônicas** no bandido!

A bola passa raspando a cabeça de Renato. O médico retira as outras bolas de suas mãos sem demonstrar nenhuma censura. O garôto irrita-se. Apanha uma espada e, aos berros, destrói vários jogos de armas e derruba um armário cheio de brinquedos. Sem dar atenção a êle, o médico dirige-se a Renato.

— Você é maior que êles, mas prefere não se defender. Você não liga que êles o machuquem.

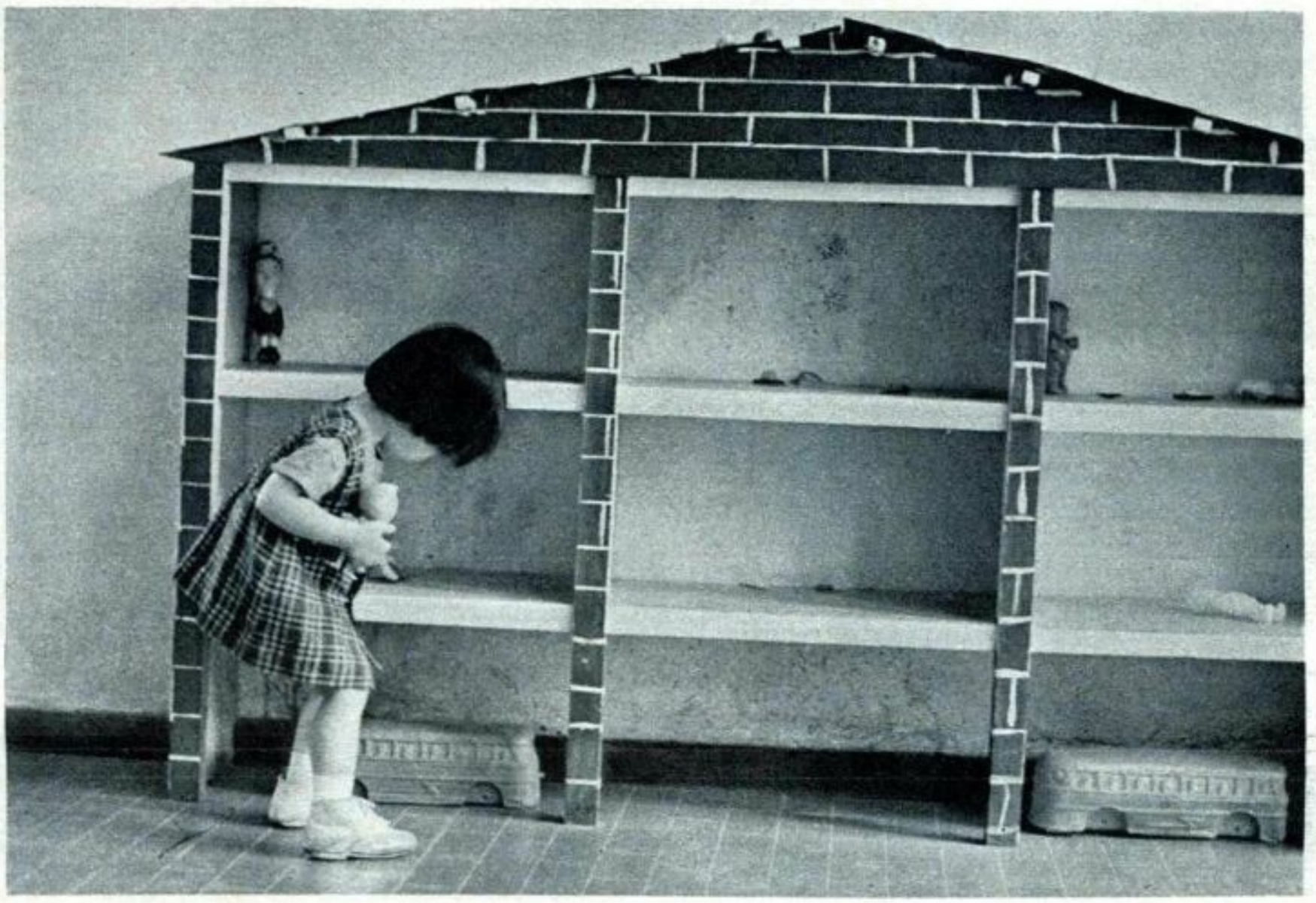
Renato apenas sorri. O médico o desamarra e deixa a sala.

Diante de uma casinha de brinquedo, Helena, a menina gorda, conta à psicóloga como é a sua casa, arrumando os móveis e os bonecos. O médico chega perto no instante em que ela coloca uma bonequinha na cama de casal, no quarto dos pais. A psicóloga diz:

— O nenê dorme na cama dos pais; é assim que você quer, Helena.

A menina responde de olhos baixos:

SEGUE



Tôdas as meninas gostam de brincar de casinha. *Mas na clínica se sentem mais à vontade porque ninguém passa pito ou dá palmada se elas quebram os bonecos, os móveis e até mesmo a casinha. Os conflitos de seu mundo afetivo aparecem no jeito com que arrumam a casa e dispõem os bonecos e os móveis pelos quartos. A menina de quatro anos esvaziou completamente a* sua *casa para que o nenê que tem na mão vivesse nela sòzinho e triste.*

Renato agride o irmão chutando um monte de areia

— O papai dela trabalha à noite e quando volta tira a nenê da cama e dorme no lugar dela. A nenê chora, fica com a cara muito triste.

Numa sala pequena, Rogério, adolescente, cheio de espinhas, está sôbre o palco representando uma cena diante dos psicólogos. Faz o papel de um professor passando pito num aluno imaginário, por mau comportamento durante a aula. Êle está furioso, meio fora de contrôle. De repente escapa-lhe um palavrão, o pior. Cai em si, interrompe a cena e, envergonhado, desce do palco. Por mais que os psicólogos insistam, êle se nega a prosseguir.

— Está bem, Rogério, na outra vez você continua dêsse ponto em que parou, quando o professor disse que você era...

O médico repete o palavrão e o rapazinho sorri aliviado, mas ainda encabulado.

Como começou a brincadeira

Freud, o criador da psicanálise, foi também o introdutor da psicoterapia infantil. Usava, entretanto, um método indireto, através dos pais. Seus seguidores passaram a aplicá-lo diretamente, usando o método da associação livre do pensamento e interpretando o tipo de relação que se estabelece entre paciente e terapeuta. Era, pois, em seu início, uma psicoterapia exclusivamente verbal, semelhante à do adulto.

Mas a linguagem da criança não é a mesma do adulto, e como a personalidade infantil está em desenvolvimento, foi necessário adotar técnicas terapêuticas especiais. Verificou-se logo que a maneira da criança brincar é a sua linguagem simbólica, o seu modo de expressão e, portanto, um meio de comunicação. Os jogos permitem-lhe exprimir melhor os sentimentos em relação a si própria, aos que a rodeiam e aos fatos de sua vida.

Por exemplo: se a criança pega uma boneca para brincar de mãe e filha, ela está reproduzindo, simbòlicamente, situações domésticas. Pode acariciar a boneca, possìvelmente demonstrando carência de afeto; ou pode destruí-la, talvez revelando agressividade com um irmão menor, com o qual disputa o amor da mãe.

Hug-Hellmuth, importante psicólogo da escola alemã, em 1913, introduziu o uso de brinquedos como um meio de pesquisar os conflitos da criança. E Ana Freud, filha de Freud, sistematizou essa técnica e utilizou os jogos na primeira fase da terapêutica. Melanie Klein, psicóloga inglêsa, introduziu o brinquedo durante o tratamento.

O jôgo da criança era inicialmente livre, sem interpretação do terapeuta. Acreditava-se que o simples brincar livremente curava a criança. Porém foi através da escola americana de psicoterapia infantil que surgiu a chamada Psicoterapia Lúdica Situacional. Em latim, **ludo** significa jôgo. O que pretendia êsse método era controlar o jôgo durante as sessões psicoterápicas, facilitando tanto o diagnóstico como o tratamento dos problemas infantis. O material empregado eram bonecos que representavam os personagens do ambiente real e imaginário da criança, e uma casa, em miniatura, com os móveis mais comuns.

À medida que se desenvolvia essa técnica, Slavson, psicológo alemão, introduziu novos materiais — água, areia, barro, tintas — para favorecer descargas emotivas que a criança não manifestaria tão fàcilmente por outros meios. Foi ainda Slavson quem primeiro empregou a **ludoterapia de grupo,** pois antes só se tratavam as crianças individualmente.

Mais tarde, dois médicos americanos, Rogerson e Allen, diversificaram mais ainda o material e passaram a dar à criança completa liberdade de ação durante a sessão psicoterápica. Surgia a Psicoterapia Lúdica Livre.

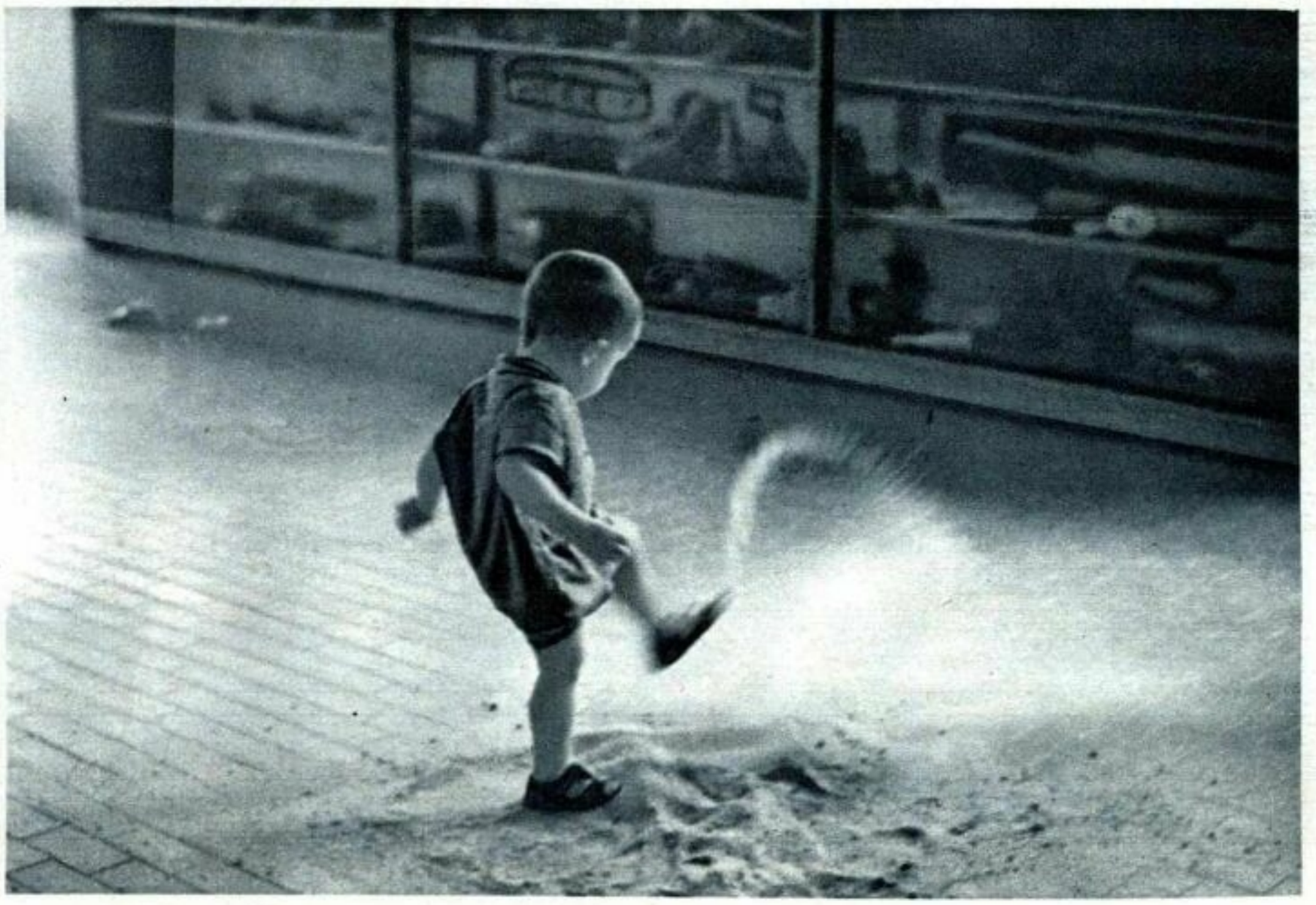
Em seguida, as duas técnicas, a **situacional** e a **livre,** passaram a ser aplicadas conjuntamente, com excelentes resultados.

Paralelamente, um psicólogo argentino, Moreno, introduziu a representação teatral, como método terapêutico. Inicialmente, a técnica era aplicada exclusivamente em pacientes adultos. Mas verificou-se, depois, que se adaptava com êxito em adolescentes e mesmo em crianças maiores.

Finalmente, a terapêutica pela arte fornece à criança uma oportunidade de maior expressão e descarga direta de seus problemas e aspirações. Constituem a **arteterapia:** pintura, modelagem, ginástica rítmica e dança.

A ludoterapia — utilização associada de todos êsses meios psicoterápicos — está muito desenvolvida em outros países, e começa a ser aplicada de forma sistemática em clínicas especializadas no Brasil.

SEGUE



Renato tinha brinquedos à vontade na sala de ludoterapia. Não quis nenhum. Ficou vendo a diversão dos outros com ôlho comprido. Êle tem um irmão mais velho, do mesmo tamanho daquêle que fazia um castelinho no monte de areia. Tomado de grande raiva, vai se aproximando. Quando o castelo fica pronto êle pula em cima e chuta tudo o que o outro fêz. Já não tem mais castelo nenhum, mas fica chutando a areia sem poder parar.

De fato! WELLAFORM é diferente aos demais cremes para pentear: Tôda qualidade de cabelo se beneficia. Seja fino ou grosso, longo ou curto. É apenas uma questão de quantidade. Uns aplicam pouco, outros um pouco mais. Muito nunca é necessário. Esprema Wellaform entre as palmas das mãos e espalhe levemente no cabelo. Veja como se torna jeitoso e fácil de pentear!

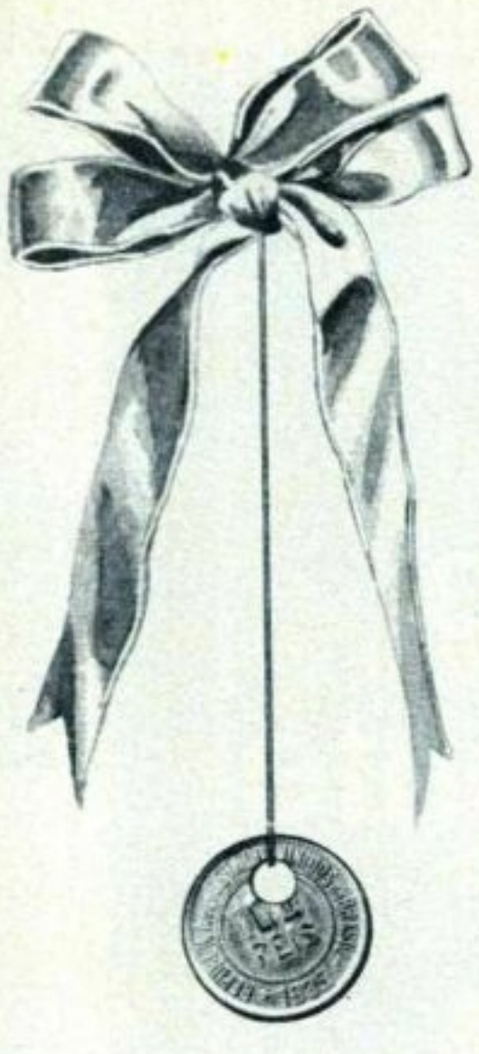
WELLAFORM não endurece os cabelos. Ao contrário, sem engordurar, mantém-os bem penteados o dia inteiro. Wellaform, suave mas agradàvelmente perfumado, assenta bem e com distinção.

WELLA *tem tudo para o cabelo e da melhor qualidade*

Cosmética do cabelo de fama mundial

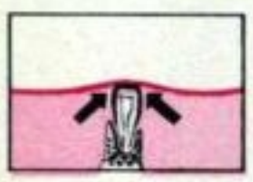
WELLA

CLÍVIA



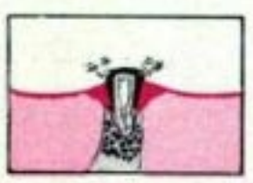
Tostão furado no bercinho adianta?

NENÊ-DENT na gengiva do bebê adianta. Está mais do que comprovado. Veja porque

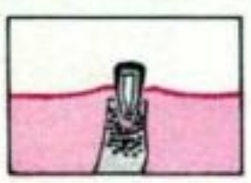


Ao nascer, o dentinho força o tecido provocando tensão na gengiva.

Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.



Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.



Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

colábor

Pergunte às mães que já passaram por esta fase. A ação de Nenê-Dent é que acaba, de vez, com os choros e irritações do bebê quando os dentinhos estão nascendo. E é o fim da irritação da família também. Bebê sorridente outra vez. Mamãe feliz.

Tôda doença ficou aqui

São Paulo e Rio possuem o maior número de clínicas só para êsse fim (cêrca de dez em São Paulo e cinco no Rio). Mas Pôrto Alegre e Recife também possuem algumas clínicas em que a ludoterapia é aplicada.

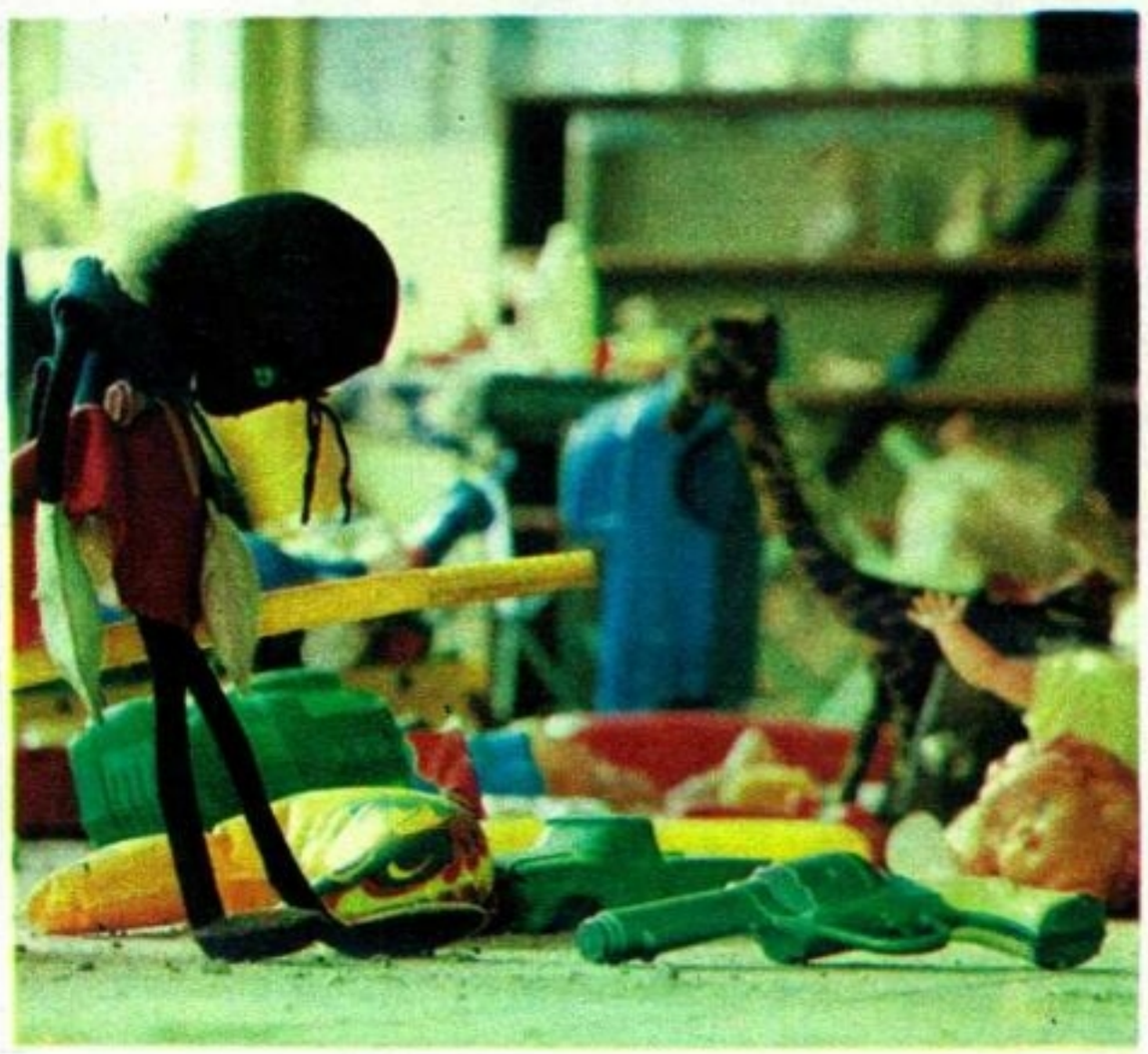
A Clínica Psicológica da Faculdade Sedes Sapientiae da Universidade Católica de São Paulo é um dos centros que há mais tempo vem aplicando a ludoterapia entre nós, e apenas para crianças cujos pais nada podem pagar.

É da maior importância que desde o início do tratamento a criança sinta, da parte do psicoterapeuta, a clara disposição para aceitar seus sentimentos, seus significados pessoais, suas reações. Mas é também importante que não se crie uma situação em que a criança se sinta dependente do terapeuta. Assim que a criança **se permite** entender e projetar seus conflitos psicológicos, libera e pode controlar a sua ansiedade através da relação afetiva com o terapeuta. É o que se chama **catharsis** — liberação de tensões, conflitos, emoções. Então, à medida em que descarrega seus problemas, êles são interpretados pelo terapeuta e a criança começa a compreendê-los melhor e libertar-se dêles.

Assim foram tratadas e curadas, numa clínica de São Paulo, as crianças que aparecem nesta reportagem. São pessoas reais, apenas seus nomes estão trocados. Seus pais receberam instruções ou tratamento para melhor compreendê-las ou ajudá-las. O amor que os unia ganhou uma nova dimensão. Mas houve outras, muitas outras crianças, cujos problemas se agravaram, porque o tratamento foi suspenso antes do tempo, ou porque seus pais não puderam manter o tratamento, por falta de recursos, comodismo, ignorância. Ou ainda por não terem aceitado submeterem-se a tratamento, quando eram êles próprios a causa dos problemas de seus filhos.

Quem entra hoje numa sala de ludoterapia, ao fim de uma sessão, pode encontrar brinquedos quebrados, desordem, paredes sujas de tinta: são os saldos da revolta e desespêro de crianças desajustadas. Melhor que assim seja, apenas no mundo de **faz-de-conta.** FIM

As crianças que aparecem nas fotos desta reportagem são normais. Por motivos éticos, não fotografamos crianças que se encontram em tratamento psicoterápico.



O boneco feio, desengonçado e triste, sempre de cabeça baixa, foi o preferido da menina durante a sessão. Brincando, algumas crianças imitam os pais na maneira de viver, amar, e educar os filhos.

NAS PÁGINAS SEGUINTES TEMOS UMA ÓTIMA

NOTÍCIA PARA HOMENS

inteligentes, modernos, esportivos,
elegantes, que têm bom gôsto
e apreciam automobilismo e turismo.

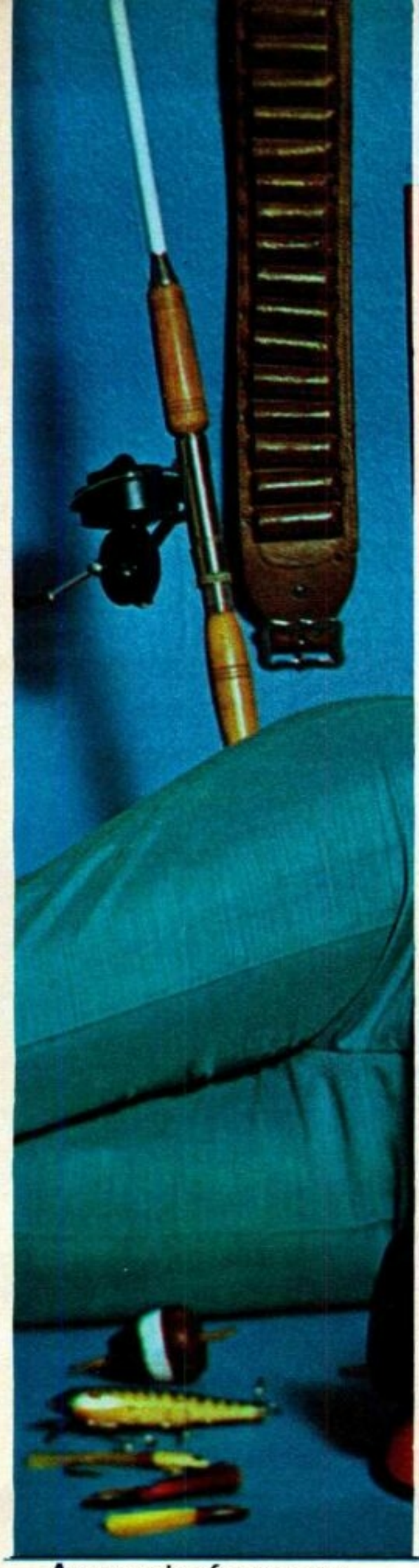
QUATRO RODAS,
a partir de 10 de março,
será impressa em
papel "couché" e
terá muito mais côres.

Vai orientar
os elegantes e ditar
a moda masculina,
da cabeça aos pés.

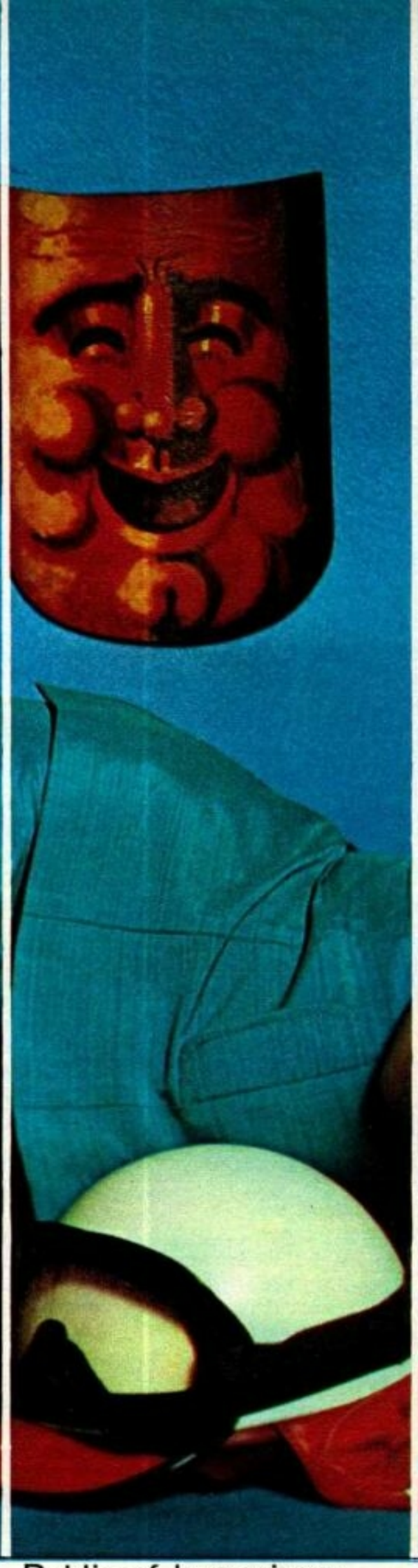
Mostrará os carros mais
caros do mundo e os
testes mais importantes.

Terá artigos de grandes
personalidades que
se tornam cicerones dos
leitores.

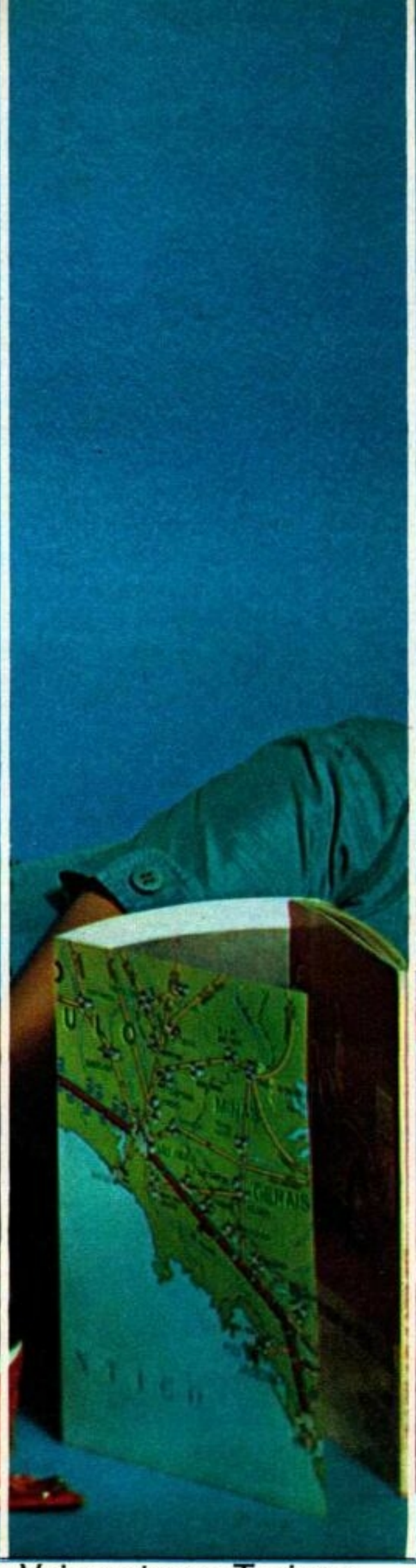
EM NOVA FASE
A PARTIR DE MARÇO



Apresentará sempre:
esporte, emoção,
"camping" e aventura.



Publicará humorismo
do melhor quilate
e traçará o perfil das
maiores figuras
do automobilismo.



Vai mostrar o Turismo
de todo o mundo
e dar um nôvo tratamento
aos roteiros nacionais.

E, fatalmente. .
será lida também
pelas mulheres de
bom gôsto.

QUATRO RODAS

MELHOR DO QUE NUNCA

AQUI SE APRENDE A BATER

Texto de
Hamilton Ribeiro
Fotos de
Luigi Mamprin

Em 1922, Armando *Kid* Pratt Jofre, um brasileiro filho de francês, abriu em São Paulo uma academia de boxe. Seis anos depois, como o negócio ia bem, Kid Pratt convidou seu irmão, Aristides Jofre, que vivia com o resto da família na Argentina, a vir trabalhar com êle. Aristides veio e como o apelido de quem lidava com o boxe no Brasil era Kid, logo virou Kid também. Tinha lutado uma vez na Argentina, lutou outra no Brasil, assim que chegou, mas não fêz carreira como boxador. Seu pêso — 48 quilos — tornava difícil encontrar adversário, e êle, logo de início, gostou mesmo foi de ser técnico. Um dos bons alunos da academia era Higino Zumbano, de uma família operária que tinha vindo havia pouco do interior. Higino também era seleiro e consertava o material de couro (luvas, sacos, punchings) da academia. Um dia coube a Aristides ir apanhar na casa de Higino umas luvas, que êle tinha levado para consertar, e quem o atendeu foi Angelina, uma bonita morena de 15 anos, irmã de Higino. Conheceram-se, gostaram-se e dois anos depois se casaram: estava nascendo a maior dinastia do boxe mundial. A história dessa família e da academia que completa êste ano 45 anos de atividade é quase a própria história do boxe em nosso país. A união Jofre-Zumbano deu ao Brasil, em 1958, o seu primeiro título internacional de boxe profissional e vários outros títulos, até chegar à ambição máxima — o cinturão de ouro engastado na cintura de Éder Zumbano Jofre.

•

Às duas horas, Kid Jofre sobe no automóvel que o leva à sua academia. Ela fica hoje no centro da cidade, num terceiro andar da rua Sta. Ifigênia, esquina da av. Ipiranga, mas já estêve em outros onze lugares. Durante muitos anos Kid foi para lá de ônibus, mas, depois que o filho se tornou campeão do mundo, o orçamento permitiu-lhe comprar um carro usado, que volta e meia está na oficina. No caminho — 25 a 30 minutos — êle vai pensando nos grandes lutadores que saíram de suas mãos. Lembra-se de alguns cuja fôrça podia matar gente, se fôsse usada fora do ringue. E de outros que teve de levar às pressas para o hospital, sem tempo até para tirar as luvas. Viu um morrer após a luta. Kid vai pensando em tudo isso despreocupado, porque quem guia o automóvel da família não é êle. É dona Angelina, sua mulher. Êle sabe dirigir, mas não gosta:

— Quem tem um carro na mão tem uma arma mortal. E Deus me livre de machucar ou matar alguém...

Vinte para as três o carrinho chega à porta da academia e o motor nem é desligado: só encosta, para o velho descer. Às oito horas estará ali de nôvo, para buscá-lo. Kid começa a subir os três lances de escada para a academia, e se lembra do aluno das três horas: Errol Flin.

— Engraçado, um crioulo chamar Errol Flin...

Errol Flin, 17 anos, magrinho, treina com fé, mas entrou na academia mais para ter saúde do que para ser campeão. Durante um mês estêve sòzinho no horário, hoje vai ter companheiro. É um gordo, 32 anos, pálido de tanto trabalhar em escritórios, que entrou na academia com um objetivo imediato: tirar a barriga.

Quando Kid alcança o terceiro andar, os dois já estão esperando. O novato descansa ao lado do ringue, Errol Flin, brinca com as luvas dependuradas no cabide. Kid cumprimenta-os, volta-se para o gordo e lhe diz, bem sério:

— Êsse menino vai longe...

— É mesmo?

— Longe tôda vida, êle mora em Pirituba...

O dia começa bem para êle. Conseguiu pegar mais um, na piadinha que diverte, há muitos anos, tôda a turma da academia. Recolhe dinheiro e objetos de valor dos alunos, abre o **escritório** — uma salinha — guarda tudo na gaveta e os manda trocar de roupa. A academia vai começar a funcionar. Tóbis, um crioulo de 52 anos, forte e saudável, já varreu o chão, enxugou banheiros, pôs cordas e luvas no lugar e está, êle próprio, vestindo o calção para seu treino diário. Tóbis foi campeão brasileiro há 25 anos, agora, sòzinho na vida, ajuda **seu** Jofre, em troca de dormir na academia. Fala rouco:

— Meu tempo não é mais de boxe, agora é de samba. Sou compositor...

Um pé de cada vez

Errol Flin e o novato já estão prontos. Kid pede que apanhem as cordas para fazer dois **rounds** de aquecimento.

— É pra pular que nem mulher, com os dois pés juntos? — pergunta o gordo.

— **Non,** um pé de cada vez, como se estivesse caminhando. Errol, **face** um **poco** aí pro môço ver.

Kid olha pela primeira vez o relógio de pulso e faz sinal de que é para começar:

— **Táim!**

Êle acha que dizer **táim (time,** em inglês) em vez de **tempo** é melhor, pois assim os futuros lutadores vão se acostumando com a linguagem internacional do boxe. Nas várias fases de treinamento, os **rounds** sempre são de três minutos, seguidos por um de descanso. O novato está se confundindo todo, mas insiste e procura acertar. Começa a suar. Quando parece que está se **entendendo** com o adversário, acaba o tempo. Nôvo **round.** O suor aumenta, mas o môço é disposto. Vêm depois três **rounds** de ginástica, com os dois atletas de costas sôbre uma tábua. Errol Flin serve de guia e vai mostrando como são os exercícios. O gordo vai seguindo-o, gemendo e suando, mas firme.

— **Táim!**

Deitado como está, o novato permanece. Não encontra coragem nem para sentar.

— Repetir a série. **Táim!**

— Acho que não dá, **seu** Jofre. Eu morro.

— Até hoje ninguém **murrió.** Faz um esfôrço. **El** primeiro dia é assim mesmo. Depois é que piora...

Kid sorri de nôvo com mais uma de suas piadinhas de sempre. O gordo também ri e dá tudo, até o fim.

— Agora, a melhor coisa. A prancha.

É uma prancha inclinada em que se amarra o aluno de cabeça para baixo, pelos pés. O exercício é erguer o corpo até encostar as mãos no bico do sapato, seis vêzes. Errol Flin faz a sua série quase sem careta, mas o gordo só consegue fazer uma vez. Nas outras cinco Kid o ajuda, empurrando-o pelas costas.

— Táim! Dá para bater um pouco de saco de areia?

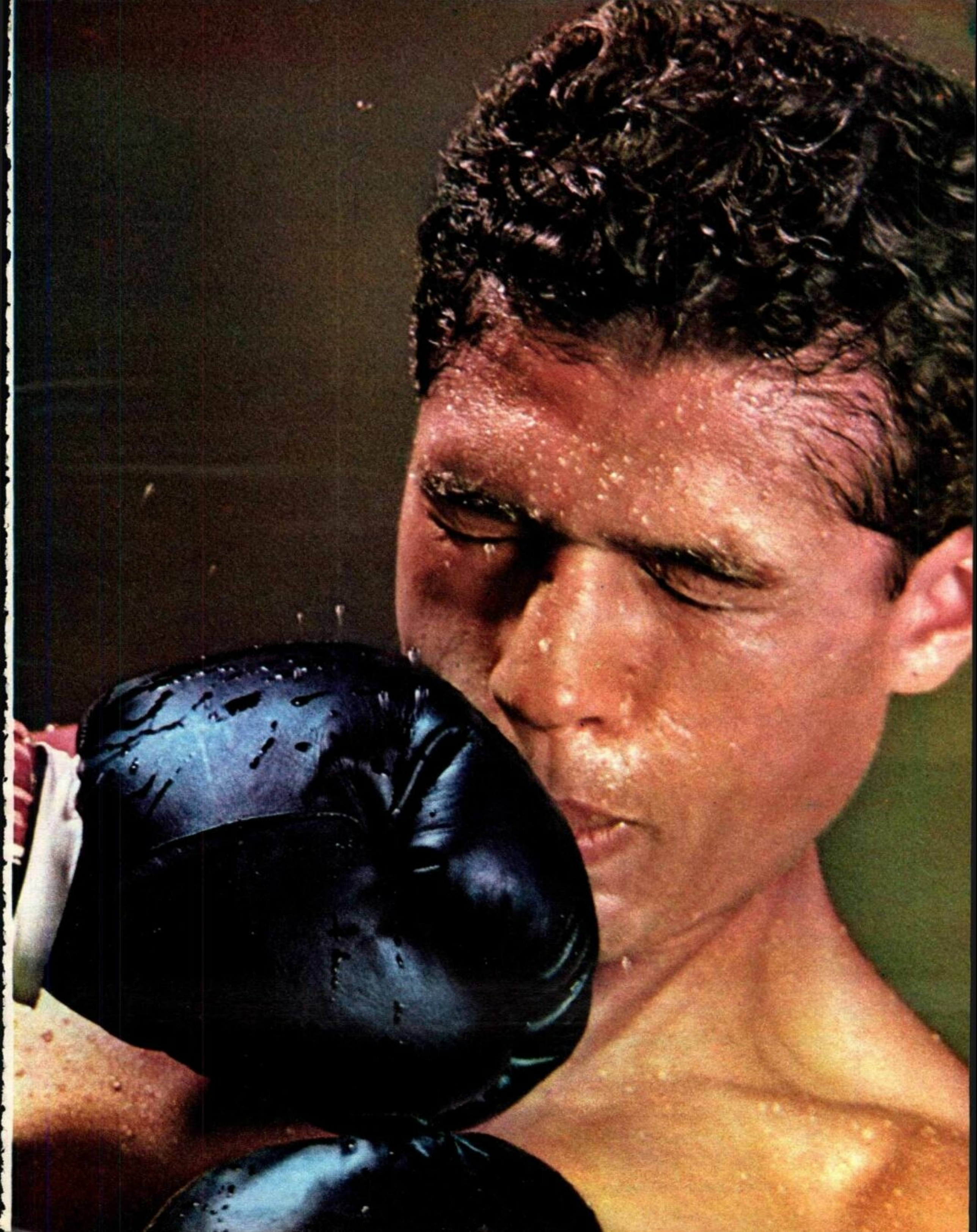
— Dá não, seu Jofre.

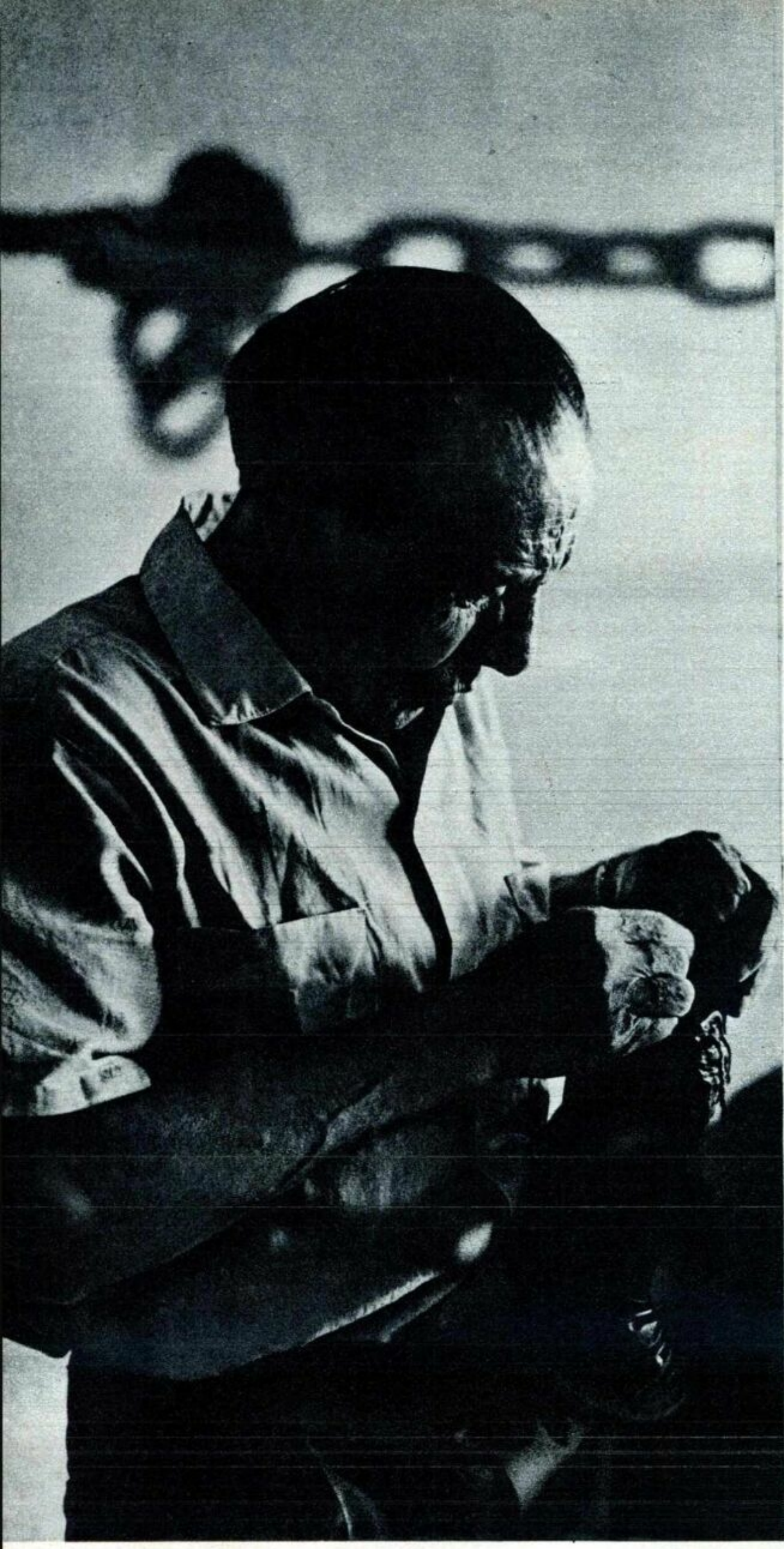
— **Non** faz mal. Descanse um pouco, depois banho. O banheiro do lado de cá é frio, o do lado do ringue também é frio. Você escolhe...

Enquanto o gordo fica sofrendo para desamarrar os pés da prancha, Kid passa para a outra sala, onde vai acompanhar Errol Flin no saco de areia.

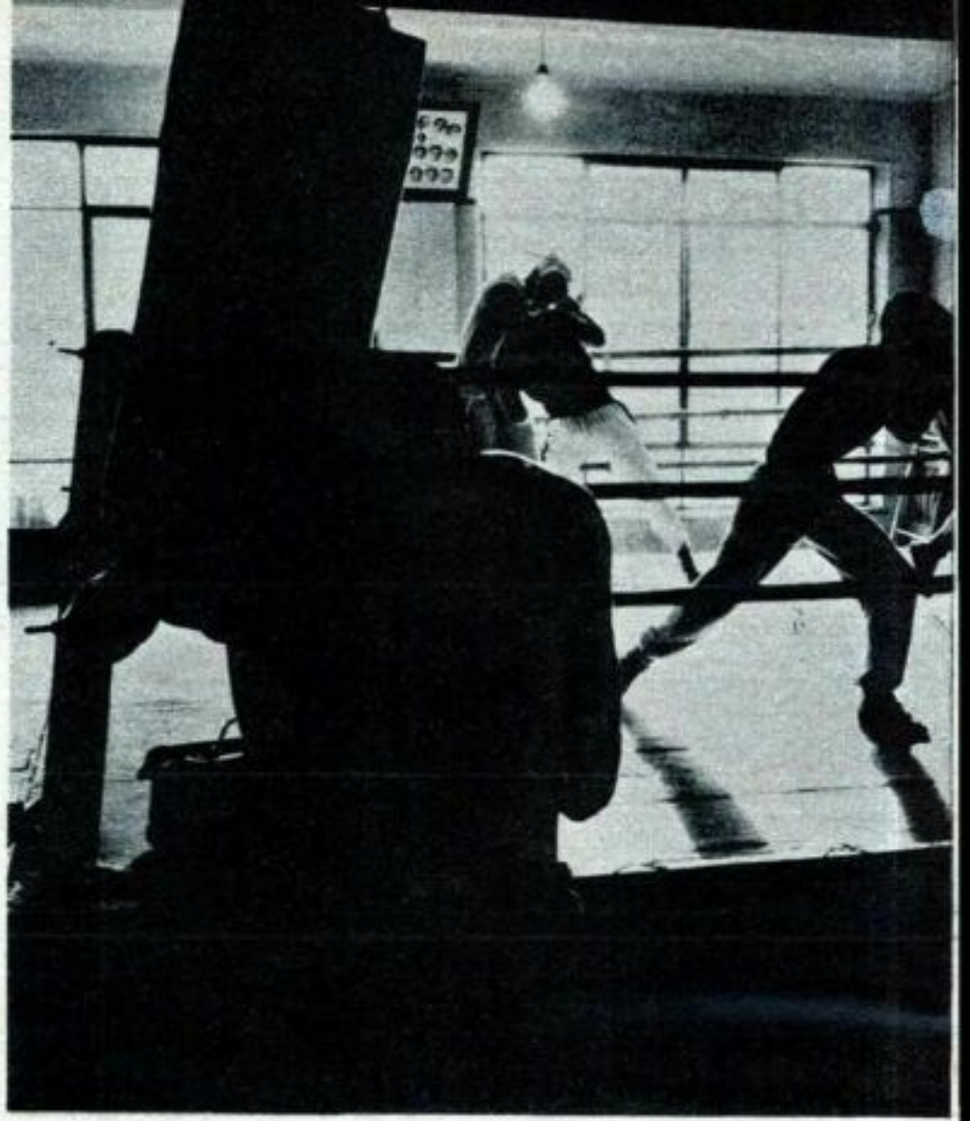
A academia é composta de dois apartamentos conjugados. Num dêles fica a sala de ginástica, das cordas e do **punching-ball** (uma bola de couro dependurada no alto, que os boxadores esmurram para conseguir velocidade e golpe de vista). No outro, o ringue e os sacos de areia. Em ambos há banheiro, dentro de um cercado cujas paredes são armários para guardar material. Velhas fotografias de lutadores cobrem as paredes, ao lado de diplomas de Kid Jofre — êle é técnico de pugilismo e basquete formado pela Escola Superior de Educação Física. Tudo na academia é velho, humilde, escurecido pelo tempo. A última mão de tinta que recebeu foi há 17 anos.

Por volta das quatro o movimento de alunos já é maior. SEGUE

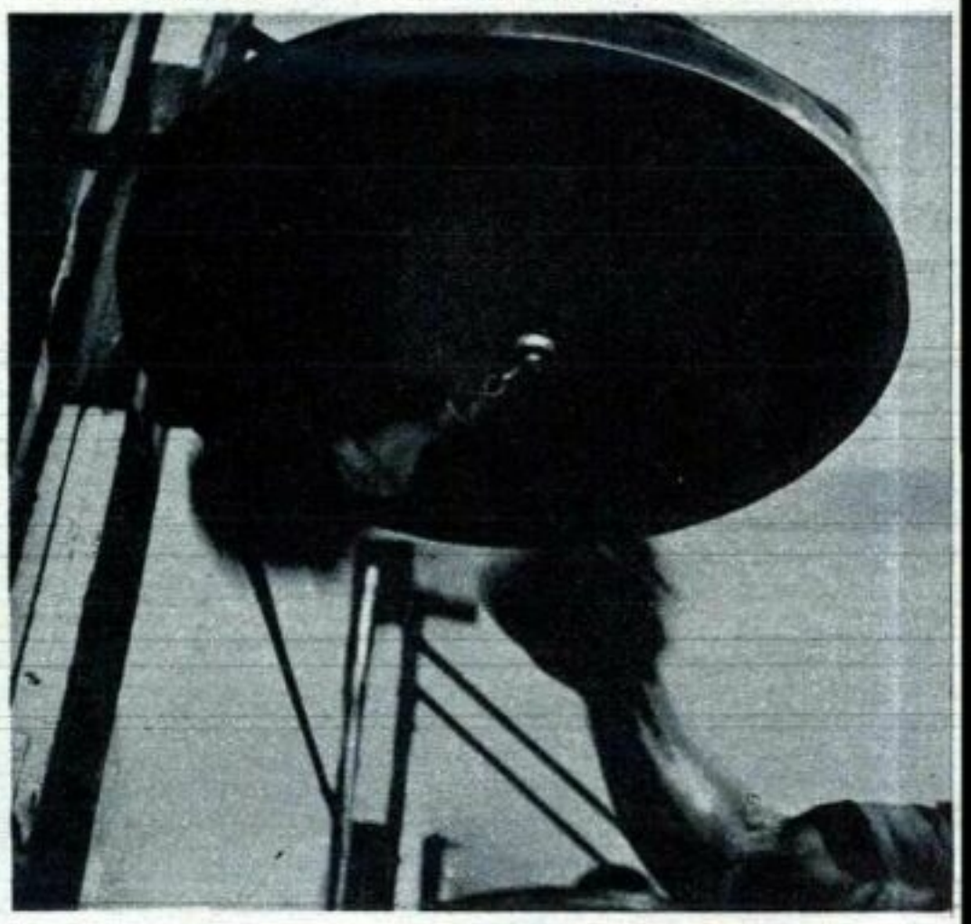




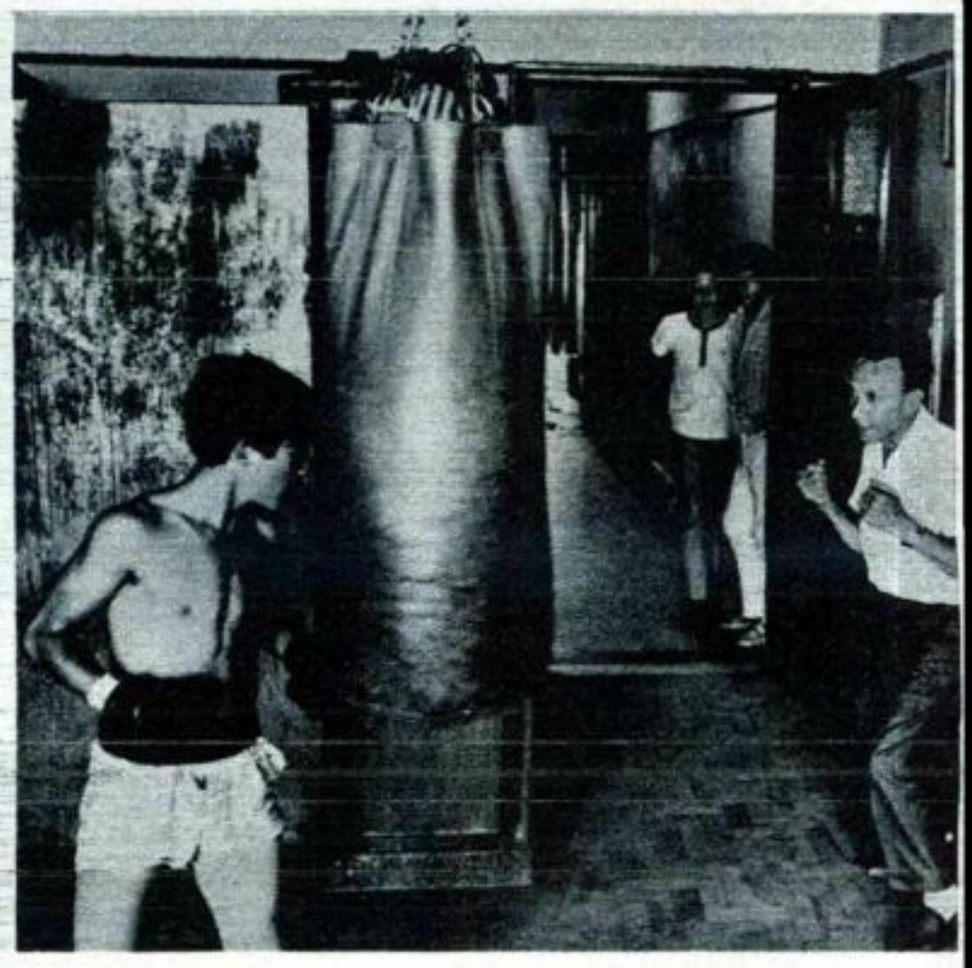
Kid Jofre, 39 anos de Brasil, ainda não perdeu o sotaque, nem o gôsto pelo boxe.



À tarde, tudo é ação e movimento na velha academia:



Juarez de Lima ganhou um título e não perde a forma:



Muitas vêzes o garôto quer apenas ficar mais forte:

Valentim apagava vela com o ouvido

Kid forma novos campeões.

Kid o vê quase todo dia.

Kid ensina todos com amor.

E quanto mais tarde, mais gente aparece para treinar, pois a maioria dos alunos, inclusive os boxadores profissionais, trabalha o dia todo. Vão chegando os **cobras:** Juarez de Lima, campeão sul-americano; Tião Nascimento, pronto para disputar o título mundial dos galos; João Henrique, Severino, Luís César, Santiago, Walcot.

Às seis horas, quando Kid grita **táim,** umas 20 pessoas passam a **trabalhar** ao mesmo tempo. Uns na corda, outros na ginástica, outro no **punching,** dois treinando no ringue, um fazendo **sombra** (age como se estivesse lutando com um adversário fictício, representado por sua sombra), três no saco de areia, outro fazendo respiração. Nessa hora, conversar com Kid Jofre, é um exercício de quebra-cabeças:

— Quando Éder nasceu, fazia menos de um mês (boa, Walcott, **repite** essa série de esquerda!) que me tinham soltado da cadeia. (**Non** fica assim parado, Severino, joga a cintura!) Me deixaram lá mais de dois meses porque eu **non** queria **dicer** onde estava o meu cunhado, que tinha escapado da polícia política. (Devagar, Juarez, o môço é principiante!) Como é que eu poderia **dicer** onde êle estava, se nem eu sabia? (Boa Walcott, quero ver você fazer isso na luta, **depois!)** Saí sem um tostão da cadeia e tive de tomar 50 mil réis emprestados de um bicheiro para comprar comida. Éder nasceu na mais dura miséria, ao lado de um ringue de boxe, porque nessa época eu morava na própria academia, que ficava na rua do Seminário. Dá licença um minuto.

Vai até o rapazinho que está batendo no saco de areia e mostra-lhe como é que êle tem de fazer: golpear de frente e logo voltar o braço na posição de guarda, trocando o pé de apoio a todo instante.

— Jofre, telefone!

Êle vai atender mas não tira o ôlho do relógio. Faz careta para entender melhor — o ouvido esquerdo anda falhando — e no meio da conversa grita:

— **Táim!**

Todos param os exercícios e êle continua falando ao telefone. Nesse, instante, como uma sombra, Chico Tomás aponta no corredor. Dirige-se para o ringue sem cumprimentar ninguém, fitando de passagem um ou outro com o rabo do ôlho. Tôdas as conversas param de repente e no rosto de cada um há um ar de criança que fêz arte. Chico, 35 anos, musculoso, caminha devagar. Puxa ligeiramente de uma perna e se esforça para ninguém perceber isso. O rosto é vigoroso mas seu olhar estranho mostra que alguma coisa não está certa. Tira um jornal enrolado do bôlso do paletó, senta-se nas bordas do ringue e começa a folheá-lo. Vê figuras e títulos das primeiras páginas e presta mais atenção quando chega à seção de esportes. Lê então com interêsse, movimentando lentamente os lábios como se estivesse catando as sílabas. Termina a página com uma expressão de aborrecimento e de repente atira o jornal no chão. Alguém lhe grita:

— Nenhuma reportagem sôbre você, Chicão?

Êle procura ver de onde veio a pergunta mas nada responde. Levanta-se e vai para o vestiário.

Chico Tomás é um **sonado,** como se diz na gíria do boxe. Foi grande pugilista e levantou vários títulos internacionais para o Brasil. Era da academia, e certo dia, após uma luta em que sofreu nocaute violento, Kid ordenou-lhe que interrompesse a carreira. Chicão insistiu em que podia continuar, e aparentemente podia mesmo: estava inteiro, em plena forma física e era famoso. Já tinha algum dinheiro, bem empregado na compra de várias casas — mas queria mais. Kid não cedeu: Chicão só voltaria a lutar se descansasse um ano e depois passasse por uma revisão médica. Se o resultado dos exames fôsse favorável, êle retornaria aos treinos. Chicão preferiu outro caminho, e então trocou de academia, de técnico e de empresário. Êstes, interessados no dinheiro que poderiam ganhar programando um grande campeão, acertaram logo várias lutas. Chico Tomás perdeu tôdas por nocaute. Chegou a cair oito vêzes numa delas. Hoje bebe.

Agora êle sai do vestiário, descalço, o calção velho e sujo, o olhar distante e agressivo. Aproxima-se do saco de areia e começa a golpear desajeitadamente, com raiva. Quando percebe que há um repórter tirando fotografia, transfigura-se: conserta a postura e esmurra como se estivesse se preparando para o título mundial.

Já passa de sete horas e quem aparece para treinar é Válter Valetim, um crioulo que aparenta 18 anos mas tem mais de 40. Valentim diz que só treina para manter a saúde; a vida êle ganha no seu trabalhinho de encanador e chaveiro. Foi outro que quase errou a hora de parar com o boxe. Só que com êle aconteceu uma comédia, não um drama. Certa vez, treinando, um golpe mais forte na cabeça rompeu-lhe o tímpano, mas êle não ligou. Continuou lutando. Daí a um mês quase morreu de susto: percebeu que podia respirar pela orelha. O rompimento do tímpano ligara o conduto auditivo com a garganta. Antes de operar e corrigir o defeito, ganhou várias apostas de que conseguia ficar 10 minutos com o rosto enfiado dentro de uma bacia cheia d'água.

— O mais gozado — diz êle — é que eu podia, tapando uma orelha, o nariz e a bôca, apagar um palito de fósforo com o jato de ar que saía da outra orelha...

São oito horas, a academia vai fechar. Kid Jofre fecha a sala de ginástica e o escritório, e deixa aberta a sala do ringue, pois Tóbis ainda vai ficar ali, fazendo seus sambinhas. Lá embaixo, em frente da academia, dona Angelina está esperando.

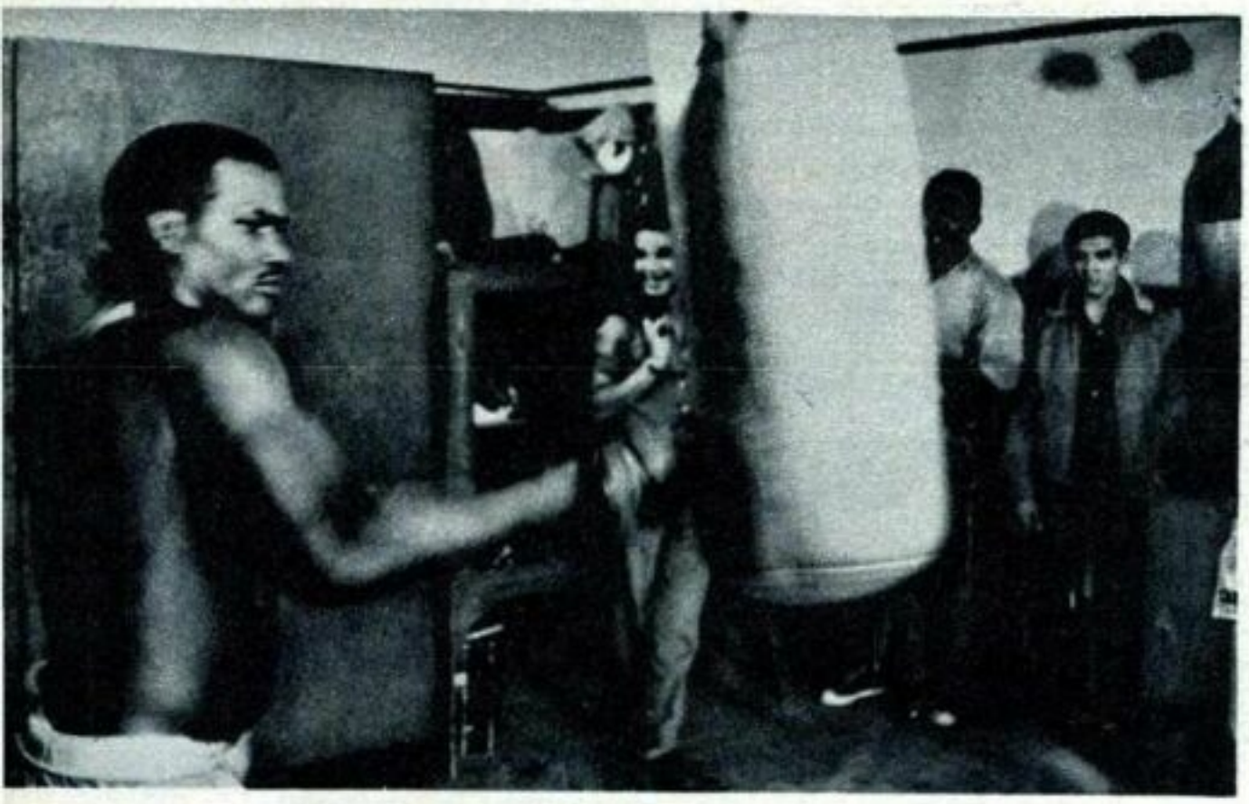
Os "campeões" de Kid Jofre

De manhã, a academia está sempre vazia e então Kid Jofre pode conversar à vontade. Tóbis dorme na sua caminha armada atrás do ringue, mas só acordará às duas e meia. Como compositor que acredita que as músicas só vencem com bastante propaganda, tem passado as madrugadas nos **táxi-dancings** e nas gafieiras, **trabalhando** um samba que acaba de ser gravado. Está confiando em sucesso nas paradas: a música conta que êle, após 25 anos de contínua dor de cotovêlo, pôde esquecer a noiva infiel e iniciar, agora, outro romance: "Abri a porta do meu coração, encontrei um nôvo amor..."

Kid Jofre fala com amor sôbre a academia — ela é a sua vida. Relembra alguns dos seus alunos que hoje são grandes nomes no Brasil. Cita o professor Canuto Mendes de Almeida, ex-delegado brasileiro na ONU; o escritor Mário de Andrade; Dagoberto Sales, ex-secretário de Transportes de São Paulo; Rogê Ferreira, ex-deputado; Marcos Mélega, o vereador; Germano Matias, o cantor; e Manoel de Nobrega, homem famoso da TV. Lembra também de Quinzinho, chefe de uma quadrilha de distribuir narcóticos que entrou na academia para melhor dominar seu bando.

Apesar de ter tido nas mãos um campeão do mundo, Kid Jofre não ficou rico. Ganhou dinheiro com Éder, mas diz que quando um pobre ganha dinheiro, num primeiro tempo êle tem de gastar muito, e só num segundo é que pode guardar. SEGUE

Aos 50 anos, Olga ainda não desistiu de lutar



Êle teve glória; hoje o boxe só existe no seu drama de ex-campeão.

No seu primeiro tempo, comprou o automóvel, uma casa para a filha, reformou a sua, pagou dívidas, iniciou alguns negocinhos. E o segundo tempo não houve.

— Se o Éder tivesse feito mais umas três ou quatro lutas, o que eu ganharia seria lucro. Hoje, não tenho grande aflição com falta de dinheiro, mas vivo do meu trabalho.

A academia passa dificuldades. Tem 40 alunos, pagando 5 e 10 mil cruzeiros por mês, conforme treinem individual ou coletivamente. A receita não dá para o aluguel, água, luz, telefone e material, mesmo com o São Paulo Futebol Clube pagando metade das despesas. Kid é técnico de pugilismo do São Paulo há 20 anos e ganha, lá, 150 mil cruzeiros por mês. O que compensa o deficit é a porcentagem do treinador nas lutas dos boxadores profissionais, e Kid sempre teve os melhores do Brasil. Mas nos tempos de agora, a movimentação das lutas tem sido muito fraca.

A dinastia Zumbano-Jofre já deu mais de 20 lutadores ao Brasil; não há, no registro mundial do boxe, nenhuma família tão rica assim de pugilistas. Kid fica entusiasmado quando fala sôbre ela. Higino, o lutador seleiro e hoje técnico de acampamento de uma instituição religiosa americana, iniciou a série, do lado Zumbano. Seguiu-lhe Valdemar, agora diretor do DEFE, orgão que impulsiona o esporte amador no Estado de São Paulo. Vieram depois Erasmo, que morreu cedo; Tonico, lutador sem juízo que podia ter antecipado de uma geração o feito de Éder; Ralph, estilista e elegante, que acabou eleito deputado pelo boxe há alguns anos, e agora volta à política como assessor de Abreu Sodré; e Ricardo, que lutou só algumas vêzes. Válter foi o único irmão que não lutou, mas dois de seus filhos o fizeram por êle: Silvano e Valdemar. As duas irmãs Zumbano casaram com lutadores: Angelina, com Kid Jofre; e Olga com Hans Norbert, campeão austríaco, **fisgado** quando veio ao Brasil fazer exibições.

Olga Zumbano segue a vocação da família: é lutadora profissional. Exibe-se nos circos do interior, desafiando o homem mais forte da cidade para lutar com ela. Sua história não está muito ligada à academia de Kid Jofre. Casando-se em 1938, seguiu com Hans Norbert para a Áustria. No ano seguinte acontecem duas coisas: nasce Norberto, o primeiro filho do casal, e estoura a guerra. Hans é incorporado ao exército nazista e segue para a frente russa, mas sua companhia adere aos aliados e êle é considerado, pelos alemães, traidor e desaparecido, talvez morto. Olga fica sòzinha com o filho, na Áustria, sem notícias do marido nem do Brasil, e ganha a vida em exibições de lutas entre mulheres. Só em 1948 é que o marido volta para casa e, assim que podem, embarcam todos para o Brasil. A vida, aqui, com ajuda da dinastia, finalmente se normalizou, mas Olga sempre continuou lutando. E ninguém a faz desistir, nem agora que já tem 50 anos.

O lado Jofre da dinastia começa com Armando Kid Pratt, que foi campeão brasileiro, e o próprio Kid Jofre. Dois filhos de Armando foram lutadores de categoria: Raul e Mário. E na casa de Aristides nenhum descambou: Dogalberto lutou pouco, mas lutou. Não fêz mais porque ficou doente e teve de parar. Éder é o que é. Mauro, o caçula, fêz cinco lutas como amador, venceu tôdas, e agora começou a treinar sério, pensando alto. Kid tem uma filha — Lucrécia — que também não destoou: casou-se com Cláudio Tonelli, ex-campeão brasileiro de pesos-pena. E isso fora vários primos, um dos quais — Antônio Ziravello — é hoje o maior juiz de boxe do Brasil.

Desde 1931, até hoje, sempre houve um Jofre-Zumbano calçando luvas. O mais nôvo é Joãozinho, filho de Higino, que tem só 14 anos mas já se inscreveu na academia. A peteca não vai cair tão cedo.

— E vem vindo aí cada neto!...

A surra que o sargento levou

Tantos anos de academia acumularam muitas lembranças na memória de Kid Jofre. Muitos dramas, muita comédia também. Uma vez, findo o trabalho do dia, êle estava na sala do ringue conversando com um aluno, que logo ia ficar famoso, por ser o primeiro brasileiro campeão sul-americano de boxe profissional e por conquistar para o Brasil o primeiro título internacional: Pedro Galasso, então com 22 anos. O resto era o silêncio de um prédio comercial no comêço da noite. Ouvem-se passos no corredor e vem se aproximando dêles um metro e 80 de farda. É um sargento do Exército que quer ser campeão de boxe.

— Olha, **seu** Jofre, ginástica eu faço no quartel, e até hoje não apanhei de ninguém. A turma diz que meu sôco derruba qualquer um. Quero entrar na academia, mas com uma condição: o senhor me põe a lutar logo com o melhor homem que o sr. tiver, porque eu não quero perder tempo com nenhum galo morto.

Kid tentou explicar-lhe que não podia ser: êle precisava ir fazendo tudo o que os outros principiantes faziam, começar do começo mesmo. O sargento não cedeu: ou derrubava de cara o melhor lutador da academia, ou não ia perder tempo com cordinhas e ginástica. Kid geralmente não dá atenção a êsse tipo de proposta, mas como o rapaz passasse a menosprezar o boxe, dizendo que tudo era marmelada, as lutas combinadas, propôs-lhe:

— O sr. quer então experimentar agora, aqui com o Pedrinho?

O sargento riu: a prova não ia resolver nada, pois Pedro Galasso — o Pedrinho — magro do jeito que era, baixinho, fraco, não ia agüentar nem um sôco. Por fim, dizendo que cuidaria para não castigar muito o rapaz, aceitou a parada. Foram os dois se trocar e vieram para o ringue. Cada um tomou lugar no seu canto, Kid funcionaria de juiz e a luta havia de ter três **rounds.**

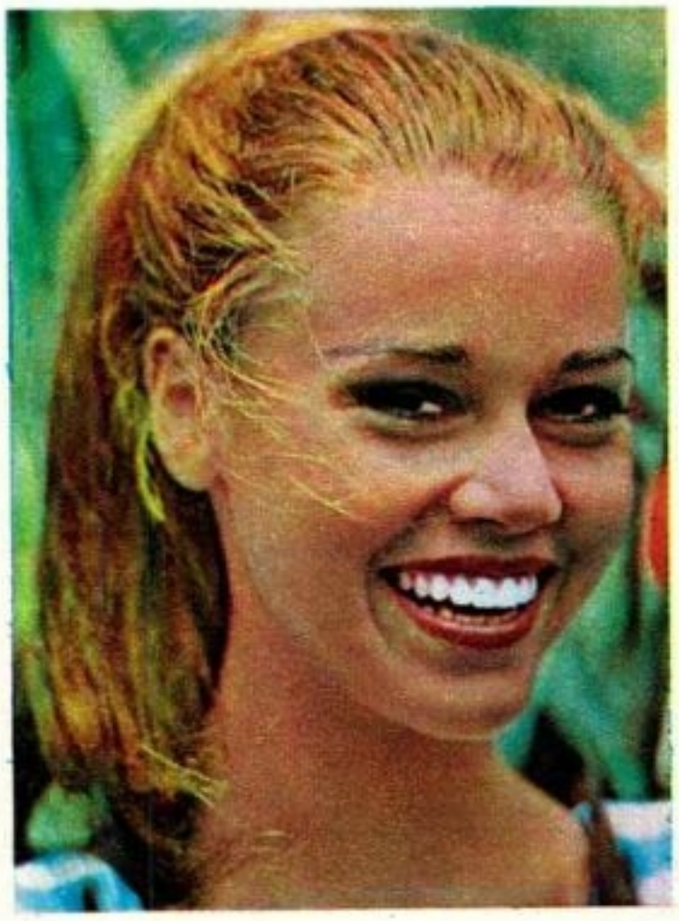
— **Táim!**

O sargento saiu à tôda de seu canto, de braço armado, pronto para achatar o adversário. Juntou a fôrça que tinha e soltou o corpo na direção de Pedrinho, mas êste esquivou-se e o gigante foi atropelar as cordas no canto oposto. Voltou mais feroz ainda e tentou um golpe de baixo para cima. Nova esquiva e nôvo impacto nas cordas. O sargento sossegou um pouco, veio mais devagar, colocou-se bem perto do adversário e preparou então o maior sôco de sua vida. Mandou o braço com tôda fôrça e Pedrinho só fêz abaixar-se. Quando o corpão se desequilibrou na sua frente, cutucou de esquerda no fígado. Sentindo o golpe, o sargento baixou as luvas para proteger a parte atingida. Foi a conta: levou uma direita no rosto e caiu emborcado no chão. Acordou logo em seguida, tomou seu banho, e depois gritou lá de dentro:

— **Seu** Jofre, o sr. pode me dizer se quando eu cheguei aqui estava fardado ou paisano?

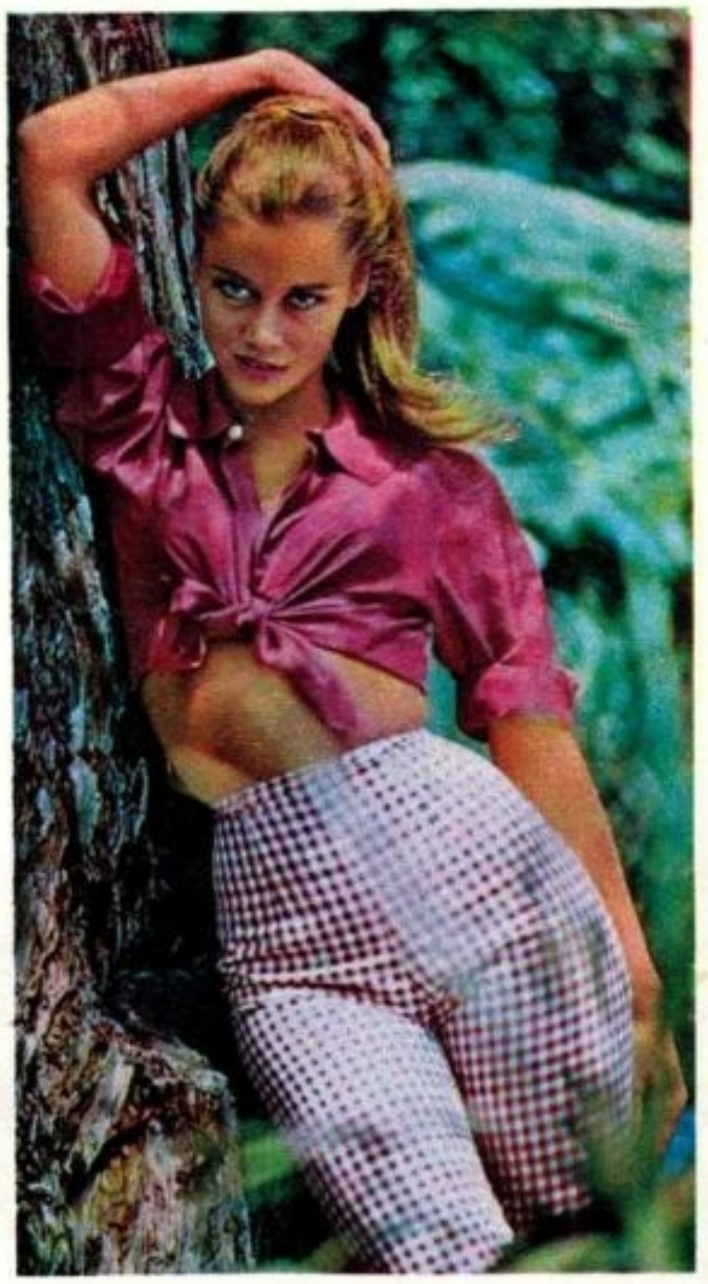
95% das pessoas que entram numa academia de boxe, vêm das classes mais pobres. É um meio que enxergam de vencer na vida ràpidamente, com o próprio esfôrço: ser lutador profissional. Mais da metade são analfabetos. Logo que começam a treinar sério, e a fazer as primeiras lutas, os treinadores orientam sua alimentação, ordenando-lhes que comam carne, macarronada, salada e ôvo, para sair do eterno arroz com feijão. E nada de bebida, nem de farras. À medida que começam a treinar direitinho e ter dinheiro para se alimentar melhor, quase sempre surge o problema oposto: o contrôle do pêso. Então chega a hora do racionamento de comida e da angústia em tôrno de um copo de limonada.

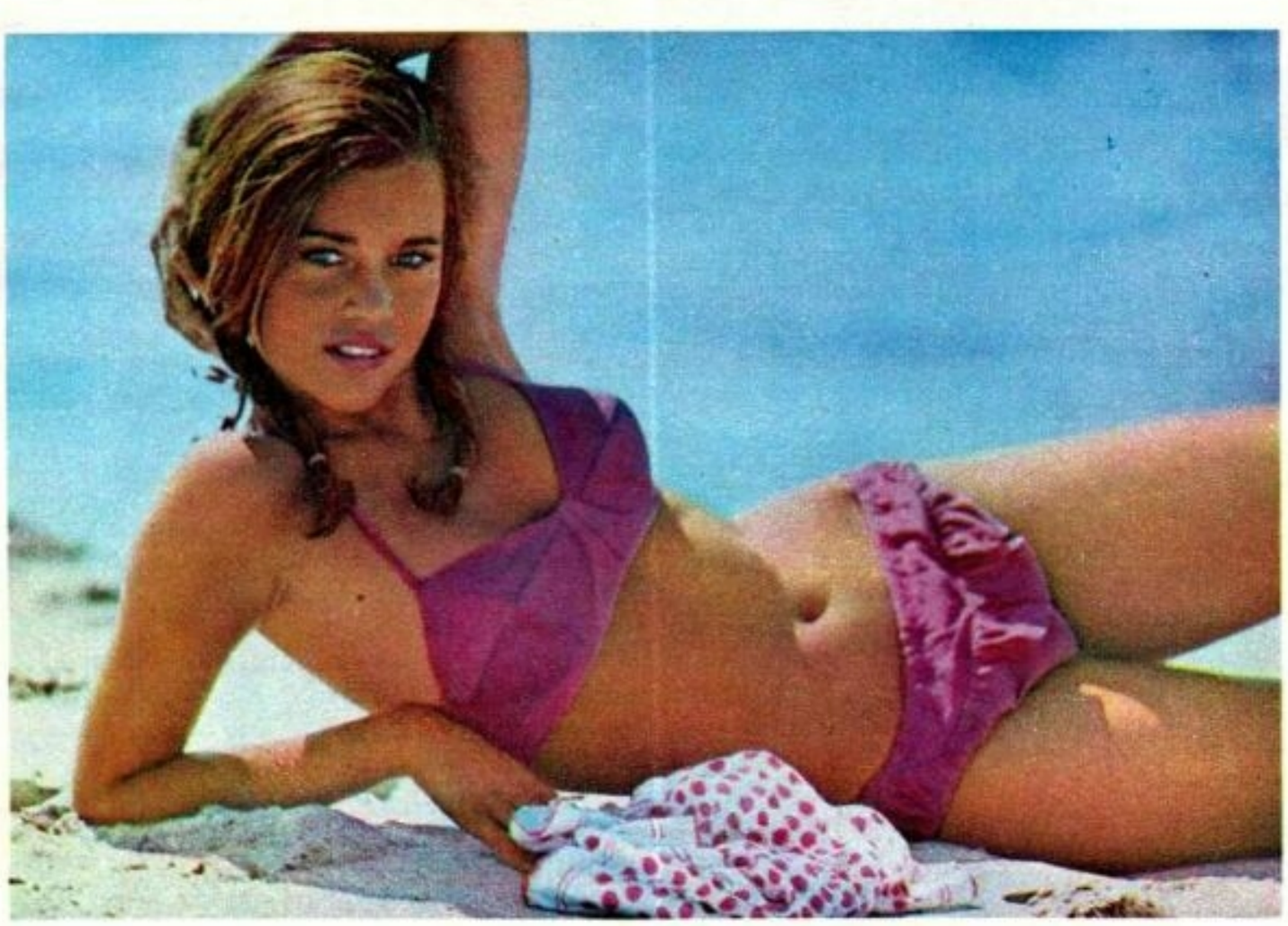
Paulo de Jesus foi um ídolo do boxe em São Paulo. Arrastava multidões de fanáticos para vê-lo no ginásio. Mas era um escravo da balança. Na véspera de uma luta importante, a pesagem mostrou que êle estava bem. Tinha, no entanto, de ficar sem comer nada até às dez horas do dia seguinte, quando se faria a pesagem oficial. O técnico recomendou: SEGUE



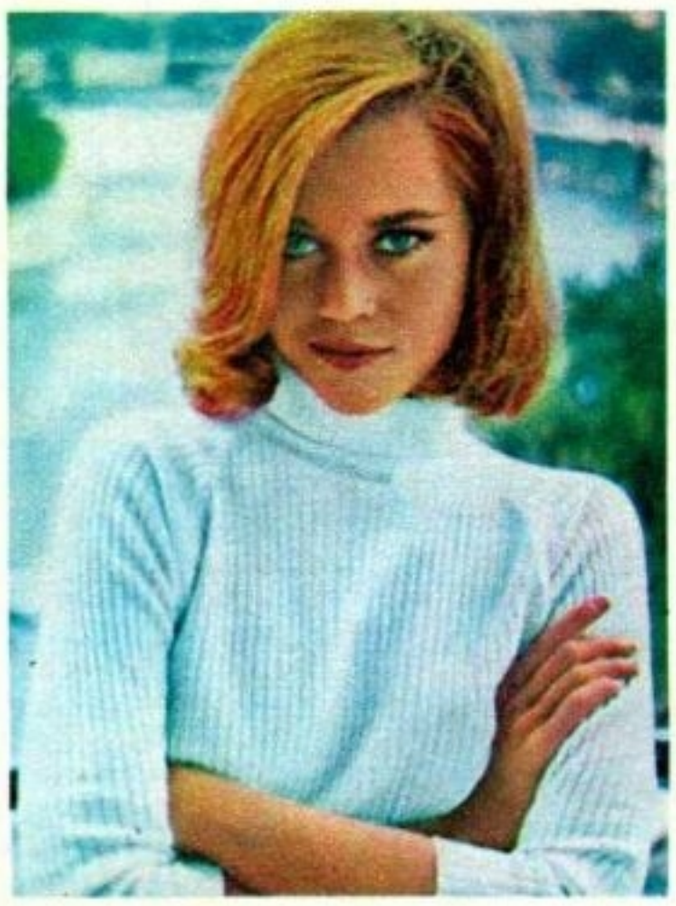
Jane Fonda
– uma linda americana em Paris, diz: "Lux suaviza a pele enquanto limpa..."

Jovem e cheia de vida, sensível e cativante, cintilante como a música de Gershwin, Jane é uma das mulheres cuja beleza dispensa o auxílio de preparados complicados.





Mas ela tem o máximo cuidado com sua pele. "É a minha única preocupação", diz ela, "e entreguei-a ao cuidado do Sabonete de Beleza Lux". Não é surpreendente, então, que ela tenha uma pele tão macia, tão luminosa. E pouco se preocupa com a pele durante o dia. Enfrenta os refletores e as máquinas fotográficas, passeia, goza a vida com sua vitalidade exuberante.



Sua pele se sujeita à tensão a todo instante. Onde quer que ande, sua beleza e o frescor de seu encanto causam admiração. "Meu segrêdo — diz ela — é o mais simples de todos. Diàriamente, pela manhã, faço uma massagem profunda com a rica espuma cosmética de Lux, com especial cuidado ao meu rosto! Que momento delicioso! Lux é tão suave, tão puro, e o seu perfume é tão marcante! É o meu tratamento de beleza, e não poderia encontrar um melhor. Sòmente Lux me proporciona uma pele tão macia, tão luminosa, tão naturalmente jovem E, acreditem, isto é importantíssimo na minha carreira!".

Paulo comeu uma melancia e não passou na pesagem

— Se você tiver muita fome, coma uma fruta. Mas uma só.

No outro dia, a balança indicou que êle estava com 600 gramas além do pêso. O técnico gelou:

— Você comeu alguma coisa, Paulo?

— O sr. não falou que eu podia comer uma fruta? Comi uma melancia.

Tirar pêso, no intervalo oficial entre uma pesagem e outra, antes de cada luta, é um dos grandes segredos dos treinadores. O banho turco é o mais fácil, mas tem um defeito: tira energia, e o lutador acaba subindo enfraquecido para o ringue. Ginástica, pular corda têm a mesma desvantagem.

Uma vez Kid Jofre teve de fazer sumir 800 gramas do pêso de Luisão, campeão sul-americano, pouco antes de uma luta muito importante. Banho turco e qualquer forma de exercício não podiam ser, mas dois recursos foram suficientes. O primeiro foi urinar numa banheira, com as duas torneiras bem abertas e jorrando água sem parar. "Líquido atrai líquido", explica Kid Jofre. O segundo foi fazer o crioulo mascar. Comprou-lhe 400 gomas e deu-lhe a ordem: mascar, mascar, encher a bôca de saliva, cuspir tudo, apanhar outra goma e repetir a operação até acabar o pacote. Na hora da pesagem, foi aquela satisfação. As 800 gramas tinham desaparecido — só que o môço ficou viciado em goma de mascar.

Em alguns países há uma pílula que provoca desidratação e faz perder até quatro quilos num dia, mas Kid Jofre nunca a utilizou. Acha que acaba tirando do atleta o estímulo para lutar naturalmente contra o excesso de pêso e pode mesmo prejudicar-lhe a saúde.

Televisão contra boxe

Pedro Galasso hoje é treinador, mas sua academia fechou. Então, como fazem outros técnicos na mesma situação, êle leva seus rapazes para treinar na academia de Kid Jofre. Vasco, um môço de 20 anos, é um de seus melhores lutadores. Na quinta-feira, Galasso está orientando seu último treino antes da luta, sábado, numa televisão do Rio. Na sexta os dois viajarão para lá depois do almôço, para não perder o dia de trabalho. De ônibus, chegarão ao Rio tarde da noite e até ir para o hotel, instalar-se e dormir, já é madrugada. Às dez horas de sábado terão de estar na TV, para a pesagem. Às dez da noite será a luta. Qualquer que seja o resultado, às duas da madrugada já estarão na estação rodoviária, tomando o ônibus para São Paulo. Não vale a pena ter mais um dia de despesa no hotel, senão a bôlsa some.

Os dois ganharão, por essa luta, 120 mil cruzeiros, independente de vitória ou derrota. É apenas um cachê de televisão. O baixo pagamento para a luta de Vasco no Rio, que exigiu pelo menos um mês inteiro de treinamento e dedicação de dois profissionais — o lutador e o técnico — faz nascer a discussão:

— A televisão vai acabar matando o boxe no Brasil.

As opiniões divergem, na horinha de fechar a academia.

— A televisão não é causa da decadência, mas conseqüência dela. A origem do desastre está na falta de planejamento e no imediatismo dos empresários, junto com a negligência dos dirigentes do boxe no Brasil.

Um lutador acha que tudo matou um pouco e a televisão só fêz o entêrro:

— Vejam: entre 1954 e 1962, o boxe, em São Paulo, como no Rio, era a mesma coisa: havia grandes ídolos, êles eram reconhecidos na rua, as môças pediam autógrafos. Trinta mil pessoas pagavam ingresso em cada reunião. As televisões passavam vídeo-tapes, as rádios irradiavam as lutas, os jornais faziam grandes coberturas. E isso tudo porque o boxe não tinha dono, era um esporte nacional. Hoje, cada canal de tevê faz o **seu** programa, com os **seus** lutadores, e com **seu** patrocinador. O canal B não noticia as lutas do canal A, porque estaria incentivando um concorrente. Da mesma forma, jornais e rádios ignoram os programas porque êstes não passam de um acontecimento promocional de cada estação de TV. Resultado: o boxe deixou de ser notícia. Não se criam mais ídolos, e a coisa vai a um tal ponto que se o Tião Nascimento chegar a lutar pelo título mundial num programa do canal A, talvez o canal B nem dê a notícia.

Um ex-pugilista levanta o problema das bôlsas:

— Quando se fazia uma reunião no Maracanãzinho ou no Ibirapuera, a bilheteria é que fixava quanto valia o boxador: sua bôlsa era calculada sôbre uma porcentagem da renda. Êle fazia tudo para vencer, porque a bôlsa de vitória era maior. Agora, indo lutar em estúdio, a bôlsa é fixa, e rateada de uma verba (sempre baixa) de um programa comum de TV. Então acontece o absurdo de um Juarez de Lima, campeão sul-americano, ter de lutar na televisão por 200 dólares, quando nenhum campeão de outro país aceita um combate por menos de 1.000 dólares. E há mais: como só há um empresário para as lutas na televisão, tanto em São Paulo como no Rio, o lutador não tem escolha: ou se submete a êle, ou não luta.

A conversa se anima, entre outras coisas porque também funciona, na academia de Kid Jofre, a União Pugilística do Brasil, e quase sempre há um de seus diretores por ali. E também porque nesse comêço de ano a movimentação é grande em tôrno da renovação da diretoria das federações estaduais de pugilismo, onde a palavra de ordem é uma só: o boxe brasileiro tem de voltar aos seus grandes dias.

Kid Jofre, geralmente não gosta de falar nessas horas, mas dá sua opinião também:

— A televisão é uma grande fôrça, e **non** pode ser **despreçada.** Quando houvesse reuniões públicas nos ginásios, cada canal poderia fazer o seu programa de boxe, mas televisionando só os principiantes e pugilistas de menor expressão. O público iria conhecendo os novos e sentiria vontade de ir aos ginásios para ver as lutas dos bons. Assim se faz na Argentina, e o sistema, lá, provou que funciona.

Henrique Mateucci, o mais famoso cronista (hoje afastado) e primeiro escritor do boxe brasileiro, que passava na academia para rever os velhos personagens, entra na conversa:

— Ótima idéia, a televisão funciona como aperetivo do grande programa pugilístico da semana. O boxe, como todos os outros esportes, precisa da massa, do urro da assistência. Isso influi diretamente na luta, melhora sua qualidade, incentiva os boxadores. Se ficar só na televisão, o boxe vira apenas **show,** e como **show** a luta livre é melhor, porque os participantes são muito mais artistas do que esportistas.

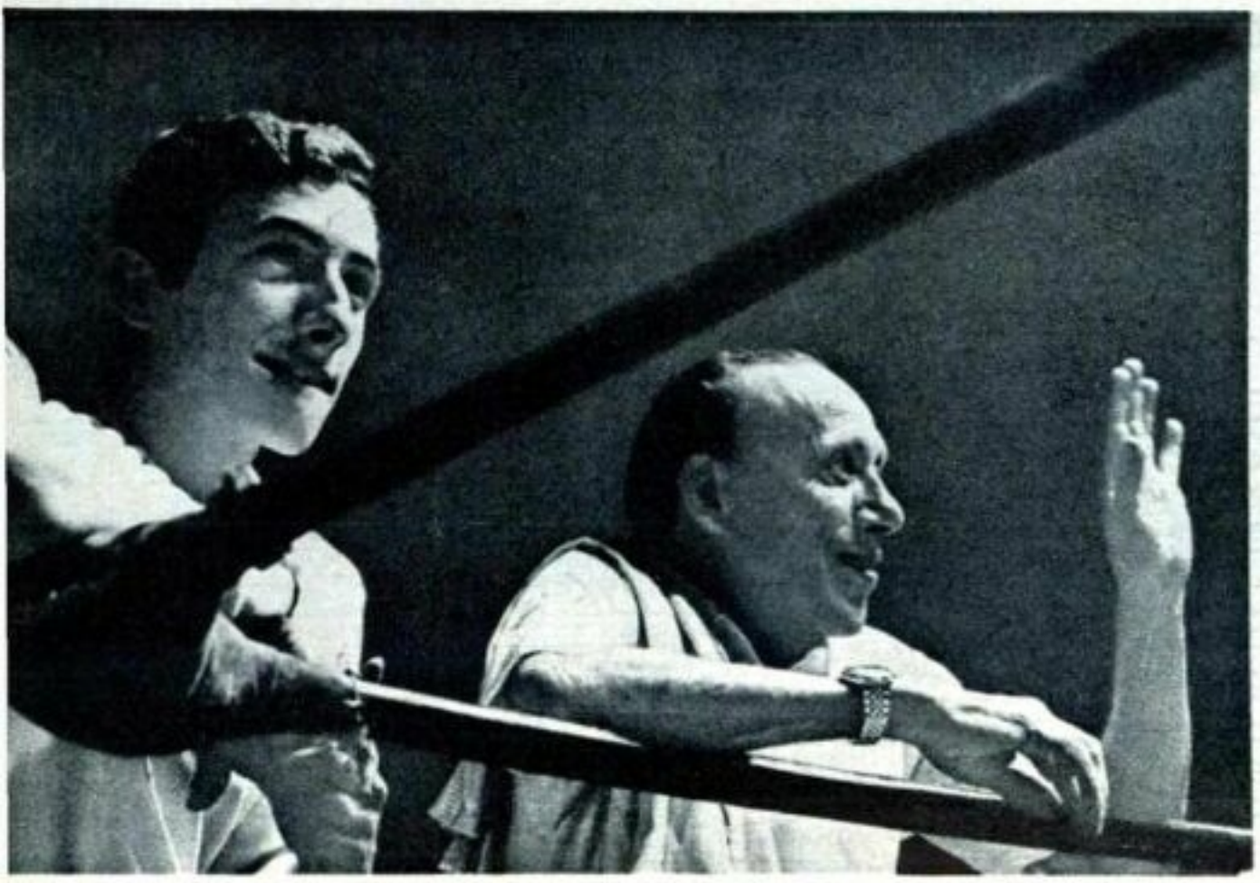
A conversa estava muito boa, mas era quase hora de fechar e Kid Jofre foi para o escritório. Ajeitou as gavetas, os papéis da mesa e, olhando em tôrno, pensou em sua academia. Tal como o boxe nacional, está precisando de uma reforma.

Ao boxe, na palavra de Mateucci, faltou no passado planejamento a longo prazo; no presente, falta iniciativa de empresários: é preciso promover reuniões com bilheteria, para lotar os ginásios. Kid pensa nessa explicação:

— No comêço, pode ser que não dê muito lucro. Mas o boxe apaixona e em pouco tempo voltará a ser o segundo esporte em público, no Brasil, depois do futebol. Afinal, o boxe é uma mina de ouro em todos os países, por que aqui haveria de ser diferente?

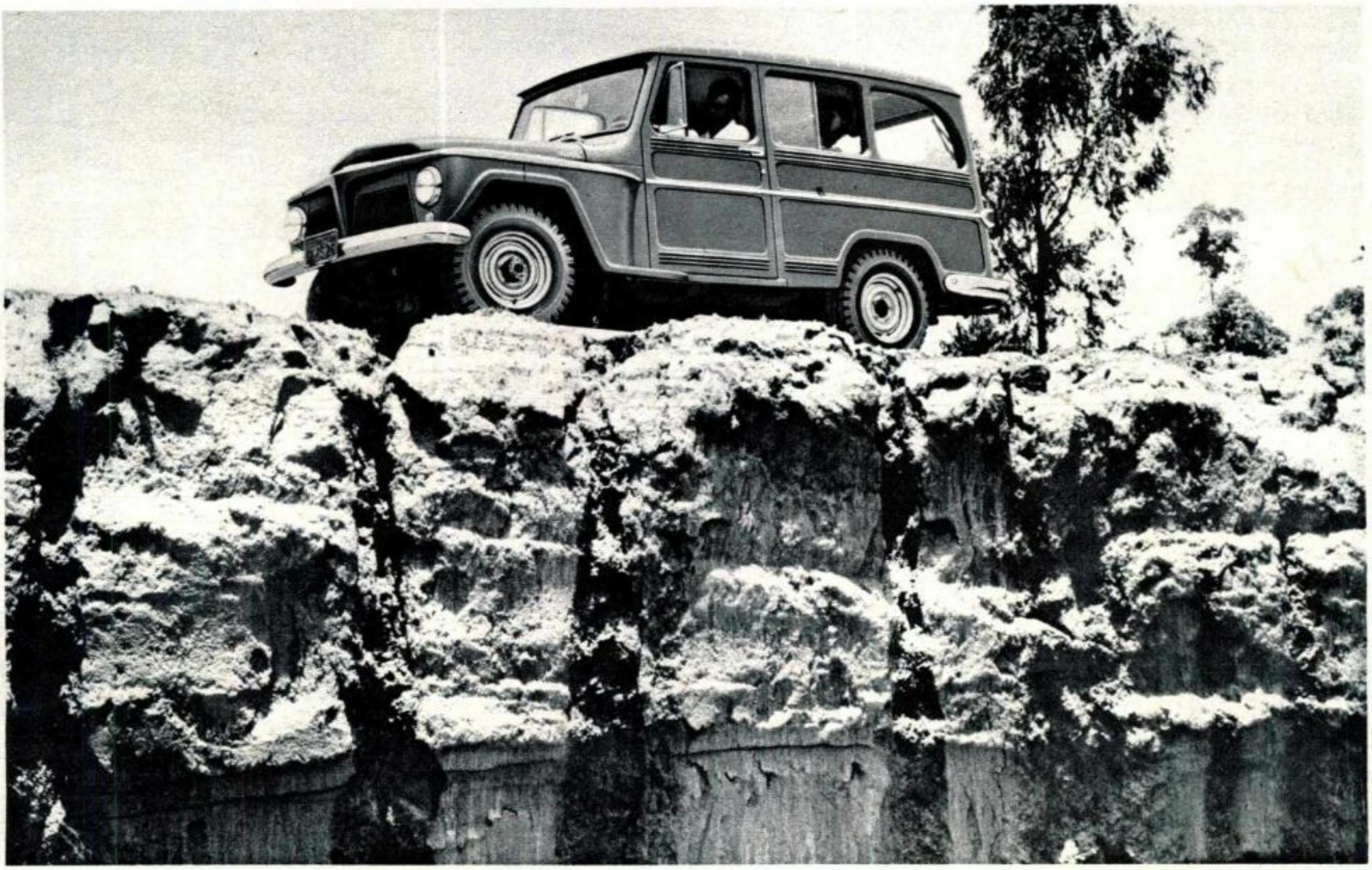
À academia, no pensamento de Kid Jofre, falta aparecer outro campeão na família. E êle parece que vem aí: Mauro Jofre Zumbano, de 19 anos, cinco centímetros mais alto que o irmão famoso, começa a morder as luvas com vontade.

SEGUE



Aristides e Mauro Jofre: pai e filho, passado e futuro no boxe.

A 10 km/h quem vai pensar em segurança?

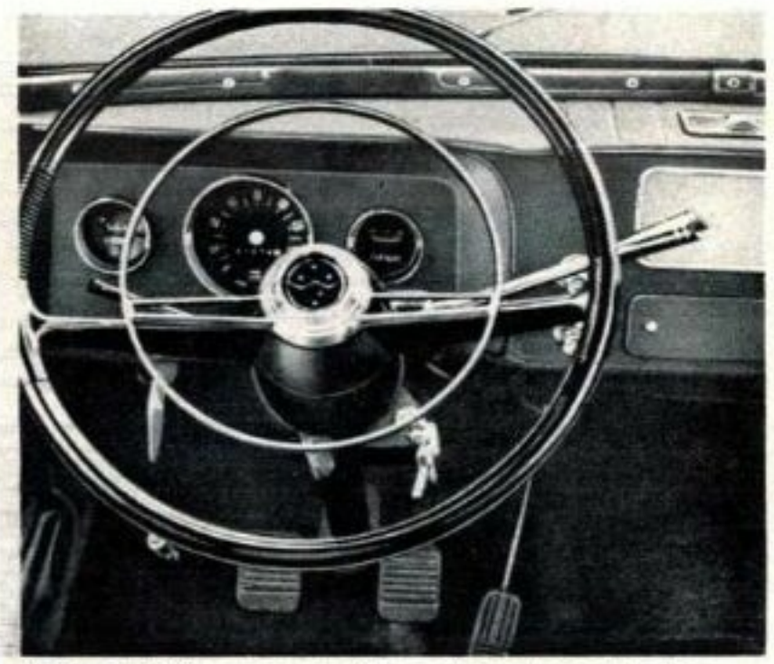


Willys-Overland - 66.1022

É bom lembrar que mesmo andando devagar, você pode ter problemas de segurança. Pense nas seguintes situações: estrada escorregadia à beira do barranco, subir e descer ladeiras lamacentas, atoleiros, caminhos acidentados, curva cheia de barro prometendo derrapagem.

Em qualquer dessas situações difíceis, a Rural garante o dôbro de segurança porque tem tração nas quatro rodas, o dôbro de tração.

Não importa o caminho nem o tempo, a Rural vai em frente, você viaja tranqüilo. Seja a 10 km/h ou muito mais depressa.



A Rural 4x2 tem agora 4 marchas sincronizadas.

E a Rural 67 tem boas inovações: nôvo painel de instrumentos, agora em frente ao motorista; trava de direção e roda livre como equipamentos originais; pedais relocalizados; nôvo estofamento; novas maçanetas e novas calotas.

RURAL '67

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

Camisas Volta ao Mundo Valisère lançam novos modelos. E explicam a você, ponto por ponto, quais são as suas diferenças com as outras camisas:

1 - O colarinho das novas Camisas Volta ao Mundo Valisère é indeformável, pois é plastificado (Valflex). Nunca amassa e nem dobra. Um detalhe de elegância: os pespontos da costura foram eliminados.

2 - O tecido das novas Camisas Volta ao Mundo Valisère possui um toque muito mais macio. Ter Volta ao Mundo sôbre o corpo é um verdadeiro prazer.

3 - Passou o tempo das camisas largas e que ficavam sôltas sôbre a cintura. As novas Camisas Volta ao Mundo são afuniladas, agarrando-se mais ao corpo. Muito mais elegantes!

4 - Também as mangas são
mais estreitas, nas novas
Camisas Volta ao Mundo Valisère.
Você deixa de ter asas,
volta a ter braços.

5 - Há novos padrões de tecidos
nas Camisas Volta ao Mundo
Valisère.
Você pode escolher
entre diversos modelos.

E a vantagem de sempre:
Camisas Volta ao Mundo
Valisère são fáceis de lavar,
secam ràpidamente,
dispensam passar a ferro.
Mas exija-as sempre
com a etiquêta
Volta ao Mundo Valisère!

Novas Camisas Volta ao Mundo

(M P 457 333)

Valisère

RHODIANYL®

INDÚSTRIA BRASILEIRA

1

2

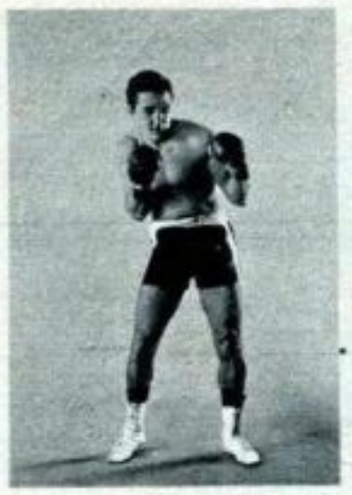
3

4

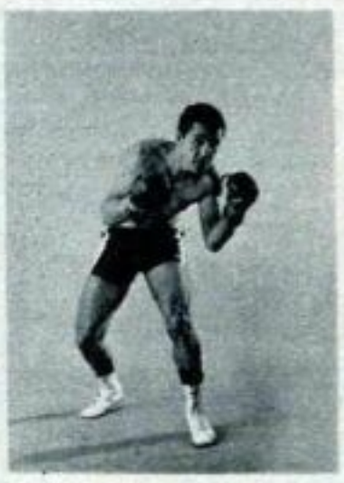
5

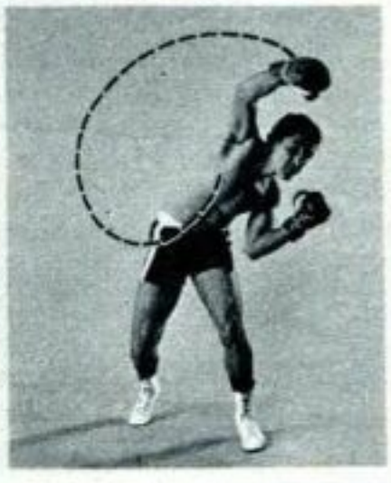
Standard Propaganda

Éder Jofre mostra os golpes

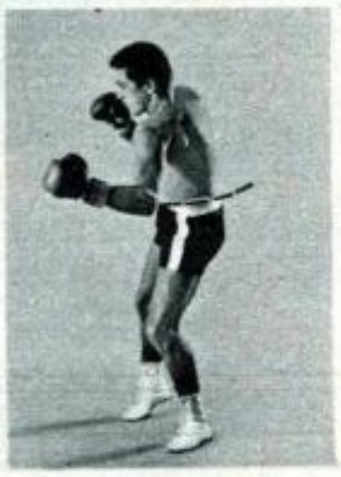


Jab — *É um golpe rápido, que visa o rosto: o punho estende-se em linha reta e não requer muito esfôrço físico. É o golpe mais usado, exceto pelos boxadores baixos.*



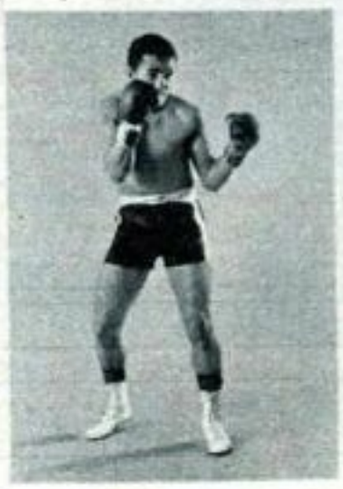


Swing — *É um golpe longo, que visa atingir um alvo localizado acima da cabeça do pugilista que o desfere. Na foto, Éder abriu o golpe para facilitar a compreensão.*

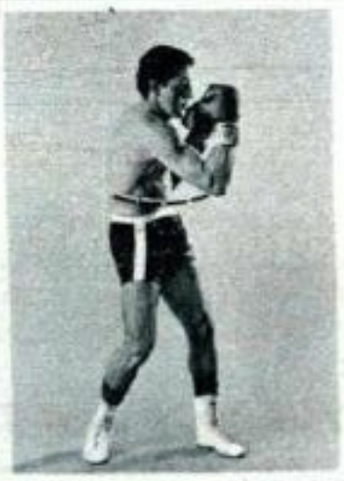


Hook (gancho) — *É um golpe curto, que pega o fígado (com a esquerda) ou o baço, coração ou estômago (com a direita). As costas da mão estão voltadas para o adversário.*

Bôlo punch — *É um golpe de trajetória longa, usado mais como exibicionismo. É aplicado quando o adversário está dominado, porque ao lançá-lo o pugilista se descobre.*



Cross (cruzado) — *É um golpe em que o punho descreve trajetória semicircular, de fora para dentro, com levantamento do cotovêlo. Atinge geralmente embaixo do queixo.*



Upper-cut — *Golpe lançado de baixo para cima, que normalmente entra no meio da guarda e pega o queixo do adversário. É usado no corpo-a-corpo e a meia-distância.*

Direto — *É um golpe reto, pouco mais longo que o jab. O pugilista canhoto (punho e pé direitos à frente) lança diretos de esquerda; o pugilista destro lança diretos de direita.*

No começo era a arte dos nobres

Os cronistas chamam comumente o boxe de **nobre arte**. Isso porque, no século 18, quando o boxe ficou em moda na Inglaterra, eram os nobres que o praticavam, para se defender dos assaltantes nas estreitas e escuras ruas de Londres.

A origem do boxe, porém, é muito antiga. A Ilíada, de Homero, já fala numa luta parecida, e nos antigos Jogos Olímpicos êle figurou até ser suspenso por Teodósio, o primeiro imperador católico.

No início, os pugilistas se enfrentavam com os punhos nus. Não havia contrôle de pêso nem limitação do número de assaltos. A luta acabava quando um dos dois ficava inconsciente ou se confessava derrotado. Era permitido bater no adversário caído.

Quando as mãos passaram a ser cobertas com uma tira de couro, o boxe ficou mais perigoso: à primeira vista, o envoltório faria diminuir o efeito dos socos, mas os lutadores logo passaram a adaptar no couro incrustações de chumbo e bronze, e até objetos pontiagudos.

A brutalidade do boxe fêz com que êle ficasse esquecido até que os nobres da Inglaterra o "ressuscitaram" para defesa pessoal, há três séculos. O interêsse pelo esporte foi despertado pela Arena Figg, de James Figg, lutador e professor. Com grande número de alunos, Figg realizou centenas de lutas e foi então que começaram a surgir as regras. O primeiro regulamento, o "London Prize Ring Rules", foi aprovado pelos **gentlemen** e aceito pelos pugilistas, em 1742. Mas "As Regras do Marquês de Queensberry", editadas algum tempo depois, é que marcariam o início dos tempos modernos no boxe. Muita coisa do Código do Marquês ainda vale hoje: a) **rounds** de três minutos por um de descanso; b) proteção da mão por luvas de 4 a 8 onças (entre 114 e 228 gramas: cada onça equivale a 28,53 gramas); c) lutas em ringue quadrado de 24 pés de lado (7,92 metros).

Os torneios de boxe da Inglaterra em 1872, estabeleceram a divisão de lutadores por categoria de pêso. Em 1889 realizou-se a última luta sem limite de tempo —

foi entre John Sullivan e Jaks Kilrain, teve 75 assaltos e durou 2 horas e 16 minutos. De lá para cá as lutas mais demoradas passaram a ser de 15 assaltos, na decisão dos títulos mundiais.

No fim do século 19 o boxe, já devidamente regulamentado, ganhou grande impulso, principalmente na Europa e na América do Norte. Em 1904, foi novamente admitido nas Olimpíadas, onde figura até hoje. Cassius Clay, o atual campeão mundial de todos os pesos, foi campeão mundial olímpico em Roma, antes de iniciar sua carreira como profissional.

Amador, profissional e categorias

Os pugilistas começam a carreira como amadores. Depois de 15 vitórias êles podem, querendo, passar a profissionais.

Entre os profissionais, há onze categorias, conforme o pêso. Como os pesos foram oficializados em libras, a conversão em quilos dá **quebrados** de até duas gramas. É assim:

Môsca	até	50,802
Galo		53,524
Pena		57,126
Leve-júnior		58,967
Leve		61,235
Meio-médio-ligeiro		63,503
Meio-médio		66,678
Médio-ligeiro		69,853
Meio-pesado		79,378

Pesado acima de 79,378, sem limite.

Entre os amadores, não há o leve-júnior, mas há, em compensação, o môsca-mirim, cujo pêso vai até 48 quilos. Na pesagem dos amadores não se levam em conta as frações; o limite é arredondado para a unidade superior. Por exemplo, o pêso-galo profissional é até 53,524 quilos; no amador, vai até 54 quilos.

Cuidados médicos

Tôda reunião de boxe no Brasil tem de ser feita segundo os regulamentos da Confederação Brasileira de Pugilismo — CBP. Em cada Estado há uma federação de boxe, filiada à CPB.

Amador ou profissional, nenhum lutador sobe ao ringue sem o laudo de exame médico feito nesse dia, na hora da pesagem oficial. De seis em seis meses é submetido a exame clíncio rigoroso, com atenção especial ao sistema nervoso. Todo pugilista que sofre nocaute, abandona o combate ou é muito castigado, fica impedido de realizar outra luta por um mês. Se após trinta dias vai outra vez a nocaute, o prazo de inatividade passa a ser dois meses. Se ocorrer um terceiro nocaute seguido, ficará nove meses sem lutar, e a Federação resolve se será ou não cassado o seu registro de lutador.

Nenhuma luta de boxe se realiza oficialmente, no Brasil, sem a presença de um médico da Confederação Brasileira de Pugilismo.

Equipamento

No momento em que inicia uma luta, o boxador está usando o seguinte equipamento: calção de sêda, cetim, lã ou algodão; sapatilhas de sola lisa, sem pregos e sem salto; meias tipo soquete; um protetor de dentes feito de borracha; e a **coquilha,** uma espécie de maiô de couro para proteger os órgãos genitais. Antes de calçar as luvas, o pugilista envolve as mãos em uma **bandagem** — parece gaze — para não ferir os dedos. As luvas são feitas de couro macio e acolchoadas de crina animal ou vegetal, ou látex. O couro não pode ser rompido nem o acolchoamento endurecido ou fora de lugar. Nos treinos usam-se luvas mais pesadas, de até 12 onças (324 gramas). Os campeonatos oficiais, entretanto, realizam-se com luvas de 8 onças (228 gramas).

As pessoas

Cada lutador tem um técnico, que orienta seu treinamento. Pode, ou não, ter um **manager,** ou agente, para arranjar as lutas com os promotores ou empresários. O técnico e o **manager** têm direito a uma porcentagem da **bôlsa** do lutador, geralmente 33%, para dividir entre os dois. Tanto o técnico como o **manager** e o empresário precisam ter licença de habilitação da Confederação de Pugilismo.

Durante a luta, o boxador é atendido pelos seus **segundos.** Pode ter, um, dois, ou mais. O técnico também funciona como **segundo:** fornece-lhe instruções no intervalo dos **rounds.** Outro dá-lhe de beber, atira-lhe água no rosto para animar e abana a toalha.

Quando termina a luta

A luta entre amadores tem sempre três assaltos. Entre profissionais, o número varia de quatro a quinze. Um combate pode terminar das seguintes maneiras: a) nocaute; b) vitória por pontos; c) vitória por abandono; d) vitória por nocaute técnico; e) vitória por desclassificação; f) empate; e g) falta de decisão.

Nocaute: (knock-out: fora de combate) ocorre quando um dos lutadores, levando um golpe do adversário, permanece pelo espaço de dez segundos no chão, ou, mesmo de pé, semi-incosciente e sem condições de luta.

Vitória por pontos: quando a luta dura todos os assaltos previstos. Vence o lutador que tenha, segundo a maioria dos jurados (há quatro em cada luta), maior número de pontos. Se houver um nocaute duplo, será considerado vencedor, o pugilista que tiver, até aquêle momento, maior número de pontos.

Vitória por abandono: quando um dos pugilistas desiste. A decisão de abandonar a luta pode partir do próprio lutador ou do **segundo,** que tem competência para tanto: nesse caso, êle deve atirar no ringue uma toalha e automàticamente seu pupilo é considerado perdedor.

Vitória por nocaute técnico: quando o juiz suspende a luta porque um dos pugilistas sofreu alguma lesão que o impede de continuar, ou quando se encontra em evidente inferioridade, sofrendo pesado castigo. Também perde por nocaute técnico o pugilista que sofrer três quedas num mesmo **round.**

Vitória por desclassificação: o juiz pode desclassificar um dos lutadores por faltas graves (golpear com luva aberta, dar cabeçada, golpear abaixo da linha da cintura, simular ter recebido golpe proibido para ganhar tempo) e também por infração dos seus **segundos,** como entrar no ringue, contestar decisões do juiz, dar instruções durante a luta, etc.

Empate: ocorre quando, ao fim da luta, os lutadores tenham conseguido igual número de pontos; ou a diferença não seja maior do que um ponto nos combates de seis **rounds,** ou dois nos de oito **rounds.**

Falta de decisão: quando os dois lutadores são desclassificados; quando a luta é suspensa; ou quando o comportamento do público impede que a luta continue.

Carbex

pense nas lojas, extraindo, uma por uma, milhares de notas fiscais e suas cópias...
pense no mesmo texto datilografado dezenas de vêzes...
pense nos fabulosos gastos das emprêsas com aquisição de máquinas e contratação de mais funcionários...
pense no problema de acomodação para novas datilógrafas e novas máquinas...
pense no Govêrno, enfrentando o mesmo problema nas repartições públicas...
Bem, chega de pessimismo.
Pense em coisas boas. Pense em *Carbex* — o melhor carbono brasileiro.

V. sabe que os fabricantes de Carbex podem atender sòzinhos à demanda total de papel carbono do Brasil?

pense no que aconteceria se faltasse papel carbono...

Marcus Pereira Publicidade

Jordan

ALTON TOBEY

Quando em 1945 os alemães abriram seus arquivos, o historiador americano Alan Moorehead e sua equipe transferiram-se para Berlim e trabalharam incansàvelmente para completar a história da Revolução de 1917 na Rússia, com os novos fatos que os alemães lhes proporcionavam. Das pesquisas surgiu o mais completo relato da tomada do poder pelos comunistas. Agora, 50 anos depois de 17, REALIDADE resume o grande levantamento, para contar o que foi

A REVOLUÇÃO RUSSA

Texto de Mylton Severiano da Silva

Rússia, 1916: o inverno era terrível. O povo sofria fome e frio. Os camponeses viviam de legumes e nas cidades a população fazia fila noites inteiras para conseguir um pouco de pão. Os empregados públicos, comerciantes, políticos e nobres sentiam-se inseguros e perdiam as esperanças no tzar. No parlamento russo, deputados conservadores começavam a fazer discursos subversivos e não tardaria que o povo saísse às ruas exigindo melhores condições de vida.

Tôdas as peças da máquina governamental estavam gastas e o próprio tzar, Nicolau II, dava ordens absurdas aos ministros, enquanto seu Exército era destruído pelos alemães, na Primeira Grande Guerra.

Êsse o panorama na Rússia às vésperas da revolução de 1917.

Jamais tinha sido possível às esquerdas somar tantos fatôres favoráveis a uma sublevação. Mas a maioria de seus líderes — Lênin, Trotsky, Plekhanov, Axelrod, Martov, Dan — estavam desterrados ou se encontravam dispersos pela Europa.

No entanto, foi assim mesmo que tudo aconteceu: de modo imprevisto e desarticulado.

A Leningrado de 50 anos atrás chamava-se Petrogrado, cidade de mais de dois milhões de habitantes, capital de tôdas as Rússias. Como em todos os novembros, no de 1916 suas ruas se cobriram de neve e os termômetros marcaram muitos graus abaixo de zero. As águas do rio Neva estavam congeladas e sôbre elas os trabalhadores estendiam trilhos de bonde, em direção às ilhas. Ao longo do cais, os condutores trocavam suas carruagens por trenós, que deslizavam velozes, puxados a cavalo.

Apesar da guerra, o tzar continuava em seu palácio e a aristocracia passeava pelas embaixadas, freqüentava a ópera e ia à caça. Os elegantes corredores do Almirantado e do Palácio de Inverno estavam mais cheios que nunca. Os teatros davam espetáculos tôdas as noites, havia corridas no hipódromo de Semenovsky e a Bôlsa de Valôres se mantinha calma. Nobres recebiam diplomatas, diplomatas recebiam nobres — e nessas recepções desfilavam os personagens da velha monarquia russa: o porteiro do palácio, de casaca negra e gorro militar; o grão-duque carregado de medalhas; a duquesa de vestido decotado e cabeleira penteada em forma de ninho; o sacerdote ortodoxo com o chapéu cônico.

Quem visse a Petrogrado dos últimos dias de 1916 não adivinharia o menor indício de que o tzar, sua côrte e a vasta e complexa estrutura feudal, edificada pela monarquia russa durante mil anos, estavam prestes a desaparecer para sempre.

No tempo de Nicolau, o tzar

Pouco tempo antes, havia sido nomeado primeiro-ministro A. F. Trepov, um conservador medíocre. Porém pouco importava a todos, inclusive ao próprio Trepov, o que êle pudesse fazer ou não. O verdadeiro poder emanava, já havia muito, do Palácio de Tzarkoieselo, a 25 quilômetros de Petrogrado, de onde a figura misteriosa de um monge, Rasputin, dominava completamente a czarina, e através dela dava ordens ao tzar.

Apesar do infortúnio e da miséria, o povo russo tinha aprendido a ver no tzar a fonte de tôda autoridade, para o bem ou para o mal. E, em dezembro de 1916, a maioria dos súditos de Nicolau II ainda acreditava que sòmente êle os libertaria do caos que se avizinhava. O tzar, porém, participou dos acontecimentos mais ou menos da mesma maneira como chegou ao fim: ignorando o que se passava.

É difícil, hoje, compreender quão absoluto era o poder dos tzares em 1868, quando nasceu Nicolau. O tzar tomava posse de seu cargo de chefe de Estado como um pai toma a responsabilidade de cuidar de sua família. O direito divino dos reis era uma fé de todos os russos. O tzar e um grupo de nobres e burocratas governavam em exclusivo proveito de seus interêsses, consideravam os camponeses (95% da população) quase como animais e não estavam dispostos a renunciar a nenhum de seus privilégios.

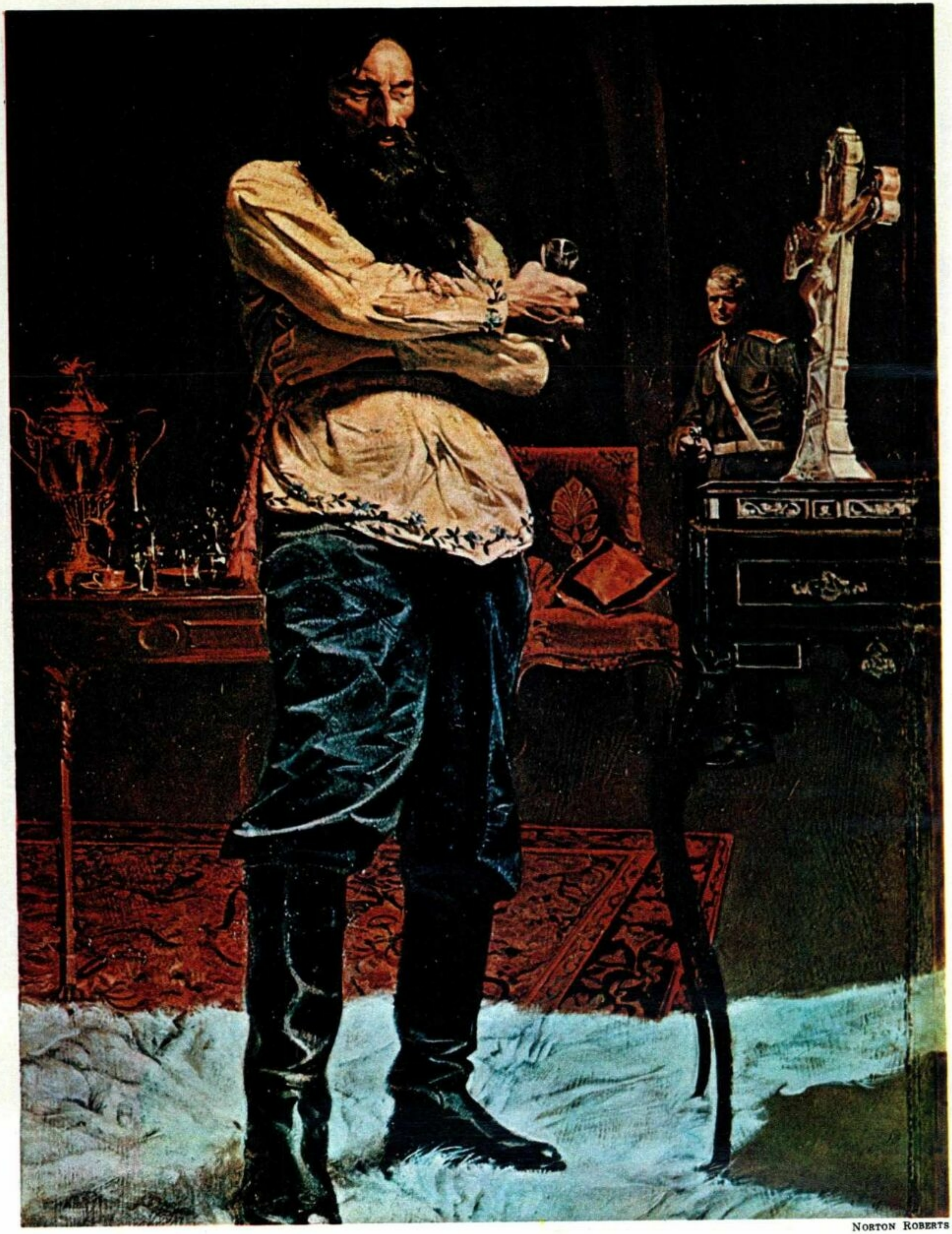
Quando Nicolau nasceu, fazia pouco mais de um século que Pedro, o Grande, havia organizado o Estado russo em forma de domínio privado, patrimônio da família Romanov. Abaixo da autoridade do tzar, havia três grandes instituições: a burocracia, o Exército e o Santo Sínodo. Na burocracia figuravam 10% da população masculina urbana. Ano a ano, segundo a habilidade e a sorte, o empregado público subia a escada de 14 categorias estabelecidas, cada uma com seu uniforme, vantagens e salários, até alcançar a aposentadoria com pensão fixa. Os camponeses eram governados pela Polícia, que obedecia às autoridades locais, que obedeciam ao governador, que obedecia ao ministro do Interior, que obedecia ao tzar. E, de seus atos, o tzar só prestava contas a Deus.

Não havia eleições nem parlamento. Os ministros eram indicados e destituídos pelo tzar. Não havia liberdade de palavra nem de imprensa. Os livros, revistas e jornais eram censurados.

Na época de Alexandre II, avô de Nicolau II, houve um breve período de transigência, em que algumas reformas foram feitas. Em 1861, contra a oposição de senhores da terra, funcionários públicos e cortesãos, o tzar libertou os escravos. Mas, embora nominalmente livres, os camponeses caíram sob o poder dos grandes proprietários e se viram mais oprimidos que antes. Continuaram então, como sempre, os levantes de camponeses, os atentados contra o tzar (em geral, atentados de direita) e as conspirações nas universidades.

Em 1880, Alexandre inquietou-se com o rumo dos fatos e mandou preparar uma constituição. O documento estava pronto para a publicação, quando, em 13 de março de 1881, um atentado cancelou tôdas as iniciativas de reformas em andamento. Alexandre voltava ao Palácio de Inverno, em sua carruagem, quando um jovem, Risakov, lançou a primeira bomba. Alguns cossacos da escolta ficaram feridos e Alexandre, ileso, saiu da carruagem para socorrê-los. Nesse instante, outro estudante, Ignacy Grinevitsky, lançou a segunda bomba. Gravemente ferido e inconsciente, o tzar foi levado ao palácio, para morrer pouco depois. Em seu quarto estavam Nicolau, que tinha 12 anos; seu pai, o futuro Alexandre III; sua mãe; a princesa Zhurzheska, mulher de Alexandre II, outros parentes, médicos e sacerdotes. Nove dos Romanov ali presentes, entre êles Nicolau, estavam também condenados a uma morte violenta. SEGUE

O Domingo Sangrento: dia 22 de janeiro de 1905, 200 mil trabalhadores, suas mulheres e crianças marchavam para o palácio do tzar, onde lhe pediriam uma assembléia constituinte e melhores condições de trabalho. Em pânico, as tropas abriram fogo contra a multidão: 500 pessoas morreram e milhares ficaram feridas.



NORTON ROBERTS

Nicolau tinha mêdo do poder

O trono passou ao pai de Nicolau, Alexandre III, homem contra todo e qualquer liberalismo. Era corpulento, severo e vigoroso, capaz de abrir uma ferradura com as mãos — segundo diziam. No entanto, não queria conquistar terras nem participar de intrigas internacionais. O nôvo tzar nem quis perder tempo em examinar a constituição pedida por seu pai: recusou-a enèrgicamente. E durante os anos seguintes, a Rússia — pelo menos aos olhos do tzar — parou no tempo.

O govêrno se enriquece

Mas, na verdade, muita coisa estava acontecendo. A economia nacional crescia. Por influência de Sérgio Witte, um ministro da Fazenda evoluído, a Rússia recebeu capitais estrangeiros e construiu uma série de indústrias nas principais cidades. Em 1891, começou a instalar a ferrovia Transiberiana, que uniria a China à Europa, abrindo mercados jamais imaginados. Witte contraiu empréstimo na França e declarou o monopólio da venda de vodca. O govêrno se enriquecia.

Outra figura importante na época foi Plehve, chefe da Polícia tzarista. Reforçou a censura da imprensa, suprimiu a autonomia universitária, ordenou a matança de judeus e fortaleceu a ditadura policial.

Durante três décadas, o govêrno de Alexandre III seguiu seu curso artificial, sem realizar grandes reformas, apesar da presença arejada de Witte no ministério. Foi nesse período que Nicolau cresceu e se educou.

De acôrdo com as normas estabelecidas em princípios do século 19, o futuro tzar vivia num mundo de parentes sem fim, criados, tutores, sacerdotes, uniformes e desfiles, férias na Criméia e caçadas nos bosques, visitas ao primo de Londres e ao tio de Berlim — tôdas atividades desligadas dos problemas do império que ia dirigir. Seu único contato com as atividades revolucionárias em andamento acontecia, uma vez ou outra, de modo violento. Em 1887, por exemplo, descobriu-se uma conspiração de estudantes para matar seu pai. Um dos cabeças era Alexandre Ulianov, que, junto com outros conspiradores, foi enforcado. Ulianov era o irmão mais velho de um rapaz de 17 anos, que a partir de então ia dedicar o resto de sua vida para demolir o sistema que os tzares representavam. O rapaz chamava-se Lênin.

O fato mais importante na vida de Nicolau talvez tenha sido sua paixão pela princesa Alix, do ducado de Hesse, que visitou Petrogrado em 1889. Alix, 17 anos, ruiva de olhos azuis, era tímida e romântica, e também se apaixonou por Nicolau. Tanto o Kaiser da Alemanha como a rainha Vitória da Grã-Bretanha viam o casamento com simpatia, e Alexandre III tinha sido vencido pelos pedidos de Nicolau. O único obstáculo era a diferença de religiões: Alix devia abandonar a fé protestante e abraçar a religião ortodoxa russa. Em abril de 1894, Alix finalmente cedeu. O matrimônio, porém, ia realizar-se muito mais cedo do que esperavam os noivos. No outono do mesmo ano, Alexandre III ficou gravemente enfermo e morreu em 1.º de novembro. Cinco semanas depois, os jovens se casaram. Nicolau tinha 26 anos; Alix, 22. Os novos soberanos da Rússia estavam preparados para amar-se, mas não para reinar.

Rasputin, um "monge" sem escrúpulos, dominava a tzarina, e através dela manobrava o tzar como queria. Sua maléfica influência era tanta, que resolveram matá-lo. Em dezembro de 1916, o príncipe Yusupov — visto ao fundo, pistola na mão — chamou Rasputin para uma conversa secreta, deu-lhe bebida e assassinou-o pelas costas.

Nicolau II tinha mêdo do poder que lhe caíra nas mãos. E a tzarina só queria duas coisas: estar ao lado do marido e dedicar-se à nova religião. Em seu lugar, nas recepções, aparecia sempre a imperatriz Maria, mãe de Nicolau. Logo, a nobreza passou a detestar a tzarina. E sua impopularidade se agravava por outro motivo. A Rússia precisava de um herdeiro, e ela só tinha tido filhas: Olga, Tatiana, Maria e Anastácia.

Em 12 de agôsto de 1904, afinal, nasceu um menino, Alexis Nicolaievitch, que foi anunciado por tôda a Rússia com o repicar dos sinos. Mas o pequeno Alexis trouxe uma alegria muito breve. Nascera com hemofilia, uma incapacidade do sangue de coagular, de tal modo que qualquer ferimento — mesmo leve — pode matar o doente. Os médicos lhe deram, no máximo, 18 anos de vida.

Os primeiros dez anos do reinado de Nicolau II foram uma seqüência de fugas aos problemas do govêrno. Homem débil e sem energia, tinha horror a qualquer discussão ou pressão.

Nos primeiros anos do século 20, Witte caiu do ministério, derrubado por Plehve. Milhares de operários — líderes de greves e de protestos populares — e de camponeses — chefes de motins no campo — foram mortos pela Polícia ou desterrados na Sibéria. Os massacres de judeus se sucediam. As fôrças revolucionárias de esquerda se retiraram então para a clandestinidade. Mas foi por pouco tempo.

Guerra Russo-Japonêsa

Ao contrário de seu pai, Nicolau tinha planos de conquistas, e o Extremo-Oriente parecia uma região frágil. A ferrovia Transiberiana tinha transformado a Manchúria em protetorado russo, e agora Nicolau queria dominar a península coreana, onde havia riquezas minerais e madeira. A manobra irritou os japonêses, que protestaram. E em meados de 1903 os dois países se preparavam para a guerra. Foi a última expedição da dinastia Romanov. E talvez a mais desastrosa.

Plehve e os comerciantes que explorariam as minas e a madeira coreanas eram pela guerra; Witte e o Ministério de Relações Exteriores eram contra. Quando souberam que Witte havia sido destituído, os japonêses não tiveram dúvida das intenções do tzar. E tal como fariam 37 anos depois, em Pearl Harbour, contra os americanos, atacaram sem aviso prévio o pôrto de Chemulpo (hoje Inchon) no mar Amarelo.

Durante 18 meses de guerra, a Rússia caminhou para a derrota total, de desastre em desastre, até que em setembro de 1905, com a mediação do presidente americano Teodoro Roosevelt, ambas as partes firmaram um tratado. O documento não era tão desfavorável à Rússia, mas Nicolau fôra derrotado. Perdera prestígio, milhares de homens tinham sido mortos, navios danificados e, acima de tudo, haviam sido criadas as condições para uma revolução — multidões de camponeses e trabalhadores saíram às ruas e a Rússia viu pela primeira vez os revolucionários que 12 anos depois provocariam a maior transformação político-social dêste século.

O desenvolvimento revolucionário russo é um fenômeno complexo. Para compreendê-lo, além das condições subhumanas em que viveu seu povo durante séculos, é preciso ter em mente as dimensões físicas do país: estepes imensas, castigadas por longos e sombrios invernos, ou por períodos de intenso calor. A Rússia em que se criou Nicolau II possuía uma rica **fauna** de fanáticos, desde os mais inofensivos devotos das seitas menores, que acreditavam na salvação do homem através de uma dieta diária de leite, até os perigosos adeptos de religiões estranhas, em cujos cultos entravam orgias sexuais, bebidas, torturas e mesmo o suicídio coletivo. Em meio a êste atraso cultural, as revoltas irrompiam sem líderes — meras explosões de fúria coletiva. Nas cidades, sim, havia intelectuais agindo, mas através de debates ideológicos, raramente com atos isolados de terrorismo.

O primeiro movimento mais ou menos planejado, ainda no século 19, foi o Levante Dezembrista de 1825, que fracassou e levou 120 revoltosos à fôrca ou ao destêrro. Nos 20 anos seguintes, durante o reinado de Nicolau I, houve 556 revoltas de camponeses (mais de duas por mês), e o movimento revolucionário intelectual começou a tomar impulso.

Entre 1850 e 1860 surgiram o niilismo, que pregava a destruição de tôda autoridade constituída; e o movimento Narodnik, origem de um dos grandes partidos russos de esquerda: o Social Revolucionário. Enquanto isso, intelectuais, camponeses e operários iam treinando sem cessar tôda sorte de terrorismo — atentados, incêndios, explosões. Faltavam porém, à nova **religião,** sistema, ritos e **igrejas.** Em 1883, ano em que Marx morreu em Londres, esta situação iria chegar ao fim, com o aparecimento de Georgi Valentinovitch Plekhanov, fundador do movimento marxista russo e seu dirigente durante 20 anos.

Segundo Plekhanov, seria necessário que a Rússia se industrializasse e formasse uma classe proletária, antes que fôsse possível derrubar o tzarismo. Assim surgiu a primeira controvérsia no movimento: os membros do Narodnik achavam possível passar diretamente das estruturas feudais ao socialismo.

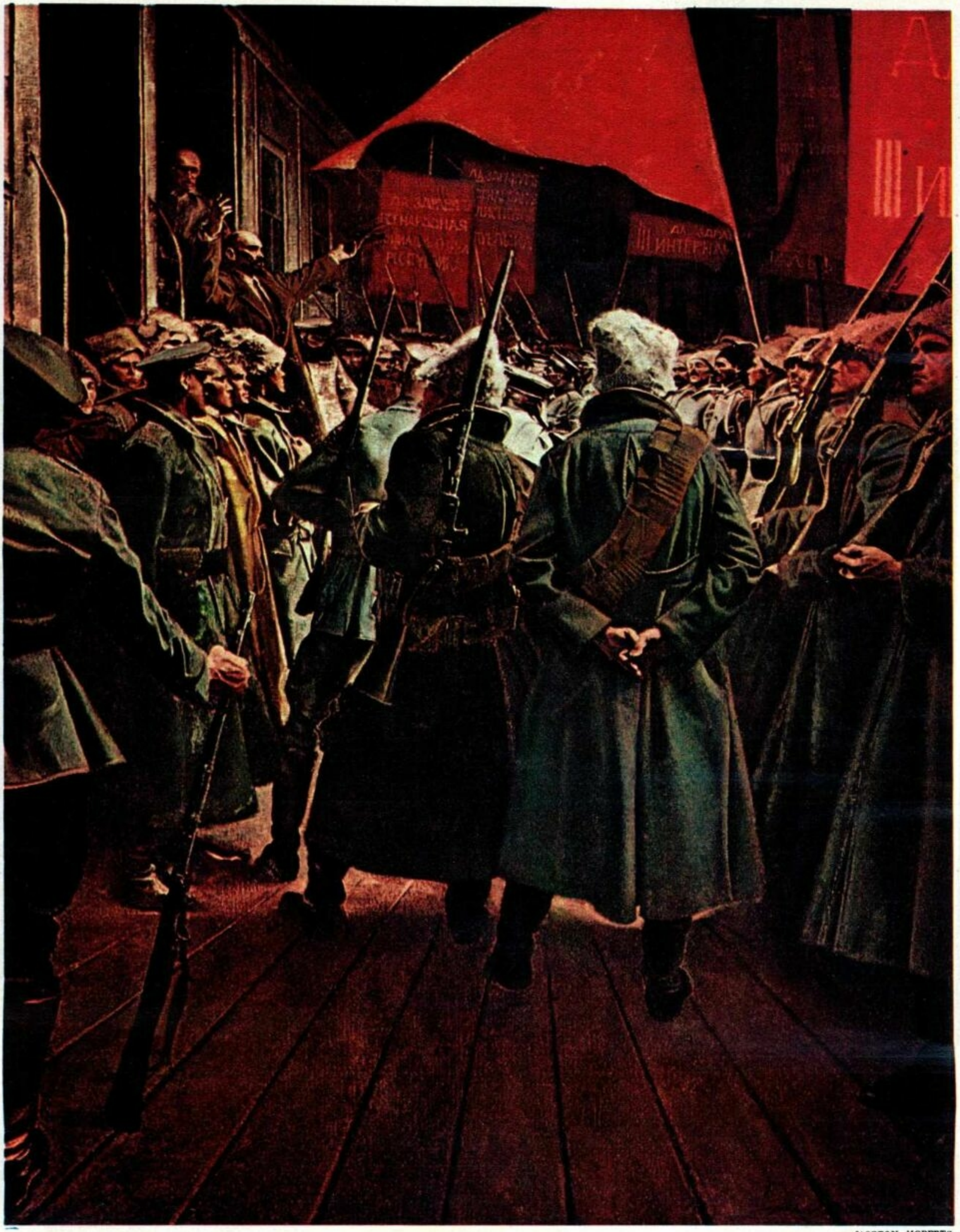
Preocupado em pôr ordem nas obras dispersas do seu partido, chamado Social Democrático, Plekhanov organizou um congresso que se realizou em Bruxelas, em 1903. Neste ano aparece em cena Vladimir Ulianov, conhecido no mundo secreto do movimento por um só nome: Lênin.

Baixo e magro, calvo antes dos 30 anos, barba entre avermelhada e grisalha, sempre mal vestido, Lênin à primeira vista parecia mais um comerciante pobre do interior que dirigente de homens. Era simples e disciplinado, jamais bebia, gostava de xadrez e música, às vêzes de esportes, como a patinação e a caça. Mas não demorou a renunciar a todo e qualquer passatempo: "Prejudicam meu trabalho", dizia.

Vladimir Ilich Ulianov nasceu em 1870, em Simbirsk, pequena cidade do Volga, hoje chamada Ulianovsk. Seu pai era professor de Física e Matemática, sua mãe era de origem alemã. A infância de Vladimir foi feliz. Seu pai chegou a superintendente de escolas e, na escala do funcionalismo, mereceu o tratamento de excelência.

Os Ulianov eram seis irmãos estudiosos. Jamais receberam ensinamentos revolucionários, tinham pais tranqüilos e conservadores. Mas os acontecimentos de 1887 mudaram o curso daquelas vidas.

SEGUE



NORTON ROBERTS

Lênin entra em cena

Alexandre, o mais velho dos irmãos, estudava em Petrogrado e participou da conspiração para matar o tzar Alexandre III. Tinha 21 anos ao ser prêso e condenado a morrer na fôrca. Vladimir, que acabara de completar 17 anos, ficou profundamente comovido com os acontecimentos. Um ano antes, seu pai morrera doente. Sua mãe, viúva, viajou sòzinha a Petrogrado para pedir clemência, que lhe foi negada. Ao voltar a Simbirsk, sentiu na pequena comunidade reprovação e hostilidade. A partir daí, Vladimir marcharia resoluto e inflexível no caminho da revolução com o nome de Lênin.

Em 1891 diplomou-se em Direito na Universidade de Petrogrado, com exames brilhantes. Em 1893, conheceu Krupskaia, que viria a ser sua mulher. Ambos eram membros do Partido Social Democrático e discípulos de Plekhanov. Êle tinha 24 anos, ela 26. Amavam-se profundamente.

Em 1895, doente dos pulmões, Lênin saiu do país e aproveitou para manter muitos contatos com exilados na França, Alemanha e Suíça. Conheceu Plekhanov, Pavel Axelrod e Vera Zasulich, em Genebra. Em outubro dêsse ano, voltou ao mundo anônimo da revolução, em seu país.

Lênin desterrado na Sibéria

Começa então, na vida de Lênin, um período de agitação que êle manteria até quase o ano de sua morte. Organizou sindicatos, greves, jornais, e em três meses apenas era prêso e condenado ao destêrro na Sibéria, aonde chegaria em abril de 1897. Durante três anos, iria ficar caçando, estudando e trabalhando. Traduziu a **Teoria e Prática do Sindicalismo,** de Sidney e Beatrice Webb; e escreveu sua primeira obra importante: **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia.** Em maio de 1898 recebeu Krupskaia, que tinha sido prêsa em Petrogrado e também condenada a três anos de destêrro na Sibéria. Poucos meses depois se casaram. Em fevereiro de 1900, a pena de Lênin terminou, mas restava um ano a Krupskaia. Separaram-se, e Lênin, cheio de energia, recomeçou seus trabalhos. Fundou um jornal, **Iskra** (A Centelha), e em julho encontrou-se novamente com Plekhanov, Axelrod e Zasulich em Genebra. Depois de algumas divergências, o grupo chegou a um acôrdo: o **Iskra** seria lançado sob a direção de Plekhanov, Zasulich e Axelrod (representando a velha guarda do marxismo russo); e Lênin, Martov e outros (representando a opinião do grupo jovem). Pouco depois, Krupskaia chegava do destêrro e entrava para a emprêsa, como secretária. O jornal era impresso na Alemanha e entrava na Rússia clandestinamente. Logo seus redatores se fizeram famosos entre os revolucionários, Lênin principalmente.

E foi êste Lênin, de 33 anos, já tido como fonte de idéias novas e guia da revolução em marcha, que chegou a Bruxelas em 1903, para o congresso do Partido Social Democrático. Como Plekhanov, êle sabia que ali se decidiriam rumos importantes e vinha disposto a fazer valer sua orientação. Em julho de 1903, 60 delegados presentes, a reunião começou num depósito de farinha. Em agôsto, a Polícia belga obrigou um grupo de delegados a retirar-se do país em 24 horas, e o congresso continuou em Londres, de 11 a 23 daquele mês. A divergência principal, como supunha Lênin, era sôbre a maneira de atuar na revolução. Lênin queria que o movimento fôsse organizado e dirigido por um grupo de chefes profissionais, dedicados voluntàriamente à causa — como sacerdotes consagrados à sua fé. A velha guarda queria um partido em que todos participassem. Como não conseguisse ganhar a adesão de todos, Lênin dividiu o partido, conferenciou pessoalmente com todos os indecisos e terminou irritando um grupo de delegados alemães, que se retirou do congresso. Assim, êle finalmente obteve uma maioria de dois votos. Foi nesse instante que Lênin e seus adeptos passaram a chamar-se **bolcheviques** (em russo, a **maioria),** e os outros, **mencheviques (minoria).**

Da velha guarda, apenas Plekhanov figurava no nôvo corpo de redatores de **Iskra,** que também dirigiria o comitê central do partido na Rússia. Os outros dois eram Lênin e Martov. Pouco depois, a união conseguida por Lênin se desvaneceria: Trotsky, que êle conhecera em 1902, em Londres, afastou-se para a ala menchevique; Martov desistiu do cargo; Plekhanov exigiu a volta de Axelrod e Zarsulich.

Lênin retirou-se com Krupskaia para a Suíça quando começava a guerra russo-japonêsa, em 1904. Ao que parece, êle teria recebido dinheiro dos japonêses, que estavam muito interessados em provocar uma revolução na Rússia. Mas o papel desempenhado por Lênin é impreciso, nesta época. Em dezembro de 1904, fundou um nôvo jornal, **Vpered** (Avante), que logo deixou o **Iskra** para trás e arrastou numerosos revolucionários para o grupo de Lênin. O **Vpered** se preparava para uma campanha de dividir o partido Social Democrático, quando uma grave crise explodiu na Rússia. A guerra contra o Japão precipitara a revolução.

Um padre da igreja ortodoxa, Jorge Gapony, de 32 anos, verdadeiro líder popular, saiu às ruas à frente dos trabalhadores, reclamando jornada de 8 horas (a média era de 10 horas e meia) e melhores condições de vida. Em começos de janeiro de 1905, os metalúrgicos de Petrogrado, cujo sindicato era também orientado pelo padre Gapony, entrou em greve. Como nenhuma das medidas desse resultado, Gapony escreveu ao tzar uma petição, marcando uma reunião no próprio palácio real, junto com os trabalhadores. Nicolau, entretanto, retirou-se da cidade e, no dia marcado, 22 de janeiro, cêrca de 200 mil homens, mulheres e crianças, reuniram-se nas ruas, chefiados por Gapony, carregando imagens de santos e retratos do tzar. Marchando em direção ao palácio, cantavam **Deus Salve o Tzar,** enquanto Gapony segurava nas mãos a petição que entregaria a Nicolau, pedindo jornada menor e salário mínimo equivalente a 36 mil cruzeiros. Ao ver a multidão aproximar-se, a guarda do palácio abriu fogo, em pânico, de uma distância de 20 metros. Houve mais de 500 mortos e milhares de feridos.

Depois dêste **Domingo Sangrento,** aumentaram as greves, os comícios e os atentados. Num ano, mais de 1.500 funcionários do govêrno tinham sido assassinados, entre êles o próprio duque Sérgio Alexandrovitch, tio do tzar. Gapony fugiu para a Finlândia e depois para a Suíça onde tentou convencer os revolucionários exilados a unirem-se e liderar um levante de tôda a Rússia.

Apenas Trotsky partiu para Petrogrado e passou a agir. Porém a crise tinha esfriado, êle foi perseguido e também refugiou-se na Finlândia.

Em maio de 1905, uma derrota naval da Rússia — na guerra contra o Japão — reacendeu a crise. Os marinheiros do encouraçado **Potenkim** se amotinaram, houve levantes na Polônia, nos Estados bálticos e no Cáucaso. A Rússia era varrida por uma onda de motins, pilhagens e incêndios. Em setembro, quando se firmou a paz humilhante com os japonêses, os distúrbios começaram nas cidades. Greves paralisaram Moscou e Petrogrado. Os exilados começaram a agir então. Lênin enviava instruções, Trotsky regressou à Rússia e formou o primeiro **soviet** (conselho) de operários, que serviria de modêlo cêrca de 12 anos depois.

Em Moscou, Paul Milvukov, historiador, e Dimitri Shipov fundaram o Partido Democrático Constitucional, cuja abreviatura em russo forma a palavra Cadetes. Seus membros eram liberais, que queriam estabelecer uma democracia sob o modêlo britânico.

O tzar, pressionado de todos os lados, teve de ceder. E, sob a orientação de Witte, seu ex-ministro da Fazenda, divulgou o Manifesto de Outubro, que continha a primeira constituição da história russa. Era um documento débil, mas sob seu impacto cessaram as greves e os Cadetes retiraram o apoio que tinham dado ao **soviet** de Petrogrado. Trotsky, entretanto, já tinha ordenado ao povo que recusasse pagar os impostos e que iniciasse uma corrida aos bancos. Teve êxito, e o govêrno precisou transigir por mais algum tempo.

Só então Lênin e Krupskaia resolveram voltar do estrangeiro. Mas era tarde. O povo cansara-se das agitações, Trotsky estava prêso e o **soviet** fôra dissolvido. Lênin por pouco escapou, o padre Gapony foi assassinado na própria Finlândia. E Trotsky recebeu sua condenação: destêrro perpétuo na Sibéria. O movimento revolucionário de 1905 tinha sido, apenas, um ensaio geral para os acontecimentos que estavam por vir, em 1917.

Nicolau, superada a crise, voltou atrás em tôdas as concessões e decidiu consolidar o poder que quase lhe haviam retirado pela violência.

O império volta à calma

A partir de 1906, o prestígio do govêrno começou a subir, e o do movimento revolucionário a descer. O nível máximo de popularidade daquele coincidiu com o nível mínimo dêste, 1909, durante a gestão do primeiro ministro Pedro Stolypin, um dos políticos mais notáveis da Rússia tzarista. Stolypin iniciou uma reforma agrária de bons resultados que, ao lado de outras medidas, manteve o império tranqüilo por algum tempo.

No período de ascensão do prestígio governamental (1906-1909), havia um problema para o tzar: a **Duma,** primeiro parlamento russo. Nunca uma esperança tão grande de um povo foi sabotada e combatida como aquela assembléia de deputados que se reuniu pela primeira vez em maio de 1906, no Palácio Táuride, Petrogrado. Tinha inimigos por tôda parte: o tzar e a nobreza; os partidos revolucionários; a burocracia. Sem fôrça para agir, seus membros não tinham outra coisa a fazer senão pronunciar violentos discursos contra o tzar. SEGUE

Lênin chega a Petrogrado em 16 de abril de 1917. A revolução bolchevique estava triunfando e a recepção que lhe deram foi brilhante. Êle ouviu os discursos de boas-vindas, os aplausos dos soldados e trabalhadores, e saudou-os em poucas palavras. Antes dêle, já haviam chegado outros revolucionários, como Stálin e Kamenev.

Rasputin é morto; o golpe não tarda

Daí a dois meses, no dia 22 de julho, quando os deputados chegaram ao Palácio Táuride para uma reunião de rotina, encontraram-no fechado e cercado de soldados. O tzar mandara dissolver o parlamento.

E durante dez anos êste desastroso ensaio democrático dos russos não passaria de uma farsa.

Em 1910, quando o primeiro-ministro Stolypin se preparava para novas medidas, a oposição contra êle cresceu, porque passava a partir da própria tzarina. Desde o nascimento de seu filho, em 1904, ela vivia no Palácio de Tzarkoieselo, perto da capital, onde tôdas as crianças da família imperial cresciam alheias ao que acontecia na Rússia. Poucos amigos íntimos podiam visitá-los. E o mais importante dêles era Rasputin, a causa direta do ódio que a tzarina sentia agora por Stolypin.

Gregório Efimovichi Rasputin tem sido descrito de tantos modos, que hoje é quase impossível estabelecer que espécie de homem era. De qualquer maneira, teria sido mau, desasseado e glutão, blasfemo e lascivo. Tinha três anos menos que Nicolau e um menos que Lênin. Nascera numa aldeiola siberiana e, depois de vagar sem rumo por tôda a Rússia, apareceu em Petrogrado aos 30 anos, andrajoso, barbudo, cabeleira revôlta e olhar hipnótico. Esta figura impressionou alguns nobres, que o apresentaram na côrte, onde empolgou imediatamente o casal de imperadores. Rasputin exercia estranhos poderes sôbre o menino doentio que era Alexis Nicolaevitch. Bastava que o monge pusesse os olhos nos seus, e a criança se acalmava e dormia.

Isto fêz com que a tzarina se transformasse em joguete, fanático e obediente, de Rasputin. Em pouco tempo, sua influência se estendeu à política.

Stolypin compreendeu o que acontecia e ordenou a Rasputin que abandonasse Petrogrado, no verão de 1911. Mas não chegou a executar a medida: Stolypin foi assassinado a 14 de setembro dêsse ano. Daí em diante, a queda de prestígio do tzar foi vertical, como foi vertical a ascensão do movimento revolucionário. No entanto, Nicolau chegou a 1914 — início da Primeira Guerra e 20.º aniversário de sua subida ao trono — com a mesma e inocente fé no direito divino dos reis. Para êle, era como se Lênin e outros revolucionários não existissem.

Na verdade, a influência de Lênin tinha diminuído, desde o congresso realizado pelo Partido Social Democrático na primavera de 1906, em Estocolmo, onde os mencheviques apareceram como grupo mais poderoso que os bolcheviques. Nesse congresso, Lênin ficou com a direção de um "departamento técnico militar", que cuidaria da defesa do movimento contra os direitistas militantes e a polícia secreta. Em pouco tempo, Lênin tinha estendido uma rêde de agentes bolcheviques por tôda a Rússia. Fundara também outro jornal. o **Proletarii,** que tinha 30 mil assinantes fixos.

Em 1912, após vários anos percorrendo a Europa, em busca de apoio para suas teses, Lênin estava de nôvo na vanguarda do partido. Conseguiu provocar várias greves, até que, em 1.º de agôsto 1914, começou a guerra.

Mas o Exército russo, comandado pelo grão-duque Nicolau, tio do tzar, começou cometendo erros. Com uma frente de 885 quilômetros para defender, atacou de saída, quando só um têrço de suas tropas havia tomado posição. Cinco meses depois, os alemães tinham-lhe impôsto três derrotas desastrosas. Em janeiro de 1915, o Exército do tzar estava arrasado, física e moralmente. No entanto, a tzarina não perdera a fé. A Rússia devia ser salva. Só Nicolau poderia fazê-lo. E só Rasputin poderia indicar-lhe o caminho. Em setembro de 1915, Nicolau seguiu o conselho do monge e foi para a linha de frente. Em Petrogrado, o povo adivinhava o que

O motim do encouraçado Potemkin, em 1905: tudo começou porque foi servida carne podre aos marinheiros. Trinta dêles recusaram-se, a qualquer preço, a tomar a sopa de carne estragada. A oficialidade mandou cobri-los com um pano e fuzilá-los. Aí a rebelião se alastrou. Em minutos, a maioria dos oficiais era morta a tiros e lançada no mar.

ALTON TOBEY

ia acontecer: Alix e Rasputin tomariam conta do govêrno.

Onze dias depois, a Duma foi dissolvida, houve uma série de mudanças administrativas, destituições e intrigas. Em dezembro de 1916, a confusão e a desesperança culminaram com o assassinato de Rasputin.

A 1.290 quilômetros de distância, repercutiu muito a morte dêste personagem: em Berlim, o kaiser entreviu a oportunidade de tirar a Rússia da guerra. Fazia anos que a Alemanha acompanhava o movimento revolucionário antitzarista — hoje se sabe, graças à descoberta dos chamados "arquivos da Wilhelmstrasse", na Chancelaria de Berlim.

Quando a Rússia se colocou ao lado da Inglaterra e França, na Primeira Guerra, a Alemanha resolveu ajudar a revolução russa, com duas táticas: promover movimentos de independência no Cáucaso, Ucrânia, Polônia e Finlândia; e dar apoio aos revolucionários russos.

Para executar êste último plano, os alemães serviram-se de Alexandre Helphand, conhecido como Parvus, revolucionário russo-germânico de grande talento para as finanças, que tinha sido companheiro de Trostky no **soviet** de Petrogrado, em 1905. Em janeiro de 1915, Parvus foi chamado a Berlim, onde expôs suas idéias. Petrogrado deveria ser o quartel-general da revolução, e a agitação política deveria concentrar-se nas três grandes fábricas de Obujov, Putilov e Báltico. Seriam impressos mapas de Petrogrado, a serem entregues aos trabalhadores — junto com armas e munições — para que ocupassem os pontos estratégicos no momento oportuno. A direção do movimento seria entregue apenas ao partido Social Democrático e a revolução seria financiada pela Alemanha. Expostos os detalhes secundários do plano, Parvus acenou com a inevitável abdicação do tzar e a formação de um govêrno que assinaria a paz com a Alemanha.

Impressionados com a precisão do plano, os alemães entregaram, de início, um milhão de marcos a Parvus. Seu primeiro trabalho, organizar os exilados, foi difícil. Estavam divididos por questões ideológicas. Mas em seguida, Parvus contou com ajuda de um político socialista da Estônia, Alexandre Keskuela, que queria emancipar seu país da Rússia.

Keskuela encontrou-se com Lênin pela primeira vez em março de 1915, e achou-o meio desconfiado quanto à possibilidade de êxito do plano de Parvus. Além do mais, recusava-se a trabalhar para os alemães. O plano de Lênin, que expôs a Keskuela, era: derrota da Rússia na guerra, primeiro; depois, revolução mundial. Porém, mais tarde, parece que ambos chegaram a um acôrdo, e o mais seguro é que tenham falado em têrmos de dinheiro também. Na verdade, Lênin tinha motivos para esperar, assim como os mencheviques.

No segundo semestre de 1916, os alemães receberam informes perturbadores: caso houvesse uma revolução, o nôvo govêrno poderia cair nas mãos dos socialistas, ou dos liberais, que estavam dispostos a continuar na guerra. A ajuda aos revolucionários começou a diminuir, e em Berlim se planejou negociar diretamente com o tzar. A situação era esta, quando, em princípios de 1917, chegou a notícia da morte de Rasputin. Todos, conspiradores alemães e revolucionários russos, ficaram à espera do que iria acontecer. Mas não houve nada. Nicolau e a imperatriz se propunham a continuar a mesma política.

O povo perdera as esperanças de ganhar a guerra, passava fome e frio. O pão estava racionado e milhares de pessoas se aglomeravam diante das padarias. Em 12 de janeiro, o embaixador britânico, Buchanan, levou ao tzar a ansiedade com que seu govêrno esperava uma solução para a grave crise. Nicolau recebeu-o com uma frase que ficou célebre:

SEGUE

Um velho império fica sem seu tzar

— O senhor me diz que devo merecer a confiança de meu povo. Não seria mais próprio dizer que é meu povo que deve merecer minha confiança?

Nicolau tinha decidido voltar a seu quartel-general, na linha de frente. E partiu para lá, em 8 de março de 1917. Nesse dia começou a revolução russa.

O povo vai para a rua

Nada de extraordinário. Nem raios, nem trovões anunciaram o caos. Porém é espantoso como de repente apareceram aquêles corpos estendidos no meio das ruas. E como todo o povo saiu às ruas, gritando e, depois, encorajado pela fôrça de seu próprio pêso, saqueando lojas e destruindo todos os símbolos do poder que os escravizara tantos anos, carruagens, palácios, tribunais, fortalezas e arsenais.

A atitude dos soldados foi decisiva. Antigamente, êles sempre estiveram dispostos a disparar contra a multidão. Mas agora era diferente. Agentes socialistas haviam realizado entre êles um prolongado trabalho de agitação. A guarnição de Petrogrado — 160 mil homens armados de fuzis, metralhadoras, carros blindados e artilharia — unira-se aos trabalhadores amotinados naqueles dias de março, formando uma fôrça capaz de destruir a dinastia Romanov.

No dia 9 de março, após uma semana de agitações, greves e passeatas o govêrno sentiu que não se tratava de mais uma manifestação comum. Todos os operários de Petrogrado entraram em greve geral, a uma simples ordem do Mezhrayonka, agrupamento de intelectuais que tentavam conciliar mencheviques com bolcheviques. Além disso, e o que era mais grave para o govêrno, os cossacos não obedeceram à ordem de disparar contra a multidão. Imediatamente, os ministros se comunicaram com o tzar, pedindo que voltasse para negociar a formação de um govêrno popular. Na noite de 10 de março, Nicolau respondia: "Ordeno que amanhã se ponha fim às desordens na Capital."

Domingo, 11 de março, milhares de pessoas fizeram novas manifestações. Soldados do regimento Volynsky, à ordem de disparar, atiraram para o ar. À tarde, houve novas agitações, e desta vez os fuzis foram apontados para a multidão. Morreram 60 pessoas. Então o povo perdeu a paciência. Atacou delegacias, invadiu lojas e destruiu documentos dos tribunais. À noite havia incêndios por tôda a cidade.

Os soldados do regimento Volynsky estavam surpresos e arrependidos: uma coisa era atirar contra alemães armados, outra assassinar sua própria gente. Realizaram uma assembléia durante a madrugada e decidiram juntar-se aos regimentos Preobrazhensky e Litvosky, já ao lado da revolução.

Enquanto isso, a Duma tinha se transformado no centro dos acontecimentos. Depois de quatro dias de incertezas, os deputados formaram o Comitê da Emergência da Duma, encabeçado pelos Cadetes (Partido Democrático Constitucional). Êste comitê começou a atuar como nôvo govêrno russo.

Mas os socialistas também já tinham organizado seu comitê de emergência, tal e qual aquêle **soviet** de 1905. Em sua formação entraram socialistas, soldados da guarnição amotinada e populares. Êsse **soviet,** reunido em 12 de março, formou um Comitê Executivo (Comex), que se transformou na verdadeira fonte de poder dos revolucionários, assim como a fonte de poder da Duma foi o Comitê de Emergência. Na direção do Comex predominavam, de início, os mencheviques.

Enquanto êsses dois grupos coexistiram, trabalharam um contra o outro. Mas nenhum ousava dispensar a presença do outro. Entre ambos, funcionava como agente de ligação um membro do Comex, o ex-deputado da Duma, Alexandre Kerensky.

Era preciso formar um govêrno. Os Cadetes do Comitê de Emergência, ainda que concordassem com a abdicação do tzar, queriam continuar com a monarquia. E enviaram uma comissão para falar com Nicolau, sem consultar o Comex. Tôda a família imperial — por ordem do govêrno provisório — encontrava-se num trem, detido em Pskov, fora de Petrogrado. Nicolau sugeriu que o grão-duque Miguel o sucedesse no trono. Voltando a Petrogrado, a comissão encontrou a cidade tranqüila, mas a decisão dos membros do Comex era firme. Além da abdicação do tzar, era preciso proclamar a república. Os cadetes tiveram de ceder e expuseram a situação ao grão-duque Miguel, que concordou em abdicar. Pela primeira vez em mais de 300 anos, a Rússia estava sem tzar.

Então, chegaram as notícias de outras regiões do país. Moscou e outras cidades importantes já tinham formado seus **soviets.**

A volta de Lênin

Nesse preciso instante, começaram a chegar os revolucionários bolcheviques — Stálin, Kamenev e, depois, Lênin. Os dois primeiros, arrastando consigo outros bolcheviques de menor expressão, pràticamente tomaram conta do Comex.

Lênin chegou a 16 de abril, por trem, e a recepção foi brilhante. Depois de ouvir o discurso de boas-vindas do dirigente do Comex, Chkheidze (menchevique), que convocou os bolcheviques à união, Lênin deu uma célebre resposta:

"Queridos camaradas, soldados, marinheiros e trabalhadores. Estou feliz ao saudar em vocês a revolução russa vitoriosa, a vanguarda do exército mundial do proletariado. A devastadora guerra imperialista é o comêço da guerra civil em tôda a Europa. Já amanhece a revolução socialista mundial. A Alemanha está em ebulição. E um dia, que não está longe, tôda a armação do capitalismo europeu ruirá. A revolução realizada por vocês na Rússia abriu o caminho e inicia uma nova era. Viva a revolução socialista mundial!"

Alguns chefes revolucionários esperavam que Lênin se compenetrasse agora da situação. O povo de Petrogrado havia feito uma revolução enquanto êle estivera a salvo na Suíça. Mas Lênin não ficou em silêncio. Menos de 24 horas depois de sua chegada, apresentou-se no setor bolchevique do Congresso dos Soviets de Tôdas as Rússias e pronunciou uma conferência que se tornaria conhecida com o nome de **Tese de Abril.** Em síntese, a tese de Lênin era: "todo o poder aos **soviets."** O govêrno provisório devia ser substituído por uma república; o sistema bancário capitalista seria demolido e em seu lugar se colocaria um banco do Estado; tôda produção estaria sob contrôle do Estado; a terra seria nacionalizada; seriam abolidos o Exército, a burocracia e a Polícia; na frente de batalha, se confraternizassem com os alemães, abrindo assim caminho para a revolução na Alemanha, como no mundo inteiro.

O programa foi recebido com hostilidade e em seguida circulou por Petrogrado a notícia de que Lênin fôra desacreditado pelos bolcheviques. Mas Lênin não desistia tão fácil, e numa situação em que todos — partidos e homens — se arrastavam ora para um lado, ora para outro, apenas êle mantinha uma linha de conduta irremovível. E ao povo fascinava, mais do que qualquer outra coisa, destruir até os últimos vestígios o passado tzarista.

Trotsky, que havia embarcado para a América em janeiro, chegou em maio, dia 17. Tinha um grande **nome** no movimento revolucionário e foi logo nomeado conselheiro do Comex. Por sua importância dentro do **soviet,** foi sem dúvida o maior aliado que Lênin conquistou naquela época.

Duas crises dominaram o panorama político de Petrogrado no verão de 1917. Em julho, aproveitando uma série de greves e manifestações militares, os bolcheviques tentaram tomar o poder na Capital, mas fracassaram. Lênin quase foi prêso e fugiu para a Finlândia. Em setembro, os moderados e direitistas também tentaram tomar o poder, em vão. Neste segundo golpe, estava comprometido Kerensky, que havia sido nomeado primeiro-ministro após a tentativa bolchevique de julho. A reação contra Kerensky e os direitistas foi muito maior, em tôda a Rússia, que contra contra os bolcheviques.

Trotsky, Kamenev e outros, postos em liberdade, entraram na luta sem demora. Dia 8 de outubro, os bolcheviques eram maioria no **presidium** (comitê que controlava os debates) e Trotsky foi eleito presidente.

Os comunistas no poder

Em 23 de outubro, Lênin entrou secretamente na cidade e participou de uma reunião do comitê central bolchevique, onde defendeu a tese de uma revolução imediata, que foi aprovada. Poucos dias mais tarde, Trotsky enviava uma ordem à fábrica Sestrorestsk, para que entregasse 5 mil fuzis aos bolcheviques. A ordem foi cumprida.

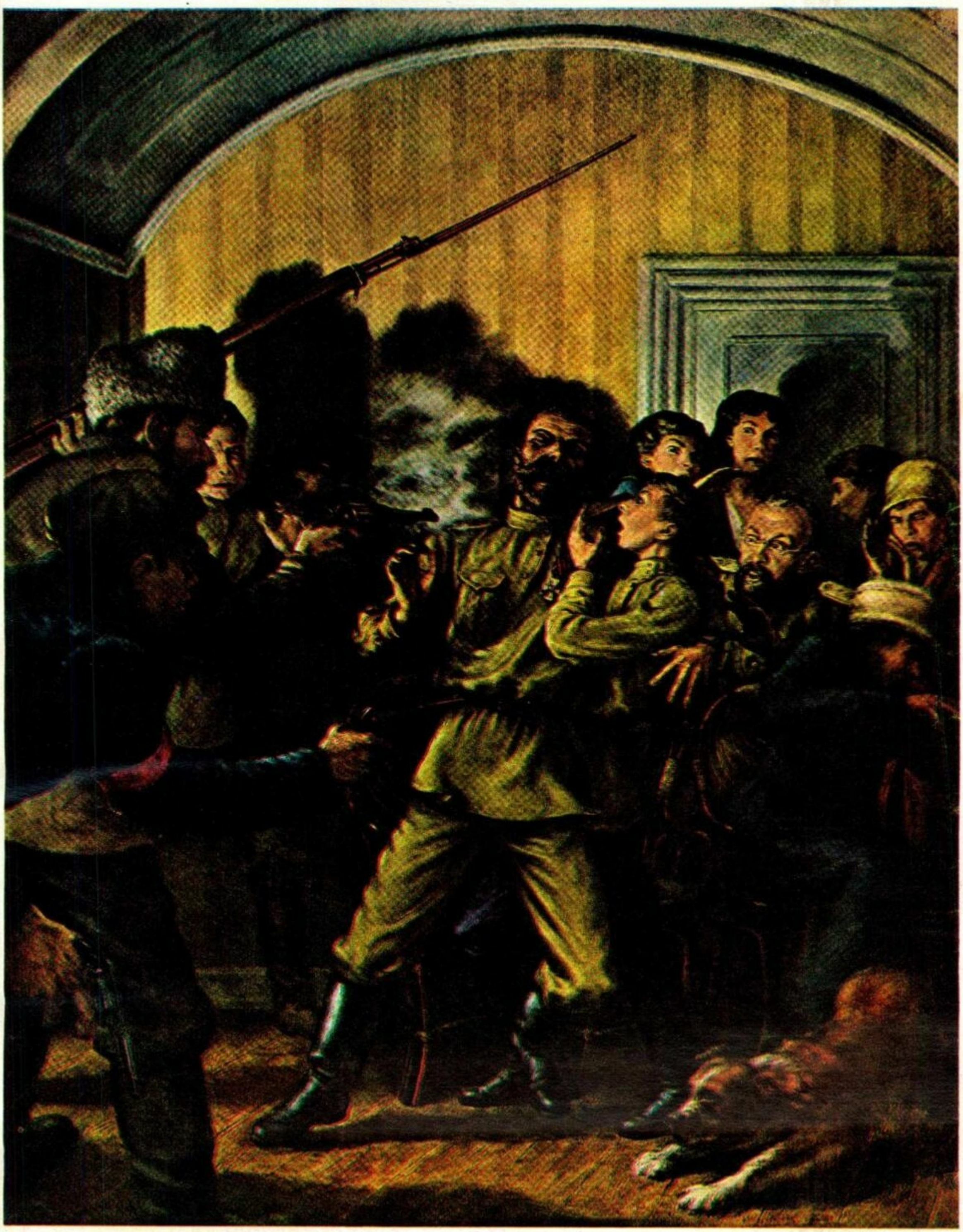
Domingo, dia 4 de novembro de 1917, o **soviet** de Petrogrado — ou seja, o Partido Bolchevique — deu o primeiro aviso de que haveria luta: ordenou manifestações nas ruas.

Segunda-feira, dia 5, Kerensky resolveu empregar mais energia. Decretou estado de emergência, ilegalidade do Comitê Militar do **soviet,** prisão para Trotsky e outros líderes e o fechamento da imprensa bolchevique.

Têrça-feira, dia 6, pela manhã, Polkovnikov, chefe das Fôrças Armadas em Petrogrado, cortou as linhas telefônicas de Smolny e ordenou ao cruzador **Aurora,** cuja lealdade era duvidosa, que abandonasse o rio Neva e se fizesse ao mar. Mas Trotsky dispunha de outros meios de comunicação. Imediatamente enviou mensagens ao **Aurora,** aos regimentos do govêrno e aos marinheiros da base de Cronstadt. À meia-noite, Lênin chegou ao Smolny.

Quarta-feira, dia 7 de novembro de 1917, os habitantes de Petrogrado saíram de manhã para o trabalho. SEGUE

Depois de ficarem presos 16 meses, o tzar Nicolau II, sua mulher, filhos, outros membros da família e alguns serviçais foram condenados à morte pelo soviet de Ekaterinburg, nos montes Urais. No porão da casa onde viviam, vigiados por soldados bolcheviques, foram todos mortos a tiros, na noite do dia 16 de julho de 1918.



RUDOLPH F. ZALLINGER

E todo russo virou camarada

As lojas abriram, os bondes corriam pelas ruas — e êles não percebiam que tinham chegado ao fim de uma era. Antes do amanhecer, os bolcheviques tinham tomado o Banco do Estado, as estações ferroviárias, a central elétrica, as pontes sôbre o Neva e a central telefônica. Qs reforços pedidos por Kerensky não chegavam e êle próprio foi buscá-los em Gatchina, num automóvel do adido militar norte-americano. Kerensky também não voltou mais. Às 10 da manhã, Trotsky proclamou que o govêrno provisório tinha caído. Ainda não era verdade, mas não tardou a sê-lo. Um grupo de soldados e marinheiros tomou em seguida o Palácio Marrinsky, onde funcionava a assembléia interina. Às sete da noite, o colapso governamental em Petrogrado era geral e só o Palácio de Inverno se mantinha intacto.

O assalto ao Palácio de Inverno é para a Revolução Russa o que foi a Tomada da Bastilha para a Revolução Francesa. A grande construção às margens do Neva, na noite de 7 de novembro, abrigava ainda 13 ministros do govêrno provisório, cêrca de mil cadetes e 130 mulheres voluntárias, armadas. Fora, na praça em frente, soldados revolucionários esperavam a resposta a um ultimato que haviam enviado. Quando os ministros devolveram o ultimato sem responder, os rebeldes do cruzador **Aurora** e da Fortaleza Pedro e Paulo (do outro lado do rio Neva) abriram fogo contra o palácio e a maioria dos que estavam lá dentro se entregaram. A uma da madrugada do dia 8 de novembro de 1917, os soldados começaram o assalto. Duas horas depois, o último reduto do govêrno provisório estava dominado.

No Instituto Smolny, era inaugurado oficialmente o Congresso dos Soviets de Tôdas as Rússias, com ampla maioria de bolcheviques. Lênin e Trotsky, delirantemente aplaudidos, anunciaram que a revolução triunfava sem derramamento de sangue. Kamenev, na presidência do **presidium,** anunciou a ordem do nôvo dia: organização do poder, negociações de paz e convocação de uma assembléia constituinte.

Mas os bolcheviques ainda não se sentiam seguros. Dizia-se que Kerensky havia reunido fôrças na frente de combate e marchava contra Petrogrado. Na própria Capital, a oposição se reorganizava e conseguia o apoio de alguns sindicatos, que se declararam em greve.

Às 9 da noite de 8 de novembro, o Congresso dos Soviets realizou sua segunda sessão, e desta vez Lênin falou. Ao vê-lo levantar-se, a multidão saudou-o com uma longa ovação, após o que êle disse simplesmente: "Agora trataremos de erigir a ordem socialista."

Leu uma proclamação, aprovada por unanimidade, que determinava a paz imediata com a Alemanha, sem anexações nem indenizações; o repúdio aos tratados secretos com os aliados; e respeito à autodeterminação dos povos. Propôs em seguida que se abolisse a propriedade privada da terra, o que foi aprovado contra um voto. Era tarde da noite, mas faltava o principal. Kamenev leu uma Constituição de Poderes que criava um Conselho dos Comissários do Povo, para governar a Rússia até que se reunisse a Assembléia Constituinte. Eis os comissários: presidente, Lênin; Relações Exteriores, Trotsky; Educação, Lunacharski; Finanças, Skvortsov; Trabalho, Shlya Pnikov; Agricultura, Miliutin; Nacionalidades Minoritárias, Stálin.

Então, os delegados recusaram uma moção para chegar a um acôrdo com os demais partidos e encerraram a sessão.

Os três dias seguintes foram terríveis para os bolcheviques. A oposição se preparava para atacá-los, de tôda a Rússia chegavam notícias incertas e Trotsky reconheceria mais tarde, em suas memórias, que a situação dêles era precária.

A tensão diminuiu dia 13 de novembro. Trotsky em pessoa fôra ao encontro das fôrças de Kerensky, que não passavam de 700 cossacos indecisos. Pela manhã telegrafava que, após uma breve batalha em Tzarkoieselo, Kerensky fugira.

Dia 15 de novembro, quinta-feira, os bolcheviques tomaram Moscou também. Acabavam de conquistar um império. Porém não havia certeza de que êste império se manteria inteiro em seu poder. A Ucrânia, a Finlândia, os Estados Bálticos logo exigiram independência. Ao sul, nas regiões do rio Don, os generais Alexeiev e Kornilov concentravam fôrças de voluntários antibolcheviques e havia perspectivas de obterem apoio da França, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Era preciso consolidar o apoio ao nôvo regime, e Lênin passou a atuar como se tal apoio já existisse.

Assinou uma torrente de decretos que eliminavam pela raiz tôdas as instituições tradicionais da Rússia: nacionalização dos bancos e contrôle das fábricas pelos operários; abolição da Bôlsa de Valôres e do direito de herança; substituição dos antigos tribunais por tribunais revolucionários, formados por um presidente e seis camponeses, soldados e operários (qualquer cidadão podia funcionar como advogado de defesa). Todos os títulos se simplificavam em **cidadão** ou **camarada.** O casamento civil substituiu o religioso. Mais tarde seriam consideradas ilegais as greves.

As eleições para a Assembléia Constituinte estavam marcadas para 25 de novembro, e se realizaram contra a vontade de Lênin. Os resultados foram desconcertantes para os bolcheviques: receberam apenas 9.800.000 dos 41.600.000 votos (24%).

A primeira medida de Lênin foi adiar a reunião do nôvo parlamento para janeiro de 1918. Em 11 de dezembro, data anteriormente marcada, chegaram os deputados a Petrogrado, mas o Palácio Táuride estava fechado e cercado de soldados bolcheviques armados. Ajudados pelo público que já se encontrava em frente, os deputados conseguiram abrir um dos portões e entrar no palácio, onde se reuniram, marcando a inauguração da Assembléia para 18 de janeiro, a qualquer preço.

Lênin agiu ràpidamente. Confiscou os jornais antibolcheviques e declarou-os propriedade do govêrno. A **Cheka,** que substituía a não menos temível Polícia tzarista, trabalhava dia e noite.

Dia 18 de janeiro, cêrca de 500 deputados inauguraram a assembléia, ao meio-dia. Como esperavam ser sitiados, levaram para dentro do palácio velas e sanduíches para muitos dias. Trotsky escreveria mais tarde: "Dêste modo, a democracia lutou contra a ditadura, armada de velas e sanduíches."

E a **ditadura do proletariado,** como Trotsky a chamou francamente, lotou o palácio de soldados armados. Foi uma loucura aquela sessão inaugural. Os bolcheviques cantavam a **Internacional,** enquanto deputados direitistas discursavam; ouviam-se assobios, gritos, vaias e insultos. Apesar de tudo, a assembléia aprovou uma resolução de armistício com os alemães e outra da reforma agrária — coisas que constavam também do programa do **soviet.** A assembléia, em síntese portanto, só não reconhecia a ditadura bolchevique. Às 4 da madrugada de 19 de novembro, os soldados apagaram as luzes do palácio e encerraram a sessão. A assembléia jamais voltou a reunir-se.

No plano internacional, Lênin lutava deseperadamente para pôr fim à guerra. Aos aliados isto não convinha, pois os alemães disporiam de novas fôrças, deslocadas da frente oriental. Para manter a Rússia na guerra, era preciso derrubar os bolcheviques, e começaram a ajudar as fôrças antibolcheviques que se organizavam na região do rio Don.

A posição da Alemanha era difícil. Precisava tirar proveito da revolução que lhe custara muito dinheiro. Sua proposta de paz, apresentada a Trotsky em Brest-Litovsk (fronteira com a Polônia), em janeiro de 1918, era exigente: a Rússia perderia boa parte da Polônia, tôda a Lituânia e extensas regiões dos Estados Bálticos e da Ucrânia. Trotsky tentou ganhar e suspendeu as negociações.

Oito dias depois, os alemães avançaram Rússia adentro, e os bolcheviques tiveram de aceitar o acôrdo. No entanto, o avanço continuou, e em 23 de fevereiro os alemães impuseram nôvo e rigoroso tratado, que os bolcheviques aceitaram depois de muito discutir (Lênin chegou a ameaçar com sua renúncia, caso o Comitê Central do partido não concordasse com o tratado). Oito meses mais tarde, o tratado de Brest-Litovsk era anulado, com a derrota alemã.

Não era sem tempo, pois os bolcheviques iam passar por duas provas definitivas. A primeira, foi a crise política de julho, quando os social-revolucionários de esquerda, que contavam com um têrço dos votos no Congresso dos Soviets, atacaram violentamente a política exterior bolchevique. A segunda, foi a guerra entre o Exército vermelho e as fôrças antibolcheviques, ajudadas pelos aliados, que desembarcaram em Murmansk, Vladivostok e outros pontos.

Esta guerra não cabe aqui. A revolução russa já tinha triunfado e estava consolidada. Tanto que o Exército, eficientemente organizado por Trotsky, receberia apoio popular total e sairia vencedor. Para concluir o relato da ascensão bolchevique, só cabe testemunhar dois acontecimentos da vida dos dois personagens que, mais que ninguém, representaram as duas fôrças em luta.

O tzar e a família imperial tinham sido levados para Ekaterinburg, nos montes Urais, longe dos acontecimentos tumultuosos de Petrogrado. Tarde da noite, em 16 de julho de 1918, os soldados que os guardavam ordenaram que descessem ao porão da casa onde se encontravam. Yurovsky, encarregado da guarda, fêz ler a sentença editada pelo **soviet** local e, a seguir, executou pessoalmente o tzar, com um tiro de revólver na cabeça. Depois foram mortos todos os outros membros da família, inclusive o médico e três empregados. Seus corpos foram cremados, e as cinzas jogadas numa mina.

Seis anos mais tarde, chegou a hora de Lênin. Esgotado por tantos anos de lutas, morreu em Gorki, após um ataque de hemiplegia, às sete horas da noite do dia 21 de janeiro de 1924. Tinha 53 anos.

Lênin arriscou, arrastou consigo tôda a Rússia. Mas não viveu para ver o que acontece. FIM

mulheres elegantes preferem Helanca® por 3 razões:

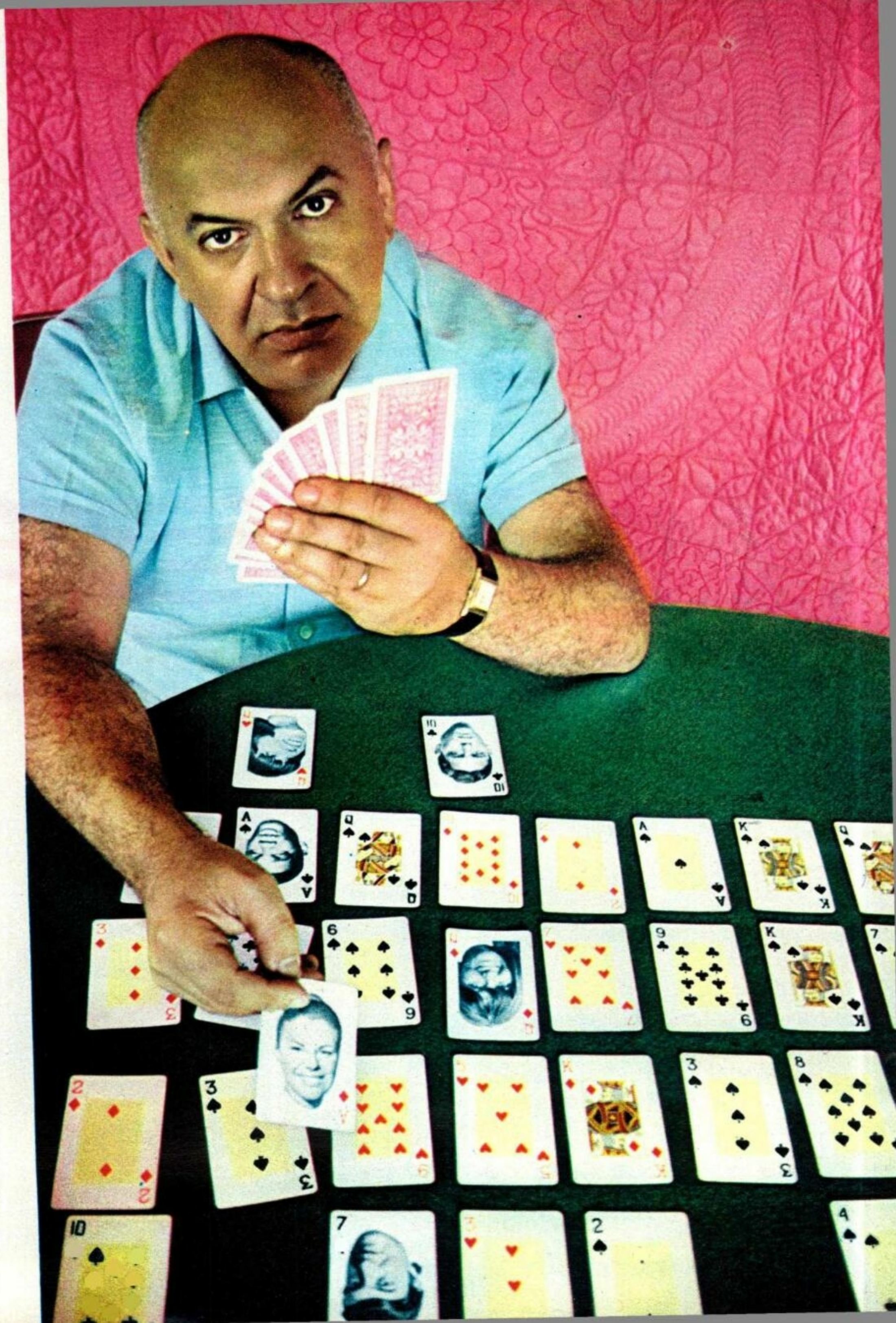
- confôrto
- garantia de qualidade
- e porque sabem que os homens gostam de mulheres elegantes!

OS ARTIGOS AQUI APRESENTADOS FORAM APROVADOS NO CONTRÔLE DE QUALIDADE HELANCA (m. r.)

CONTRÔLE DE QUALIDADE Helanca TECIDO MISTO

Conjunto "op-art" em Helanca e algodão. O casaco tem gola "roulée" com abotoamento na frente e "vivos". O detalhe da moda na calça são as aberturas nas pernas. É uma criação LAKISPORT. O conjunto de saia e blusa Rhodianyl-Helanca Crep D'or é confeccionado pela ZITOLA. A gola é tôda feita em crochê também de Helanca.

publitec - 08-66



Elis Regina, Vanderléa, Chico Buarque de Holanda, Nara Leão, Zimbo Trio, Golden Boys e dezenas de outros ídolos escolheram um argentino gordo e careca para decidir suas próprias vidas. Seu nome é Marcos Lázaro, o maior empresário do Brasil. Com o sucesso de seus artistas e o poder de seu dinheiro

ÊLE APOSTA NO SHOW

Texto de Narciso Kalili • Fotos de Geraldo Mori

Em Recife, o diretor da emissora de rádio diz para o empresário:

— Arlindo, vou fazer um **show** dia 30, veja se me consegue o Erasmo Carlos.

— Não é possível, dr. Roberto.

— Então a Vanderléa.

— Também não dá.

— A Elis Regina, então. Ou os Golden Boys.

— Nada disso é possível, doutor. Só posso arranjar artistas que não sejam de Marcos Lázaro. Os dêle não preciso nem perguntar: não vêm mesmo.

— Mas o que está acontecendo?

— O José Alves, outro empresário daqui, não pagou um **show** contratado com o Marcos Lázaro e aí êle decretou o **bloqueio** da cidade. Enquanto não receber o dinheiro, não deixa nenhum de seus artistas atuar em Recife.

— Isto é história, rapaz. Quero os artistas aqui no dia 30. Arranje-se.

Arlindo, o empresário da estação de rádio, não estava brincando. Nem Marcos Lázaro. Por isso, no dia 30 não havia artistas nem solução para o problema. O **bloqueio** só terminou quando os diretores de emissoras de rádio e TV, clubes e empresários de Recife obrigaram José Alves a saldar sua dívida.

O autor dessa e de muitas outras façanhas é um argentino baixinho, gordo e careca, 42 anos de idade, braços longos e peludos. Marcos Lázaro vive em duas salas do Teatro Record, na rua da Consolação, em São Paulo, de onde comanda e domina o **show-business** brasileiro: êle é o dono da maior emprêsa de agenciamento de artistas do país, a ML Marcos Lázaro Produções.

Sentado em sua cadeira, charuto na bôca, de costas para a janela, Marcos Lázaro raramente sorri para os que desfilam diante dêle todos os dias. Recebe todos friamente, recitando quase sempre a mesma cantilena, numa mistura de castelhano e português, onde a palavra mais freqüente é **não.** Raramente concorda com os que dependem dêle, mas às vêzes aceita sugestões — se elas significam mais dinheiro para a sua emprêsa. Paulo Machado de Carvalho Filho, o homem que lhe entregou o poder na TV-Record, gosta de seu trabalho:

— Marcos Lázaro é um bom negociante. Faz a corda arrebentar sempre do lado mais fraco. Nunca brigamos e êle aceita as minhas condições porque sabe que assim obtém vantagens.

Marcos Lázaro jamais gritou. Fala calmo, mas impõe as coisas que lhe interessam. Suas discussões com os artistas não incluem arte, política ou futebol:

— Nós sempre brigamos por causa de dinheiro.

Mas êste homem, que só pensa no sucesso financeiro, e que diz que sua obrigação é "aproveitar a época das vacas gordas", deu nôvo padrão ao artista da música popular brasileira. Êle tem idéias objetivas e avançadas sôbre política salarial:

— É importante que o artista seja bem pago. Sem falar que eu ganho mais se o salário dêle fôr alto, há ainda a considerar a valorização e a elevação de sua situação social. Com isso, o artista brasileiro substitui o estrangeiro e se impõe. Isto significa mais **shows,** mais dinheiro.

Miguel Gustavo, diretor da TV-Excelsior do Rio, ao conhecer a concepção de Marcos Lázaro sôbre a valorização dos artistas nacionais, teve uma frase que o empresário gosta de contar aos amigos:

— Marcos, você é um subversivo. Quer fazer uma rebelião aqui na estação?

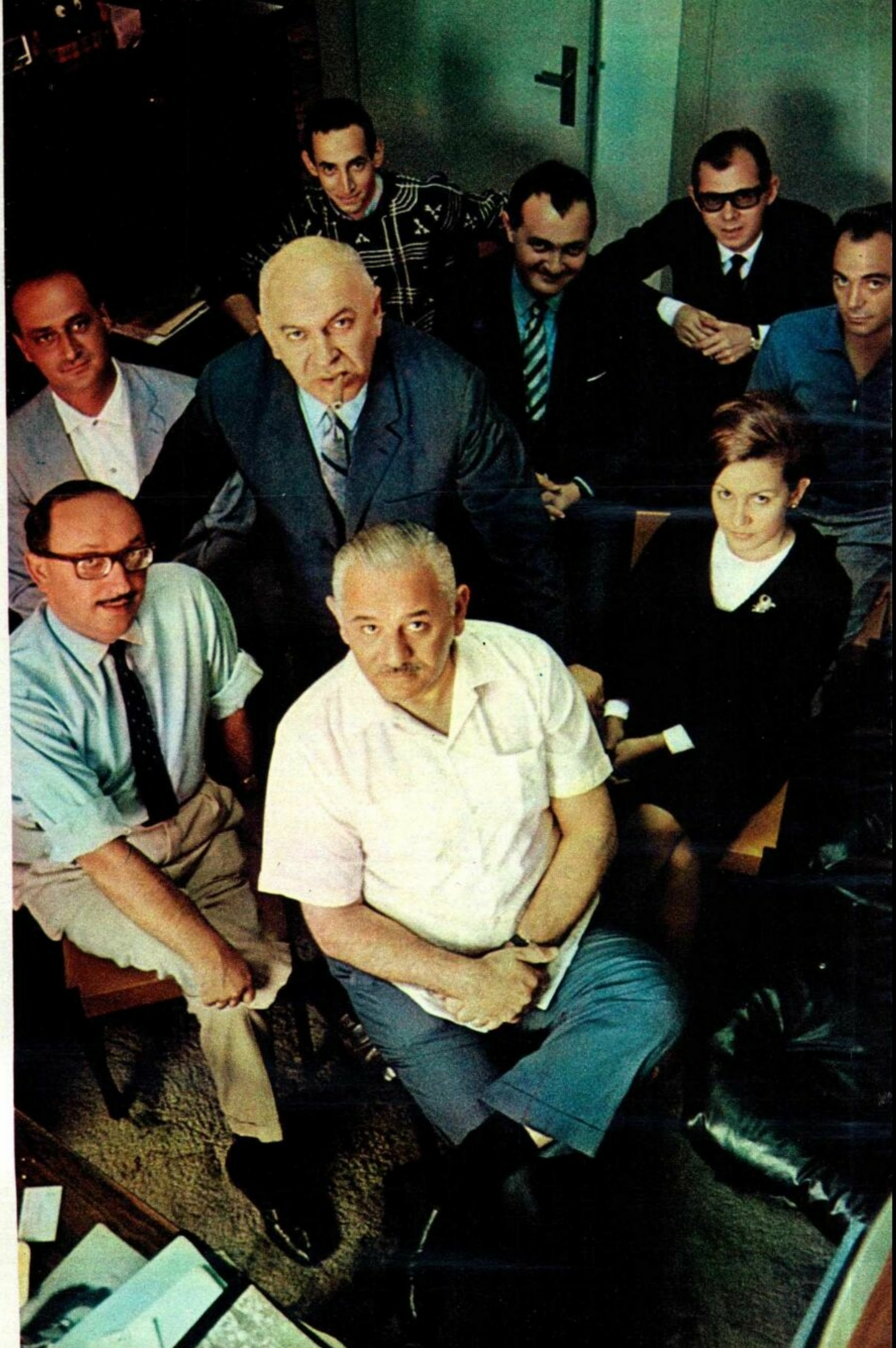
A companheira: uma máquina

O empresário age nos bastidores do Teatro Record e viaja bastante com os artistas, até para o exterior, mas onde êle **existe** mesmo é entre as quatro paredes de seu escritório, onde estão os símbolos do seu poder: a máquina de calcular, o cofre com as fichas e contratos dos artistas, o livro verde dos vales, a televisão portátil e o talão de cheques.

A máquina de calcular é sua companheira preferida. Êle a usa em tôdas as operações, mesmo para somar cinco mais cinco, e segue com carinho e ansiedade o seu solene matraquear. Quando conversa, também não a abandona: sua mão direita está sempre acariciando as teclas.

O cofre, embora importante, não merece o mesmo tratamento. Marcos só recorre a êle nas têrças e sextas-feiras, dias de pagamento dos contratados. No livro verde dos vales, que traz trancado na escrivaninha, êle mesmo anota os adiantamentos: capricha na letra e inventou uma série de marcas em código que lhe dão imediatamente a situação de cada contratado. Uma cruz, um círculo, um círculo cortado por uma cruz significam possibilidade de outros vales, impossibilidade, necessidade.

Grande parte da noite e do dia Marcos Lázaro passa fiscalizando os programas e descobrindo novos talentos em sua televisão portátil, cujos nomes êle anota em pedaços de papel. Mas é através do talão de cheques que consolida seu poder. SEGUE



"Não acreditei em Ronnie Von, hoje me arrependo"

EMPRESÁRIO
CONTINUAÇÃO

Como assina muitos por dia, substituiu a assinatura por uns rabiscos que êle desenha com mais rapidez.

A ML Marcos Lázaro Produções não é uma emprêsa moderna. Não há divisão de autoridade: a última palavra pertence sempre ao chefe. Mesmo viajando, êle está presente nas instruções que transmite para seu irmão — José Lázaro — cumprir. Os negócios principais da emprêsa são: 1 — conseguir **shows** e empregos para os artistas seus contratados; 2 — fornecer seus artistas para **shows** de outros empresários — em rádios, TVs (fora de São Paulo) e Clubes; 3 — os negócios com a TV-Record.

No primeiro caso, Marcos Lázaro estuda bem as possibilidades do artista. Se achar que êle vai fazer sucesso, propõe-lhe um contrato, com cláusulas de exclusividade de atuação em qualquer parte do país ou exterior, ao preço que êle combinar, e uma vantagem para o artista: o pagamento de suas apresentações é sagrado. O diretor da TV-Record, Paulo Machado de Carvalho, explica:

— Pela primeira vez no Brasil, o empresário **banca o jôgo,** isto é, o responsável pelo pagamento do artista não é mais o diretor da emissora ou o dono do clube. É êle, Marcos Lázaro, que se obriga a pagar, mesmo que não haja lucro na apresentação do artista.

Essa maneira de trabalhar fêz com que boa parte dos artistas brasileiros mais em voga o elegessem seu empresário: Nara Leão, Elis Regina, Zimbo Trio, Golden Boys, Erasmo Carlos, Chico Buarque, Vanderléa, Giani, Regional do Caçulinha, Trio Tamba e dezenas de outros. Êle escolhe quem quer:

— Não imponho ídolos. Eu sou povo, sei do que o povo gosta. E eu lhe dou o que êle quer. Por isso escolho meus artistas entre os que têm sucesso garantido e rápido.

Mas às vêzes Marcos também se engana:

— Não acreditei no Ronnie Von. Pensei que êle não daria nada, que era muito difícil para o gôsto popular e não ganharia a parada com os outros ídolos da juventude. Vieram oferecê-lo e eu recusei. Se arrependimento matasse. . .

No segundo caso, quando negocia com empresários ou diretores de clubes e emissoras de radiodifusão, Marcos é ainda mais rígido ao impor suas exigências:

— O ambiente de empresagem artística ainda está cheio de oportunistas esperando a chance de aplicar um golpe. Já são mais raros os casos em que os agentes fogem com a renda do espetáculo, mas ainda acontecem. Por isso eu exijo de todos êles condições as mais duras possíveis: na hora da assinatura do contrato, o agente deve pagar o sinal mínimo de 50 por cento, em dinheiro ou cheque visado; o restante do preço deve ser pago antes da apresentação do artista no local combinado; as despesas com alvarás, serviços de som e sociedades de direitos autorais, bem como qualquer problema com as autoridades, ficam por conta dos contratantes; finalmente, os contratantes devem, também, pagar passagens e estada em hotel de primeira categoria.

Apesar de tôdas estas precauções, ainda ocorrem **acidentes.** E Marcos conta um dêles:

— Elis Regina deveria comparecer a um **show** em Aracaju, estava tudo combinado. Mas na última hora ficou doente e não pôde ir. Pouco tempo depois, fizemos nôvo contrato. Como tínhamos falhado uma vez, deixamos de tomar as precauções normais. Elis fêz o **show** e estamos esperando para receber até hoje. Perdemos o dinheiro do espetáculo, mas Aracaju, enquanto o empresário não pagar, não verá nenhum artista importante. É o castigo.

50 milhões só de comissão

Os negócios de Marcos Lázaro com a Televisão Record são muitos e complicados. É êle quem paga todos os artistas da estação por suas apresentações nos programas; faz os contratos; encaminha a escalação dos artistas; contrata e discute problemas que surgem entre a estação e êles. Por causa disso, é muito prestigiado dentro da emissora. Paulo Machado de Carvalho Filho justifica:

— Quem paga é quem tem fôrça. E por isso êle pode tratar com os artistas como se fôsse eu próprio.

Com todos êstes negócios, no mês de dezembro último, a emprêsa ML Marcos Lázaro Produções recebeu comissões da ordem de 50 milhões de cruzeiros. Isso sem contar o dinheiro ganho com a venda de vídeo-tapes de espetáculos humorísticos e musicais produzidos pela TV-Record e as áudio-fitas dos programas feitos pelos seus cantores na Rádio Panamericana de São Paulo. Paulo Machado de Carvalho Filho está satisfeito: a Record se transformou numa "indústria de programas de televisão". E os diretores da emissora de rádio não estão menos satisfeitos com Marcos:

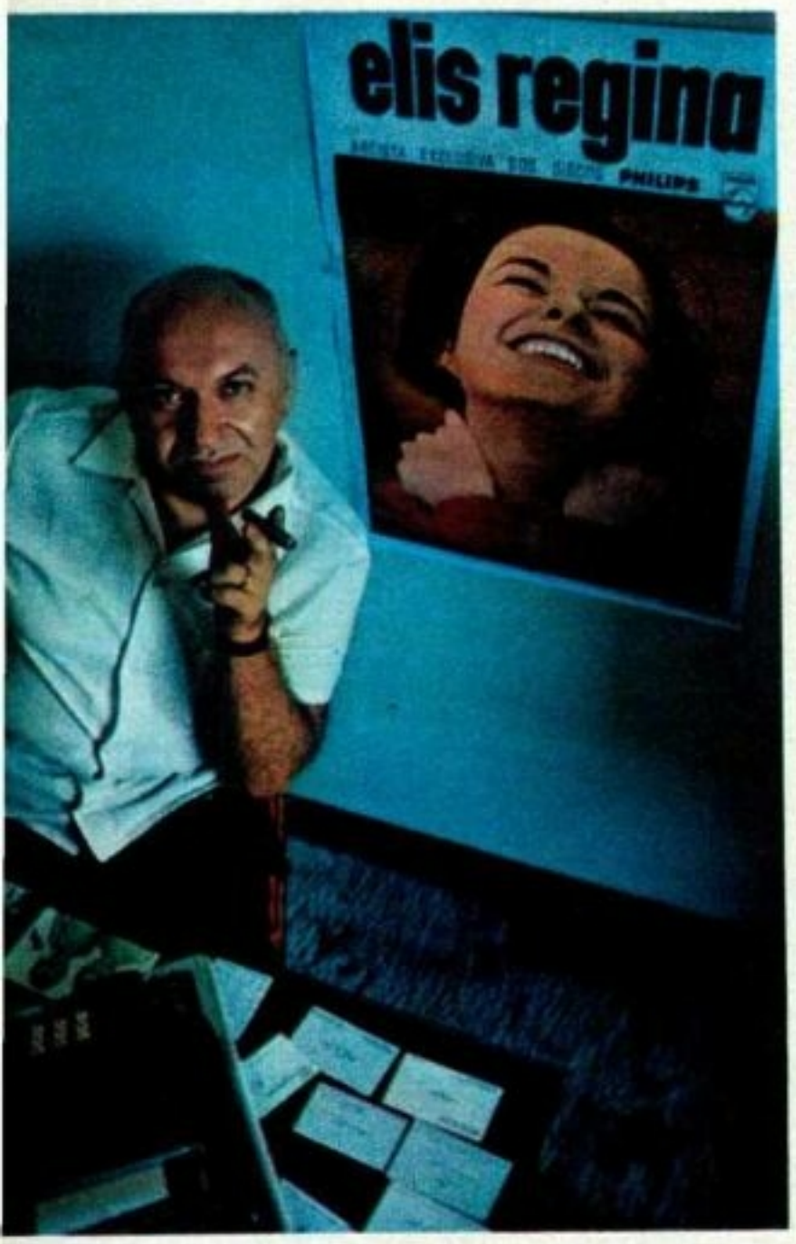
— Nunca vendemos tanto por tão bom preço. Êle parece mágico! O que nunca pensávamos fazer, êle faz. É uma máquina de fazer dinheiro.

E máquina tão boa que a TV-Record vai lhe dar um andar inteiro no edifício do teatro para êle expandir seus negócios. E para segurá-lo também: recentemente êle foi sondado para organizar em outra emissora o mesmo tipo de serviço. Marcos Lázaro não teve meias medidas ao pedir salário:

SEGUE

A equipe de Marcos Lázaro: 1 — Joaquim Fresca, encarregado de viagens; 2 — José Lázaro, irmão de Marcos , sócio encarregado de cobranças e venda de vídeofitas; 3 — Rubens Avancini, encarregado da programação do Teatro Record; 4 — Geraldo Rodolfo Souza, assistência de shows *fora do Teatro Record; 5 — Constantino Gianella, contatos; 6 — Marcos Lázaro, o empresário; 7 — Liane Ruchinsque, secretária de Marcos; 8 — Simon Sigbauns, relações públicas; 9 — Luiz Sapir, assistentência de* shows, *descobertas de talentos e relações públicas.*

"E i ia crescer e eu queria crescer com ela"



— Só vou por 60 milhões de cruzeiros mensais, contrato de quatro anos e garantia bancária para o seu cumprimento.

Êste homem, que hoje vale tanto dinheiro, começou a trabalhar como empresário por acidente:

— Apareci por aqui na hora certa: quando a música popular brasileira tornava-se adulta e empreendimento comercial sério. Custei a acertar, mas hoje estou por cima.

A vida do empresário Marcos Lázaro começou em 1963, logo depois de sua chegada a São Paulo. Até os 32 anos de idade vivera em seu país. Formado engenheiro-agrimensor, foi em seguida secretário de Obras da Província de Buenos Aires. Era muito amigo de Evita Peron e com a deposição do ditador, refugiou-se no Uruguai, onde viveu até 1963, como locutor e jornalista esportivo.

— Foram meus sete anos de fome e privações antes da fartura — diz êle.

Disposto a vencer na vida, veio para o Brasil. Os primeiros tempos foram difíceis. Empregou-se num escritório de engenharia e criou hábitos metódicos: levantar às sete e dormir antes das dez da noite. Algum tempo depois, técnicos argentinos, amigos seus, vieram a São Paulo reestruturar a programação da TV-Excelsior. Começou a andar com êles e a freqüentar os meios noturnos. Mas sem deixar de trabalhar até as seis horas no escritório de engenharia.

No dia em que deu o estalo

Marcos continuaria a mesma vida até hoje, não fôsse uma coincidência. Uma noite, caminhando pela avenida São João, foi reconhecido por um casal argentino, artistas acrobáticos. E a mulher confessou:

— Estamos sem trabalho.

Marcos prometeu falar com os produtores de televisão seus amigos. À noite o casal estava empregado. Uma semana depois receberam o primeiro pagamento e foram entregar-lhe a comissão: 20% dos vencimentos. Marcos recusou, mas teve o **estalo:** na televisão brasileira não havia artistas de **music-hall** — acrobatas, mágicos, palhaços — e êle podia arranjar um jeito de ganhar mais dinheiro descobrindo-os e sendo o empresário dêles.

— Como **bico**, é claro.

Marcos Lázaro contratou primeiro um **dançarino chinês** — um alagoano que viu atuar num circo na periferia de São Paulo. Deu certo e êle começou a agir de verdade:

— Eu corria os bairros afastados e as cidades do interior, escolhia artistas de circo e os transformava em atrações internacionais que vendia para as televisões e boates paulistanas: Antônio, um baiano de Salvador, transformou-se em Tony, El diablo; Marieta, mineira de Uberaba, virou Françoise, a Chama Ardente de Paris; Concheta, gaúcha da região italiana, tornou-se Semíramis, a Serpente Oriental.

Com o tempo, ia consolidando seu prestígio com os produtores. Em seguida, os artistas de rádio e televisão começaram a procurá-lo para entrar nos programas. O negócio cresceu tanto que êle já ganhava mais do que no escritório de engenharia. Então pediu licença por seis meses e foi ser empresário nas 24 horas do dia.

— Aí, conheci Elis Regina. Acreditei nela de cara e tudo fiz para contratá-la. Alguma coisa me dizia que aquela garotinha irrequieta, sem papas na língua, iria crescer. E eu queria crescer com ela.

O Festival de Música Popular Brasileira, em 1964, confirmou que Marcos Lázaro tinha razão. Elis foi logo procurada por duas emissoras — a TV-Tupi e a TV-Record. Então ela entregou a solução do problema em suas mãos. Era a primeira grande oportunidade e Marcos mostrou que já entendia tôdas as regras do jôgo. Primeiro conversou com a Tupi: a proposta foi de um milhão de cruzeiros mensais. A Record ofereceu dois milhões e a Tupi contra-atacou: três milhões. Quando Marcos voltou à Record, Paulo Machado de Carvalho Filho trancou-o numa sala e disse:

— Eu lhe dou os mesmos três milhões pela Elis. E lembre-se de uma coisa: se ela vier, você não se arrepende.

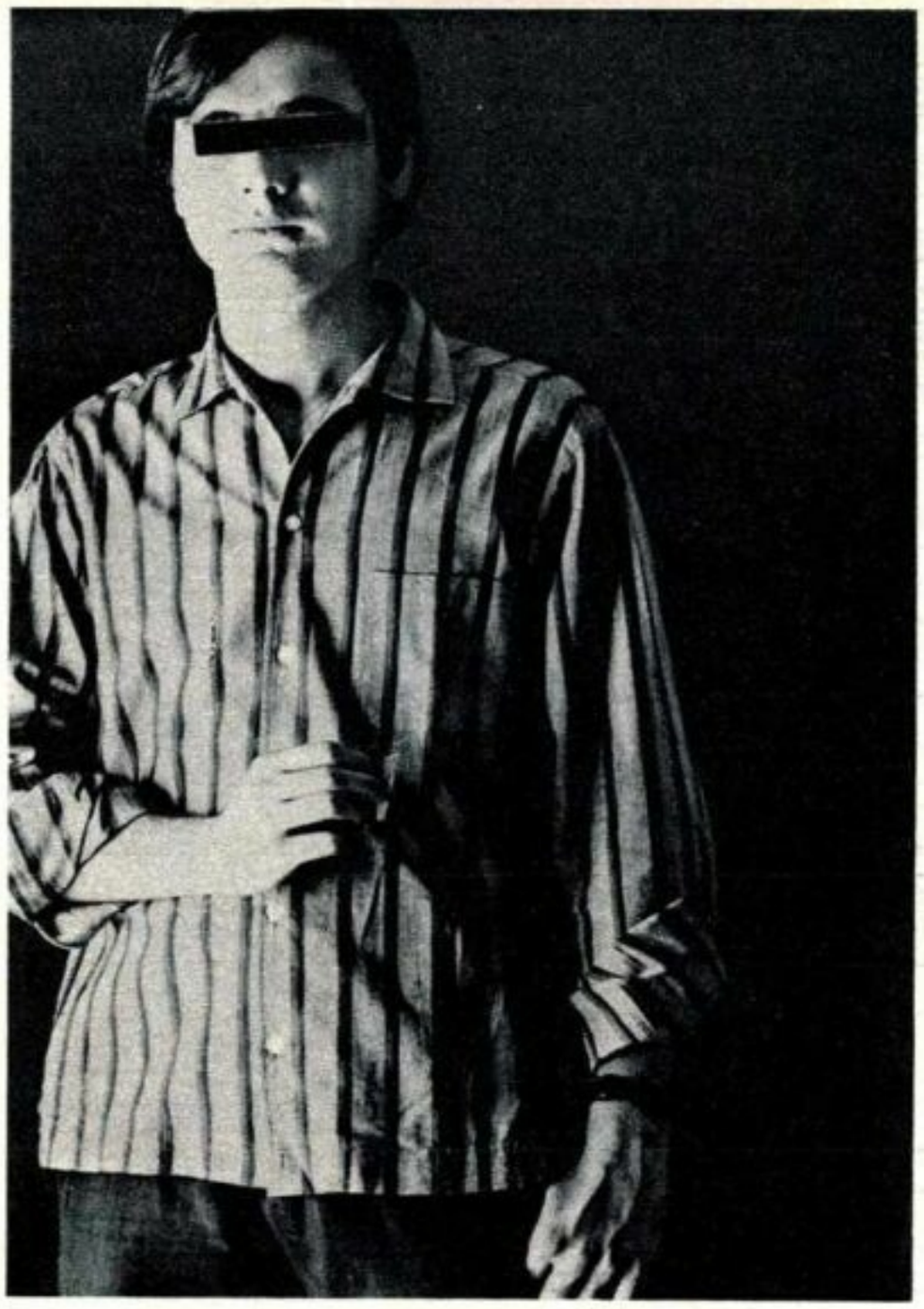
— Mas a Tupi ofereceu a mesma quantia. Como vou justificar a recusa?

— Fazemos uma carta falsa oferecendo seis milhões para a Elis ficar na Record, damos uma cópia para a imprensa e está tudo resolvido.

A Tupi caiu no golpe e Marcos Lázaro foi para a Record com Elis Regina. Com esta contratação começou, na verdade, a boa fase do empresário artístico no Brasil. A cantora ia fazer um programa de música popular — O Fino da Bossa — e para isso precisava de outros artistas ao seu lado. O agente de tôdas as novas contratações foi Marcos Lázaro. Mais tarde surgiu a idéia de outro musical, Bossaudade. E foi de nôvo Marcos Lázaro quem contratou para a Record Elizete Cardoso, Ciro Monteiro, Orlando Silva, Vicente Celestino. Depois foi a vez de um programa para a juventude: mais uma vez êle se encarregou de negociar com Roberto Carlos, Vanderléa, Erasmo Carlos, Os Incríveis.

SEGUE

Depto. Promoções - Editôra Abril

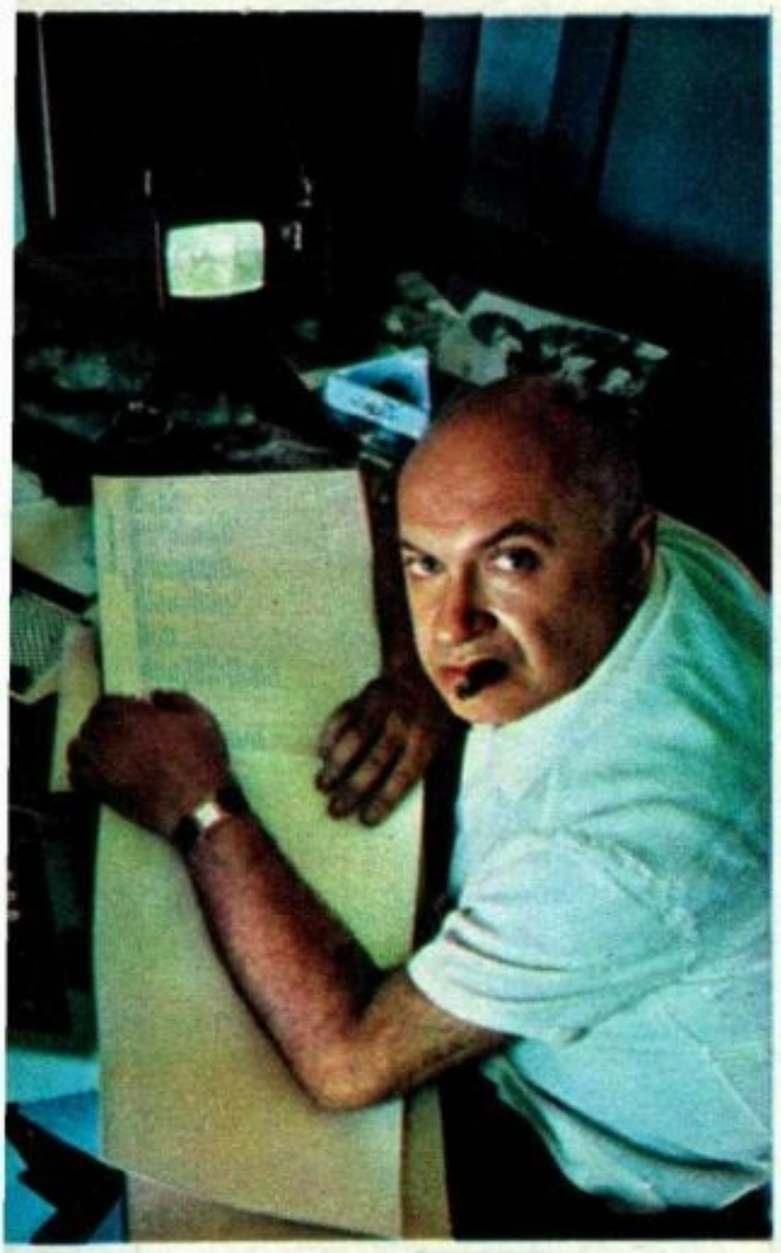


ÊSTE MOÇO TEM TUDO PARA SE TORNAR ÚM FRACASSO: SAÚDE, INTELIGÊNCIA, JUVENTUDE E UM CIGARRO DE MACONHA NA MÃO.

Êle é um rapaz que quer ser "diferente". Um aspirante ao vicio. E um candidato ao crime. Quantos você conhece como êle? Talvez tenha até um amigo ou parente assim. Você pode e deve ajudá-lo. Não o critique. Não exija que êle pense como você. Procure compreender os seus problemas, ouvir as suas queixas, entender a sua revolta. Quase todo jovem é rebelde e é muito comum que êle tenha péssimos amigos. Mas não o culpe. Afinal foram os únicos que escutaram as suas queixas, entenderam o seu "caso". Ainda há tempo para salvar um moço como êste. Êle possúe saúde, juventude e inteligência. Com sua ajuda, talvez êle jogue fora aquele cigarro.

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

"Nosso teatro não dá dinheiro, não me interessa"



Desde as primeiras contratações, Marcos seguiu sempre uma política inflacionária, primeiro passo para dominar o mercado:

— Fiz questão de arranjar os maiores salários para os artistas. Em alguns casos, quando era preciso agradar mais o cantor, deixava de cobrar minha comissão. E jamais deixei de pagar meus artistas, mesmo quando os outros não me pagavam. Com isso, conquistei a estima de todos.

Quando a Record já havia contratado dezenas de novos artistas, Paulinho Machado de Carvalho não fazia outra coisa senão ficar resolvendo os problemas de cada um. Um dia chamou Marcos e propôs-lhe um negócio:

— Você fica com os artistas, funda uma emprêsa e nós trabalhamos diretamente com você.

O êxito da nova firma foi imediato. Paulo Machado de Carvalho Filho sabe a razão:

— Era um inferno. Eu tinha de tratar de questões trabalhistas, de impôsto de renda e até de compra de vestidos. Eram mais de 100 contratados a reclamar que queriam aumento, que tinham sido podados num programa, que o maestro não sabia arranjar suas músicas. Transferindo tudo para um único homem, vivo tranqüilo e nunca sou obrigado a dizer **não** a ninguém. É Marcos Lázaro quem faz isso.

Êle não perdoa traição

O dia do empresário Marcos Lázaro começa geralmente às nove horas. Em casa pouco fala. Só aos domingos, quando tem mais tempo, passa horas falando sôbre selos: seus dois filhos, então, o ouvem fascinados. Quando está com mais tempo, fica em seu quarto resolvendo problemas de matemática pura — sua distração — enquanto ouve discos de Bela Bartok.

Se não tem nenhum encontro importante, almoça em casa e às duas horas da tarde já está sentado no escritório de nôvo, somando despesas em sua máquina de calcular ou discutindo com um dos 11 empregados, que trabalham na contabilidade, fazem contratos, vendem **shows,** compram passagens, reservam hotéis e fornecem vales. Dos 11, os três mais categorizados são argentinos. Assim que êle chega, começam a desfilar os tipos mais variados: o velho cantor de óperas que quer voltar aos palcos; o empresário do interior que traz a grande **bomba do ano** — um imitador dos **Beatles** que canta montado num cavalo. Mais tarde aparecem os empresários. Sôbre êles Marcos tem opinião formada:

— No comêço, ser empresário no Brasil era sinônimo de gangsterismo. Hoje é negócio honesto. Claro que existem os malandros, mas estão desaparecendo.

O escritório vive fechado, mesmo quando Marcos está sòzinho. Isto porque êle está pensando em tudo:

— Não sei o que é, mas sou capaz de dividir meu cérebro em várias partes e pensar, com cada uma delas ao mesmo tempo. Enquanto converso com um artista sôbre um **show,** estou resolvendo como promover outro e somando na máquina os custos de um nôvo programa de televisão. Nisso levo vantagem sôbre muita gente.

Marcos Lázaro não tem ilusões e só trabalha para vencer. Se um empresário lhe oferece o arrendamento de um teatro, acenando com outras razões que não a financeira, a sua resposta vem curta:

— Teatro em São Paulo não dá dinheiro. Não interessa.

Mas na parede, atrás dêle, existe um diploma que ganhou por ter sido um dos patrocinadores da ida do TUCA — o Teatro da Universidade Católica, de São Paulo — à Europa, onde os estudantes brasileiros ganharam o grande prêmio em um festival internacional.

Se sofre prejuízos por causa de um de seus contratados, não perdoa: quer dar exemplo aos outros e manter sua reputação. Quando a cantora Cláudia resolveu abandoná-lo, não reclamou. Pagou a multa do contrato que a prendia à TV-Record, do qual êle era o fiador. Mas não esqueceu:

— Quero que Cláudia seja muito feliz. De hoje em diante, porém, não quero mais ouvir falar em seu nome. Para mim ela acabou.

Marcos não desperdiça um tostão. Tudo o que é gasto deve ser bem explicado. Algumas vêzes, porém, cede a impulsos, como no caso de Ciro Monteiro. O cantor tinha sido contratado por outra emissora mas não recebia os salários devidos. Pediu um empréstimo ao Marcos Lázaro, para pagar quando pudesse. E o obteve.

Muita gente o ataca dizendo que êle é ganancioso e explorador. A resposta é uma só:

— São ciúmes do meu prestígio e da minha capacidade de trabalho. Todo artista sabe, e eu também, que é preciso gozar os dias de glória, pois o povo vive trocando de ídolos. Na boa fase, tudo se desculpa no artista. Então é preciso aproveitar.

Marcos Lázaro não é um homem religioso, mas acredita nos signos astrológicos:

— Veja, eu sou de Áries. Signo das pessoas ditatoriais, destinadas a comandar, atraídas pelo dinheiro e com sensibilidade artística. Acho que sou assim. FIM

É JUSTA A INTERVENÇÃO NORTE-AMERICANA NO VIETNÃ?

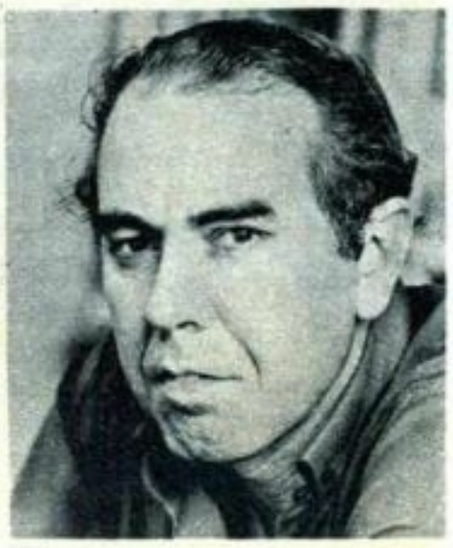
SIM

E antes de passar aos motivos pelos quais considero justa a **ação** norte-americana no Vietnã, acho que o têrmo **intervenção** já está hoje polìticamente muito complicado, e implica, de certo modo, um juízo moral, antes mesmo do exame do caso vietnamita, ao qual é aplicado. Portanto teria preferido ver a palavra **ação** na pergunta. Creio que é oportuno chamar a atenção para três fatos. Em primeiro lugar, contràriamente ao que muita gente pensa hoje em dia, o envio de tropas norte-americanas ao Vietnã foi decidido pelo presidente Kennedy, cuja dedicação à causa da paz algumas pessoas exaltam, com o evidente objetivo de estabelecer uma oposição entre êle e o atual ocupante da Casa Branca, que seria inimigo da paz e promotor da guerra. Em segundo lugar, a decisão de enviar as tropas foi tomada de comum acôrdo com o govêrno sul-vietnamita da época, e é plenamente apoiada pelo atual, do general Cao Ky. Recentemente, o secretário-geral do ONU, U Thant, muito considerado como defensor da causa da paz e da independência dos povos, declarou conhecer de perto os líderes vietnamitas e acrescentou que êles são muito cuidadosos com sua independência. Se assim é, e se êles apóiam a ação norte-americana, é porque ela atende aos interêsses do povo sul-vietnamita, e não aos interêsses particulares dos Estados Unidos, pois do contrário não a apoiariam. Em terceiro lugar, a própria carta da ONU, no artigo 51, reconhece o "direito natural de legítima defesa, individual ou coletiva, no caso de uma agressão armada". Se isto ocorre no que diz respeito aos países membros da ONU, que têm à sua disposição os recursos da organização mundial, com muito maior razão ocorre quanto aos países que a ela não pertencem, como é o caso do Vietnã. E dêstes países não se pode exigir um gesto suicida de capitulação perante a agressão. Que há, no caso do Vietnã, uma agressão externa, é coisa que não pode honestamente ser posta em dúvida, pois, entre numerosas provas, os oferecimentos de paz são rejeitados em primeiro lugar por Hanói e Pequim, e só depois pelos vietcongs. O jornalista Harrison E. Salisbury, que o próprio órgão do Partido Comunista Italiano, **L'Unità,** apresentou como um homem honesto à procura da verdade, declarou ter voltado de Hanói convencido de que é a China que se opõe ao restabelecimento da paz, a ponto de estar pronta a derrubar Ho Chi-Minh, para pôr em seu lugar homens mais "obedientes", caso o líder norte-vietnamita demonstre qualquer desejo de negociar. É precisamente êsse interêsse da China em continuar a guerra que oferece a maior justificação para a ação norte-americana, pois o ministro chinês da Defesa, Lin Piao, já declarou abertamente que o Vietnã faz parte das "zonas rurais do mundo", e após a conquista destas áreas, as guerrilhas devem partir para as "zonas urbanas do mundo", isto é, a Europa e Estados Unidos. Diante disso, acredito que não se possa honestamente condenar a ação norte-americana no Vietnã, se se considerar justa a ação dos Estados Unidos na Europa, contra a ameaça nazista. Além disso, os Estados Unidos já anunciaram que a guerra terminará e suas tropas sairão do Vietnã no momento em que terminar a agressão. Se os comunistas não acreditam na sinceridade desta afirmação, poderiam desmascará-la dispondo-se a negociar, em vez de rejeitar as propostas **a priori,** e aceitar como única condição para "paz" a capitulação do país agredido e de seus aliados.

Lenildo Tabosa Pessoa
Chefe da Seção do Exterior de
O Estado de S. Paulo

NÃO

Além de ser condenável, por violentar princípios básicos da convivência internacional — os da não-intervenção e autodeterminação dos povos — é também um dos mais trágicos erros de cálculo dos Estados Unidos. Essa intervenção começou, a rigor, em 1961, quando os EUA aplicaram no Vietnã do Sul 220 milhões. Os gastos foram de mais de dois bilhões de dólares em 1964, quando o pessoal norte-americano já somava 24 mil homens, todos rotulados de assessôres militares. Em 1964, os EUA sentiram que o govêrno do Vietnã do Sul, mesmo assistido maciçamente pelos norte-americanos, não conseguiria sufocar a insurreição armada dos vietcongs (comunistas vietnamitas). Walter Lippman, conhecido jornalista norte-americano, descreve o fenômeno da seguinte maneira: "Tratava-se de uma guerra sul-vietnamita assistida por norte-americanos. Trata-se, agora, de uma guerra de norte-americanos assistida por sul-vietnamitas. Não é exagêro dizer-se que os sul-vietnamitas querem sentar-se e pedir que mostremos como é possível ganhar a guerra, conforme lhes prometemos." Como ganhar a guerra, eis o problema de Johnson. Nos próximos 18 meses os Estados Unidos gastarão mais de 60 bilhões de dólares no Vietnã. A quantia provàvelmente será alterada, e para mais, com o agravamento da situação. Êste ano, os estrategistas do Pentágono já prevêem o deslocamento de mais 350 mil homens, e o aumento dos efetivos militares norte-americanos no Vietnã para 750 mil homens. Mesmo empregando mais verbas e mais homens, a perspectiva de uma vitória militar está cada vez mais distante, e cria para Johnson problemas internos graves, tanto políticos como econômicos. "Precisamos perder a mania de que somos os policiais do universo", disse o senador William Fulbright, presidente da importante Comissão de Relações Exteriores do Senado norte-americano. Até senadores dificilmente identificáveis com tendências liberais (como em geral é identificado Fulbright) já percebem o êrro de cálculo cometido pelos EUA. Eis o que diz o senador Richard Russel, um dos líderes do bloco sulista, o mais conservador do Congresso norte-americano: "Cometemos um êrro terrível comprometendo-nos na guerra do Vietnã do Sul. Não sei como sairemos de lá, mas é preciso reconsiderar a nossa posição." Muitos perguntam como agiria Kennedy, caso o tivessem deixado vivo. O pensamento kennedista, foi expressado por um dos seus mais íntimos colaboradores, Roger Hilsman, especialista em assuntos do Sudeste asiático e político com experiência de guerrilha, conseguida na Birmânia durante a segunda guerra mundial. Disse êle: "O primeiro a considerar é a necessidade de tomar medidas de estabilização política. É um êrro dos EUA tentar dizer que uma facção pode promover essa estabilidade. Os Estados Unidos devem apoiar o povo vietnamita, e não grupos políticos. Em segundo lugar, uma coisa é clara: não conseguiremos transformar o Vietnã do Sul num bastião anticomunista. O melhor que podemos esperar, a longo prazo, é a consolidação de um Estado independente, eqüidistante do Ocidente e dos comunistas." Hilsman era subsecretário de Estado para o Extremo Oriente. Deixou o cargo em junho de 1964, pouco depois de defender, pùblicamente, a tese de que as EUA devem também alterar sua política em relação à China. Em relação ao Vietnã, êle falava por Kennedy, mas em setembro de 1963, o próprio Kennedy já tinha definido a sua posição: "Em última análise, essa é uma luta dos vietnamitas. São êles os únicos que podem perdê-la ou ganhá-la. Podemos ajudá-los, com conselheiros militares e equipamentos, mas só a êles cabe ganhar a guerra."



Newton Carlos
Comentarista internacional da
Fôlha de São Paulo

Resposta à pergunta do leitor Carlos Benatti — São Paulo — S.P.

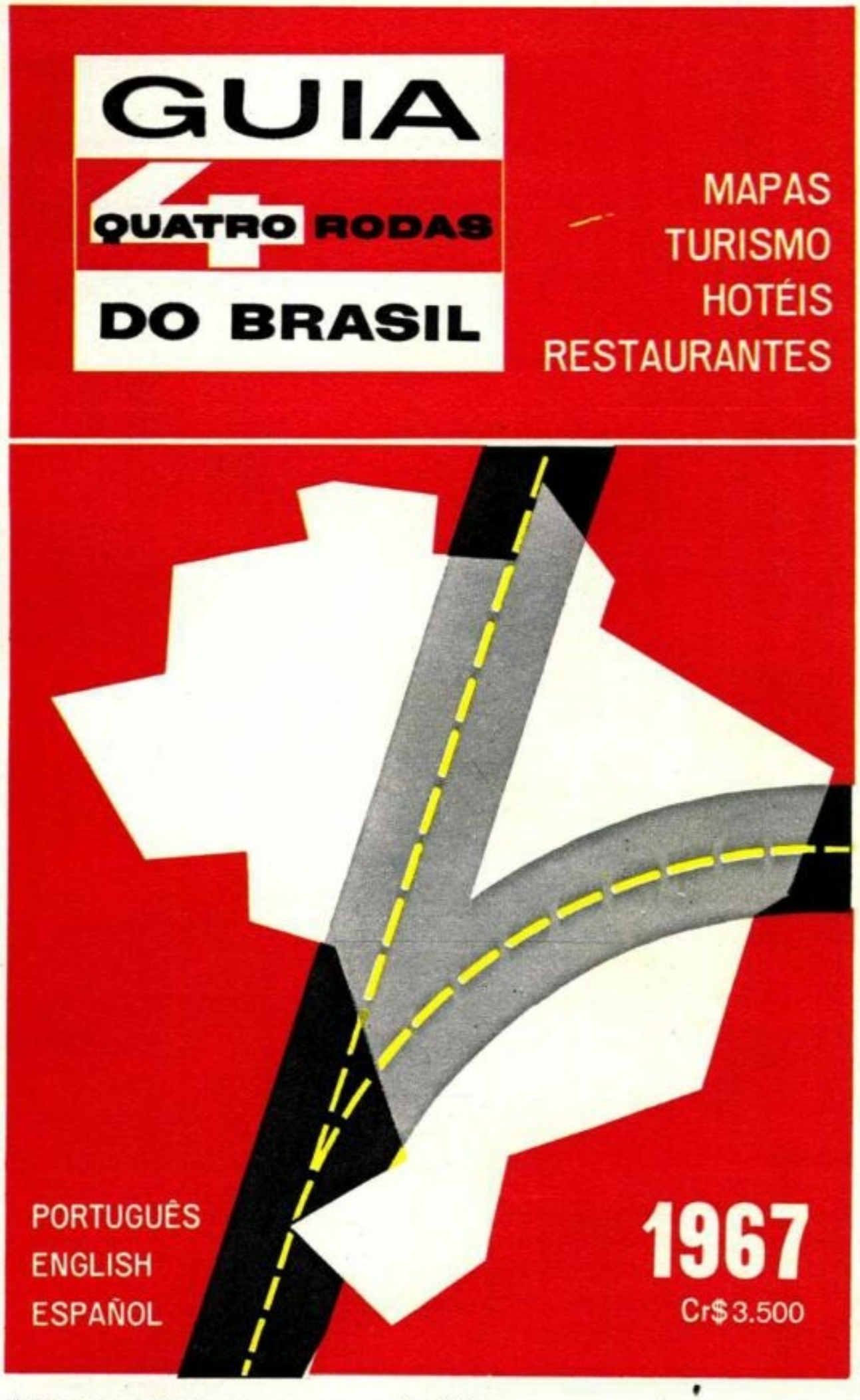
JA' CHEGOU AO SEU PÔSTO SHELL:

O NÔVO GUIA QUATRO RODAS DO BRASIL EDIÇÃO 1967

AQUI VOCÊ VAI ENCONTRAR 1000 RAZÕES PARA VIAJAR PELO BRASIL.

A Equipe do Guia Quatro Rodas do Brasil conseguiu fazer com que a edição de 1967 trouxesse tôdas estas novas informações e aprimoramentos:

1) Informações completas sôbre 1000 cidades, 700 a mais do que constavam na edição do ano passado
2) 803 hotéis e 1475 restaurantes pesquisados e devidamente classificados.
3) Quadro de distâncias rodoviárias entre os centros mais importantes do país, dando mais de 500 quilometragens (calculadas pelo melhor caminho).
4) Marcador de páginas plastificado, contendo além de outras informações úteis ao viajante, uma relação de todos os símbolos apresentados no código do Guia, possibilitando assim uma leitura fácil e direta de tôdas as informações contidas na publicação.
5) Mapa de rotas aéreas, nacionais e internacionais, apresentando as distâncias e horas de vôo entre os principais centros do país e do mundo.
6) Novas secções indicando pontos turísticos de maior interêsse em todo o território nacional e a lista completa de pratos típicos regionais, com explicações sôbre cada especialidade.
7) Os cinco roteiros turísticos brasileiros de maior destaque, inteiramente re-atualizados e ilustrados com mapas e fotos.
8) Plantas detalhadas do centro e dos arredores das principais capitais, indicando todos os acessos e os locais de interêsse.



9) 44 mapas verticais com o esquema quilométrico e o roteiro completo de tôdas as rodovias nacionais de maior importância.
10) O Novo Guia foi totalmente re-estruturado e aprimorado tanto do ponto de vista, gráfico, como do ponto de vista papel e encardenação. O número de páginas foi aumentado (de 324 para 388). Enfim, não foram poupados esforços para melhorá-lo até nos mínimos detalhes.
11) Além do enorme volume de novas informações, todos os dados que já constavam na 1.ª edição foram novamente pesquisados e atualizados.

Você percebe que o Guia Turístico tem muito mais de 1000 razões para ser adquirido. Compre-o e tire o máximo proveito de suas viagens.

SHELL

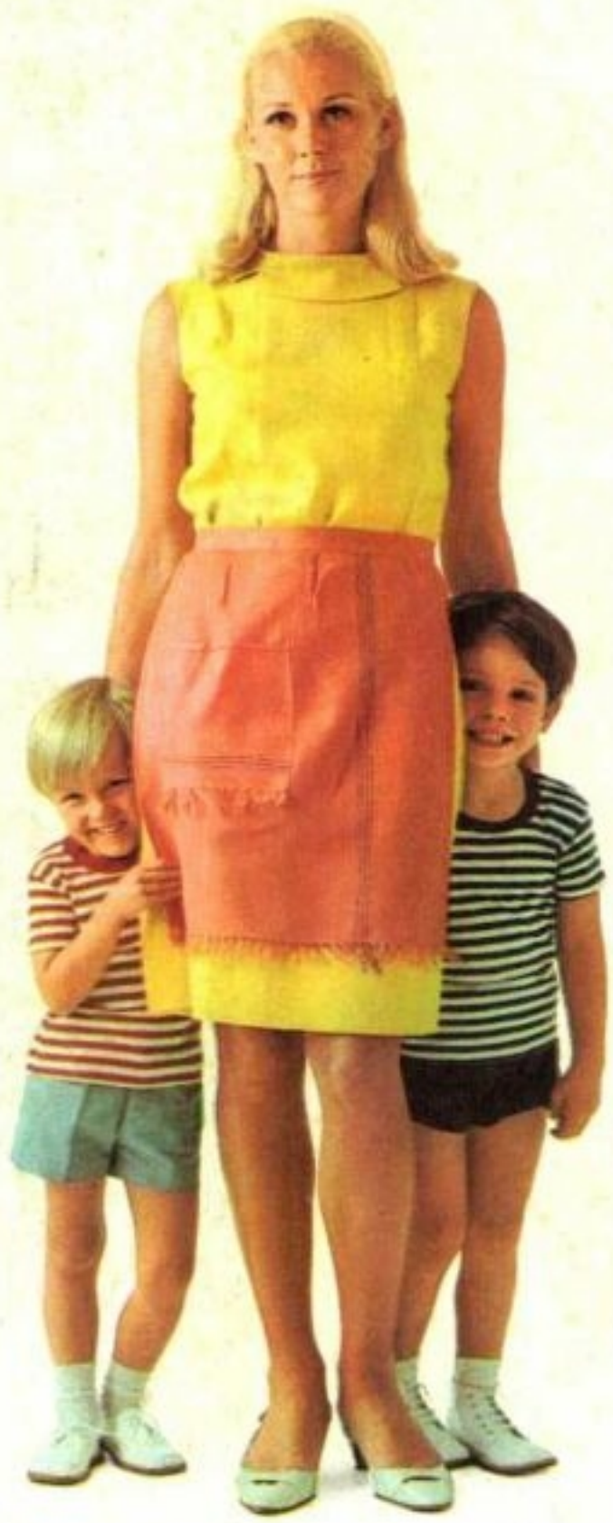
ALGO MAIS PARA SEU CARRO E VOCÊ.

E agora esta: limão, nôvo sabor. Verdinha, refrescante, azedinha doçura. Prove só!

NOVA GELATINA ROYAL

Mais um produto de qualidade F R Fleischmann-Royal

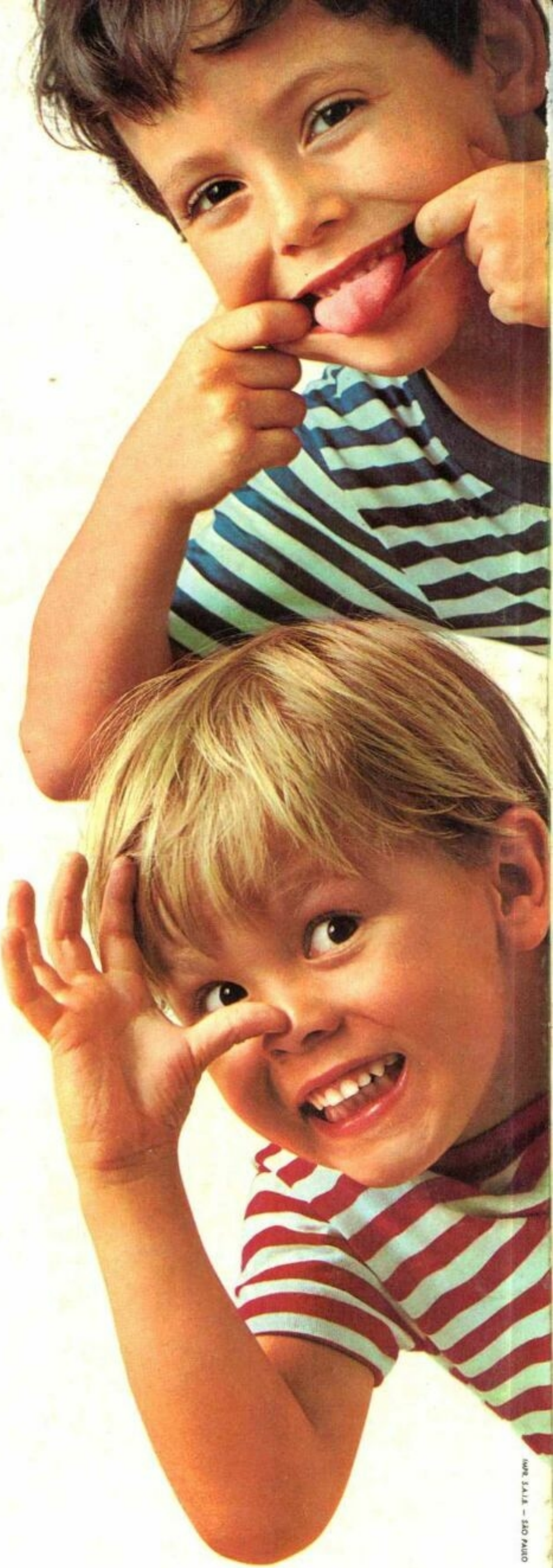
A Sra. Clara Novais tem duas adoráveis razões para usar o melhor produto que existe:



Carlinhos (Lalau) e Fernandinho (Nando) Novais não são boas razões?
Por isso é que a Sra. Clara Novais só usa **Claybom**.
Claybom é enriquecido com 30.000 unidades de vitamina A por quilo.

É o que existe de mais saudável para as crianças passarem no pão, nas bolachas, nas torradas.
Quantas crianças a Sra. tem em casa? Ou melhor: quantas razões tem para usar Claybom?

Um produto
ANDERSON CLAYTON



IMPR. S.A.I.E. – SÃO PAULO